UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

TEREZA MARACAIPE BARBOZA

O CONTATO LINGUÍSTICO GUAJAJARA E PORTUGUÊS EM CONTEXTO URBANO EM IMPERATRIZ-MA

Campinas
2025

TEREZA MARACAIPE BARBOZA

O CONTATO LINGUÍSTICO GUAJAJARA E PORTUGUÊS EM CONTEXTO URBANO EM IMPERATRIZ-MA

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA TEREZA MARACAIPE BARBOZA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. ANGEL HUMBERTO CORBERA MORI

Campinas
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lucia Siqueira Silva - CRB 8/7956

B234c

Barboza, Tereza Maracaipe, 1983-
O contato linguístico guajajara e português em contexto urbano em Imperatriz-MA / Tereza Maracaipe Barboza. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Dialeto guajajara. 2. Língua portuguesa. 3. Migração. 4. Índios Guajajara. I. Corbera Mori, Angel Humberto, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: Guajajara and portuguese linguistic contact in an urban setting in Imperatriz-MA
Palavras-chave em inglês:
Guajajara dialect
Portuguese language
Human migration
Guajajara indians
Área de concentração: Linguística
Titulação: Doutora em Linguística
Banca examinadora:
Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]
Rosa Vallejos Yopán
Cláudio André Cavalcanti Couto
Valéria Faria Cardoso
Camille Cardoso Miranda
Data de defesa: 24-01-2025
Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0001-6236-9100
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/2594770851848097

BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori

Rosa Vallejos Yopán

Claudio André Cavalcanti Couto

Valéria Faria Cardoso

Camille Cardoso Miranda

IEL/UNICAMP
2025

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Dedico este trabalho ao povo Guajajara, especialmente àquele residente no aldeamento urbano em Imperatriz e à parte do grupo que retornou para a Terra Indígena.

AGRADECIMENTOS

Agradecer envolve olhar para os sonhos, os projetos, e agora enxergar uma teia que foi sendo tecida não só por mim, mas também por tantas outras pessoas que foram construindo essa teia para que, hoje, o meu sonho torne-se realidade. Eu olho para a minha vida pessoal e acadêmica e vejo, em todas essas trajetórias, muitas mãos que teceram fios para que eu chegasse até aqui.

Essa teia começou a ser tecida pelas mãos do criador, o Deus todo poderoso, que guia os meus passos e sempre me protege. Em sua continuidade, as linhas dessa teia foram realizadas por minha família, primeira formação de base na minha vida. Por isso, agradeço à minha mãe, uma mulher à frente de seu tempo, que migrou do interior de Goiás (hoje Tocantins) para o Maranhão em condições tão adversas e que sempre acreditou na força da educação como uma arma poderosa para os filhos, a única que jamais irão roubar de mim, como ela mesma diz. Ao meu pai (em memória), exemplo de serenidade, força e coragem. Aos meus irmãos, Gracilene (Lena), Daniel, Denivaldo (Deni), Sirlene (Mimi), Eliano (Hélio), Eliane (Nenê), pelos laços de fraternidade que nos unem um ao outro nos momentos mais difíceis.

Na vida acadêmica os primeiros fios foram puxados em 2013, ainda no mestrado em Cáceres, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), quando iniciei a pesquisa em língua indígena, sob orientação da Profa. Valéria Cardoso, que sem dúvidas foi fundamental nesse processo. Agradeço imensamente à sua contribuição na minha formação. Foi por meio da Profa. Valéria que mais fios foram se tecendo nessa jornada e permitiram-me o contato com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde participei de formações para pesquisadores em trabalho de campo com línguas indígenas e tive contato com o Prof. Angel Corbera Mori, hoje meu orientador no doutorado. Angel é mais que um orientador, é uma raridade de exemplo de humildade, isento de toda a vaidade acadêmica, sempre solícito, leve e humano.

Nessa trajetória tive ainda a graça de ganhar uma bolsa de doutorado-sanduíche no exterior, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo n. 200592/2022-0, sob supervisão da Profa. Rosa Vallejos, na University of New Mexico, nos Estados Unidos, no primeiro semestre de 2023. Essa foi minha primeira experiência morando fora do meu país. Senti-me tão perdida, mas agradeço imensamente o acolhimento da Profa. Rosa, sempre com seu sorriso que acalenta qualquer coração. Seu olhar pragmático para minha pesquisa trouxe grandes contribuições para as discussões dos dados linguísticos que trato nesta tese. Não poderia deixar de agradecer ao Prof. Clements, da Indiana

University, que intermediou meu contato com a Profa. Rosa e contribuiu bastante em meu trabalho, fornecendo leituras, apontamentos e sugestões. Agradeço, ainda, ao meu vizinho e amigo Travis, que estudou na Indiana University, e colocou-me em contato direto com o Professor Clements, e ajudou-me em tantas outras questões relacionadas tanto ao projeto submetido ao CNPq, quanto na retirada do visto para os Estados Unidos.

Agradeço aos amigos que fiz em Albuquerque nesse período, ao Prof. Joshua e sua esposa Andréia, uma paraense que me ajudava a matar a saudade das comidas brasileiras. Obrigada pela amizade, pelas tardes regadas a café, pão de queijo, passeios e muitas risadas. Agradeço ao Bruno, outro colega brasileiro que me ajudou bastante com a ambientação no *campus*. Essa foi uma experiência e tanto em minha vida pessoal e acadêmica.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação de área, cujo trabalho final esteve sob a orientação da Profa. Maria Filomena Sândalo. Agradeço à Profa. Charlotte Galves-Chambelland e ao Prof. Paulo Henrique de Felipe (Universidade de Brasília, UNB), pelas contribuições no trabalho realizado na área dos estudos gramaticais.

Aos professores da banca de qualificação de tese, Valéria Cardoso e Claudio André C. Couto, pela leitura atenta do texto e pelas contribuições. Tentei seguir ao máximo os encaminhamentos. Além desses agradecimentos, meu muito obrigada aos demais professores que aceitaram fazer parte da banca de avaliação desta tese: Camille Cardoso Miranda e Rosa Vallejos.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp, pelas aulas e por todos os espaços de discussões teóricas fornecidos nesse período.

Agradeço também aos funcionários da secretaria do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), ao Cláudio, à Rosemeire, à Rayssa e ao Emerson, pela competência e paciência nos atendimentos solicitados.

Aos amigos que fiz na Unicamp nesse período, especialmente, à minha amiga Camille, amiga antes mesmo de entrar na Unicamp. Obrigada por tudo, pela amizade e por ser meu apoio em Campinas. Ao Fabiano, pela amizade, pela macarronada com feijão e farofa, bem à moda carioca. Jamais esquecerei. Agradeço ao Vinícius, ao Paulo e à Graziela; embora nosso contato tenha sido breve e cada um tenha ido embora de Campinas depois, eu sou grata por cada momento que passamos juntos. Minha gratidão à Ingrid, colega da engenharia da Unicamp, que muito compartilhou comigo saberes e um ombro amigo sempre.

Agradeço à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), onde eu trabalho, pela concessão do afastamento para o doutoramento.

Agradeço aos meus amigos de Marabá (Pará) pelo acolhimento em meu retorno ao trabalho e à cidade após o afastamento para cursar o doutorado: Cristina, Sávio, Paola e Tina. Meu agradecimento especial, também, aos amigos do Clube do Vinho, por me tirarem do isolamento social em que me encontrava, proporcionando-me boas risadas e companhia agradável.

Ao Jura, pelo amor e pela parceria na caminhada comigo.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para tecer cada fio dessa jornada. Cada um de vocês somou para que hoje este sonho torne-se realidade. Um sonho que não apenas me proporcionou a obtenção do título de doutora, mas que também mudou a minha vida. O sonho da educação levou-me a lugares inimagináveis e posso afirmar: a educação transformou a minha vida. *Ikatu ahy ma!*, “Muito obrigada!”.

RESUMO

O tema em estudo nesta pesquisa é o contato linguístico entre o Guajajara e o português no contexto urbano de Imperatriz, Maranhão. Temos como objetivo geral investigar as dinâmicas sociolinguísticas e estruturais da variedade Guajajara no referido contexto, ao analisar os impactos da migração e o contato mais direto do Guajajara com o português, focando na ordem básica de palavras, nos mecanismos sintático-semânticos relacionados às construções desiderativas e à alteração da codificação dos marcadores de pessoa que envolve esses dois fenômenos. Para alcançar esse objetivo, utilizamos uma abordagem teórico-metodológica abrangente, que desse conta de viabilizar a investigação e compreensão da dinâmica do contato e dos fenômenos linguísticos que sinalizam possíveis alterações no Guajajara. Com isso, seguimos as orientações metodológicas da (i) Sociolinguística, com foco em duas abordagens, a saber, a da Linguística de Contato e a da Sociologia Descritiva da Linguagem (Fishman, 1965, 1967, 1995); da (ii) abordagem funcional-tipológica; e da (iii) Estrutura da Informação (Lambrecht, 1994). No conjunto dessas diferentes teorias, usamos diversos instrumentos de coleta de dados: (i) roteiro estruturado de questionário sociolinguístico subdividido em três temas, sendo eles língua *background* (língua falada pelo participante e por outras gerações de sua família); migração; proficiência, uso e atitudes linguísticas; (ii) gravações seguidas de transcrições de eventos de fala dos indígenas, tanto na língua indígena quanto em português, sobre temas da cultura Guajajara, sendo essas gravações de eventos de fala espontânea; (iii) elicitação de dados via questionários linguísticos, elaborados a partir de um estudo comparativo dos trabalhos anteriores de outros pesquisadores que investigaram a língua Tenetehara (em suas variedades Guajajara e Tembé) desde a década de 1970; (iv) coleta de narrativas orais, por meio de estímulos visuais em contextos seminaturais, que posteriormente foram transcritas em Guajajara e em português. Selecionamos 10 participantes para a pesquisa, considerando os seguintes critérios: sexo (homem e mulher); faixa etária (1ª geração (com 50 anos ou mais), 2ª geração (de 31 a 49 anos) e 3ª geração (de 18 a 30 anos)); e domínio da(s) língua(s) (falantes monolíngues em Guajajara e/ou bilíngues em Guajajara e português). Os resultados da pesquisa relacionados às questões sociolinguísticas mostram que a migração do grupo Guajajara para a cidade de Imperatriz configura um cenário sociolinguístico complexo, refletindo mudanças significativas na vitalidade, no uso e na transmissão da língua indígena. Os dados mostram uma interrupção da transmissão da língua entre as gerações mais jovens, especialmente entre as crianças, dado que o português já se consolidou como a língua materna na cidade. Um outro fator que compromete a vitalidade desse dialeto na cidade é a perda de vários domínios de uso da língua, entre eles, o domínio escolar e o religioso, comprometendo ainda mais o grau de vitalidade da língua indígena, especialmente no contexto urbano. No âmbito da estrutura linguística, os fenômenos estudados nesta pesquisa indicam que o dialeto Guajajara está em um estágio dinâmico de reestruturação de alguns aspectos linguísticos. Os dados sugerem que esses fenômenos são impulsionados tanto por motivações internas quanto externas. Assumimos que, até agora, os aspectos investigados podem não refletir diretamente uma alteração e/ou mudança linguística de fato, mas uma associação de fatores discursivo-pragmáticos, bem como de fatores intergeracionais, influenciando a atual configuração dessa variedade.

Palavras-chave: dialeto Guajajara; língua portuguesa; migração; povo Guajajara; contato linguístico; indígenas em contexto urbano.

ABSTRACT

The subject of this research on the linguistic contact between Guajajara and Portuguese in the urban context of Imperatriz (Maranhão), has the general objective of investigating the sociolinguistic and structural dynamics of the Guajajara variety in this urban context. It examines the impacts of migration, the more direct contact with Portuguese, and its grammatical structure, focusing on the basic word order, the syntactic-semantic mechanisms related to desiderative constructions, and the alterations in the encoding of person markers involving these two phenomena. To achieve this objective, a comprehensive theoretical-methodological approach was adopted to explore and understand the dynamics of linguistic contact and the phenomena that signal possible changes in Guajajara. The methodological guidelines followed include: (i) Sociolinguistics, focusing on two approaches - Contact linguistics and the Descriptive sociology of language (Fishman, 1965, 1967, 1995); (ii) the functional-typological approach; (iii) Information structure (Lambrecht). A range of data collection instruments was employed: (i) a structured sociolinguistic interview guide subdivided into three themes: language background (languages spoken by the participant and other generations of their family), migration, linguistic proficiency, use, and attitudes; (ii) recordings and transcriptions of indigenous speech events in both the indigenous language and Portuguese, focusing on Guajajara cultural themes and spontaneous speech events; (iii) elicitation of linguistic data using questionnaires designed based on comparative studies from previous research on the Tenetehara language (Guajajara and Tembé) conducted since the 1970; (iv) oral narrative collection using visual stimuli in semi-natural contexts, followed by transcription in Guajajara and Portuguese. Ten participants were selected for the research, considering the following criteria: gender (male and female); age groups-1st group (50 years or older), 2nd group (31–49), 3rd group (18–30); and language proficiency-monolingual Guajajara speakers and bilingual speakers of Guajajara and Portuguese. The sociolinguistic findings reveal that the Guajajara group's migration to Imperatriz has created a complex sociolinguistic landscape, reflecting significant changes in the vitality, use, and transmission of the indigenous language. The data show an interruption in the intergenerational transmission of the language, particularly among younger generations, especially children, for whom Portuguese has already established itself as the mother tongue in the city. Another factor compromising the vitality of this dialect is the loss of several language domains, including educational and religious spheres, further endangering the vitality of the indigenous language and potentially leading to the loss of the Guajajara dialect in the urban setting. Regarding linguistic structure, the phenomena studied indicate that the Guajajara dialect is undergoing a dynamic stage of restructuring in some linguistic aspects. The data suggest that these phenomena are driven by both internal and external motivations. We propose that, so far, the investigated aspects may not directly reflect linguistic change but rather an association of discursive-pragmatic and intergenerational factors shaping the current configuration of this variety.

Keywords: Guajajara dialect; portuguese language; migration; Guajajara people; linguistic contact; indigenous people in urban setting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das Terras Indígenas no Maranhão 46
Figura 2 – Mapa da Terra Indígena Araribóia.....48
Figura 3 – Mapa da Terra Indígena Bacurizinho.....49
Figura 4 – Língua falada nas Terras Indígenas e fora das Terras Indígenas 51
Figura 5 – Imagem da área externa da Escola Municipal Paulo Freire, em Imperatriz 94
Figura 6 – Imagem do interior da Escola Municipal Paulo Freire, em Imperatriz.....94
Figura 7 – Foto de moradias no aldeamento urbano 97
Figura 8 – Localização do aldeamento urbano no Parque Amazonas em Imperatriz 99
Figura 9 – Foto da aldeia Sacupemba.....103
Figura 10 – Foto das moradias na aldeia Sacupemba.....103
Figura 11 – Foto da construção da escola da aldeia Sacupembra 105
Figura 12 – Diagrama das categorias de identificabilidade e ativação.....149
Figura 13 – Ordem de palavras por geração em dados de fala.....187
Figura 14 – Ordem de palavras em dados elicitados e em dados de fala no urbano 188
Figura 15 – Ordem de palavras na Terra Indígena (rural) e na cidade (urbano) 190
Figura 16 – Motivações pragmáticas na ordem de palavras em Guajajara 209
Figura 17 – Codificação do sujeito em Guajajara 210

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos Guajajara, de outros povos indígenas e das línguas nas Terras Indígenas.....47
Quadro 2 – Nível de interferência do português em algumas comunidades Guajajara.....55
Quadro 3 – Paradigma pronominal do Guajajara 57
Quadro 4 – Afixos de concordância *portmanteau*.....57
Quadro 5 – Prefixos relacionais.....57
Quadro 6 – Partículas aspectuais em Guajajara.....63
Quadro 7 – Modalidades expressas por partículas em Tenetehara.....65
Quadro 8 – Perfil dos participantes da pesquisa.....80
Quadro 9 – Relação entre escolas e número de estudantes indígenas na Rede Municipal de Ensino em Imperatriz.....93
Quadro 10 – Diglossia e bilinguismo 124
Quadro 11 – Ordem do adjetivo e do genitivo em línguas VSO.....137
Quadro 12 – Ordem do adjetivo e do genitivo em línguas SOV.....138
Quadro 13 – Interação entre o Princípio da Serialização de Peso e o Princípio da Mobilidade na ordem das categorias.....139
Quadro 14 – Comparação da ordem de palavras em Harrison e em nossos dados 175
Quadro 15 – Comparação entre a ordem das orações dependentes em estudos anteriores e em nossos dados 185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População da Terra Indígena Araribóia 48
Tabela 2 – Variação populacional dos indígenas em Imperatriz (MA) 50
Tabela 3 – Língua Tenetehara falada no domicílio indígena, considerando pessoas indígenas de 5 anos ou mais de idade residentes em Terras Indígenas 51
Tabela 4 – Pessoas indígenas acima de 5 anos de idade que falam português no domicílio indígena 52
Tabela 5 – Período de chegada dos Guajajara para morar em Imperatriz 90
Tabela 6 – Primeiro local de moradia dos Guajajara em Imperatriz 90
Tabela 7 – Número e tipo de migrações e/ou deslocamentos nos últimos 10 anos 91
Tabela 8 – Motivos que envolvem a migração para a cidade 92
Tabela 9 – População indígena em Amarante do Maranhão 107
Tabela 10 – L1 do participante e de seus pais 110
Tabela 11 – L1 do participante e dos avós paternos 111
Tabela 12 – L1 do participante e dos avós maternos 111
Tabela 13 – Línguas que os pais do participante usavam para falar com ele quando criança 112
Tabela 14 – Língua de interação entre os avós e o participante na infância e a língua que o participante usa com os pais 112
Tabela 15 – Uso das línguas no núcleo familiar entre pais e filhos e avós e netos (ficha de uso) 114
Tabela 16 – Línguas que o participante usa com os filhos 115
Tabela 17 – Línguas que o participante usa com os netos 115
Tabela 18 – Língua mais usada no aldeamento 117
Tabela 19 – Número de pessoas da família no aldeamento que falam a língua indígena e quantos falam a língua portuguesa 118
Tabela 20 – Percepção dos indígenas sobre sua fluência em Guajajara e em português 120
Tabela 21 – Escrita de nomes de figuras em Guajajara 121
Tabela 22 – Língua em que os participantes preferem escrever 122
Tabela 23 – Língua(s) que costumam usar em redes sociais, mensagens e ao telefone 123
Tabela 24 – Língua que preferem falar no aldeamento 125
Tabela 25 – A língua mais falada na Terra Indígena e a mais falada no aldeamento urbano 126
Tabela 26 – Avaliação sobre a rejeição da língua indígena pelos Guajajara 127

Tabela 27 – Percepção dos participantes quanto ao desaparecimento da língua indígena no aldeamento 128
Tabela 28 – Dados de fala por geração na zona urbana 187
Tabela 29 – Ordem predominante em dados elicitados e dados de fala por geração na zona urbana 188
Tabela 30 – Ordem na zona rural e urbana 189
Tabela 31 – Verbos mais recorrentes por ordem de palavras no contexto urbano 191
Tabela 32 – Verbos mais recorrentes por ordem de palavras nas zonas rural e urbana 192

LISTA DE ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
A	Adjetivo
ABS	Absolutivo
ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
APASS	Morfema antipassivo
AUM	Aumentativo
AUX	Auxiliar
CAUS	Causativo
COMIT	Comitativo
COMP	Complementizador
C-POSP	Prefixo de contiguidade ao seu complemento
C-PSP	Posposição
DAT	Dativo
DE	Dado elicitado
DEM	Demonstrativo
DESID	Desiderativo
DF	Dado de fala
DIM	Diminutivo
DUB	Dubitativo
ENF	Enfático
Ex.	Exemplo
EXCL	Exclusivo
EXORT	Exortativo
F	Feminino
FOC	Foco
FUT	Futuro
G	Geração
G	Guajajara
G	Genitivo
GEN	Genitivo
GER	Gerúndio
HF	Homem falando
IMPF	Imperfectivo
INCERT	Incerteza
INCL	Inclusivo
INTC	Intenção futura do falante
INTENS	Intensificador
INTER	Interrogativo
INV	Voz inversa
IRR	*Irrealis*

Lit.	Literalmente
LOC	Locativo
M	Masculino
MF	Mulher falando
N	Núcleo
N	Nome
NC	Não consta
NEG	Negativo
NMLZ	Nominalizador
NOML	Nominalizador
NUM	Número
O	Objeto
OBLQ	Oblíquo
P	Português
PART	Partícula
Part.	Participante
PASS	Passado
PASS.DIST	Passado distante
PL	Plural
POSP	Posposição
POSS	Posse
PP	Sintagma preposicional
PREP	Preposição
Pt	Partícula
QM	Marcador de questão
QU	Palavra interrogativa
QU	Pergunta-qu
REFL	Reflexivo
REL	Sentença relativa
REP	Repetição
RES	Resultativo
RLZ	Aspecto realizado
S	Sexo
S	Sujeito
S/N	Pergunta com resposta “sim”/“não”
SN	Sintagma nominal
SG	Singular
SUJ	Sujeito
TOP	Tópico
V	Verbo
vs.	*Versus*

LISTA DE SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CASAI	Casa de Saúde do Índio
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CHS	Ciências Humanas e Sociais
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
Covid-19	Corona virus disease 2019
ELAN	Eudico Language Annotator
EMPF	Escola Municipal Paulo Freire
Funai	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
Funasa	Fundação Nacional de Saúde
GT	Grupo de trabalho
HSP	Heaviness Serialization Principle (Princípio da Serialização de Peso)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ISA	Instituto Socioambiental
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LI	Língua indígena
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua portuguesa
MP	Ministério Público
MP	Principle of Mobility (Princípio da Mobilidade)
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
PSRR	*Principle of the Separation of Reference and Role* (Princípio da Serialização de Peso)
RI	Reserva Indígena
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena

SIL	Summer Institute of Linguistics
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TI	Terra Indígena
UF	Unidade federativa
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UnB	Universidade de Brasília
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unifesspa	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 23
1.1 OBJETIVOS 28
1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA 29
1.3 HIPÓTESES 30
1.4 JUSTIFICATIVA 35
1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE 37
PARTE 1: EFEITOS SOCIAIS E CULTURAIS DO CONTATO 39
2 ETNOGRAFIA TENETEHARA: POVO, CULTURA E LÍNGUA 39
2.1 MARANHÃO: TERRITÓRIO DE CONTATOS E CONFLITOS INTERÉTNICOS 39
2.1.1 O contato entre os Tenetehara, outros povos indígenas e os negros 42
2.2 A COSMOLOGIA TENETEHARA 44
2.3 PANORAMA DOS POVOS E DAS LÍNGUAS INDÍGENAS NO MARANHÃO 45
2.4 CLASSIFICAÇÃO GENÉTICA DA LÍNGUA TENETEHARA 52
2.4.1 Estudos linguísticos anteriores sobre a língua Tenetehara 52
2.5 CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS DO GUAJAJARA 55
2.5.1 O sistema de concordância em Guajajara e a hierarquia de pessoa 56
2.6 TIPOLOGIA DA ORDEM DE PALAVRAS EM GUAJAJARA 59
2.7 AS PARTÍCULAS EM GUAJAJARA E SUAS MULTIFUNCIONALIDADES 62
2.7.1 Expressão de aspecto, tempo e modalidade por meio de partículas 63
3 DA PESQUISA 67
3.1 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: INTERFACES FUNCIONALISTAS. 67
3.2 O PERCURSO DA PESQUISA: PRÉ-CAMPO 71
3.2.1 Primeiro contato com os Guajajara na cidade de Imperatriz 72
3.3 MÉTODOS APLICADOS NA PESQUISA 74
3.3.1 Métodos e metodologias de pesquisas no trabalho de campo em Linguística 76
3.4 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES 79
3.5 ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR O PARADOXO DO OBSERVADOR 80
3.6 DOS QUESTIONÁRIOS SOCIOLINGUÍSTICOS 81
3.6.1 Roteiro dos questionários sociolinguísticos individuais 82
3.6.2 Aplicação dos questionários sociolinguísticos 84
3.7 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE (ETNOGRAFIA) 85

3.8 GRAVAÇÕES DE EVENTOS DE FALA 86
3.9 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS 86
3.9.1 Transcrições linguísticas das narrativas orais em Guajajara 87
4 CONTEXTO MACROSSOCIAL: CONTATO LINGUÍSTICO E MIGRAÇÃO . 88
4.1 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE OS GUAJAJARA NO CONTEXTO URBANO DE IMPERATRIZ 88
4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO DOS GUAJAJARA PARA IMPERATRIZ.. 89
4.2.1 Da ocupação e instalação no aldeamento urbano: conflitos e desafios 96
4.2.2 O indígena em contexto urbano: a invisibilidade dos Guajajara em Imperatriz ... 99
4.3 NOTAS SOBRE O RETORNO DE PARTE DO GRUPO DO ALDEAMENTO URBANO PARA A TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA 102
4.3.1 O retorno para a Terra Indígena e a continuidade da vivência no centro urbano de Amarante do Maranhão 105
5 CONTEXTO MICROSSOCIAL: RECONHECIMENTO SOCIOLINGUÍSTICO URBANO DOS GUAJAJARA 108
5.1 TRANSMISSÃO DA(S) LÍNGUA(S) ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES 109
5.1.1 Uso das línguas no aldeamento 116
5.2 PROFICIÊNCIA EM GUAJAJARA E EM PORTUGUÊS 119
5.3 ATITUDES LINGUÍSTICAS 124
PARTE 2: EFEITOS LINGUÍSTICOS ESTRUTURAIS DO CONTATO 131
6 LÍNGUAS EM CONTATO, USO E COGNIÇÃO: DIÁLOGOS FUNCIONALISTAS 131
6.1 ORDEM DE PALAVRAS: UMA ABORDAGEM TIPOLÓGICA 134
6.2 ORDEM DE PALAVRAS PELO VIÉS DA ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO DE LAMBRECHT 140
6.3 PRESSUPOSIÇÃO PRAGMÁTICA E ASSERÇÃO PRAGMÁTICA 144
6.3.1 Identificabilidade e ativação 146
6.3.2 Correlação entre os estados cognitivos e as categorias formais da língua 150
6.3.3 Tópico e foco 152
6.3.4 Funções pragmáticas, estrutura do tópico e estrutura do foco 154
6.3.5 Tópico, ordem de constituintes e *status* cognitivo dos referentes 157

7 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO TENETEHARA: ESTUDO COMPARATIVO..... 160
7.1 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO TENETEHARA FALADO NA CIDADE E NAS TERRAS INDÍGENAS 160
7.1.1 Comparação com a amostra da ordem de palavras em Harrison (1986) 161
7.2 ORDEM DOS CONSTITUINTES NAS ORAÇÕES DEPENDENTES 176
7.2.1 Gerúndio 176
7.2.2 Temporais 178
7.2.3 Condicionais..... 181
7.3 A FREQUÊNCIA NA ORDEM DOS CONSTITUINTES EM TENETEHARA..... 185
7.3.1 Ordem de palavras em dados de fala (DF) por geração na zona urbana 186
7.3.2 Ordem de palavras em dados de fala (DF) e em dados elicitados (DE) na zona urbana 187
7.3.3 Comparação da ordem de palavras entre a zona urbana e zona rural..... 189
7.3.4 Verbos mais recorrentes por ordem de palavras na zona rural e na zona urbana..... 190
8 A ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO DO GUAJAJARA..... 193
8.1 O USO PRAGMÁTICO DO SUJEITO PRONOMINAL 193
8.2 CONTEXTOS SEM A REALIZAÇÃO DO PRONOME LIVRE OU DO SINTAGMA LEXICAL SUJEITO 198
8.2.1 Em eventos de fala narrados por homens 198
8.2.2 Em temas relacionadas à cultura Guajajara 200
8.2.3 Construções de foco de objeto sem a realização do sujeito 204
8.2.4 Em contextos em que o sujeito já foi identificado no discurso anterior..... 208
9 CONSTRUÇÕES COM O DESIDERATIVO -*WER* EM TENETEHARA: NOVAS CONFIGURAÇÕES..... 211
9.1 USO DO MORFEMA DESIDERATIVO -*WER* EM PREDICADOS VERBAIS INTRANSITIVOS..... 211
9.1.1 Uso do morfema desiderativo -*wer* em verbos transitivos..... 213
9.2 PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DO DESIDERATIVO -*WER* E DO VERBO QUERER EM PORTUGUÊS..... 220
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS 230
REFERÊNCIAS 236

APÊNDICES **243**
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DOS TEXTOS ORAIS EM GUAJAJARA E PORTUGUÊS **243**
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE HISTÓRIAS NARRADAS A PARTIR DE IMAGENS **255**
APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO **261**
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **268**
ANEXOS **272**
ANEXO A – IMAGENS PARA COLETA DE HISTÓRIAS **272**
ANEXO B – REGISTRO NA POLÍCIA FEDERAL DE OCORRÊNCIA DE CONFLITO NO ALDEAMENTO **280**
ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DE INGRESSO EM TERRA INDÍGENA **281**
ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP, CONEP E CNPQ **283**

1 INTRODUÇÃO

O contato linguístico transcende a mera interação entre línguas, configurando-se como um fenômeno que envolve vários aspectos, desde as trocas socioculturais ao conflito, à dominação e às resistências. Conforme explicitado por Crystal (1988), ele emerge em cenários em que línguas ou variedades compartilham espaço físico ou social, por proximidade geográfica, interação intergrupal, processos migratórios, entre outros fatores. No entanto, a natureza dessa interação é frequentemente assimétrica e marcada por conflitos que condicionam os desdobramentos linguísticos e socioculturais.

No caso brasileiro, a história do contato linguístico é indissociável da colonização e de suas práticas impositivas. A coexistência inicial entre os povos ameríndios e os colonizadores europeus foi marcada por um processo de dominação, que resultou não apenas na morte de milhares de falantes indígenas, mas também na extinção de suas línguas. Dados apresentados por Mello, Altenhofen e Raso (2011) evidenciam que, das 170 línguas extintas no continente americano, 30 pertenciam ao Brasil. Esses dados não apenas atestam a dimensão da perda, mas revelam a complexidade das relações linguísticas no contexto colonial, em que fatores como genocídio e desvalorização das línguas indígenas contribuíram para a sua erradicação. Ainda segundo esses autores:

> Nos séculos que se passaram, o contato entre europeus e ameríndios gerou a morte de centenas de línguas: em muitos casos, as línguas morreram porque desapareceram todos os falantes, pelas doenças ou pelas armas dos brancos; em muitos outros, e é geralmente o que continua acontecendo hoje, as línguas desapareceram pela aculturação dos ameríndios em contato com a sociedade ocidental: a língua ameríndia acaba perdendo aos poucos domínios sociolinguísticos, ou não tendo acesso aos novos domínios gerados pela complexificação social, até não ser usada mais ou não ser transmitida para as novas gerações (Mello; Altenhofen; Raso, 2011, p. 19).

No Brasil, o desaparecimento de línguas indígenas é um reflexo das dinâmicas de poder que regem as interações linguísticas. A perda de domínios sociolinguísticos pelas línguas minoritárias, associada à sua exclusão dos espaços de prestígio, como o comércio e a educação formal, contribui para um ciclo de desuso e extinção. Essa situação é ampliada pelo desprestígio atribuído às línguas indígenas, que são frequentemente vistas como inferiores em comparação ao português, por vezes, entendido equivocadamente como a única língua oficial do país, apesar de a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) também ocupar esse *status*.

Embora o Brasil seja frequentemente considerado como um país monolíngue, devido à predominância do português em todos os espaços, ele apresenta uma grande diversidade linguística, abrigando cerca de 200 línguas na atualidade, incluindo em torno de

180 línguas indígenas, outras línguas de base africana e línguas europeias, faladas por famílias de imigrantes europeus na região sul. No entanto, a hegemonia do português, associada ao prestígio social, coloca as línguas minoritárias em uma posição de subalternidade.

Como destaca Franceschini (2011), essa hierarquização linguística é intrinsecamente ligada ao conflito linguístico, conceito introduzido por Aracil (1965) para designar a coexistência antagônica entre línguas em um mesmo espaço geossocial. Essa relação conflituosa, caracterizada pela imposição da língua majoritária - o português, tende a obscurecer e marginalizar as línguas minoritárias, reduzindo-as à invisibilidade social. Levando em conta esse contexto, a análise do contato linguístico no Brasil exige um olhar crítico que permeia essas interações. Não se trata apenas de entender os aspectos linguísticos advindos do contato, mas de compreender também os aspectos sociais que moldam o cenário linguístico no país.

Um dos fatores sociais e históricos que está relacionado ao contato linguístico é a migração. Quando indivíduos ou grupos migram de uma região para outra, eles entram em contato com os idiomas já presentes no novo território, na nova comunidade. Um fenômeno que tem se tornado cada vez mais crescente envolve também a migração de povos indígenas para os centros urbanos do país.

Nesse cenário, encontra-se a comunidade em estudo nesta pesquisa, um grupo de indígenas Guajajara que migrou da Terra Indígena Araribóia e Bacurizinho, pertencentes aos municípios de Amarante do Maranhão e Grajaú, respectivamente, para a cidade de Imperatriz, em um deslocamento no estado do Maranhão (MA) de cerca de 200 km de suas aldeias de origem a essa cidade. As primeiras famílias chegaram a essa cidade há cerca de 30 anos, outros foram migrando posteriormente e aumentando o grupo. Eles habitam um aldeamento urbano no bairro Parque Amazonas, que atualmente comporta em torno de 16 famílias.

Os Guajajara têm como língua materna[1] a língua Tenetehara (tronco Tupí, família Tupí-Guarani), que possui duas variedades (ou dialetos): Guajajara e Tembé[2]. A variedade estudada neste trabalho é o Guajajara falado por alguns indígenas adultos que estão morando no aldeamento. Todos eles vieram de TI Guajajara onde essa variedade é falada como primeira língua (L1). A língua portuguesa é falada com bastante fluência por praticamente todos os moradores do aldeamento. O domínio dessa língua não indígena pelos nativos se explica pelo histórico de contato dos Guajajara com a sociedade não indígena, que envolve cerca de quatro

[1] Usamos "língua materna" para designar a primeira língua que o falante aprendeu em um contexto natural de fala, como no ambiente familiar, por exemplo.
[2] Os falantes da variedade Tembé estão localizados no estado do Pará (Capítulo 2).

séculos, como veremos no Capítulo 2. Hoje, o português funciona como língua franca, sendo compreendido pela maioria dos indígenas da TI Araribóia e das demais TIs no Maranhão (Marinho, 2022). Assim, antes mesmo de esse grupo migrar para Imperatriz, ele já era falante da língua portuguesa.

O contato diário e mais intenso com o português na cidade pode gerar dinâmicas linguísticas complexas entre povos com línguas diferentes. Por isso, a pesquisa aqui empreendida está interessada não apenas na investigação da situação de contato linguístico entre o Guajajara e o português no contexto urbano, mas também na descrição do contexto macrossocial que envolve esse contato, abordando os aspectos históricos e socioculturais do povo Guajajara tais como as situações de conflito na sociedade envolvente, os intensos processos migratórios pelos quais passaram desde o período da colonização até a atualidade, ocasionando contatos com diferentes povos indígenas e não indígenas, e a busca por melhores condições de vida na cidade, principalmente a busca pelo acesso à educação e à saúde.

Todos os fatores mencionados possivelmente induzem o contato e a influência linguística do português no Guajajara. Diante desse contexto, este estudo propõe uma descrição da situação de contato linguístico entre a língua portuguesa e o dialeto Guajajara no contexto urbano de Imperatriz, a fim de verificar se o Guajajara tem sofrido mudanças a partir do contato mais direto e intenso com o português.

A mudança linguística, especialmente em contextos de contato, pode manifestar-se principalmente de duas formas: pela substituição de uma língua por outra ou pela transformação interna da estrutura linguística. Essas duas dimensões, embora relacionadas, possuem dinâmicas distintas que frequentemente se sobrepõem nos processos históricos.

A substituição ocorre quando uma comunidade abandona sua língua original em favor de outra, frequentemente em cenários de dominação cultural, econômica ou política. Thomason e Kaufman (1988) apontam que, nesses casos, o contato pode levar à perda de uma língua inteira, com sua substituição sendo acompanhada por fenômenos como o *shift* e a simplificação gramatical. A extinção de línguas indígenas em contextos coloniais é um exemplo claro dessa dinâmica.

Por outro lado, em vez de causar a substituição de uma língua, o contato linguístico pode ocasionar mudanças estruturais nela. Isso ocorre, por exemplo, no caso de empréstimos gramaticais, ou na reestruturação de sistemas sintáticos e fonológicos. Aikhenvald e Dixon (2007) discutem como mudanças desse tipo frequentemente combinam fatores internos, como tendências preexistentes na língua, e externos, relacionados ao impacto do contato:

> Podemos supor, por um momento, que as línguas podem mudar por causa de processos internos ou como resultado de influência "externa" - isto é, contato linguístico. Mas a própria dicotomia "mudança interna da língua" *versus* "mudança externa da língua" não é nada clara [...]. Vários fatores geralmente estão em ação na orquestração de uma mudança (Aikhenvald; Dixon, 2007, p. 9, tradução nossa)[3].

Nesse sentido, compreender a mudança linguística exige atenção às múltiplas motivações e consequências do contato, desde a substituição até as transformações estruturais que surgem nos interstícios desse processo. Essa abordagem integrada permite um entendimento mais abrangente das línguas em processo de mudança.

Em nosso estudo, levamos em conta os fatores internos e externos, por considerarmos que ambos são indissociáveis para a compreensão da dinâmica de contato linguístico que envolve a comunidade de fala Guajajara. Dessa forma, assumimos neste trabalho o termo "mudança linguística" enquanto objeto de estudo e análise. Consideramos, ainda, que nossa análise deve levar em conta não somente o período de contato dos Guajajara na cidade de Imperatriz, mas também o período de contato interétnico que esse povo tem vivenciado ao longo do tempo, pela inserção em ambientes que levam/levaram ao contato contínuo com a língua portuguesa e outras línguas indígenas. Com isso, possíveis mudanças linguísticas observadas podem ser resultado de processos anteriores à migração desse grupo para a cidade, tendo em vista que determinadas mudanças linguísticas de ordem estrutural requerem longo tempo de contato e um nível de bilinguismo estável da comunidade, conforme atestam os estudiosos da área da Linguística de Contato (Thomason, 2001; Thomason e Kaufman, 1988; Appel e Muysken, 1987; Matras e Sakel, 2007, entre outros).

Na pesquisa que eu[4] desenvolvi em período anterior (Barboza, 2015), foram registrados usos de empréstimos lexicais do português (diretos e adaptados) em Guajajara entre os participantes da pesquisa que moravam na TI Canabrava/Guajajara e em Rodeador, nas aldeias do município de Barra do Corda (MA). Em outros casos, foram encontradas ocorrências de empréstimo de elementos gramaticais em sentenças do Guajajara, como as conjunções. No exemplo a seguir, ocorre o uso da conjunção concessiva "ou" do português.

(1) *u-(r)-eko putar* ***ou*** *i-hy ru'u ra'a t-u akwez* ***ou*** *ipaze*

[3] "*We may assume, for a moment, that languages can change either because of internal processes, or as a result of "external" influence - that is, language contact. But the very dichotomy "language-internal change"* versus *"language-external change" is not at all clear-cut [...]. Several factors are usually at work in orchestrating a change*" (Aikhenvald; Dixon, 2007, p. 9).

[4] Como observação ao leitor, aponto que, nesta tese, às vezes uso a 1ª pessoa do singular ("eu") quando me refiro mais diretamente às pesquisas de campo que eu realizei nas aldeias desde o período do mestrado (2013–2015) até as pesquisas de campo atuais que desenvolvi na cidade, também com essa mesma variedade Guajajara. Uso também a 1ª pessoa do plural ("nós") em boa parte do texto em que faço reflexões teóricas e análise dos dados.

3-estar FUT ou 3-mãe Pt DUB 3-pai DEM ou pajé
'Pode estar com a mãe ou o pai [da menina], ou o pajé'.
(Adaptado de Barboza, 2015, p. 94)

A presença de elementos do português, tanto no nível lexical quanto gramatical da variedade Guajajara, somada a fatores externos, como a crescente migração de algumas famílias Guajajara para a cidade, gerou o interesse por uma investigação mais aprofundada sobre os efeitos linguísticos do contato entre duas línguas tipologicamente diferentes. Esse é o caso da língua Tenetehara, uma língua posposicional, cuja ordem predominante nas orações dependentes é SOV (sujeito-objeto-verbo) e nas independentes é VSO (verbo-sujeito-objeto), segundo outros pesquisadores que estudaram anteriormente essa língua (Harrison, 1986; Bendor-Samuel, 1972; Duarte, 2005, 2007, entre outros). Diferentemente, o português é uma língua preposicional e tem como ordem predominante SVO (sujeito-verbo-objeto) nos dois tipos de orações. Além desses aspectos, outras características de ordem estrutural do Guajajara o diferenciam bastante do padrão linguístico do português (como veremos no Capítulo 2).

Tendo em conta essas diferenças tipológicas, logo após os primeiros levantamentos de dados linguísticos orais junto aos participantes da pesquisa no aldeamento urbano, observamos alguns aspectos linguísticos do Tenetehara que apontavam para uma diferenciação do padrão dessa língua descrito nos trabalhos linguísticos anteriores, realizados por outros pesquisadores desde a década de 1970 e, também, por mim desde 2013 nas TIs: (i) alteração na ordem de palavras; (ii) construções com o desiderativo *-wer* ("querer", "desejar") em sentenças transitivas sem a redução de valência, conforme requisito na língua Tenetehara. Esses dois aspectos indicam, ainda, uma alteração na codificação dos marcadores de pessoa nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo. Investigamos esses dois fenômenos na presente tese, por meio de um estudo comparativo dos trabalhos anteriores sobre a língua Tenetehara em confronto com os dados linguísticos produzidos junto aos participantes de nossa pesquisa.

Além das observações preliminares identificadas em campo, a ordem de palavras constitui-se como interesse de estudo desde minha pesquisa de mestrado (Barboza, 2015), no intuito de investigar se esse aspecto na língua tem sofrido alterações ou mudanças, tendo em vista que, alterações na ordem dos constituintes é um indicativo de possível mudança linguística induzida por contato íntimo das línguas, conforme Thomason (2001).

As construções com o desiderativo *-wer* tornaram-se interesse de estudo a partir da participação no curso Diversidade linguística: introdução às línguas indígenas brasileiras, ocorrido no âmbito do Seminário de Teses em Andamento (SETA), em 2019, na Unicamp,

ministrado pelo Prof. Dr. Ricardo Campos Castro, que abordou alguns tópicos relacionados à língua Tenetehara: incorporação nominal, o sistema de concordância, entre outros aspectos. Nesse curso pude conhecer e aprofundar mais aspectos dessa língua. Muito do que aprendi nesse período e nas leituras posteriores de Castro e outros estudiosos dessa língua despertou-me o interesse pela investigação desses fenômenos com os indígenas participantes da minha pesquisa na zona urbana. No decurso deste estudo, os dados coletados em campo evidenciaram alteração na codificação dos marcadores de pessoa em construções desiderativas com *-wer* e em algumas sentenças dependentes que, conforme regras da língua, deve ocorrer somente codificação absolutiva. Em nossos dados tem ocorrido um uso alternado entre o sistema nominativo e absolutivo. Levando em conta essa contextualização listamos a seguir os objetivos desta pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral desta tese é: investigar as dinâmicas sociolinguísticas e estruturais da variedade Guajajara no contexto urbano de Imperatriz (MA), ao analisar os impactos da migração e o contato mais direto do Guajajara com o português, focando na ordem básica de palavras, nos mecanismos sintático-semânticos relacionados às construções desiderativas e a alteração da codificação dos marcadores de pessoa que envolve esses dois fenômenos.

Os objetivos específicos são:

a) Descrever a atual situação sociolinguística da variedade Guajajara no contexto urbano de Imperatriz, com foco nos impactos da migração em usos, atitudes, manutenção e transmissão da língua indígena entre os Guajajara na cidade;

b) Analisar textos orais na variedade Guajajara produzidos pelos participantes da pesquisa e identificar aspectos linguísticos que sinalizam uma possível alteração e/ou mudança em relação ao Guajajara descrito anteriormente por outros pesquisadores nas TIs;

c) Fazer um estudo comparativo de pesquisas anteriores sobre a variedade Guajajara estudada nas TIs, a fim de verificar se as alterações identificadas nos dados linguísticos dos falantes de nossa pesquisa apresentam diferenças relevantes que indiquem alterações e/ou mudanças nessa variedade;

d) Identificar os resultados linguísticos no Guajajara, tanto os verificados nos estudos anteriores quanto os constatados por nossos dados, que são atribuídos pelo

contato mais direto com o português ou aqueles relacionados à mudança de ordem interna na língua;

e) Investigar a relação entre alterações na ordem básica de palavras (OV/VO) e a alternância na codificação dos marcadores de pessoa nas orações dependentes em Guajajara, examinando os fatores semânticos, pragmáticos e intergeracionais que motivariam essa variação, bem como o impacto do contato com o português e as características intrínsecas da língua quanto a esse fenômeno;

f) Analisar e descrever as construções com o desiderativo -*wer* em uma perspectiva comparativa, a partir de estudos anteriores do Guajajara, a fim de identificar os mecanismos sintático-semânticos envolvidos nos novos usos desse morfema.

1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA

Diante das ocorrências de ordem linguística e do contexto de contato entre o Guajajara e o português na cidade, tem-se o seguinte problema geral a ser abordado nesta pesquisa: como está a situação (socio)linguística de um grupo de indígenas Guajajara que migrou de suas aldeias para a cidade de Imperatriz? As investigações relacionadas ao tema deste estudo nos levaram a questionamentos sobre a dinâmica do contato linguístico entre o Guajajara e o português em contexto urbano. Por conta delas, buscamos não apenas analisar os efeitos desse contato na estrutura da variedade Guajajara, mas também a situação sociolinguística desse povo fora de suas aldeias de origem.

Nesse sentido, procuramos pesquisar qual a situação da língua de um grupo de indígenas Guajajara após a sua migração para a cidade de Imperatriz, considerando questões como as seguintes:

a) Quais os impactos da migração na vitalidade da língua no uso, na manutenção, nas atitudes e na transmissão para as novas gerações?
b) Como ficam os domínios de usos do dialeto Guajajara em coocorrência, ou concorrência, com a língua portuguesa na cidade?
c) Quais mudanças linguísticas podem ser atribuídas ao contato mais intenso com o português, especialmente em aspectos estruturais do Guajajara, como ordem básica de palavras, marcadores de pessoa e construções desiderativas?
d) A alteração na ordem básica de palavras no Guajajara (OV/VO) reflete um processo de reestruturação interna da língua ou é resultado direto da interferência do português?

e) Quais mudanças nos sistemas de marcação de pessoa nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo podem ser identificadas, e como essas mudanças se relacionam com o contato com o português ou com uma possível inovação interna?
f) Como as construções desiderativas envolvendo o morfema *-wer* têm sido reinterpretadas ou expandidas no Guajajara em contexto urbano?

Essas e outras perguntas que a temática delimitada levanta, geralmente, deixam uma lacuna no retrato da situação de contato linguístico entre as línguas indígenas e a língua oficial do Brasil, o PB, principalmente, quando se trata de contato linguístico desencadeado por tendências migratórias contemporâneas, nesse país e no mundo, de grupos indígenas para os centros urbanos por diferentes motivos. Esse é o caso dos Guajajara que migraram para a cidade de Imperatriz em busca de condições de vida melhores, devido às situações precárias e/ou inexistentes de serviços, especialmente nas áreas da saúde e educação nas aldeias. Para Báez (2014), a migração é uma grande ameaça para a sobrevivência das línguas indígenas:

> é evidente que a migração em numerosas comunidades indígenas é expressiva e deve ser considerada como um fator crucial de ameaça linguística. Por isso a relevância de um estudo que considere os efeitos da migração na vitalidade de uma língua, o impacto de uma redução da base de falantes devido a um êxodo sustentado, o processo de adaptação da comunidade às mudanças na relação língua-espaço comunitário ao ser negociada a coesão da comunidade além das fronteiras políticas, e o impacto na manutenção da língua na comunidade de origem (Báez, 2014, p. 66, tradução nossa)[5].

O trabalho aqui proposto contribuirá para preencher essa lacuna ao investigar o real quadro da situação (socio)linguística do grupo Guajajara em contato com o português na cidade.

1.3 HIPÓTESES

Sobre a distinção na ordem de palavras a ser observada nos dados linguísticos dos participantes da pesquisa, levantamos duas hipóteses: (i) esse fenômeno pode ser resultado de mudança interna na própria língua; (ii) pode ser decorrente de uma mudança externa ocasionada pelo contato com o português.

[5] "*it is evident that migration in numerous indigenous communities is sizable and must be considered as a crucial language endangerment factor. Hence the relevance of a study that considers the effects of migration on the vitality of a language, the impact of a reduction of the speaker base due to a sustained exodus, the process of community adaptation to changes in the language-community space relationship by negotiating community cohesion across political borders, and the impact on language maintenance in the community of origin*" (Báez, 2014, p. 66).

Quanto à primeira hipótese, retomamos uma observação de Harrison (1986), que estudou a variedade Guajajara. Ele analisou a ordem de palavras em sintagmas nominais e concluiu que o Guajajara combina características de dois tipos: núcleo final (OV) e núcleo inicial (VO). Como OV, apresenta as ordens: genitivo-nome, verbo principal-verbo auxiliar e nome-posposição. Como VO, exibe as ordens: nome-adjetivo, nome-relacional, demonstrativo-nome, preposição-nome, entre outras. Com essa mistura tipológica, o autor sugere que o Guajajara está em transição entre esses dois tipos. Harrison (1986) aponta que mudanças na ordem básica (OV/VO) podem reorganizar outros elementos da língua. No caso do Guajajara, ele observa que a mudança para VO pode ser influenciada pela crescente acusatividade no sistema verbal.

Reforçamos a observação de Harrison (1986) ao notarmos, nos dados linguísticos dos participantes de nossa pesquisa, uma alteração na codificação dos marcadores de pessoa nos verbos das orações dependentes. Em Guajajara, nas orações independentes a codificação dos prefixos verbais segue a hierarquia de pessoa $1^{a} > 2^{a} > 3^{a}_{+foc} > 3^{a}_{-foc}$ (lê-se ">" como "mais alta que"), que tem um sistema de codificação cindida nominativo-acusativo (concordância com o sujeito de verbos transitivos e sujeitos de verbos intransitivos ativos) e ergativo-absolutivo (concordância com o sujeito de verbos intransitivos inativos, descritivos ou estativos, e com o objeto de verbos transitivos), conforme apresentaremos mais detalhadamente na seção 2.5.1.

Estudos anteriores de Harrison (1986), cujas sentenças analisadas são oriundas, principalmente de narrativas gravadas, segundo esse autor, indicam que o sistema ergativo-absolutivo predomina exclusivamente em orações dependentes e a ordem de palavras é somente OV. Contudo, os dados observados entre os participantes de nossa pesquisa sugerem um uso alternado entre a codificação nominativa-acusativa e ergativa-absolutiva nas orações dependentes temporais, gerúndio e condicionais, similar à encontrada nas orações independentes.

Os dados a seguir demonstram que essas alternâncias na codificação dos prefixos verbais ocorrem em contextos gramaticais específicos, como no uso dos prefixos nominativos de 3ª pessoa *u-* e de 1ª pessoa *a-*, bem como dos prefixos absolutivos que codificam o objeto de 1ª pessoa *he-*. Nos exemplos a seguir, enquanto os dados de Harrison (1986) codificam o prefixo absolutivo de 1ª pessoa *he-*, que faz concordância com o objeto em (2), em nossos dados, o participante da geração mais jovem codifica o prefixo nominativo de 3ª pessoa *u-*, que faz concordância com o sujeito, conforme mostra o exemplo (3). Neste caso, a regra da hierarquia de pessoa presente na língua não foi aplicada. O falante usa o prefixo *he-* como morfema livre após o verbo, o que gerou a ordem VO. Já no exemplo (4), o falante da geração mais jovem,

usa o prefixo *he*-, tal como o exemplo (2) de Harrrison (1986). Em (6), o participante também usa o prefixo nominativo de 1ª pessoa *a*- em contextos que se espera a codificação absolutiva, conforme ocorre no exemplo (5) de Harrison (1986), por se tratar de oração dependente temporal, dessa vez com verbo intransitivo ativo *ker* (“dormir”).

Ressaltamos ao leitor que nos exemplos oriundos de nossa pesquisa de campo, identificamos abaixo de cada sentença se é dado de fala (DF) ou dado elicitado (DE), a fim de fazer uma distinção entre ambos e verificar possíveis influências na estrutura das sentenças, conforme veremos no decorrer desta tese.

Verbo final: [OV[COMP]]
(2) ***he****-r-esak* ***mehe***
1SG-INV-ver quando
'Quando (ele) me vê.’

(Harrison, 1986, p. 432, grifo nosso)

– Geração mais jovem
Verbo inicial (VO)
(3) ***u****-me’e* *he* *rehe* ***nehe***
3SG-olhar 1SG a.respeito.de IRR
‘Quando ele me olha.’
[Homem olhando para a mulher com intenção de se relacionar]

(DE)

– Geração mais velha
Verbo final: [OV[COMP]]
(4) ***he****-r-exak* ***mehe***
1SG-INV-ver quando
‘Quando ele me vê.’

(DE)

Verbo final: [OV[COMP]]
(5) ***he****-ker* ***mehe*** *ihe*
1SG-dormir quando 1SG
‘Quando eu dormi.’

(Harrison, 1986, p. 433, grifo nosso)

– Geração mais velha
(6) ***a****-ker* *nehem*
1SG-dormir IRR
‘Quando eu dormir.’

(DE)

Essa alternância na codificação parece ser motivada por fatores semânticos e pragmáticos, levando em consideração os tipos de verbos (transitivos, intransitivos ativos e intransitivos inativos) e a hierarquia de pessoa. Particularmente, os dados sugerem que os

falantes diferenciam semanticamente entre o sujeito agente de 1ª pessoa (em verbos transitivos e intransitivos ativos) e o sujeito afetado de 1ª pessoa, quando atua como objeto.

Tal distinção parece estar vinculada não apenas às características intrínsecas da língua, mas também a mudanças intergeracionais, como evidenciado pela variação entre construções com verbo-final (OV), típicas da geração mais velha, e com verbo-inicial (VO), predominantes entre falantes mais jovens. A investigação desses comportamentos visa compreender se o uso alternado da codificação dos marcadores de pessoa observado nos dados reflete uma reorganização sistemática nas regras gramaticais da língua e como essa alteração pode estar sendo influenciada por fatores sociais e linguísticos.

O segundo fenômeno linguístico que vamos analisar nesta tese são as construções com o desiderativo *-wer* ("desejo", "vontade"), sendo ele mais comum em sentenças com verbos intransitivos, enquanto seu uso em verbos transitivos requer a aplicação de processos de redução de valência, como a incorporação nominal ou a antipassivização, de acordo com Castro (2021), como veremos mais detalhadamente no Capítulo 9.

Na redução de valência por meio da incorporação nominal, o argumento interno é demovido e incorporado à esquerda do verbo transitivo e, então, o verbo recebe o sufixo desiderativo *-wer*. Ocorre, ainda, a codificação absolutiva por meio do prefixo verbal *i-*.

[VS]

(7) ***i-pira****-pyhyk-****wer*** *awa* *a'e*
3-peixe-pegar-DESID homem ele
'O homem quer pescar.'
[Lit. 'o homem quer pegar peixe.']

(Castro, 2021, p. 165-166, grifo nosso)

Nesta pesquisa comparamos nossos dados com os dados de Castro (2021), que foram coletados, também, junto a falantes da variedade Guajajara na TI Araribóia. Em contraste com esse autor, que aponta a manutenção do padrão de redução de valência com incorporação nominal, dados atuais dos falantes do aldeamento urbano mostram a ausência do prefixo absolutivo *i-*, mesmo quando o argumento interno é demovido à esquerda do verbo. No exemplo a seguir, o falante da geração mais velha codifica no verbo o prefixo nominativo *u-*.

Geração mais velha

[SV]

(8) *awà* ***u****-pira-zuk-wer*
homem 3SG-peixe-matar-DESID
'O homem quer pescar.'

[Lit. ‘o homem quer matar o peixe.’]

(DE)

Nas construções desiderativas por antipassivização como (9), Castro (2021) identifica os seguintes mecanismos sintáticos: morfema antipassivo *puru* afixado à esquerda do verbo, paradigma de concordância absolutiva *i-*, posposição *ehe* após o objeto (transformando-o em um PP-Sintagma Posposicional) e uso do sufixo desiderativo -*wer* afixado ao verbo.

[VSO]

(9)	***i-puru****-zuka-****wer***	*awa*	*zàwàruhu*	*r-****ehe***	*a’e*
	3-APASS-matar-DESID	homem	onça	C-POSP	ele

‘O homem quer matar a onça.’

(Castro, 2021, p. 170, grifo nosso)

Em sua pesquisa, Castro (2021) observou sinais de mudanças linguísticas em curso, especialmente entre falantes mais jovens, que não estão acionando todos os mecanismos descritos anteriormente para a redução de valência de verbos transitivos a fim de obter construções desiderativas antipassivas, conforme verificado no exemplo a seguir, em que ocorre somente o uso do desiderativo -*wer* afixado à raiz verbal *exak* (“ver”).

[VSO]

(10)	*w-exak-****wer***	*kuzà*	*ma’eputyr*	*a’e*
	3-ver-DESID	mulher	flor	3

‘A mulher deseja ver a flor.’

(Castro, 2021, p. 174)

Em nossa pesquisa observamos esse mesmo uso também entre os falantes mais jovens, como vemos no exemplo (11b), que frequentemente omitem o prefixo antipassivo -*puru*, o morfema absolutivo e, em outros casos, há também o apagamento da posposição *ehe,* conforme exemplo 12.

– Geração mais velha

[SVO]

(11) a.	*awà*	***puru****-zuka-****wer***	*zawaruhu*	***rehe***	
	homem	APASS-matar-DESID	onça	POSP	

‘O homem quer matar a onça.’

(DE)

– Geração mais jovem

[SVO]

b.	*awà*	*Ø-zuruk-****wer***	*u-ikó*	*zawaruhu*	***rehe***	*nehe*

homem 3SG-matar-DESID 3-AUX. onça POSP IRR
'O homem quer matar a onça'
[Lit. 'o homem está querendo matar a onça.']

(DE)

Geração mais jovem
[SVO]

(12) *kuzà* ***u**-exak-**wer*** *ma'e putyr*
mulher 3-ver-DESID flor
'A mulher quer ver a flor.'

(DE)

Diante desse contexto, levantamos duas hipóteses sobre o fenômeno observado nas construções com o desiderativo -*wer*: (i) as alterações linguísticas observadas refletem uma tendência de simplificação estrutural nas construções desiderativas da variedade guajajara, com maior incidência entre as gerações mais jovens; (ii) o desiderativo -*wer* está passando por um processo de reanálise, mecanismo cognitivo de mudança sintática descrito por Bybee (2015). Esse fenômeno, envolve a atribuição de novos significados a formas linguísticas.

No uso desiderativo, -*wer* parece estar sendo reinterpretado como um verbo matriz em estruturas de complementação verbal, com o verbo subsequente funcionando como predicador. Nesse contexto, os falantes deixam de usar o morfema de voz antipassiva *puru* e outros mecanismos sintáticos associados, sugerindo-se uma alteração na valência verbal. Assim, verbos transitivos sem redução de valência passam a atuar como complementos, indicando uma mudança na estrutura sintática e semântica do Guajajara (tanto do Guajajara falado na cidade quanto do Guajajara falado nas TIs).

Testaremos essas hipóteses ao longo deste trabalho, a partir da comparação entre os dados de Castro (2021) e os dados obtidos na presente pesquisa, e faremos um comparativo com as propriedades sintático-semânticas do verbo "querer" no PB e no português europeu (PE), para verificarmos possíveis associações dos falantes do Guajajara com essas variedades do português.

1.4 JUSTIFICATIVA

Estudos sobre a situação de povos e línguas indígenas em contexto urbano no Brasil ainda são muito pouco discutidos no âmbito acadêmico e social, deixando, assim, uma lacuna muito grande sobre a realidade linguística e sociocultural desses povos quando migram de suas aldeias de origem para a cidade.

No Maranhão, o IBGE (2022) calcula 15.489 indígenas de várias etnias vivendo fora das TIs. Isso representa 27,09% sobre o total da população indígena do estado. Na cidade de Imperatriz, local de estudo desta pesquisa, o IBGE (2022) estima um número de 536 indígenas. Somando-se a esse dado, os registros no Atlas das Línguas do Mundo em Perigo de Extinção (UNESCO, 2010) classifica a variedade Guajajara em grau de vulnerabilidade linguística. Na descrição da UNESCO isso significa que "a maioria das crianças falam a língua, mas [o uso] pode ser restrito a certos domínios".

Duarte (2016, p. 32) aponta prognósticos preocupantes sobre a perda iminente de línguas indígenas brasileiras dentro dos próximos anos: "segundo estimativas, devem ser extintas até 2030, entre 45 a 60 idiomas ameríndios". Esse cenário é extremamente preocupante e, por isso, faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas e políticas linguísticas para tentar reverter esse quadro. Na Assembleia Geral das Nações Unidas, a UNESCO dá um passo importante ao proclamar a década de 2022–2032 como a década internacional das línguas indígenas, para promover ações efetivas e contínuas voltadas para a valorização e manutenção das línguas indígenas.

Diante do quadro de diversas línguas indígenas brasileiras em situação iminente de extinção, acreditamos que o desenvolvimento desta pesquisa poderá dar visibilidade a uma realidade ainda pouco explorada quando se trata de povos e línguas indígenas em contexto urbano no Brasil. Nesse sentido, apresentamos questões advindas do contato intercultural "forçado" ou "inevitável" ao qual muitos povos indígenas, como os Guajajara, estão submetidos ultimamente. Com os resultados desta pesquisa, poderemos ter um diagnóstico da situação linguística desse povo no contexto urbano de Imperatriz e, assim, pensar políticas linguísticas, de manutenção e revitalização linguística, como meios para colaborar com a valorização da variedade Guajajara em contexto urbano.

A realização desta pesquisa poderá trazer resultados que delinearão o atual quadro da situação linguística do Guajajara em contato com o português, mostrando qual o grau de influência e interferência desta língua na estrutura do dialeto Guajajara. A pesquisa pretendida mostra-se relevante para a preservação do dialeto Guajajara, pois avança nos estudos tipológicos em diálogo com a Linguística de Contato na medida em que analisa novos padrões linguísticos reconfigurados a partir dos efeitos linguísticos e sociais desencadeados pelo contato. O desenvolvimento da pesquisa será importante também para contribuir com a pesquisa local e, assim, somar à literatura da Linguística de Contato no Brasil, além de somar à internacional, pois, no país, ainda são incipientes as pesquisas voltadas para essa área de

estudo, principalmente quando se trata de contato entre as línguas indígenas e sua língua majoritária, o português.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese é composta por nove capítulos distribuídos em duas partes. A Parte 1, denominada "Efeitos sociais e culturais do contato", compreende do Capítulo 2 ao Capítulo 5, que tratam sobre os aspectos sociolinguísticos e dão uma visão geral das questões sociais que envolvem o contato dos Guajajara com a sociedade envolvente, para a partir daí compreendermos a dinâmica do contato linguístico e social na qual a comunidade em estudo nesta pesquisa está inserida. A Parte 2, intitulada "Efeitos linguísticos estruturais do contato", compreende do Capítulo 6 ao Capítulo 9, que envolvem desde a fundamentação teórica até a análise dos fenômenos linguísticos referentes à ordem de palavras e às construções com o desiderativo *-wer* em conjunto com os marcadores de pessoa. A seguir, há uma breve descrição do que consta em cada capítulo.

No Capítulo 2, intitulado "Etnografia Tenetehara: povo, cultura e língua", apresentamos um panorama histórico, cultural e linguístico do povo Tenetehara. Essa discussão oferece uma compreensão macrossocial da situação de contato sociocultural e linguístico envolvendo o grupo em estudo, considerando diferentes períodos históricos.

No Capítulo 3, denominado "Da pesquisa", detalhamos o percurso metodológico da pesquisa, desde as escolhas teórico-metodológicas até as etapas práticas, como os primeiros contatos com a comunidade, o trabalho de campo e os processos de análise do material coletado. Os fundamentos teórico-metodológicos que guiam o trabalho estão ligados ao polo funcionalista da linguagem, articulando a Sociolinguística, com foco na Linguística de Contato e na Sociologia Descritiva da Linguagem, a abordagem funcional-tipológica e a Estrutura da Informação (a partir do estudo de Lambrecht, 1994).

No Capítulo 4, intitulado "Contexto macrossocial: contato linguístico e migração", abordamos o processo migratório do grupo Guajajara para o centro urbano de Imperatriz. Apresentamos as possíveis implicações linguísticas e extralinguísticas da migração, buscando compreender os impactos socioculturais e linguísticos sobre a comunidade.

No Capítulo 5, denominado "Contexto microssocial: reconhecimento sociolinguístico urbano dos Guajajara", apresentamos os resultados do questionário sociolinguístico e das observações realizadas no aldeamento urbano. Nesse capítulo, discutimos

a situação sociolinguística dos Guajajara no contexto urbano, com foco nas dinâmicas de interação linguística.

No Capítulo 6, intitulado "Línguas em contato, uso e cognição: diálogos funcionalistas", aprofundamos a interface teórica que orienta o estudo. Articulamos os estudos sociolinguísticos no campo da Linguística de Contato, os da abordagem funcional-tipológica e da Estrutura da Informação a partir do trabalho de Lambrecht (1994).

No Capítulo 7, "Aspectos estruturais do Tenetehara: estudo comparativo", abordamos aspectos linguísticos do Tenetehara ligados à ordem de palavras. Realizamos um estudo comparativo entre os dados linguísticos obtidos em nossa pesquisa de campo e os registros de outros pesquisadores (Harrison, 1986, 1995; Bendor-Samuel, 1972; Duarte, 1998, 2007). Esse capítulo investiga como as características da ordem de palavras se manifestam em Tenetehara no contexto urbano, destacando as semelhanças, diferenças e inovações em comparação com os estudos anteriores sobre essa língua.

No Capítulo 8, denominado "A estrutura da informação do Guajajara", analisamos a ordem de palavras na língua sob a ótica da estrutura da informação, a partir de Lambrecht (1994). Discutimos categorias cognitivas como pressuposição, identificabilidade e ativação do referente, além das noções de tópico e foco. Essas categorias demonstram influenciar tanto a disposição dos constituintes quanto a expressão ou o apagamento de pronomes ou SNs (sintagmas nominais) nas narrativas em Tenetehara.

No Capítulo 9, "Construções com o desiderativo *-wer*: novas configurações", tratamos do uso desse morfema em verbos intransitivos e transitivos. Exploramos as alterações ocorridas no uso do desiderativo *-wer* entre os falantes Guajajara pesquisados, analisando as propriedades sintático-semânticas desse morfema em comparação com o verbo "querer" do português.

Por fim, nas considerações finais, retomamos as questões de pesquisa que nortearam este estudo, bem como as hipóteses levantadas para os fenômenos linguísticos estudados na presente tese. Com base nos dados dos questionários sociolinguísticos e da etnografia realizada em campo, apresentamos os resultados sobre o reconhecimento da situação sociolinguística do Guajajara no contexto urbano de Imperatriz e os efeitos linguísticos de ordem estrutural desencadeados pelo contato com o português e/ou aqueles fenômenos que configuram uma alteração ou mudança de ordem interna na língua. Sobre esse ponto, levaremos em conta não somente o Guajajara falado na cidade, mas também o Guajajara utilizado em diferentes registros considerando estudos anteriores, tanto realizados por pesquisadores nas TIs quanto no aldeamento urbano em Imperatriz.

PARTE 1: EFEITOS SOCIAIS E CULTURAIS DO CONTATO

2 ETNOGRAFIA TENETEHARA: POVO, CULTURA E LÍNGUA

Neste capítulo apresentamos aspectos históricos, culturais e linguísticos relacionados ao povo Tenetehara, que contribuem para uma compreensão macrossocial da situação de contato sociocultural e linguístico envolvendo esse povo em diferentes períodos históricos.

2.1 MARANHÃO: TERRITÓRIO DE CONTATOS E CONFLITOS INTERÉTNICOS

O povo Tenetehara, hoje dividido em dois grupos, o grupo Tembé, no Pará, e o Guajajara, no Maranhão, possui uma história marcada por processos de contatos interétnicos que compreende cinco séculos, desde a colonização ao período atual. Esses dois grupos compartilham a mesma língua, a língua Tenetehara, que se subdivide em dois dialetos (ou variedades): o Tembé, falado pelos indígenas que habitam a fronteira entre o Pará e o Maranhão, e o Guajajara, falado pelos que vivem no Maranhão.

A denominação "Tenetehara", segundo a descrição de Gomes (2002, p. 47), tem em sua composição o verbo *ten* ("ser") mais o qualificativo *ete* ("intenso", "verdadeiro") e o substantivizador *har(a)* ("aquele", "o"). Assim, seu significado pode ser traduzido como "o ser íntegro, gente verdadeira". Para os participantes de nossa pesquisa, "Tenetehara" significa "o indígena sem mistura com os não indígenas".

O etnônimo "Guajajara" significa "os donos do *guajá*" ou "donos do cocar" (*wazay*, "cocar"; *zara*, "dono"), uma espécie de adorno de cabeça feito de penas usado pelos indígenas. Esse termo foi dado pelos Tupinambá da ilha de São Luís, quando tiveram contato com os Tenetehara que residiam na região do Rio Pindaré.

De acordo com Gomes (2002), os Tenetehara se dividiram por volta de 1830 devido à migração de parte do grupo para o Rio Gurupi, no Pará. Esses migrantes ficaram conhecidos como "Tembé", palavra de origem tupinambá que significa "lábio de gente". Esse nome está relacionado à prática de furar o lábio inferior para inserir um tembetá, um ornamento tradicional.

A história do povo Tenetehara começa a ser registrada no século XVI, durante as primeiras tentativas de colonização do Maranhão. Com a chegada de colonos franceses, na França Equinocial, iniciaram-se os primeiros contatos com povos indígenas, incluindo os povos Tenetehara, que viviam no Maranhão desde antes da chegada dos europeus. Esses primeiros

contatos influenciaram profundamente a trajetória histórica desse povo, que passou a fazer parte do processo de formação do estado do Maranhão. A presença dos Tenetehara contribuiu para o desenvolvimento da economia local, incluindo a agricultura de subsistência, pesca, caça e o extrativismo, que se desenvolvia às custas do trabalho escravo dos indígenas.

Com a chegada dos colonizadores portugueses e o estabelecimento das políticas missionárias, os Tenetehara vivenciaram profundas transformações culturais. No Maranhão, a relação dos indígenas com os colonizadores passou a ser mediada pela atuação dos missionários jesuítas. Em 1653, os jesuítas se estabeleceram no Alto Pindaré e iniciaram um processo de catequização, organizando aldeamentos onde os indígenas passaram a viver sob rígido controle e a ser instruídos na fé cristã. Esse sistema era uma tentativa de "proteger" os indígenas da escravidão imposta pelos colonos, mas também, significava uma imposição cultural, já que os nativos eram obrigados a abandonar suas práticas religiosas e seus costumes.

A relação dos Tenetehara com os colonos passou por duas fases principais. A primeira foi marcada pela escravidão, entre 1616 e 1652, período em que os Tenetehara e outros povos indígenas eram forçados a trabalhar para os colonos, tanto em tarefas domésticas quanto na agricultura. Durante essa fase, os Tenetehara sofreram severas perdas culturais e humanas devido a doenças trazidas pelos europeus, como a varíola e o sarampo, que dizimaram grande parte da população indígena.

Na segunda fase, entre 1653 e 1759, a relação com os missionários jesuítas evoluiu para um sistema de servidão. Embora os Tenetehara fossem formalmente protegidos contra a escravidão, o trabalho nas missões era extenuante e os indígenas eram tratados quase como servos, obrigados a cumprir tarefas em troca de recursos mínimos. Esse sistema, disfarçado de proteção, representava na prática um controle rigoroso sobre o modo de vida indígena, minando as tradições culturais dos Tenetehara.

Com a expulsão dos jesuítas pelo Diretório dos Índios, criado por Marquês de Pombal em 1757, os indígenas passaram a ser subordinados aos diretores, que tinham uma política assimilacionista de integrar os indígenas aos valores e costumes portugueses, começando pela proibição do uso da língua geral indígena, falada na época pela maioria dos nativos, em favor da aprendizagem e do uso exclusivo da língua portuguesa.

No período de transição entre o regime colonial e o imperial, Dom João aboliu o Diretório dos Índios e promulgou uma "nova" política indigenista, o sistema de patronagem (1840–1889), pela qual os indígenas eram economicamente dependentes dos patrões, numa relação que, embora sem escravidão formal, ainda era marcada pela subserviência, pois consistia na troca de bens e serviços. Esse modelo serviu aos interesses econômicos dos grandes

proprietários de terras, mantendo os indígenas como mão de obra produtiva e limitando sua autonomia.

No período imperial foi implantado o Regimento das Missões na, então, Província do Maranhão, que visava catequizar os indígenas na doutrina católica. Na cidade de Barra do Corda, a missão do Alto Alegre, dirigida pelos capuchinhos, criou o Instituto Indígena, que funcionava como abrigo e lugar de educação para indígenas a partir de 14 anos de idade.

As práticas religiosas impostas pelos missionários capuchinhos aos Guajajara culminaram na Rebelião do Alto Alegre, liderada por um indígena Guajajara conhecido como João Caboré, em 1901 (Gomes, 2002). Esse episódio histórico representa um dos momentos de maior tensão entre os Guajajara e os colonos e, também, é conhecido na literatura como o maior massacre liderado por indígenas contra brancos. A revolta teve como motivação a opressão e o desrespeito às tradições dos Guajajara pelos missionários capuchinhos, que não apenas impunham práticas religiosas como também interferiam nas relações familiares e comunitárias que faziam parte da cultura Guajajara, como a prática de bigamia nos relacionamentos. A Rebelião do Alto Alegre tornou-se um símbolo da resistência indígena contra a dominação cultural e econômica dos não indígenas, e levou à dispersão de muitas aldeias Guajajara, que migraram para outras regiões em busca de liberdade.

Após esse período, os indígenas passam a vivenciar as políticas indigenistas do século XX, implementadas pelo governo brasileiro, que visavam controlar e integrar os povos indígenas ao sistema nacional. Em 1910, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), substituído posteriormente pela Fundação Nacional do Índio (Funai), em 1967. O objetivo desses órgãos era, teoricamente, proteger as populações indígenas, mas as práticas adotadas frequentemente resultavam em tentativas de assimilação cultural.

No Maranhão, o SPI atuou na demarcação de terras e na criação de postos indígenas, mas também incentivou a integração dos Tenetehara à sociedade envolvente, o que significava, na prática, a perda de autonomia e o enfraquecimento cultural. Por sua vez, um dos métodos mais utilizados pela Funai para a assimilação dos indígenas foi a educação bilíngue. A execução dessa política apresentava problemas, pois em muitas aldeias os professores não eram indígenas e desconheciam o Tenetehara, o que dificultava o aprendizado e a valorização da língua indígena. Esse processo educativo reforçava a dependência dos Tenetehara em relação à língua portuguesa, promovendo uma ruptura com as tradições linguísticas.

Dessa forma, as políticas indigenistas do século XX foram marcadas por um paradoxo. Embora afirmassem proteger os indígenas, na prática, essas políticas visavam integrar os nativos à cultura dominante, promovendo uma “brasilidade” que os afastava de suas

raízes culturais. Essa orientação foi particularmente nociva para os Tenetehara, que viram suas tradições ameaçadas pela pressão para adotar costumes e valores não indígenas.

O histórico das relações de contato interétnicas pelas quais os Tenetehara passaram e ainda passam nos dá uma dimensão de como o contato entre a língua Tenetehara e a portuguesa se intensificou ao longo dos séculos, devido a fatores como a colonização, missões religiosas e políticas indigenistas voltadas para a "integração" dos povos indígenas, impactando tanto a língua quanto a cultura do povo Tenetehara.

2.1.1 O contato entre os Tenetehara, outros povos indígenas e os negros

Os Tenetehara, em seu processo de ocupação e defesa territorial no Maranhão, estabeleceram contatos e, muitas vezes, enfrentaram vários povos indígenas da região, entre os quais se destacam os Timbira, os Gavião, os Krikatí, e os Canela Ramkokamekrá. Cada um desses grupos possuía características culturais, estruturas sociais, línguas e formas de organização próprias, o que impactou diretamente a natureza de suas relações com os Tenetehara, com os quais passaram por períodos tanto de conflito quanto de intercâmbio e influências mútuas.

Os Timbira, que inclui subgrupos como os Krahô, os Apinajé e os Canela, são conhecidos por seu sistema social fortemente organizado e por suas aldeias grandes e altamente estruturadas, que podiam ultrapassar mil habitantes. As aldeias Timbira mantinham uma tradição de comportamento militarizado, o que se expressava em alianças e estruturas de defesa robustas, que não apenas garantiam a proteção, mas também facilitavam ataques a outros povos indígenas.

Comparativamente aos Timbira, os Tenetehara viviam em aldeias menores, com cerca de 200 habitantes, organizados em torno de laços familiares extensos, mas sem um sistema de alianças formais e organizadas para a guerra. Essa diferença fez dos Timbira um grupo temido, resultando em uma postura defensiva dos Guajajara, que reformaram suas aldeias para resistir a ataques Timbira. Esse histórico gerou uma relação de desconfiança mútua, marcada por embates que, segundo relatos orais dos Guajajara obtidos durante a pesquisa de Barboza (2015), ainda reverberam nas percepções atuais dos Guajajara sobre os Timbira.

Outro grupo com o qual os Guajajara tiveram contato e conflitos foi o dos Gavião. Esses embates, muitas vezes mediados pela intervenção de fazendeiros e não indígenas, ocorreram principalmente no século XIX. Por volta da década de 1870, registros indicam que homens Guajajara foram recrutados para apoiar fazendeiros em confrontos contra os Gavião, o

que sugere uma utilização das rivalidades indígenas por agentes externos para controle territorial. Esses conflitos criaram divisões e hostilidades, que contribuíram para a construção da imagem dos Guajajara como guerreiros, conhecidos por defenderem ativamente suas terras e culturas.

Os Krikatí são outro grupo Timbira com o qual os Guajajara tiveram interações tensas. Assim como os Gavião, os Krikatí representam um povo indígena com tradições guerreiras, vivendo em aldeias grandes e bem organizadas. A convivência com os Krikatí foi marcada tanto por desavenças quanto por contatos que, eventualmente, permitiram intercâmbios culturais e linguísticos, especialmente em regiões de fronteira onde as terras dos Guajajara e dos Krikatí se aproximam. Entretanto, a hostilidade inicial dificultou uma convivência harmoniosa, e as memórias desses conflitos ainda estão presentes na identidade e na narrativa histórica dos Guajajara.

Os Canela Ramkokamekrá, outro subgrupo Timbira, também protagonizaram confrontos com os Guajajara, com destaque para um episódio em 1901 (o da Revolta do Alto Alegre, que citamos anteriormente). Segundo registros, esse confronto foi provocado por não indígenas e envolveu os Guajajara do Alto Mearim. Esse tipo de conflito evidencia como não indígenas muitas vezes instigavam rivalidades entre povos indígenas, visando enfraquecer as comunidades locais para consolidar a presença colonial ou expandir atividades agropecuárias. Conflitos como esses deixaram marcas profundas e consolidaram uma rivalidade entre os Guajajara e os Canela Ramkokamekrá, reforçando a desconfiança histórica que perdura até os dias de hoje.

Além dos contatos com outras etnias indígenas, os Guajajara estabeleciam relações complexas com os negros que fugiam da escravidão e que se estabeleciam em terras indígenas, especialmente entre os rios Pindaré e Maracaçumé. Esses negros quilombolas formaram comunidades que coexistiram e, em alguns casos, misturaram-se com os Guajajara, por meio de casamentos mistos. Esse contato levou a uma integração que, ao longo do tempo, transformou a composição cultural da região, contribuindo para uma rede de influências étnicas e culturais.

O histórico de relações interétnicas entre os Tenetehara, os colonos, outros povos indígenas e os negros configura uma dinâmica de contato bastante complexa, com efeitos na cultura, no sistema social e no repertório linguístico. Com os contatos intensos e prolongados, os Tenetehara foram expostos a diversas outras línguas que podem ter influenciado sua língua indígena.

Silva (2010, p. 1205) pontua, por exemplo, que “provavelmente a característica analítica das línguas timbira tenha também influenciado a língua tenetehara”. A autora acrescenta ainda a possibilidade de a língua tupinambá ter influenciado o campo lexical e gramatical do Tenetehara devido ao intenso convívio que os dois grupos tiveram no passado. Destacamos, também, que o intenso contato com não indígenas evidencia o surgimento da situação de bilinguismo em Tenetehara e português entre a maioria dos falantes.

2.2 A COSMOLOGIA TENETEHARA

A cultura do povo Tenetehara é profundamente rica em mitologia, espiritualidade e tradições comunitárias que estruturam sua vida social e econômica. A origem desse povo é narrada por meio de mitos, como o mito de Maíra, no qual eles se veem como descendentes dos primeiros seres humanos transformados em seres culturais pela figura divina de Maíra, que é tanto espiritual quanto um agente transformador na cosmologia Tenetehara.

Para os Tenetehara, a religião abrange uma visão de mundo ligada ao sobrenatural e divide seus seres espirituais em quatro categorias: os heróis culturais que criaram o mundo, os espíritos guardiões da floresta (*ka´a zar*) e das águas (*y´zar*), as almas dos mortos (*têko-kwêr*) e os espíritos dos animais (Zannoni, 1999, p. 126). Seu deus tradicional é Tupã, e todas as práticas cotidianas e de rituais, incluindo caça, pesca, agricultura e fases da vida, como nascimento, adolescência e morte, são interligadas ao espiritual.

No entanto, há uma influência crescente da religião evangélica em algumas aldeias, refletindo uma transformação cultural em curso, de modo que igrejas foram construídas e os cultos evangélicos agora fazem parte do cotidiano religioso, conforme observou Barboza (2015) durante sua pesquisa de campo em algumas aldeias Guajajara da Região de Barra do Corda. Essas mesmas práticas religiosas não indígenas estão presentes, também, entre o grupo de Guajajara que mora na cidade de Imperatriz. É frequente a visita de grupos tanto evangélicos (principalmente) quanto católicos e até mórmons no aldeamento fazendo momentos religiosos.

O artesanato é uma das expressões culturais visíveis dos Tenetehara. A produção é feita, geralmente, pelas mulheres: são brincos, pulseiras, braceletes, colares e redes vendidos na própria aldeia para os visitantes ou quando vão à cidade. Mesmo o grupo que mora na cidade de Imperatriz, ainda, permanece com a prática de produção e venda, como confirma Santos (2022):

> O artesanato é uma das formas de expressão da cultura Tenetehara/Guajajara. A produção de colares, brincos, pulseiras, adornos de cabelo, badogue, arco e flecha

> dentre outros artefatos pelos indígenas em contexto urbano que habitam no Parque Amazonas é uma demonstração não só de preservação de seus saberes ancestrais, de evidenciar sua criatividade e o dinamismo de sua identidade, mas torna-se também uma fonte de renda para garantir o sustento familiar (Santos, 2022, p. 85).

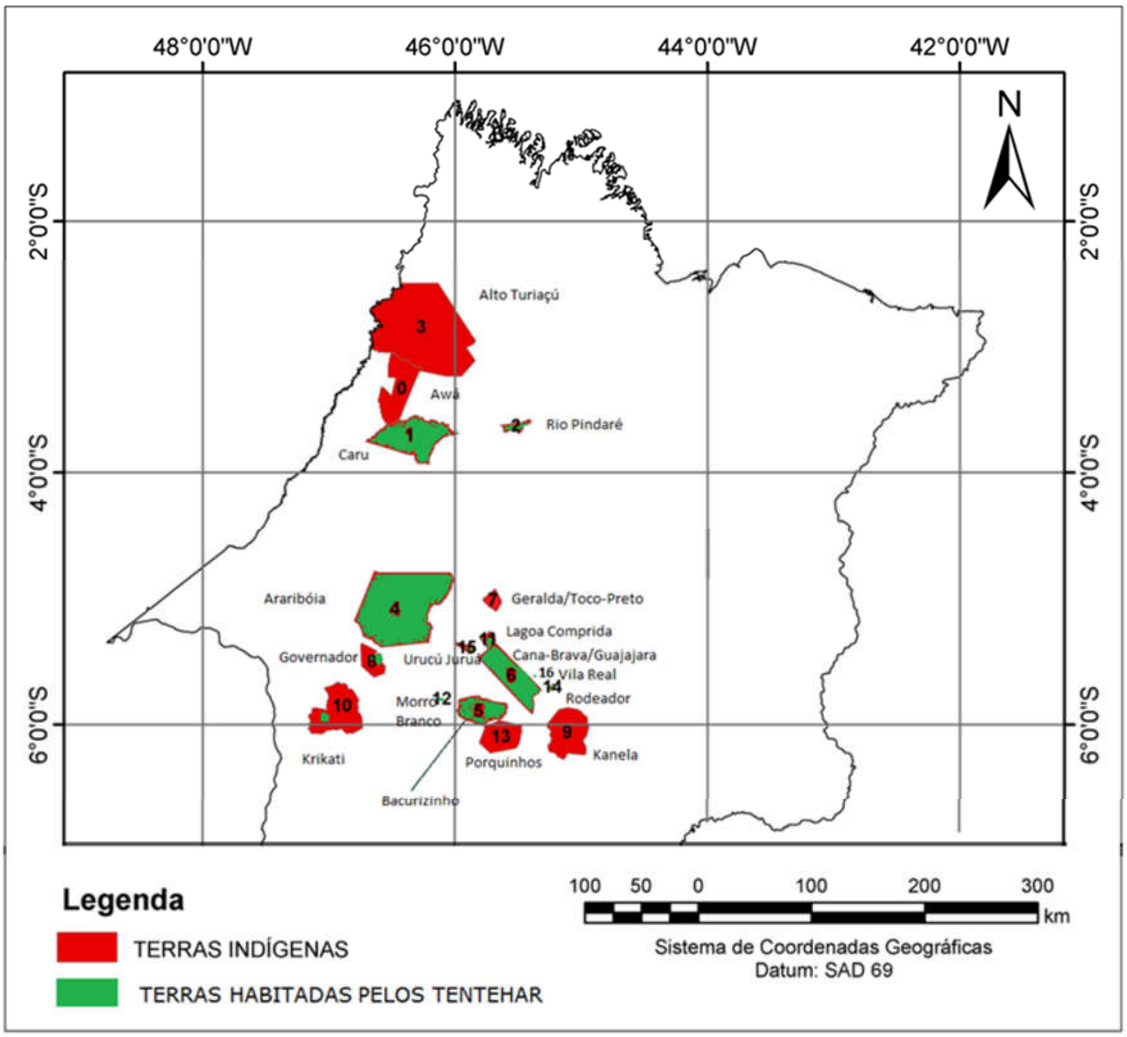
As festas tradicionais incluem as cerimônias de transição, como a Festa do Moqueado e a Festa dos Rapazes, e festas de proteção, como a Festa do Mel, para assegurar o sucesso nas caçadas, e a Festa do Milho, para proteger a plantação. A Festa do Moqueado é um marco importante, celebrada como uma cerimônia de passagem para meninas que tiveram a primeira menstruação. Os indígenas que vivem na cidade não têm realizado mais esses rituais tradicionais fora da aldeia.

A organização social dos Tenetehara é centrada na família extensa, com o chefe da aldeia sendo o patriarca de uma rede de famílias menores. O casamento tem importância econômica e social, geralmente envolvendo a filha do chefe com um homem de outra família, escolhido por sua capacidade de contribuir com o avanço econômico. Atualmente, observam-se muitos casamentos mistos entre indígenas e não indígenas tanto dentro das TIs quanto na cidade.

2.3 PANORAMA DOS POVOS E DAS LÍNGUAS INDÍGENAS NO MARANHÃO

O Maranhão é um dos estados brasileiros com uma das maiores concentrações de população indígena, ocupando o 8º lugar no *ranking* por estados. Segundo o recente censo do IBGE (2022), estima-se um número de 57.166 pessoas autodeclaradas indígenas no estado. Esse número corresponde a várias etnias no Maranhão, Awá Guajá, Tenetehara, Gavião, Canela, Krikatí, Ka'apor e Gamela, distribuídas dentro de 19 TIs. O mapa na Figura 1 – Mapa das Terras Indígenas no Maranhão a seguir, disponível em Almeida (2019), ajuda-nos a visualizar melhor a abrangência das TIs no estado.

Figura 1 – Mapa das Terras Indígenas no Maranhão



Fonte: Almeida (2019, p. 16).

Os Guajajara, considerados um dos grupos indígenas mais numerosos do estado e, também, do Brasil, constituem um número de 28.858 indígenas (SIASI/SESAI, 2020)[6] e ocupam 13 TIs (12 no Maranhão e 1 no Pará[7], ainda em processo de criação de Reserva Indígena (RI)), que abrangem vários municípios e são compartilhadas com outros povos indígenas da região, falantes, inclusive, de línguas de outras famílias, como exibe o Quadro 1 a seguir:

[6] Informação disponível no *site* do ISA: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara
[7] Indico a leitura de Alencar (2018) para mais detalhes sobre os Guajajara no Pará.

Quadro 1 – Distribuição dos Guajajara, de outros povos indígenas e das línguas nas Terras Indígenas

Terras Indígenas	**Municípios**	**Povos**	**Famílias Linguísticas**	**Línguas**	**Área (ha)**
1. Morro Branco	Grajaú	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	49
2. Rodeador	Barra do Corda	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	2.319
3. Urucu-Juruá	Grajaú, Itaipava do Grajaú	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	12.697
4. Lagoa Comprida	Jenipapo dos Vieiras, Itaipava do Grajaú	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	13.198
5. Rio Pindaré	Bom Jardim, Monção	-Guajajara -Guaraní Mbya	Tupí-Guraní	-Tenetehara -Guaraní	15.002
6. Geralda/Toco Preto	Arame, Itaipava do Grajaú	-Guajajara -Krepynkatejê (timbira)	-Tupí-Guraní -Jê	-Tenetehara -Timbira	18.506
7. Governador	Amarante	-Guajajara -Gavião Pykopjê	-Tupí-Guraní -Jê	-Tenetehara -Timbira	41.644
8. Bacurizinho	Grajaú	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	51.608
9. Bacurizinho	Grajaú	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	82.432
10. Cana Brava/Guajajara	Barra do Corda, Grajaú, Jenipapo dos Vieiras	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	137.329
11. Caru	Bom Jardim, São João do Carú	-Guajajara -Awá Guajá	Tupí-Guraní	-Tenetehara -Guajá	172.667
12. Araribóia	Amarante, Arame, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu, Grajaú, Santa Luzia	-Guajajara -Awá Guajá -Awá isolados	Tupí-Guraní	-Tenetehara -Guajá	413.288
13. Guajanaíra	Itupiranga (PA)	Guajajara	Tupí-Guraní	Tenetehara	1.374,00

Fonte: elaboração própria a partir de consultas no Instituto Socioambiental ([202-][8]) e no IBGE (2022).

A TI Araribóia, em destaque no Quadro 1 – Distribuição dos Guajajara, de outros povos indígenas e das línguas nas Terras Indígenas, concentra a maioria das aldeias de origem dos participantes de nossa pesquisa (como consta no Quadro 8 – Perfil dos participantes da pesquisa, Capítulo 3, com o perfil dos participantes). Essa TI é a segunda mais populosa do

[8] No artigo, não há informação sobre sua data de publicação; por isso, estipulamos a década em que foi publicado, seguindo recomendação da NBR 6023/2018 (ABNT, 2018, p. 44), norma de referências da ABNT, para esses casos.

estado, ficando atrás somente da TI Cana Brava/Guajajara. Ela ocupa uma área de 413 mil hectares, o que compreende seis municípios. A Tabela 1 a seguir apresenta a estimativa populacional dentro da área.

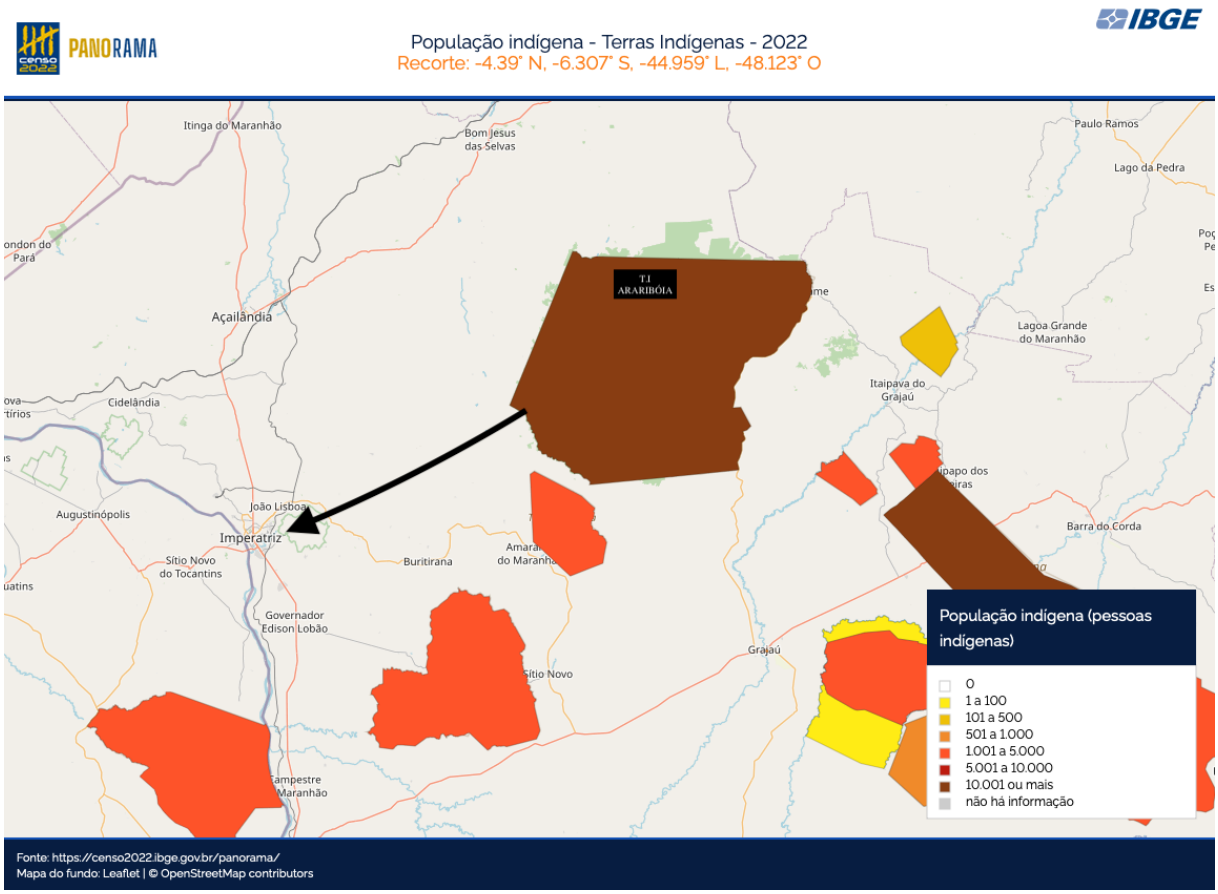
Tabela 1 – População da Terra Indígena Araribóia

População	Porcentagem de Indígena na População	Pessoas Indígenas	Terra Indígena	Sigla da UF
10.318	98,45%	10.158	Araribóia	MA

Fonte: IBGE (2022).

A cidade de Amarante possui um dos maiores fluxos entre a cidade e as aldeias para os indígenas que estão vivendo na área urbana de Imperatriz. O mapa na Figura 2 – Mapa da Terra Indígena Araribóia a seguir situa a TI Araribóia e a cidade de Imperatriz, onde hoje reside o grupo Guajajara migrante. A distância entre a maioria das aldeias dos participantes da nossa pesquisa até a cidade de Imperatriz corresponde em média a 200 km.

Figura 2 – Mapa da Terra Indígena Araribóia

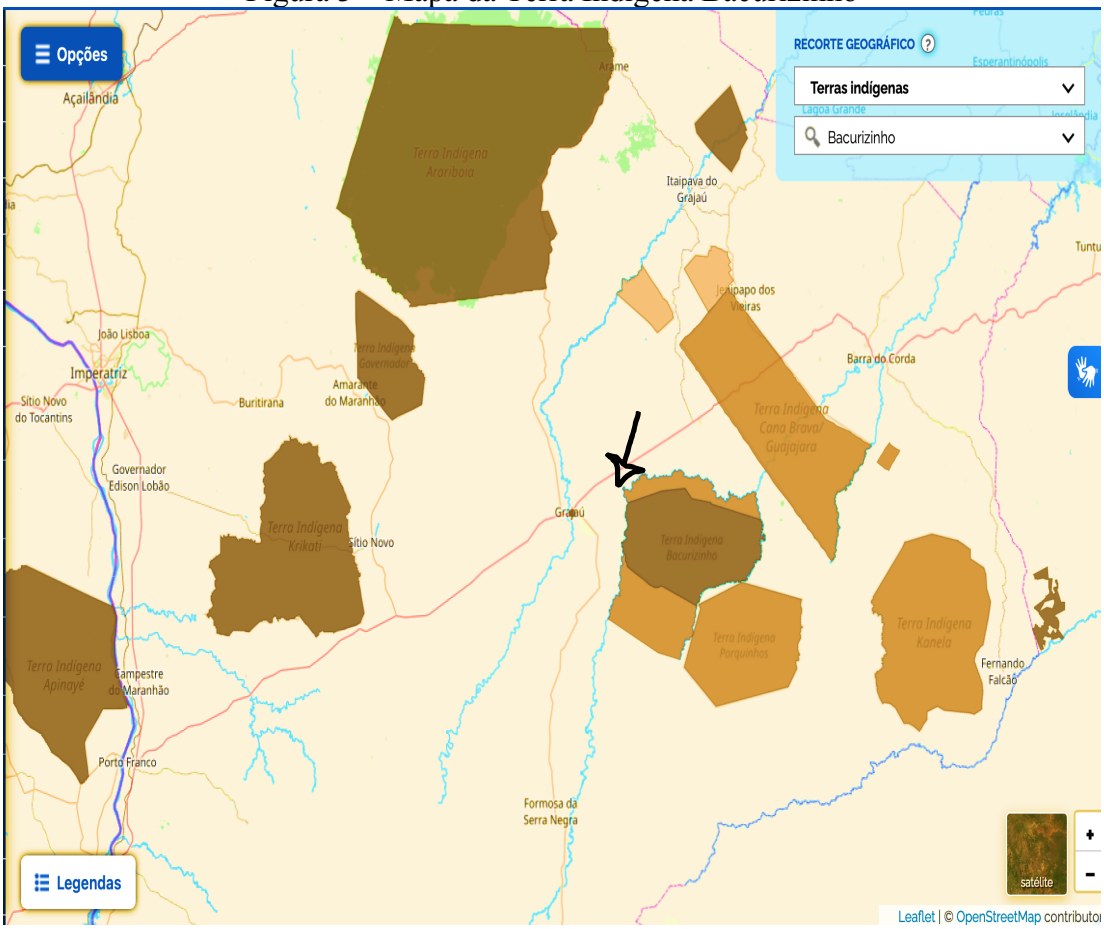


Fonte: adaptado do IBGE (2022).

Apresentamos também o mapa com a TI Bacurizinho (identificada com a seta preta) na Figura 3 – Mapa da Terra Indígena Bacurizinho, TI de origem de três participantes da

pesquisa, que ainda mantêm contato com suas aldeias de origem e, às vezes, deslocam-se entre Imperatriz e Grajaú, município onde está localizada a referida TI. Na Figura 3 – Mapa da Terra Indígena Bacurizinho, podemos ver também a TI Cana Brava/Guajajara, onde um participante da pesquisa nasceu e da qual se mudou para a TI Araribóia.

Figura 3 – Mapa da Terra Indígena Bacurizinho



Fonte: IBGE (2022).

O número crescente de indígenas morando fora de suas aldeias é uma realidade atual no Brasil. Dados do IBGE (2022) calculam 15.489 indígenas vivendo fora das TIs no Maranhão. Isso representa 27,09% sobre o total da população indígena do estado. Como apresenta a Tabela 2, Imperatriz registra, atualmente, a presença de 536 pessoas indígenas residindo na cidade. Comparando com o censo de 2010, percebemos um pequeno crescimento no número de indígenas que cada vez mais deixam suas aldeias para viver no centro urbano de Imperatriz.

Tabela 2 – Variação populacional dos indígenas em Imperatriz (MA)

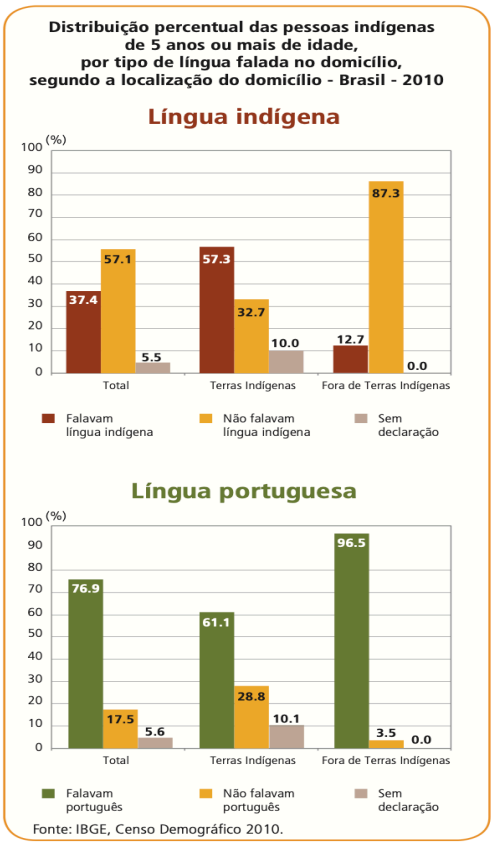
Ano da Pesquisa	População Indígena (Pessoas)	Município	Sigla da UF	Código do Município
2010	501	Imperatriz	MA	2105302
2022	536	Imperatriz	MA	2105302

Fonte: IBGE (2010, 2022)

Os intensos contatos com a sociedade envolvente desencadeiam, inevitavelmente, a influência linguística, principalmente, do português, língua mais usada nas tratativas na cidade. No censo de 2010, o IBGE trouxe informações dos indígenas com 5 anos ou mais de idade sobre a condição de falar a língua indígena e a língua portuguesa, tanto dos indígenas que estão morando nas TIs quanto dos que estão fora delas. O gráfico a seguir, na
Figura 4 – Língua falada nas Terras Indígenas e fora das , mostra que o percentual de falantes da língua indígena é maior entre os que vivem nas TIs (57%), enquanto, entre os que vivem fora das TIs, o percentual dos que não falam a língua indígena é um número bastante alto, 87,3%. Esse dado aproxima-se do percentual de indígenas fora das TIs que falam o português, 96,5%.

Os resultados revelam um cenário linguístico em que a maioria dos indígenas, tanto nas TIs quanto fora das TIs, fala o português. Os números saltam a favor da língua portuguesa em relação aos indígenas que vivem fora dos territórios. Esses dados reafirmam a importância dos territórios indígenas na manutenção das práticas socioculturais e linguísticas desses povos, bem como reforçam que os processos de desterritorialização causam o enfraquecimento da língua e, até mesmo, impactam na sua perda.

Figura 4 – Língua falada nas Terras Indígenas e fora das Terras Indígenas



Fonte: IBGE (2010)

Em relação à condição de falar a língua Tenetehara em TI entre pessoas indígenas de 5 anos ou mais de idade, o IBGE (2010) apresenta os seguintes resultados na Tabela 3.

Tabela 3 – Língua Tenetehara falada no domicílio indígena, considerando pessoas indígenas de 5 anos ou mais de idade residentes em Terras Indígenas

Total	**Sexo**		**Grupo de idade**				
	Homens	**Mulheres**	**5 a 9 anos**	**10 a 14 anos**	**15 a 24 anos**	**25 a 49 anos**	**50 anos ou mais**
8.269	4.257	4.012	1.815	1.349	1.986	2.252	867

Fonte: adaptado do IBGE (2010, p. 145).

A Tabela 4 a seguir traz dados sobre a condição de os indígenas falarem tanto a língua Tenetehara quanto a língua portuguesa dentro das TIs. Os números revelam um total geral de 15.139 indígenas que falam o português dentro de um conjunto geral de 20.152 indígenas consultados.

Tabela 4 – Pessoas indígenas acima de 5 anos de idade que falam português no domicílio indígena

Pessoas indígenas acima de 5 anos de idade								
Total (1)(2)(3)	Condição de falar português no domicílio		Condição de falar língua indígena no domicílio					
			Falavam			Não falavam		
			Total (3)	Condição de falar português no domicílio		Total	Condição de falar português no domicílio	
	Falavam	Não falavam		Falavam	Não falavam		Falavam	Não falavam
20 152	15 139	5 013	17 413	12 515	4 898	2 739	2 624	115

Fonte: adaptado do IBGE (2010, p. 163).

2.4 CLASSIFICAÇÃO GENÉTICA DA LÍNGUA TENETEHARA

Os estudos linguísticos desenvolvidos por Rodrigues (1986) classificaram a língua Tenetehara como pertencente ao tronco Tupí, da família Tupí-Gurani, juntamente com seus dois dialetos, Tembé e Guajajara, os quais estão inclusos no subgrupo IV com outras línguas que compartilham características semelhantes com o Tenetehara. Dietrich (2010, p. 13) subdividiu essas línguas em três grupos que correspondem à localização geográfica dos povos indígenas que as falam. A seguir, esses grupos encontram-se listados:

a) Grupo Tocantins-Maranhão:
- Assuriní do Tocantins/do Trocará/Akwara;
- Parakanã;
- Suruí.

b) Grupo Tenetehara:
- Tembé;
- Guajajara.

c) Grupo Parque do Xingu:
- Avá-canoeiro;
- Tapirapé.

Atualmente, a língua Tenetehara apresenta um número expressivo de falantes. De acordo com dados do IBGE (2010), há 8.269 falantes. Comparando com o caso de outros povos indígenas não só do Maranhão, mas do Brasil como um todo, essa língua apresenta bastante vitalidade, apesar dos intensos contatos e conflitos interétnicos vivenciados desde o período da colonização.

2.4.1 Estudos linguísticos anteriores sobre a língua Tenetehara

A língua Tenetehara (incluindo as variedades Guajajara e Tembé) contempla muitos estudos de aspectos gramaticais, entre artigos, teses, dissertações e dois dicionários bilíngues, o Dicionário Guajajara-Português (Harrison; Harrison, 2013) e o Dicionário de Tupí Moderno, que relaciona o Tembé-ténêtéhar e o português (Boudin, 1978). Esses trabalhos foram empreendidos desde os pesquisadores do SIL (Sumer Institute of Linguistics), como Harrison (1986, 1995, 2013) e Bendor-Samuel (1963, 1969, 1972), até os pesquisadores brasileiros, como Duarte (1998, 2005, 2007), Silva (2010), Carvalho (2001), Castro (2017, 2021), Camargos (2017), Camargos, Castro e Tescari Neto (2019). No entanto, ainda são incipientes pesquisas relacionadas à temática do contato linguístico entre o Tenetehara e a língua majoritária do Brasil, o português, e as pesquisas são mais escassas ainda quando se trata de estudos sobre esse contato linguístico em contexto urbano.

Em Barboza (2015) são apresentados alguns fenômenos linguísticos na variedade Guajajara induzidos pelo contato com o português, como empréstimos lexicais (nomes relacionados a meios de comunicação, meios de transporte e objetos, numerais e verbos) com adaptação à fonologia Guajajara, empréstimos semânticos, em alguns casos, empréstimos diretos do português e ocorrências de elementos gramaticais dessa língua em Guajajara, como pronomes demonstrativos e algumas conjunções do português, como mostra o exemplo a seguir.

(13) *u-(r)-eko* *putar* ***ou*** *i-hy* *ru'u* *ra'a* *t-u* *akwez* ***ou*** *ipaze*
3-estar FUT ou 3-mãe Pt DUB 3-pai DEM ou pajé
'Pode estar com a mãe ou pai [da menina], ou pajé.'

(DF)

(Adaptado de Barboza, 2015, p. 94)

Carvalho (2001) desenvolveu um estudo específico sobre a interferência do português na variedade Tembé que apresenta elementos lexicais e gramaticais do português em contexto de fala espontânea dos indígenas.

Por sua vez, Silva (2010) apresenta dados das duas variedades da língua Tenetehara e, assim como Carvalho (2001), traz em registro a ocorrência de empréstimos no Guajajara e no Tembé: "os empréstimos do português no tenetehara são lexicais e também gramaticais, e [...] várias estruturas gramaticais mais complexas já estão bastante sedimentadas nas duas línguas" (Silva, 2010, p. 1118). Os exemplos a seguir mostram a ocorrência das conjunções do português "porque" e "que".

(14) ***porque*** *Ø-puru-mukun*
porque 3-gente-engolir
'Porque ela engole gente.'

(Silva, 2010, p. 1094)

(15) *a-putar* ***que*** *o-ho* *a'e*
1-querer que 1-ir ele
'Eu quero que ele vá.'

(Silva, 2010, p. 1095)

O trabalho de Carneiro (2014) tratou sobre a temática do contato linguístico entre português, Canela (Jê) e Guajajara na cidade de Barra do Corda. Seu objeto de estudo foi investigado de modo inverso ao realizado em Barboza (2015), pois ele estudou o português falado como segunda língua (L2) pelos indígenas em comparação com o português falado por não indígenas da região, visando comparar as duas variedades do português. Os resultados revelam que a variedade L2 do português falada pelos Guajajara é mais próxima da variedade linguística do português brasileiro, pois apresenta "processos linguísticos observáveis em outros lugares do Brasil", como processos fonológicos por supressão, acréscimo, transposição e por assimilação. Os exemplos a seguir correspondem ao processo de assimilação vocálica (parcial e total) no português falado como L2 por indígenas guajajara.

Assimilação vocálica parcial

(16) [...] depois que o português europe(u)i [euɾo'pei] chegaram ensinava o índio assá carne [...].

Assimilação vocálica total

(17) [...] podr(e)o ['podɾo], or dente na boca dele [...].
[...] não tĩa dentist(a)e [dẽ'tʃistʃi] para fazé o tratamento dele e [...].

(Carneiro, 2014, p. 118)

Tendo em vista que, na pesquisa de mestrado de Barboza (2015), o objeto de estudo centrou-se mais nos empréstimos no nível lexical e o *locus* de pesquisa foi dentro das TIs do município de Barra do Corda, pretendemos, neste atual estudo, investigar se têm ocorrido alterações e/ou mudanças de ordem estrutural no Guajajara, a partir do contato linguístico mais direto e intenso com o português.

O Quadro 2 a seguir faz uma síntese do nível de interferência do português nas comunidades Guajajara, incluindo algumas TIs de origem dos participantes de nossa pesquisa (TI Araribóia e TI Canabrava/Guajajara), a partir de estudos publicados na literatura.

Ressaltamos que, na maioria dos demais trabalhos que tratam mais especificamente sobre os fenômenos analisados nesta tese, ordem de palavras e as construções com o desiderativo *-wer*, realizados por Harrison (1986), Bendor-Samuel (1972) e Castro (2021), não há a influência do português nesses aspectos da língua e nem menção ao nível de interferência do português nas comunidades Guajajara em que eles desenvolveram suas pesquisas. Somente Duarte (1998, 2007) observa na variedade Tembé que a alteração na ordem dos constituintes para SVO atualmente é influência do português, sendo essa bastante utilizada hoje em dia por esse grupo, como descrevemos no capítulo 7.

Quadro 2 – Nível de interferência do português em algumas comunidades Guajajara

Terra Indígena	**Município**	**Tema**	**Autor**	**Nível de Interferência do Português**
Araribóia	Amarante	Educação escolar indígena	Marinho (2022)	"A língua Tentehar/Guajajara [...] nas aldeias da Terra Indígena Arariboia é falada como primeira língua, enquanto **o português tem a função de língua franca, que é entendida pela maioria**" (Marinho, 2022, p. 26, grifo nosso).
Araribóia	Arame	Estudo histórico-comparativo da língua Tenetehara com outras línguas da família Tupí-Guaraní	Silva (2010)	A aldeia Angico Torto está localizada à beira das estradas e isso facilita o contato com a sociedade envolvente, colocando os indígenas numa situação de contato intensa: "a pressão da língua portuguesa sobre a língua nativa é muito forte e a interferência do português se faz sentir" (Silva, 2010, p. 1092).
Cana Brava/ Guajajara	Barra do Corda	Contato linguístico. Investigou o português falado por indígenas Guajajara e Canela (Jê) e não indígenas de Barra do Corda	Carneiro (2014)	"[...] entre os indígenas no Maranhão, os Guajajara são os que estão mais próximos da variedade linguística do português" (Carneiro, 2014, p. 135).
Cana Brava/ Guajajara e Rodeador	Barra do Corda	Fenômenos linguísticos em Guajajara induzidos pelo contato com o português (empréstimos, interferências)	Barboza (2015)	"O grau de contato entre ambas as línguas está além do nível lexical. O falante tem organizado a estrutura da frase da língua guajajara adotando itens gramaticais do português" (Barboza, 2015, p. 97).

Fonte: elaboração própria a partir de leituras dos trabalhos citados nesta seção.

2.5 CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS DO GUAJAJARA

Nas subseções a seguir, apresentamos uma breve descrição das características tipológicas do Guajajara a partir dos pesquisadores que estudaram essa variedade e de nossos dados, para compreendermos melhor sua estrutura e seu funcionamento. Destacamos o sistema de concordância e a hierarquia de pessoa nessa língua, que determinam a codificação dos marcadores de pessoa e estão, de certa forma, relacionados à realização explícita ou não do sujeito lexical ou pronominal nas construções que iremos analisar ao longo do ASPECTOS ESTRUTURAIS DO TENETEHARA: ESTUDO COMPARATIVO ao Capítulo 9. Em seguida, trazemos a ordem de palavras nessa variedade e as partículas que, geralmente, estão presentes na maioria dos contextos de fala dos indígenas e expressam diferentes modalidades na língua, entre outros aspectos.

2.5.1 O sistema de concordância em Guajajara e a hierarquia de pessoa

Em Guajajara, o sistema de concordância codifica as marcas de pessoa e número do sujeito ou do objeto por meio de prefixos verbais. A seleção dos prefixos de concordância respeita a hierarquia de pessoa nessa língua, a saber, $1^{a} > 2^{a} > 3^{a}_{+foc} > 3^{a}_{-foc}$ (lê-se "$>$" como "mais alta que"), que contempla três paradigmas de concordância.

O paradigma 1 marca a concordância do verbo com o sujeito ativo; o paradigma 2 marca a concordância com o objeto ou com o sujeito de verbos estativos ou descritivos (Quadro 3); e o paradigma 3 marca a concordância, simultaneamente, com o sujeito de primeira pessoa singular ou plural e com o objeto de segunda pessoa singular ou plural, sendo composto pelos afixos *portmanteau* (Quadro 4). Estes afixos diferem tanto daqueles do paradigma 1 quanto daqueles do paradigma 2 e ocorrem apenas quando o sujeito está na primeira pessoa singular ou plural e o objeto, na segunda pessoa singular ou plural.

Quadro 3 – Paradigma pronominal do Guajajara

Glosa	**Pessoas**	**Pronomes Livres**	**Paradigma 1: concordância com sujeito de verbos transitivos e de verbos intransitivos ativos (nominativo)**	**Paradigma 2: concordância com sujeito inativo (de verbos descritivos ou estativos) ou com o objeto (absolutivo)**
1SG	Eu	*ihe*	*a-*	*he-*
1PL.INCL	Nós (todos)	*zane*	*xi-/za-*	*zane-*
1PL.EXCL	Nós	*ure*	*uru-/ oro-*	*ure-*
2SG	Você	*ne*	*re-/ e-*	*ne-*
2PL	Vocês	*pe*	*pe-*	*pe-*
3	Ele/ela	*a'e (wà)*	*u-/ o-/ w-*	*i-/h-*

Fonte: elaboração própria.

Quadro 4 – Afixos de concordância *portmanteau*

Pronomes Pessoais	**Paradigma 3: *portmanteau* (concordância com o sujeito e com o objeto)**
eu → você	*uru-*
nós → você	*uru-*
eu → vocês	a*pu-*
nós → vocês	*urupu-*

Fonte: adaptado de Camargos (2017, p. 100).

O Guajajara dispõe ainda dos prefixos relacionais expostos no Quadro 5 a seguir, que vêm adjacentes ao verbo:

Quadro 5 – Prefixos relacionais

Pessoas	**Raiz Iniciada por Consoante**	**Raiz Iniciada por Vogal**	**Traço Distintivo**
1p; 2p	*ø-*	*r-*	[+ pessoa]
3p	*i-*	*h-*	[- pessoa]

Fonte: Duarte (2007) e Camargos (2017).

No exemplo (18) a seguir, há dois argumentos: *ure*, o pronome livre sujeito na primeira pessoa plural à margem esquerda da sentença, e "Tereza", o objeto na terceira pessoa. No entanto, apenas um argumento é marcado por concordância e, segundo a hierarquia da língua, o argumento na primeira pessoa aparece marcado no verbo:

(18) (*ure*) ***uru-****pytywà* *Tereza* *ure'a*
1pl.excl. 1pl.excl.-ajudar Tereza 1pl.excl.
'Nós ajudamos a Tereza.'

Desta vez, no exemplo (19) adiante, o objeto está na primeira pessoa, *he-*, e o sujeito, na terceira pessoa, "Tereza". Segundo a hierarquia, a concordância de objeto será engatilhada.

(19) *Tereza* ***he****-r-exak* *a'e'a*
Tereza 1SG=inv-ver 3
'Tereza me vê.'

Os exemplos (20) e (21) a seguir codificam, respectivamente, o sujeito na primeira pessoa singular e plural e o objeto na segunda pessoa singular e plural. Esses representam casos de concordância *portmanteau.*

(20) *uru-exak* *ihe*
1sg.2sg-ver 1sg
'Eu vi você.'

(21) *uru-exak* *ure*
1pl.excl.2sg-ver 1excl.
'Nós vimos você.'

(Camargos, 2017, p. 98-99)

Independentemente de o sujeito ou o objeto ser marcado no verbo, quando o pronome livre é realizado explicitamente, ele assume a função de sujeito. A presença de marcadores de pessoa, codificados obrigatoriamente pelo sistema de concordância nessa variedade, tornam opcional a coocorrência com os pronomes livres com função de sujeito.

Em nossa análise, os morfemas verbais não substituem os argumentos convencionais, isto é, os pronomes livres ou os SNs sujeito e objeto. Línguas que permitem a ausência dos argumentos pronominais são línguas *pro-drop*. O português pode servir de exemplo, dado que permite sentenças como "vi João na feira", em que o sujeito "eu" está oculto. É o mesmo caso do Tenetehara, pois um SN sujeito, em posição argumental, sendo pronominal ou não, pode ser omitido.

Entendemos que os prefixos de concordância que marcam o sujeito são marcas de concordância com os argumentos verbais mesmo se eles estiverem ocultos. Os pronomes pessoais livres que expressam o sujeito ocorrem na posição pré-verbal, ou seja, são elementos em posição argumental em nossa análise. Consideramos esses pronomes como os argumentos externos do verbo.

Dada a opcionalidade de realização do sujeito pronominal, além do registro da maioria das sentenças transitivas extraídas de dados de fala não expressarem o pronome livre sujeito, como veremos nos dados quantitativos no final do capítulo 7, assumimos que, quando os falantes fazem uso de pronomes livres na posição de sujeito, há uma motivação pragmática.

2.6 TIPOLOGIA DA ORDEM DE PALAVRAS EM GUAJAJARA

Sobre a ordem de palavras em sintagmas nominais, Harrison (1986) analisou a ordem do núcleo/nome (N) e do modificador para verificar qual era a tipologia da ordem de palavras em Guajajara (variedade estudada pelo autor): se uma língua de núcleo inicial (VO) ou uma língua de núcleo final (OV). Após a análise, ele observou que o Guajajara possui características tipológicas tanto de língua OV quanto VO.

Uma língua de núcleo final caracteriza-se por apresentar as seguintes ordens de palavras: genitivo-nome; verbo principal-verbo auxiliar; nome-posposição. As características de língua VO se afirmam por essa ordem configurar os seguintes tipos de orações e sintagmas: interrogativas (com partículas ou palavras interrogativas); volicionais e com propósito (desiderativas); nome-adjetivo; nome-relacional; demonstrativo-nome; número-nome; e construções comparativas.

Diante dessas características, Harrison (1986, p. 413) "supõe que o Guajajara possa estar em transição de uma característica tipológica principal para outra". O autor vê nisso uma desarmonia tipológica, pois o que há é uma mistura das características relacionadas às ordens OV/VO. Na seção 7.1.1 iremos repetir as mesmas sentenças usadas na amostra de Harrison (1986) para compará-las com nossos dados coletados junto aos falantes que estão residindo na área urbana e verificar a atual configuração da tipologia da ordem de palavras nessa língua.

A ordem dos constituintes em Tenetehara está condicionada aos tipos de orações: orações independentes e orações dependentes. Nas orações independentes, Harrison (1986) mostra que, quando há presença do sujeito e do objeto, a ordem predominante é VSO, como mostram os exemplos (22-23). Contudo, podem ser encontradas também as seguintes ordens, indo, respectivamente, do tipo mais recorrente para o menos recorrente: VSO ~ VOS ~ SVO ~ SOV. Ele destaca que não foram encontradas as ordens: OVS e OSV.

Quando não há dificuldade em identificar o sujeito e o objeto na oração, é possível uma alteração na ordem de ambos, pois, independentemente da posição que ocupam, a identificação de cada um fica clara pelo contexto, como no exemplo (23), em que é possível atribuir a função de agente somente ao nome "mulher", e não ao nome "manga". Em exemplos

desse tipo, as ordens VSO, SVO, SOV e VOS são todas aceitáveis, mas OSV e OVS permanecem inaceitáveis, segundo os achados de Harrison (1986).

Além disso, nomes que são entendidos pelo contexto tendem a ser apagados e não são substituídos por pronomes. O autor destaca, ainda, que são raras as ocorrências de sujeito e objeto no mesmo enunciado, pois, geralmente, o sujeito é omitido.

	V	**S**	**O**			
(22)	*u-munyk*	*t-azyr*	*i-petym*	*Ø- heraha*	*i-zupe*	*a'e*
	3-acender	3-filha	3-cigarro	3SG-levar	3SG-para	3

'A filha dele acendeu o cigarro dele [e o levou] para ele.'

	V	**S**	**O**
(23)	*u-'u*	*kuzə*	*ənarj*
	3-comer	mulher	manga

'A mulher comeu manga."

(Harrison, 1986, p. 408-409)

Quando ocorrem os dois argumentos (sujeito e objeto) na mesma sentença e há uma ambiguidade na identificação de ambos, a função gramatical de cada um é atribuída pela ordem que ocupam na estrutura. Nesse caso, o sujeito sempre precede o objeto, sendo possíveis as ordens VSO ~ SVO ~ SOV. A primeira é exemplificada em (24):

	V	**S**	**O**
	u-zuka	*Zuaw*	*Pet*
(24)	3-matar	João	Pedro

'João matou Pedro.'

(Harrison, 1986, p. 408-409)

Bendor-Samuel (1972, p. 77) ratifica a mesma ordem predominante nas orações independentes proposta por Harrison (1986) e destaca que, em uma frase verbal, os únicos elementos obrigatórios são os prefixos pronominais afixados ao verbo. Não há, portanto, a obrigatoriedade do uso dos argumentos nucleares convencionais (sujeito e objeto).

Nas orações dependentes, a ordem predominante é OV. Em todos os tipos de orações subordinadas (temporais e gerundivas) apresentadas em Harrison (1986), a partícula complementizadora (subordinativa) sempre aparece depois do verbo, em muitos casos como o último elemento da oração, como a partícula temporal *mehe* ("quando") e gerundiva *pə* ("para"), gerando a ordem [OV[COMP]].

[OV[COMP]]
(25) *he-r-esak* ***mehe***
1SG-INV-ver quando
'Quando me vê.'

(Harrison, 1986, p. 432, grifo nosso)

[OV[COMP]]
(26) *Ø-he-sak* ***pə***
3-me-ver propósito
'Para ele me ver.'

(Harrison, 1986, p. 436, grifo nosso)

Em Bendor-Samuel (1972), as relações de dependência entre as orações em Guajajara são marcadas por critérios formais como a mudança de entonação ou também pela ocorrência de partículas complementizadoras. Ele registrou as mesmas partículas *mehe* e *pə* que vimos anteriormente nos registros de Harrison (1986), principalmente nas sentenças que ele denomina "estendidas", mencionadas na fala reportada a seguir.

> A sentença estendida é uma construção que é reconhecida para contabilizar a frequente ocorrência de uma sentença com uma ou mais outras sentenças subordinadas a ela e fonologicamente ligadas a ela. **Uma sentença estendida é formada pela cláusula principal e pela cláusula satélite que é subordinada semanticamente à cláusula principal** e ligada a esta fonologicamente (Bendor-Samuel, 1972, p. 168, grifo nosso).

O que o estudo de Bendor-Samuel (1972) vem acrescentar aos estudos das orações dependentes em Guajajara é que muitas orações podem não apresentar nenhum elemento (partícula complementizadora) que marque, explicitamente, a relação de dependência entre as orações. Em termos estruturais, elas podem ser organizadas, também, parataticamente, isto é, lado a lado, e, mesmo assim, exprimirem relação de dependência entre si. Nesses casos, por meio de inferências, estabelece-se a relação de dependência entre elas, como mostra o exemplo (28), sem nenhuma partícula complementizadora, que o autor traduz como uma cláusula principal e outra subordinada. Já o exemplo (27) exibe claramente a partícula *aze* ("se") que marca a subordinação condicional.

(27) ***aze*** *arapuha* *ur*
Part (se) veado vir
'Se um veado vier.'

(Bendor-Samuel, 1972, p. 146, grifo nosso)

(28) *a-zur* *pe pe* *pehu* *r-upi* *he-ruəici* *o-ho* *no*
1SG-vir LOC estrada R-por 1SG-encontrar3-ir Pt
'Enquanto eu vinha pela estrada, ele me encontrou.'

(Bendor-Samuel, 1972, p. 173)

2.7 AS PARTÍCULAS EM GUAJAJARA E SUAS MULTIFUNCIONALIDADES

A classe de partículas em Guajajara é composta por um grande número e é bastante produtiva nessa língua. As partículas apresentam diferentes significados, que se associam tanto à ordem que ocupam nas sentenças quanto aos aspectos semânticos que cada uma expressa. No discurso informal, muitas sentenças costumam exibir uma ou mais partículas finais, que podem exprimir ênfase, aspecto, sexo do falante, entre outros sentidos. "Além disso, elas frequentemente servem para interligar cláusulas principais e satélites em sentenças estendidas" (Bendor-Samuel, 1972, p. 152), como vimos na seção anterior.

As partículas são divididas em quatro subclasses principais, nomeadas pela mesma ordem que ocupam na sentença: inicial, pós-inicial, meio e final[9]. As que aparecem no início ou no meio da oração geralmente indicam tempo ou falta de sucesso em uma atividade, além de indicar também dúvida, incerteza. As que ocorrem no final da oração geralmente têm a função de relacionar a oração ao seu contexto dentro do parágrafo, indicando a mudança de ator ou ação, ou simplesmente para manter uma estilística. Os exemplos a seguir mostram essas ocorrências.

Em (29), a partícula *aipo*, no início da sentença expressa incerteza. Essa mesma partícula é também usada para fazer perguntas do tipo sim/não na língua, como mostraremos no Capítulo 7. Em (30), *zepe*, no meio da sentença, expressa o frustrativo. Em português, o sentido dessa partícula se aproximaria das conjunções adversativas, como "mas", "porém", "no entanto", entre outras. Em (31), *kury* é uma das partículas que mais ocorre no final de sentenças em discursos orais nessa língua. Ela demonstra funcionar como um marcador discursivo que serve para dar prosseguimento aos fatos narrados.

(29) ***aipo*** *oho ko pe*
'Talvez ele foi à roça.'

(30) *oho* ***zepe*** *ko pe*
'Ele foi à roça [mas não conseguiu o que queria].'

(31) *oho ko pe* ***kury***
'Depois ele foi à roça.'

[9]Bendor-Samuel (1972) lista um número variado de partículas que, geralmente, ocorrem em cada uma dessas quatro posições. Para conferir a lista completa, consultar: Bendor-Samuel (1972, p. 147-152).

(Bendor-Samuel, 1969, p. 6, grifo nosso)

Bendor-Samuel (1972) acrescenta que as partículas fazem referência a certas categorias semânticas, como ênfase, marcação do plural, sexo do falante e do receptor e tantos outros significados. Por isso, é complicado entender o significado das partículas isoladamente, fora do contexto.

2.7.1 Expressão de aspecto, tempo e modalidade por meio de partículas

Silva (2010) traz em seus dados a ocorrência de partículas que marcam as noções aspectuais em Guajajara. O Quadro 6 a seguir, elaborado por essa autora, lista as partículas em Guajajara que codificam diferentes aspectos, a serem apresentados nos tópicos adiante.

Quadro 6 – Partículas aspectuais em Guajajara

Guajajara	**Aspecto**
Kwej	Realizado
Rihi	Imperfectivo
Upaw	Cessativo
wi...no	Repetitivo

Fonte: adaptado de Silva (2010, p. 419).

a) O aspecto realizado

Esse aspecto é marcado pela partícula *kwej* e indica que a ação ou o evento já foi realizado. Em Guajajara há alternância entre *kwej* e *kwez*, vista no exemplo (32), para marcar o aspecto realizado.

(32) *ne ere-rur Ø-pira ure-we* ***kwez***
2 2-trazer R[1] -peixe 13-DAT RLZ
'Você trouxe o peixe para nós.'

(Silva, 2010, p. 421, grifo nosso)

b) O aspecto imperfectivo

É marcado por meio da partícula *rihi*, que pode ser vista em (33), a qual indica que o evento não se realizou.

(33) *n a-'u kwaw kwej* ***rihi***
NEG 1-comer NEG RLZ IMPF
'Eu ainda não comi.'

(Silva, 2010, p. 425, grifo nosso)

c) O aspecto cessativo

É marcado pela alternância de duas partículas, *paw* ~ *upaw*, e indica o evento em seu término. Em (34), ocorre a partícula *paw*.

(34) *a'u* ***paw*** *kwej*
1-comer CES RLZ
'Eu comi tudo.'

(Silva, 2010, p. 429, grifo nosso)

d) O aspecto repetitivo

Silva (2010) observa que o Guajajara ainda preserva a forma mais conservadora do morfema de aspecto repetitivo *wi...no* (35). A coocorrência dessas partículas na mesma oração indica que o evento expresso pelo predicado acontece de novo.

(35) *a-mai'u* ***wi*** *kwez* ***no***
1-comer REP RLZ REP
'Eu comi de novo.'

(Silva, 2010, p. 434, grifo nosso)

De acordo com Silva (2010, p. 500), em Tenetehara (nas duas variedades, Guajajara e Tembé), "noções temporais são expressas por meio de partículas que correspondem a noções temporais de passado [...]. Algumas dessas partículas se associam a partículas de modalidade epistêmica [...]. Outras, ainda, conjugam noções de futuro à modalidade alética".

Consideremos o Quadro 7, elaborado mediante consulta ao texto da autora.

Quadro 7 – Modalidades expressas por partículas em Tenetehara

Modalidades	**Partículas**	**Exemplos**
Epistêmica: exprime o que é atestado ou não atestado pelo falante e a fonte da informação	- *Kwehe mehe*; *kakwez ~ kakwej*: passado distante, atestado pelo falante - *Zekwehe*: passado distante, não atestado - *Rakwej*: passado recente, atestado pelo falante - *Ruko ~ roko*: o falante é a fonte da informação - *Ra'e*: uma terceira pessoa é a fonte da informação	***kwehe mehe*** *na heta tete kwaw teko a`e wa rihi* 'Naquele tempo tinha pouquinha gente na aldeia.' ***ze kwehe*** *Mair ma'e* 'Na época de Maír.' *mani'ok i-piw* ***rakwez*** 'A mandioca estava mole [ontem].' *kawar* ***roko*** *umanu pe-pe* 'O cavalo morreu lá.'
Empática (desiderativa): exprime desejo, propósito ou intenção	- *Putar ~ tar ~ ta*: "algo projetado por vontade ou dever do falante" (Silva, 2010, p. 544) *"Putar ~ tar ~ ta* também co-ocorre com as partículas *nehe* e *ri`i* que são usadas em [...] orações subordinadas condicionais/temporais". (Silva, 2010, p. 550)	*ne re-zan* ***putar(a)*** 'Você vai correr.' *aker* ***putar*** *nehe* 'Eu vou dormir.' *aze aman ukir nehe aha* ***putar nehe*** 'Quando chover, eu vou embora.'
Alética: exprime graus de certeza por: - modalidade inferencial; - modalidade dubitativa	- *ru'u*: dubitativa; ocorre em interrogativas - *azeha romo*: "é certo que", "é verdade que" - *aipo*: inferencial; ocorre em interrogativas	***ru'u*** *aman ukir tar* DUB chover PROJ2 'Será que vai chover?' ***azeha romo*** *a-há ta Arame pe pihawe* 'Eu tenho certeza de que ele/esse vai jogar amanhã no Arame.' *u-kir* ***aipo*** 'Vai chover?'

Fonte: elaboração própria a partir de consulta a Silva (2010, p. 500-601).

Destacamos entre os morfemas a partícula desiderativa -*wer*, que analisamos nesta tese. No trabalho de Silva (2010), ela considera esse morfema associado a temas verbais, como agente habitual de um processo (habitativo), como podemos observar na glosa HAB4 alinhado a -*wer*. Para Silva (2010), é o verbo *putar* que expressa o desiderativo ou volitivo.

(36) *he* *Ø- puru'u* ***wer*** *mar* *za'u* *t-emi'u* *r-ehe*
1 1-comer **HAB4** INT5 INT4 R-NOM1-comer R-em.relação.a
'Eu tenho a habitual vontade de comer muito.'

(Silva, 2010, p. 550, grifo nosso)

Em relação à partícula *nehe* (37), que, geralmente, coocorre com -*wer* em nossos dados, Silva (2010) considera que o uso dessa partícula se trata de mais uma estratégia usada para expressar a modalidade intencional.

(37) *a'e* *t-ur* ***mehe*** ***nehe***
ele/esse 3-vir SUB INTEN
'Se ele/esse vier [nesse dia].'

(Silva, 2010, p. 568, grifo nosso)

Camargos, Castro e Tescari Neto (2019) compartilham da mesma análise de Silva (2010). Eles entendem *nehe* em (38) como modalidade eventiva de intencionalidade.

(38) a. *a-exak-putar* *amo* *he=r-emiriko-ràm* *i-katu-ahy-ma'e* *ihe* ***nehe***
1sg-ver-prox uma 1sg=rlt-esposa-fut 3-bom-ints-noml 1sg int
'Eu encontrarei uma boa esposa.'

b. *a-exak* *amo* *he=r-emiriko-ràm* *i-katu-ahy-ma'e* *ihe* ***nehe***
1sg-ver uma 1sg=rlt-esposa-fut 3-bom-ints-noml 1sg int
'Eu tenho a intenção de encontrar uma boa esposa.'

(Camargos; Castro; Tescari Neto, 2019, p. 836, grifo nosso)

No Capítulo 9, iremos tratar sobre o desiderativo -*wer* em coocorrência com a partícula *nehe.*

3 DA PESQUISA

Neste capítulo detalhamos todas as etapas que envolvem o percurso da pesquisa desenvolvida, passando pelas escolhas teórico-metodológicas, pelos primeiros contatos com a comunidade em estudo, pelo trabalho de campo propriamente dito e pelos processos para a análise do material colhido.

3.1 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: INTERFACES FUNCIONALISTAS

As orientações teórico-metodológicas que guiam este estudo inserem-se no polo funcionalista de abordagem da linguagem, cuja concepção de língua, de modo geral, segue uma visão interacionista, ao analisar os fatos da língua baseando-se não somente na forma linguística por si só, isto é, na estrutura em si, organizada em componentes linguísticos separados como a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. É um exemplo a sintaxe quando abordada por um polo como o formalista, que a entende um componente autônomo da linguagem humana, conforme defende Chomsky, considerado um dos principais nomes do formalismo. Na abordagem funcionalista da linguagem, aqueles componentes são considerados em interação na análise dos aspectos linguísticos, levando em conta, além da forma linguística, os fatores empíricos e pragmáticos que envolvem a língua. Nesse sentido, o contexto de comunicação é fundamental para estudar a língua em uso, em funcionamento.

A abordagem baseada no uso (*usage-based aprroaches to language*) de Bybee (2015, 2016) leva em conta diferentes fatores envolvidos no contexto de uso da língua para explicar os fenômenos linguísticos. De acordo com esse enfoque, nenhuma mudança linguística ocorre de forma isolada. Ela pode ser explicada, por exemplo, a partir da interação de diferentes componentes da linguagem, dos processos mentais ativados pelos usuários da língua durante a comunicação, da frequência de uso de determinadas construções.

Nesse sentido, uma mudança de ordem sintática não envolve somente a sintaxe, mas pode ser associada, também, a fatores pragmáticos, semânticos, entre outros. Essa perspectiva difere-se daquela da teoria gerativa de Chomsky, que considera a sintaxe um componente autônomo da linguagem humana, como dito anteriormente. Diferentemente da perspectiva gerativista:

> A visão alternativa "baseada no uso" seria a de que os usuários da língua podem lidar com as muitas gradações e variações encontradas nos dados de uso; cada construção ou grama tem suas próprias propriedades (fonológicas, morfossintáticas, pragmáticas

> e semânticas) que podem ser aprendidas com a experiência e essas propriedades podem mudar com o tempo (Bybee, 2015, p. 246–247, tradução nossa)[10].

Para Bybee (2015), a origem das inovações e mudanças linguísticas tem como agente não somente os usuários de uma única língua, mas, também, as causas externas, como o contato com outra(s) língua(s). A autora destaca que um contato que influencia na mudança linguística requer alto grau de bilinguismo. Por isso, é importante conhecer antes de tudo a dinâmica do contato e a situação de bilinguismo da comunidade em estudo.

Tratar sobre o bilinguismo envolve diferentes aspectos de ordem linguística e social. O levantamento sociolinguístico do tempo de contato entre as línguas, qual língua é mais usada pela maioria do grupo, os diferentes graus de bilinguismo entre os falantes e a frequência de uso de uma língua ou ambas entre os falantes bilíngues; esses são alguns dos pontos a serem investigados para chegar a uma dimensão social do bilinguismo e verificar a interferência de elementos linguísticos de uma língua na outra, determinando se podem (ou não) levar à mudança linguística.

No campo lexical, o fenômeno dos empréstimos não apresenta uma ameaça à mudança linguística, tendo em vista que não atinge a estrutura das línguas, enquanto a influência de uma língua na gramática de outra língua que está em contato, são mais suscetíveis à mudança. Bybee (2015) alerta que é preciso apresentar elementos que comprovem se a mudança linguística foi desencadeada por processos internos à própria língua ou de fato pela influência de uma outra língua, como é o caso do fenômeno de interferência de substrato, em que ocorre a influência da língua nativa do falante (sotaque, flexão verbal, entre outros) na língua de contato.

Para direcionar essa investigação, Bybee (2015, p. 249-250) apresenta alguns critérios metodológicos a partir de outros pesquisadores da área:

(i) observar se os fenômenos correspondem a uma variação ou mudança;

(ii) atestar um nível de bilinguismo suficiente no período de ocorrência da mudança;

(iii) comparar os dois sistemas linguísticos para observar se a língua de origem exibe alguma interferência;

(iv) considerar também uma explicação de ordem interna e a possibilidade de a mudança acontecer ou não sem a influência externa;

[10] "*The alternative 'usage-based' view would be that language users can cope with the many gradations and variations found in the usage data; each construction or gram has its own properties (phonological, morphosyntactic, pragmatic, and semantic) that can be learned from experience, and these properties can change over time*" (Bybee, 2015, p. 246-247).

(v) comparar as construções nas duas línguas para ver se ambas compartilham as mesmas propriedades;

(vi) estabelecer mecanismos cognitivos convincentes que ocorrem entre os falantes bilíngues para explicar as mudanças linguísticas induzidas pelo contato.

O tema central do nosso estudo, o contato linguístico entre o Guajajara e o português, com foco tanto nos aspectos sociolinguísticos quanto nos possíveis efeitos linguísticos do português na estrutura da variedade guajajara, requer uma abordagem teórico-metodológica abrangente, que dê conta de investigar e compreender a dinâmica do contato e os fenômenos linguísticos que possam provocar possíveis alterações em Guajajara.

Tendo isso em vista, os pontos anteriores levantados em Bybee (2015) levaram-nos a considerar em nosso estudo três principais fundamentações teóricas, que se correlacionam pela concepção de língua interacionista que as orienta. A saber, articulamos a (i) Sociolinguística, com foco na Linguística de Contato e na Sociologia Descritiva da Linguagem; a (ii) abordagem funcional-tipológica; e a (iii) Estrutura da Informação. Essas, de certa forma, contemplam muitos dos critérios metodológicos apresentados em Bybee (2015). Nos parágrafos seguintes apresentamos, brevemente, cada uma juntamente com os seus respectivos autores mobilizados no presente estudo.

A Sociolinguística é uma disciplina científica que compreende várias abordagens e correntes teóricas. Para este estudo mobilizamos as orientações da Sociologia da Linguagem de Fishman (1965, 1967, 1995), especificamente, a parte da Sociologia Descritiva da Linguagem, que trata sobre as atitudes linguísticas, que têm forte influência nas escolhas linguísticas dos falantes bilíngues no que optam por uma língua ou outra na comunidade de fala. No Capítulo 5 discutimos sobre essa corrente teórica juntamente com os resultados do questionário sociolinguístico.

A Linguística de Contato é uma área de estudos dentro da Sociolinguística que se dedica a investigar os fenômenos que ocorrem quando diferentes línguas ou variedades entram em contato em contextos de bilinguismo, multilinguismo, plurilinguismo, migração, entre outros.

A literatura também reconhece que a Linguística de contato tem uma relação íntima com a Linguística areal ou *sprachbund,* termo alemão introduzido por *Trubetzkoy* (Mori, 2017), cuja definição envolve um conjunto de línguas que apresentam características semelhantes nos aspectos: morfológicos, sintáticos, fonéticos e no vocabulário, desencadeadas, sobretudo, pelo contato areal entre as línguas faladas em uma mesma região, as quais vão se influenciando

mutuamente e desenvolvendo características próprias de um conjunto de línguas da mesma área linguística.

De modo geral, a Linguística de Contato se ocupa do estudo dos fenômenos linguísticos e sociais induzidos pelo contato linguístico, como empréstimos, interferências, *code-switching*, *code-mixing*, variação, mudança linguística, diglossia, entre outros. Nesse ponto, os estudos dessa área nos fornecem uma dimensão ampla dos aspectos macrossociais e microssociais envolvidos no contato e das suas implicações linguísticas, o que nos auxiliou a compreender a dinâmica do contato na comunidade Guajajara em estudo. Dentro desse campo de pesquisa, mobilizamos os seguintes autores: Weinreich (1953), considerado o precursor da área, Weinreich, Labov e Herzog (2006), Appel e Muysken (1987), Thomason (2001), Thomason e Kaufman (1988), Matras e Sakel (2007), Lieberson (1980), Gorter (1987), Treffers-Daller e Sakel (2012), Aikhenvald e Dixon (1999, 2007), entre outros.

Buscamos também outros temas correlacionados ao contato linguístico: língua, migração e revitalização em Báez (2009, 2014), Bohnemeyer *et al.* (2015) e Amaral, Báez e Labrada (2022), para ter uma visão mais abrangente dos efeitos da migração nas línguas em contato, bem como das contribuições para análise da atual configuração do dialeto guajajara em contato com o português no contexto urbano.

Por meio da abordagem funcional-tipológica, que estuda os padrões de variação/diferença de ordem estrutural nas línguas naturais, verificamos, mediante um estudo tipológico, se as propriedades gramaticais do Guajajara têm passado por algumas alterações e/ou mudanças na sua estrutura interna a partir do contato mais direto e intenso com o português, ou por outras motivações de ordem interna. Na prática, após a primeira etapa da pesquisa de campo, tendo as transcrições em Guajajara das primeiras narrativas com os participantes da nossa pesquisa, os dados linguísticos sinalizaram alguns aspectos diferentes do padrão Guajajara que eu conhecia um pouco, desde a minha pesquisa do mestrado (Barboza, 2015) desenvolvida sobre essa língua.

A partir disso, em dois estágios diferentes, fizemos um estudo comparativo destes aspectos: a ordem de palavras e as construções desiderativas com o morfema *-wer*. Fizemos um levantamento de registros dessas categorias em trabalhos realizados por outros pesquisadores que estudaram o Tenetehara (considerando as variedades Guajajara e Tembé) desde a década de 1970, com a finalidade de compará-los com os dados coletados na nossa atual pesquisa. Assim, os pontos (iii) e (v) citados de Bybee (2015) foram investigados em dois estágios diferentes e, posteriormente, foram observadas possíveis alterações em decorrência do contato com o português ou por fatores internos à própria língua indígena, o que contempla também o

ponto (iv). A descrição está fundamentada a partir de Comrie (1989), Dryer (1997), Croft (2000, 2003), Givón (2001), Greenberg (1966) e Hawkins (1983).

A estrutura da informação, considerada aqui a partir do estudo de Lambrecht (1994), é concebida como um componente da gramática que interpreta a forma como as sentenças são organizadas estruturalmente. Segundo ele, essa organização ocorre levando em consideração não só as regras gramaticais, mas também os aspectos semânticos e pragmáticos, bem como os estados mentais dos interlocutores no contexto do discurso, que influenciam como a informação é organizada e estruturada na sentença para atender às necessidades comunicativas do falante e do ouvinte.

Esse construto teórico-metodológico nos auxiliou na interpretação das estruturas linguísticas em Guajajara. Levando em conta o contexto discursivo das sentenças proferidas pelos participantes durante as narrativas coletadas, analisamos os mecanismos formais e as motivações pragmáticas envolvidos na ordem de palavras em Guajajara. Mobilizamos algumas categorias como tópico, foco entre outras que influenciam a forma como as sentenças são construídas. De maneira geral, a estrutura da informação envolve muitos dos mecanismos cognitivos que dialogam com o ponto (vi) citado de Bybee (2015).

Todas essas abordagens teóricas estão descritas no Capítulo 6 e foram mobilizadas nos diferentes capítulos em que constam os dados linguísticos (do Capítulo 5 ao Capítulo 9).

3.2 O PERCURSO DA PESQUISA: PRÉ-CAMPO

No trabalho que antecede a pesquisa de campo, etapas anteriores foram necessárias, como a apreciação ética da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Fizemos também um contato prévio com a comunidade em estudo, o qual será descrito a seguir.

Seguindo as normativas brasileiras sobre pesquisas com seres humanos e, especialmente, com populações indígenas, antes do início da coleta de dados, este trabalho foi submetido na Plataforma Brasil, aprovado pelo CEP/CHS e pela CONEP e registrado com o número CAAE:30644420.3.0000.8142 (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética). Posteriormente, houve o parecer favorável de mérito científico da pesquisa junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (ver Anexo D). Em seguida, foi solicitada a autorização da Funai para entrada na TI. Nesta última etapa, o processo não chegou a ser apreciado devido à suspensão da entrada de pesquisadores em TI em virtude da

pandemia de Covid-19, ocorrida a partir do dia 17 de março de 2020, conforme a Portaria nº 419/PRES 2020 (Brasil, 2020).

Quando da submissão do projeto de pesquisa para apreciação ética na Plataforma Brasil, o projeto inicialmente foi intitulado "Empréstimos linguísticos em Guajajara (Tupí)" e previa a realização da pesquisa na TI Guajajara, nas aldeias dos municípios de Barra do Corda (onde eu havia realizado a pesquisa de mestrado no período de 2013–2015) e Amarante (MA). Devido à suspensão de autorização da Funai para entrada em TI e a essa instituição não exigir autorização para realizar pesquisa com indígenas que moram fora das TIs, mudamos o *locus* de pesquisa para o aldeamento urbano na cidade de Imperatriz, onde residiam na época cerca de 24 famílias guajajara, com indígenas que falavam tanto sua língua materna (Guajajara) quanto o português, sendo o contato com a língua portuguesa ainda mais intenso por estarem no centro urbano.

A mudança de local de pesquisa não alterou em si a proposta original do projeto, pois continuamos investigando o mesmo tema (contato linguístico). Apenas o título anterior foi reformulado para se adequar ao novo *locus* de pesquisa: "O contato linguístico guajajara e português em contexto urbano em Imperatriz-MA". Ressaltamos que, mesmo a Funai não exigindo a autorização para pesquisas com indígenas na cidade, enviamos um *e-mail* para a Funai local (Coordenação Regional do Maranhão/Funai Imperatriz) para formalizar a pesquisa junto ao grupo de indígenas Guajajara que residia nessa cidade, a qual foi autorizada via processo nº 08620.002108/2007-26. Todos os documentos institucionais citados nesta seção constam anexados.

3.2.1 Primeiro contato com os Guajajara na cidade de Imperatriz

Meu primeiro contato com os Guajajara que se encontram morando na cidade de Imperatriz ocorreu no contexto de pandemia de Covid-19, quando eu estava à procura de algum Guajajara que falasse a língua materna e pudesse participar (de forma remota) da minha pesquisa para a elaboração do meu trabalho de qualificação de área, exigida pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp. As tentativas de realização desse trabalho de forma remota com os indígenas Guajajara das TIs que eu conhecia desde o período da pesquisa do mestrado ficaram inviáveis devido ao difícil acesso deles à *internet*, e de forma presencial a Funai não estava autorizando a minha entrada na TI, como dito na seção anterior.

Em conversa com um colega de Imperatriz que na época estava tentando mestrado em Sociologia na UFMA (Universidade Federal do Maranhão), ele informou que havia um

grupo de indígenas Guajajara morando na cidade, em uma área conhecida como chácara localizada em um bairro periférico da cidade, e que seu projeto de mestrado tinha como objeto de estudo esses indígenas. Até então, mesmo eu tendo sido criada em Imperatriz e morado por tantos anos nessa cidade (até 2015), eu não sabia que um grupo de Guajajara estava morando em Imperatriz. A partir de então, planejei minha viagem de Campinas (São Paulo) para Imperatriz, onde mora a minha família, para tentar contato com esses indígenas e viabilizar a coleta de dados para o trabalho de qualificação de área.

No dia 11 de janeiro de 2021, fui até a Funai de Imperatriz me apresentar e solicitar contato com esses indígenas. Enquanto estava no pátio da Funai à espera da servidora com quem havia agendado atendimento, o Cacique HG[11] chegou e ali mesmo nos conhecemos. Eu perguntei se ele era Guajajara e ele respondeu que sim. Conversamos enquanto eu aguardava a servidora. Apresentei-me a ele, disse de onde estava vindo, dos meus estudos e que estava à procura de um falante Guajajara para me ajudar na pesquisa. Ele logo começou a falar em sua língua materna e disse que outras pessoas no aldeamento também falavam a língua.

Quando a servidora chegou, apresentei a proposta de minha pesquisa na sala dela junto com o Cacique. O Cacique mostrou-se bem receptivo em ajudar-me e logo nesse dia ele me convidou para visitar seu aldeamento e disse que lá teria mais gente que falava a língua para me ajudar com a pesquisa. Chegamos na aldeia perto do horário do almoço, por volta de 11h. Ele me apresentou à sua esposa, Dona JLOG, e às mulheres que estavam reunidas lavando roupas. Sua esposa perguntou se eu comia "comida de índio". Eu respondi que comia tudo. Almoçamos um frango ao molho e arroz. Depois ele expôs todo seu artesanato em um varal para me mostrar.

O Cacique foi aos poucos me falando de sua luta na cidade, desde quando veio da aldeia do Grajaú. Seu olhar para mim naquele momento era um olhar de esperança. Viu-me não somente como pesquisadora, mas como alguém que poderia ajudá-lo, ajudar seu povo na língua e cultura e em outras demandas. Lembro da forma como ele me apresentou à sua esposa: "mulher, essa aqui é a Tereza, faz pesquisa, ela vai ajudar nós". Senti a leveza de sua gentileza ao me apresentar com tamanho carinho. Entretanto, ao mesmo tempo, senti a força de suas palavras e a grande expectativa gerada em mim a partir daquele primeiro encontro.

Essa expectativa dos indígenas parece ser comum em boa parte das comunidades com que eu tive a oportunidade de trabalhar. Eles veem no pesquisador não apenas um sujeito que vai coletar dados de sua língua e seu povo, mas como um sujeito que vai trazer de alguma

[11] Em virtude de questões éticas, colocamos apenas as iniciais dos nomes das pessoas citadas neste trabalho.

forma benefícios para a comunidade por meio da pesquisa ou de outras formas. De fato, é compreensível tal expectativa, pois não seria esse o modelo de pesquisa ideal? A pesquisa-ação? Por ora, deixo em aberto o tópico levantado pelo Cacique, mas, em outra subseção (ver 4.2.2), voltarei a dar continuidade a ele, abordando os desdobramentos desse pedido de ajuda do Cacique.

Voltando para o meu primeiro encontro com os Guajajara na cidade, após o almoço fui conhecendo mais indígenas, entre eles, o outro Cacique, ELOG, que foi professor bilíngue quando morava na sua aldeia de origem. Ele disse que poderia me ajudar com a pesquisa, disse-me que falava e escrevia no dialeto guajajara e pediu para que eu voltasse no dia seguinte pela manhã, que ele iria me ajudar. No dia 12 de janeiro de 2021, comecei a coleta de dados com ele.

Meu período em campo durou cerca de um mês nesse primeiro contato (de janeiro a fevereiro de 2021). Com esses indígenas, eu pude não somente realizar a coleta de dados para a elaboração do meu trabalho de qualificação de área, mas também criar laços com essa comunidade a cada dia que ia ao aldeamento. Pude observar as dificuldades que eles enfrentam diariamente, com condições tão precárias de sobrevivência. No local, que é uma antiga área da Funai, não há banheiros, saneamento básico, água encanada, as moradias são extremamente precárias, muitas construídas com lonas e restos de compensados. Visualizar todas essas condições de vida fez com que eu me envolvesse com essa comunidade para além da "finalidade" da minha pesquisa, como será relatado em 4.2.2.

Após o término da coleta de dados, retornei para Campinas para dar continuidade à escrita do texto de qualificação de área. Enquanto isso, aguardava a Funai de Brasília autorizar minha entrada em TI, nas aldeias de Barra do Corda e Amarante, para começar de fato a pesquisa de campo para a tese de doutorado. No entanto, devido à situação de pandemia que ainda continuava no Brasil e no mundo, a suspensão da entrada de pesquisador em TI continuava, pois, segundo a Funai, mesmo eu estando vacinada, eles não poderiam prever os riscos para os participantes da pesquisa.

Diante desse cenário e do contato que já havia estabelecido com os Guajajara na cidade, entrei em contato (via telefone) novamente com o Cacique H.G, para ver a possibilidade de realizar minha pesquisa com eles na cidade. Ele autorizou, então, mudei o *locus* de pesquisa para o aldeamento urbano e comecei o trabalho de campo para esta tese em novembro de 2021.

3.3 MÉTODOS APLICADOS NA PESQUISA

Para definirmos este estudo dentro de uma abordagem qualitativa, levamos em conta alguns critérios já consolidados nos manuais de métodos em Ciências Sociais (Somekh; Lewin, 2005) aos quais se adéqua a área dos estudos linguísticos. Para começar, consideramos o desenho da pesquisa delimitando como ponto de partida, primeiramente, nossas perguntas de pesquisa. Em seguida, levamos em conta os objetivos, os métodos de coleta de dados, a população (amostra) e a base teórica. Repetimos aqui as perguntas de pesquisa que guiaram nossa investigação dentro do tema em estudo nesta tese:

a) Quais os impactos da migração na vitalidade da língua no uso, na manutenção, nas atitudes e na transmissão para as novas gerações?

b) Como ficam os domínios de usos do dialeto Guajajara em coocorrência ou concorrência com a língua portuguesa na cidade?

c) Quais mudanças linguísticas podem ser atribuídas ao contato mais intenso com o português, especialmente em aspectos estruturais do Guajajara, como ordem básica de palavras, marcadores de pessoa e construções desiderativas?

d) A alteração na ordem básica de palavras no Guajajara (OV/VO) reflete um processo de reestruturação interna da língua ou é resultado direto da interferência do português?

e) Quais mudanças nos sistemas de marcação de pessoa nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo podem ser identificadas e como essas mudanças se relacionam com o contato com o português ou a inovação interna?

f) Como as construções desiderativas envolvendo o morfema *-wer* têm sido reinterpretadas ou expandidas no Guajajara no contexto urbano?

Pensar em como responder a essas questões nos leva a outros componentes da pesquisa, como os instrumentos e os procedimentos de coleta de dados, a validação dos dados e outros elementos. Dito de outra forma, é a partir das perguntas de pesquisa que os outros componentes vão costurando-se, criando uma coesão, interagindo entre si (Sobo; De Munck, 1998). Especificamente, dentro dos métodos de pesquisa em Sociolinguística nos quais esta pesquisa se insere, Johnstone (2000) mostra um contraste entre a Sociolinguística quantitativa e a Sociolinguística qualitativa a partir do tipo de procedimento utilizado para responder às perguntas de pesquisa.

> se as questões de pesquisa são respondidas por meio de procedimentos relativamente mecânicos (contagem, cálculo de médias, realização de testes estatísticos para ver quais fatores variam sistematicamente juntos ou como resultados prováveis devem ser

> aleatórios) **ou relativamente não mecânicos (perguntar às pessoas sobre as coisas, observar, ouvir)** (Johnstone, 2000, p. 36, tradução nossa, grifo nosso)[12].

Outros autores não têm destacado tanto essa divisão entre métodos quantitativos *versus* qualitativos. "Tipos de dados qualitativos e quantitativos [...] com base no tipo de dados começam a desaparecer quando consideramos que categorizar qualquer item envolve fazer distinções qualitativas" (Sobo; De Munck, 1998, p. 18). Nessa perspectiva, não há um método puramente quantitativo ou puramente qualitativo. Ambos se complementam.

No entanto, consideramos que de fato há um conjunto de fatores no desenho da pesquisa que pode caracterizá-la como uma abordagem mais qualitativa do que quantitativa. Em nosso estudo, por exemplo, fizemos pesquisa de campo na qual coletamos dados de 10 participantes, uma amostra pequena. Isso traz à nossa pesquisa um cunho mais qualitativo, mais especificamente, colocando-a dentro da Sociolinguística qualitativa, por não ter um número grande de participantes e consequentemente ter um menor número de dados em comparação com uma abordagem quantitativa.

Olhando para nossas perguntas de pesquisa, consideramos como o caminho mais propício para respondê-las o da etnografia, tomando como instrumentos de pesquisa para coleta de dados um roteiro de questões estruturado e um diário de campo para registro de observação participante. Seguindo uma abordagem baseada no uso (Bybee, 2015), nos estudos de contato linguístico, fizemos também a gravação de eventos de fala natural dos indígenas em diferentes contextos de comunicação para obter dados orais que pudessem capturar possíveis fenômenos linguísticos em Guajajara induzidos pelo contato com o português. Realizamos ainda a elicitação de dados por meio de questionários linguísticos. Explicaremos com mais detalhes os procedimentos metodológicos e os usos de cada instrumento nas próximas subseções.

3.3.1 Métodos e metodologias de pesquisas no trabalho de campo em Linguística

O método aplicado nesta pesquisa é do trabalho em Linguística de campo, baseado em Samarin (1967) e Chelliah (2014), com técnicas específicas para coleta de dados linguísticos: sentenças elicitadas, aplicação de questionários linguísticos, entrevistas, gravação de narrativas tradicionais dos indígenas e eventos de fala espontânea em Guajajara e português,

[12] "*whether research questions are answered via relatively mechanical procedures (counting, calculating averages, performing statistical tests to see which factors vary systematically together or howlikely results are to be random) or relatively nonmechanical ones (asking people about things, watching, listening)*" (Johnstone, 2000, p. 36).

bem como métodos etnográficos, a partir das orientações de Angrosino (2009), pautados em observações participantes com registros em diário de campo.

Com base em Bybee (2015), utilizamos a abordagem baseada no uso da língua (*usage-based approaches to language*), interessada em observar os fenômenos linguísticos que emergem da língua em uso. Nesse sentido, fizemos a gravação e observação de eventos de fala dos indígenas em contexto de fala mais espontânea, como diálogos entre mãe e filhos; avós e netos; entre marido e mulher; em atendimento de telefonema; e sobre temas da cultura (festas tradicionais e artesanatos).

A partir dessas gravações, fizemos as transcrições dos dados de fala e selecionamos os aspectos estruturais da língua que mais sinalizavam para uma possível alteração na variedade guajajara: a ordem dos constituintes (VO/OV), principalmente nas orações dependentes. Observamos, ainda, o uso do morfema desiderativo *-wer* em construções transitivas sem redução de valência por meio do processo de antipassivização, até então, mais comum em construções com verbos intransitivos, conforme demonstrou Castro (2021) em estudo anterior.

Para aprofundar mais a investigação sobre possíveis alterações, inovações e/ou mudanças de ordem estrutural nesses dois aspectos, utilizamos o princípio metodológico da replicabilidade, conforme orientam Sobo e De Munck (1998), que consiste em replicar os mesmos métodos utilizados pelos linguistas que já estudaram determinada língua e verificar se os resultados serão os mesmos desses autores.

Seguindo essa linha, tomamos como ponto de partida o conjunto de dados de trabalhos anteriores relacionados aos dois aspectos estruturais do Tenetehara citados anteriormente (Harrison, 1986, 1995; Bendor-Samuel, 1972; Duarte, 2005, 2007; Castro, 2021) e replicamos[13] os mesmos tipos de sentenças listados nesses trabalhos, para comparar com como estão tais aspectos nessa língua atualmente (nas seções 7.1 a 7.2 consta toda a descrição comparativa entre esses autores e os nossos resultados). A partir desses procedimentos de pesquisa, visamos diagnosticar uma possível inovação tipológica entre OV ~ VO nessa língua e/ou se há duas variantes coocorrendo, ou concorrendo, no sistema do Tenetehara, bem como alterações e/ou mudanças em outros aspectos estruturais dessa língua.

O desenvolvimento da pesquisa de campo compreende ao todo cinco etapas. Em cada uma, usamos diferentes instrumentos de coleta de dados: (i) questionário sociolinguístico; (ii) gravações de eventos de fala dos indígenas, com transcrições tanto na língua materna quanto

[13] Em algumas sentenças fizemos adaptações, como uso de nomes de sujeitos, objetos e animais que fazem parte do contexto dos participantes. Nos dados de Harrison (1986) e Bendor-Samuel (1972), fizemos a tradução do inglês para o português.

em português, sobre temas da cultura Guajajara; gravações de eventos de fala espontânea dos participantes da pesquisa com outros indígenas conversando em Guajajara, como diálogos entre marido e mulher, mãe e filhos, avós e netos e em atendimento de telefonema; (iii) elicitação de dados via questionários linguísticos; (iv) coleta de narrativas orais a partir de imagens e transcrição em Guajajara e em português; (v) observação participante com registros em diário de campo.

Nas seções seguintes descreveremos com mais detalhes como foi a metodologia aplicada em cada uma das etapas (i) e (iii). Toda a primeira e toda a segunda etapa da coleta foram realizadas no aldeamento Parque Amazonas, em Imperatriz. Na terceira etapa[14], de elicitação de dados, o questionário linguístico foi utilizado com um participante da 1ª geração (71 anos), do sexo masculino, no aldeamento e com uma participante da 2ª geração (46 anos), do sexo feminino, no alojamento da Funai, naquela mesma cidade. No terceiro e último trabalho de campo, realizado em julho de 2023, tive que me deslocar entre as cidades de Imperatriz e Amarante devido ao retorno de alguns participantes da pesquisa para a TI após um conflito interno no aldeamento e uma nova separação do grupo.

No geral, fiz três trabalhos de campo para esta tese, entre os anos de 2021–2023. O primeiro foi feito entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022, no qual realizei as etapas (i) e (ii) descritas anteriormente e algumas transcrições das gravações dos eventos de fala. No segundo trabalho, permaneci em campo por 10 dias (de 8 a 17 de setembro de 2022) para realizar a etapa (iii) descrita antes. No terceiro e último trabalho de campo, no período de 18 a 31 de julho de 2023, realizei a etapa (iv) e fiz algumas elicitações de revisão de outros materiais transcritos anteriormente. Dentre esses trabalhos, além de centenas de frases elicitadas, foram gerados a partir das gravações 17 textos orais, que foram transcritos em Guajajara e português, e constituem as fontes de dados para a análise da atual configuração linguística do Guajajara.

Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram um gravador TASCAM, modelo DR-05X, e dois celulares, um modelo Moto G7 e um Iphone 12, para os registros de áudio e fotografia, diário de campo e caderneta de campo. Os questionários sociolinguísticos e as gravações de eventos de fala foram transcritos no programa ELAN (Eudico Language Annotator, versão 6.5). Os áudios em Guajajara foram transcritos em Guajajara e em português, com auxílio de dois falantes bilíngues em Guajajara e português, o Cacique ELOG, que foi

[14] Nesta terceira etapa, não foi possível fazer a elicitação com os 10 participantes da pesquisa, porque metade dos indígenas retornou para a TI (no Capítulo 4, irei abordar o retorno desse grupo para as aldeias). Ficou somente 1 participante entre os 10 que eu havia selecionado desde o início da pesquisa. A coleta com a falante do gênero feminino, da 2ª geração, só foi possível porque ela estava na cidade resolvendo questões burocráticas na Funai e no banco.

professor bilíngue quando morava na TI e que também foi participante da pesquisa, e o N, que me auxiliou na última pesquisa de campo em Amarante.

3.4 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Consideramos os seguintes critérios para seleção dos participantes:

a) Sexo: homem e mulher;

b) Faixa etária: 1ª geração (50 anos ou mais), 2ª geração (31–49) e 3ª geração (18–30);

c) Domínio da(s) língua(s): falantes monolíngues em Guajajara e/ou bilíngues em Guajajara e português.

Em campo conseguimos selecionar dez participantes bilíngues em Guajajara e português (pois a maioria da comunidade que mora no aldeamento não fala a língua materna), sendo quatro do sexo masculino e seis do sexo feminino, distribuídos em cada uma das três faixas etárias (dois homens da 1ª geração; três mulheres e um homem da 2ª geração; três mulheres e um homem da terceira geração). Não havia nenhum morador monolíngue em Guajajara. Procuramos, entre os dez participantes, atores sociais que pudessem refletir uma representatividade da comunidade.

Destacamos que, por questões éticas, colocamos apenas as iniciais dos nomes dos participantes, conforme relação a seguir: duas lideranças da aldeia, que são os dois Caciques, o Cacique mais velho, ELOG, e o Cacique mais novo, HG; selecionamos também a esposa de cada Cacique para ter uma representatividade feminina da comunidade, a Senhora JLG (esposa do Cacique ELOG) e a Senhora JLOG (esposa do Cacique HG).

O critério de faixa etária por geração é importante para verificarmos se essa variável pode se destacar nos diferentes graus de contato com o português e indicar uma possível taxa e direção da mudança da língua indígena entre as diferentes gerações. Observamos também se há graus diferenciados de influência do português em Guajajara entre os falantes dos dois sexos.

O Quadro 8 a seguir representa o perfil dos participantes e contém o período em que cada um estava até então morando na cidade. Esse universo de participantes representa o perfil dos moradores do aldeamento urbano: um grupo de migração recente e um outro grupo de migração mais antiga. Ao longo deste trabalho, verificamos se esse fator relacionado ao tempo que estão no contexto urbano reflete alguma implicância nos aspectos linguísticos.

Quadro 8 – Perfil dos participantes da pesquisa

Part.	**G**	**Idade**	**S**	**Escolaridade**	**Ocupação**	**Aldeia/local de origem no MA**	**TI/Cidade**	**Tempo Morando na Cidade**	**Domínio G e P**
HG	1ª	60	M	Analfabeto	Cacique	Aldeia Canudal (Amarante do Maranhão)	Araribóia	5 anos	+ G - P
AOSG	3ª	26	F	Fundamental Incompleto	Dona de casa	Imperatriz	Imperatriz	3 anos	- G + P
NSCG	3ª	18	F	Fundamental Incompleto	Dona de casa	Aldeia Barreiro (Amarante do Maranhão)	Araribóia	2 anos	+ G - P
JLOG	2ª	46	F	Analfabeto	Artesã e dona de casa	Aldeia Ipú (Grajaú)	Bacurizinho	+ de 10 anos	+ G + P
ELOG	1ª	71	M	Ensino Médio Completo	Cacique	Aldeia Ipú (Grajaú)	Bacurizinho	+ de 10 anos	+ G + P
VORG	3ª	21	F	Fundamental Incompleto	Dona de casa	Grajaú	Cidade Grajaú	+ de 10 anos	+ G + P
IPOG	2ª	40	F	Analfabeto	Dona de casa	Aldeia Araruna (Amarante)	Araribóia	3 anos	+ G + P
ESSG	2ª	30	M	Ensino Médio Completo	Ajudante de serviço	Aldeia Bacurizinho (Grajaú)	Araribóia	8 anos	- G + P
JLG	2ª	45	F	Fundamental Incompleto	Dona de casa	Aldeia Ipú (Grajaú)	Bacurizinho	+ de 10 anos	+ G + P
EBSG	2ª	38	M	Ensino Médio Completo	Ajudante de serviço	Aldeia Colônia (Barra do Corda)	Nasceu na aldeia Colônia (TI Cana Brava); atualmente a família vive na TI Araribóia	+ de 10 anos	- G + P

Fonte: elaboração própria.
Legenda: Part., participante; G, geração; S, sexo; + G, mais guajajara; - G, menos guajajara; + P, mais português; - P, menos português.

3.5 ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR O PARADOXO DO OBSERVADOR

Nos primeiros momentos em que se iniciam as perguntas para o participante, pode haver certa expectativa por parte do participante, devido ao contexto monitorado pela presença do pesquisador e do gravador. Esse contexto resulta no paradoxo do observador, termo cunhado por Labov (1972), podendo acarretar o uso de uma linguagem monitorada na elaboração de respostas mais "impressionantes", visando agradar o pesquisador.

Levando em conta esse problema, seguimos uma das orientações metodológicas de Gorter (1987, p. 5) para investigar o uso atual da(s) língua(s) em diferentes domínios: atentar-se para o comportamento relatado sobre a língua *versus* o comportamento observado. Esse é um ponto frágil nas pesquisas sobre a situação de línguas, devido aos problemas de

confiabilidade e validade dos dados, pois não dá para se medir a real situação da língua somente com as respostas dos participantes.

O autor aponta como caminho para tentar minimizar os referidos problemas verificar a consistência das respostas dadas. Na prática seria repetir algumas perguntas para verificar a consistência das respostas. Assim, repetimos no roteiro as questões mais importantes a serem respondidas entre nossas perguntas de pesquisa voltadas para o diagnóstico da situação sociolinguística dos Guajajara na cidade. As repetições seguiram formato diferente entre si, sendo usadas outra linguagem e outras diferentes categorias de resposta para confirmar se a resposta do(a) participante permaneceria a mesma ao longo de todo o tempo da realização das perguntas.

Apesar de o questionário sociolinguístico ser um importante instrumento de pesquisa, ele não é suficiente para fecharmos conclusões somente a partir das respostas dos participantes. Nesse sentido, a técnica de observação participante com registros em diário de campo nos permitiu complementar os dados dos questionários presenciando em *locus* os reais usos da língua indígena e da portuguesa em diferentes domínios (familiar, social) e em diferentes contextos de comunicação, como em atendimento de telefonema, visitas de pessoas de fora da aldeia, atividades domésticas (lavando roupas, cozinhando, tirando gordura para fazer sabão), brincadeiras, lazer, entre outros, buscando ora complementar os dados, ora contrastar o observado com os dados obtidos por meio dos questionários.

Na próxima seção, vamos esclarecer melhor como utilizamos as orientações dos autores citados anteriormente para a construção do roteiro de perguntas e a observação participante com registros no diário de campo.

3.6 DOS QUESTIONÁRIOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Como dito anteriormente, seguimos especialmente as orientações teórico-metodológicas de Lieberson (1980) e Gorter (1987) sobre pesquisas sociolinguísticas de manutenção e mudança linguística em contexto bilíngue[15]. Esses autores têm se preocupado com os métodos de levantamento de pesquisas que envolvem essa temática e pontuado algumas técnicas para tentar solucionar determinados problemas encontrados nas pesquisas de campo, de modo a conferir maior qualidade nas pesquisas, bem como a confiabilidade dos dados.

[15] As pesquisas de Gorter (1987) tratam sobre a manutenção e mudança linguística em contexto bilíngue envolvendo a língua frísia e o holandês, frísio-holandês. O autor se refere à mudança no uso e na transmissão da língua materna frision (língua minoritária) para o holandês (língua majoritária).

Nesse sentido, seguimos essas orientações metodológicas para a elaboração de instrumentos de pesquisa como o questionário sociolinguístico, no qual usamos algumas das questões levantadas por esses autores para fazer um apanhado geral da situação sociolinguística dos Guajajara migrantes da aldeia para a cidade.

3.6.1 Roteiro dos questionários sociolinguísticos individuais

Levando em conta as técnicas sugeridas em Gorter (1987), elaboramos um roteiro de questionário sociolinguístico estruturado subdividido em três temas diferentes, que serão detalhados mais adiante: língua *background*; migração; proficiência, uso e atitudes linguísticas. Além disso, utilizamos uma ficha para registrar o uso linguístico no núcleo familiar guajajara, o que auxiliou na aplicação do questionário e na realização da observação participante

Como dito anteriormente, muitas questões se repetem em formato diferente e, às vezes, acrescentamos mais categorias de resposta, para verificarmos a consistência nas respostas dos participantes. Usamos as perguntas repetidas dentro do mesmo bloco de questões para determinado tema e, às vezes, repetimos as perguntas dentro de um bloco com outro tema. Por exemplo, o último bloco de questões, sobre o uso linguístico no núcleo familiar Guajajara, repete algumas questões já encontradas no bloco do tema 1 (língua *background*), em que constam questões específicas sobre a(s) língua(s) falada(s) por diferentes gerações da família do participante (avós, pais, filhos, netos).

Com essa estratégia, o roteiro utilizado na íntegra (ver Apêndice C) ficou um pouco longo, constando inclusive questões aleatórias que não eram tão importantes para fornecer elementos para a nossa análise. Tudo isso para tentar ao máximo não enviesar os dados. Para evitar o cansaço do participante, alguns questionários foram aplicados em dois momentos diferentes. A maioria das questões do roteiro foi adaptada de Gorter (1987) e Oliveira (2019) e outra parte foi acrescentada por nós, considerando a realidade de nossos sujeitos de pesquisa. O roteiro do questionário sociolinguístico foi dividido nos seguintes temas:

a) Língua *background*

As perguntas sobre língua *background* foram voltadas para verificar as mudanças intergeracionais no uso e na transmissão da língua materna. As questões contemplavam perguntas tanto sobre a primeira língua dos participantes quanto sobre a primeira língua de outras gerações da sua família: de seus pais, seus avós, filhos e netos, se possível, e do cônjuge.

Para analisar esses resultados, foi importante cruzar os dados sobre características da língua dos pais com os dados sobre características da língua de seus filhos, a fim de avaliar a direção da mudança linguística entre as diferentes gerações. Nas questões voltadas para esse tópico, foram feitas perguntas sobre casamentos homogêneos (entre indígenas) e mistos (indígenas com não indígenas) e sobre qual(is) a(s) língua(s) usada(s) nesse relacionamento. Perguntas sobre a transmissão da língua materna entre pais e filhos serviram para verificar se essa transmissão estava a favor da língua indígena ou da língua portuguesa.

b) Migração

Neste tema incluímos questões que visavam obter uma contextualização sobre as motivações envolvidas na migração dos Guajajara da TI para a cidade de Imperatriz e a situação de contato com não indígenas nesse espaço. Buscamos detalhes também sobre o padrão de migração desse povo perguntando, por exemplo, o número de vezes que o participante mudou nos últimos 10 anos, para verificar se havia migração permanente *versus* um padrão de migração/deslocamento de retorno e reemigração. Lieberson (1980) corrobora a importância dessa questão para os pesquisadores determinarem há quanto tempo os participantes estão morando no local atual e como isso pode implicar aspectos linguísticos nas línguas/variedades em contato.

A migração e/ou o deslocamento dos indígenas para viver na cidade pode ser um dos principais fatores sociais que influenciam na mudança linguística. Por isso, incluímos no roteiro perguntas sobre que língua(s) o participante falava quando morava em sua aldeia de origem e que buscavam saber se, quando o participante veio para a cidade, ele já sabia falar português.

É oportuno destacar que, além da migração, pode haver outros fatores que motivam a atual situação da língua indígena na cidade, tendo em vista que, em muitas aldeias Guajajara, o português já era falado, como vimos no capítulo anterior. Sendo assim, antes mesmo de eles migrarem para a cidade, havia um contato com essa língua. A vivência na cidade só intensifica um contato mais direto e contínuo.

c) Proficiência, uso e atitudes linguísticas

As questões relacionadas aos usos das línguas, à transmissão da língua materna e à proficiência foram avaliadas por meio das respostas dadas no questionário e por meio da observação participante em campo, de modo a contrastar ou confirmar o relato em relação ao

comportamento verificado; isto é, confrontar o que foi respondido pelos participantes e o que se observou de fato em sua relação cotidiana com o uso das duas línguas em contato.

Com essas questões aliadas à observação participante, esperamos descrever o atual quadro da situação sociolinguística do dialeto guajajara em contato com o português no centro urbano, para verificar os usos e a transmissão intergeracional da língua materna fora das aldeias de origem. As respostas a tais questões poderão evidenciar não apenas a situação linguística do Guajajara no contexto urbano de Imperatriz, mas também poderão explicar possíveis mudanças e/ou alterações na estrutura da língua materna, induzidas pelo contato intenso com o português. Tendo em vista que as pesquisas voltadas para as mudanças estruturais de uma língua (Weinreich, 1953; Thomason, 2001; Bybee, 2015) interessam-se não apenas pelos fatos linguísticos atuantes nessas mudanças. Os fatos socioculturais e históricos, entre eles, a migração, são de fundamental importância para investigar e compreender a dinâmica do contato.

3.6.2 Aplicação dos questionários sociolinguísticos

Antes de começar a aplicação do questionário com cada participante, fizemos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a coleta da assinatura do participante (Apêndice D). A aplicação de cada questionário durou em média uma hora. Dependendo do perfil do participante, demorou mais tempo, pois em muitos tópicos os participantes mais velhos detalhavam em pormenores alguns fatos, principalmente sobre a migração e a ocupação da área em que vivem na cidade. Todas as perguntas aos participantes e suas respostas foram gravadas em áudio.

Durante a realização do questionário sociolinguístico junto aos indígenas, fiz anotações paralelas no diário de campo sobre alguns pontos que considerei relevantes para o tema da pesquisa, principalmente, sobre o comportamento que observei nos usos das línguas pelos participantes e por outras pessoas do aldeamento. Por exemplo, em momentos em que o participante era interrompido por alguém da aldeia ou de fora da aldeia fazendo alguma pergunta e ele usava determinada língua para responder. Em outras ocasiões, anotava sobre os sentimentos expressos pelo participante ao responder determinadas perguntas; quando mostrava indignação, mágoa, alegria. A pergunta sobre que língua o participante usa quando está namorando sempre causava muitos risos e eu percebia, nesse momento, que a linguagem deles fluía em um contexto mais natural, menos monitorado.

3.7 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE (ETNOGRAFIA)

"A observação etnográfica [...] é feita em campo, em cenários de vida real. O observador tem assim, em maior ou menor grau, um envolvimento com aquilo que está observando" (Angrosino, 2009, p. 74). A pesquisa etnográfica é fundamentada numa observação regular. Por isso, o universo pesquisado na comunidade Guajajara possibilita observar os fenômenos linguísticos em Guajajara advindos do contato com o português em diferentes eventos de fala e domínios linguísticos. O trabalho de campo oferece, em alguns momentos, a oportunidade de presenciar eventos de fala em que os participantes se encontram em contextos menos monitorados. É diante dessa situação que procuramos obter dados mais precisos sobre a influência do português no Guajajara.

A observação participante com registro em diário de campo é um outro instrumento importante para registrar o comportamento observado nos usos das línguas em diferentes domínios e contextos. Na prática, observamos no cotidiano do aldeamento qual língua que o falante usa em diferentes contextos, quando recebe uma visita de um parente guajajara de outra aldeia ou um indígena de outra etnia, quando está conversando com os amigos da aldeia que também falam Guajajara, quando se dirige aos pais, aos avós, aos filhos, ao cônjuge, quando atende ao telefone, quando conversa no WhatsApp*,* quando está no domínio familiar durante as refeições e em muitas outras situações.

A minha observação participante no aldeamento Parque Amazonas, na maioria das vezes, durava o dia todo ou então uma manhã ou uma tarde. Quando passava o dia, almoçava geralmente junto com a família do Cacique HG. Às vezes, os encontros agendados com algum participante não aconteciam na data marcada, devido a imprevistos. Mesmo assim, passava um certo tempo no aldeamento conversando e vendo as crianças brincarem.

As crianças usavam sempre o português durante as brincadeiras. Só usavam o Guajajara para falar a palavra *zawara* ("cachorro"). Quando esse animal estava perto delas atrapalhando as brincadeiras, elas falavam "sai daqui, *zawara*". Muitas vezes, no início do meu primeiro contato com a comunidade, era com as crianças que eu passava boa parte do tempo. Foi a partir dessa relação com elas que aos poucos seus pais e o restante da comunidade foram dando-me mais abertura a diálogos e criando uma relação mais próxima.

Estar presente no aldeamento, mesmo nos dias em que não dava certo realizar a aplicação de um questionário, deu-me a oportunidade de observar tanto os comportamentos linguísticos dos participantes da pesquisa quanto de outras pessoas de fora do aldeamento. Presenciei momentos de visitas de outros indígenas Guajajara que moram na TI. Nesses

momentos, boa parte das conversas entre eles se dava nas duas línguas quando o diálogo era entre os mais velhos (1ª e 2ª geração).

3.8 GRAVAÇÕES DE EVENTOS DE FALA

Solicitamos dos indígenas (via TCLE) a autorização para fazer gravações de eventos de fala deles em momento de interação no aldeamento com os demais indígenas ou não indígenas, tanto na língua materna quanto em português. Essas gravações incluem diálogos entre marido e mulher; mãe e filhos; avós e netos; em atendimento de telefonema; e em conversas no WhatsApp. Para esses tipos de diálogo mais espontâneos, informei aos participantes que deixaria o gravador ligado[16] para registrar as interações entre eles.

Gravamos também narrativas sobre temas da cultura guajajara, tais como a Festa do Moqueado e o artesanato. O objetivo com esse tipo de coleta era obter dados de fala em situação menos monitorada, a fim de capturar a(s) língua(s) em uso em contexto mais natural, no intuito de observar possíveis fenômenos linguísticos advindos do contato com o português.

3.9 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Fizemos a triangulação das três fontes de dados coletados, questionário sociolinguístico, observações participantes e contextos de fala oral, com a finalidade de verificar se elas convergiam, se chegavam ao mesmo resultado. A partir dos dados desses questionários, elaboramos tabelas dinâmicas no Excel, que permitem fazer uma tabulação cruzada das respostas entre diferentes variáveis (sexo, geração etc.). Tabelas desse tipo permitem, ainda, cruzar as respostas de duas ou mais questões para compará-las.

As tabelas dinâmicas possibilitaram cruzar as características das línguas dos pais usadas com seus filhos e com outras gerações da família dos participantes, como seus avós maternos e paternos, a fim de estimar a taxa e a direção de uma possível mudança linguística entre diferentes gerações. As respostas dos questionários foram acompanhadas de notas da observação participante, para confirmar, contrastar ou complementar o que fora relatado nas respostas com o comportamento (usos das línguas) observado em campo.

[16] Em meus trabalhos de campo, sempre usava uma pochete para guardar o gravador e facilitar o acesso rápido a esse aparelho, especialmente nesses momentos de registro de fala espontânea. Usava também uma caderneta de bolso, a qual também guardava na pochete, juntamente com uma caneta para fazer anotações rápidas de novas palavras na língua que ia aprendendo, nomes de novos moradores ou visitantes que ia conhecendo, entre outros registros importantes para a pesquisa.

3.9.1 Transcrições linguísticas das narrativas orais em Guajajara

Nas transcrições das narrativas orais que coletamos junto aos indígenas Guajajara participantes de nossa pesquisa, utilizamos a transcrição ortográfica baseada nas convenções de escrita da língua Tenetehara elaboradas por Duarte (2009, p. 11). Ressaltamos que, para os exemplos em Tenetehara que utilizamos de outros pesquisadores dessa língua, tentamos ao máximo seguir o formato de transcrição usado por eles, sendo que muitos fizeram transcrição fonética. A seguir estão os grafemas utilizados:

a) Consoantes: p, t, k,', m, n, g, gw, k, kw, z, x, h, r, w;

b) Vogais: a, e, i, o, u, y, à.

Para as transcrições morfológicas, seguimos a última versão das regras de glosa de Leipizig (2015), em que constam as convenções para glosas interlineares morfema por morfema, como utilizamos na primeira e segunda linha dos exemplos que constam na tese e conforme ilustramos a seguir:

a) Linha 1: transcrição ortográfica em Guajajara em conjunto com a separação dos morfemas por hífens (-);

b) Linha 2: glosas correspondentes à transcrição da linha 1, apresentadas morfema por morfema, com cada morfema disposto verticalmente em relação à linha 1;

c) Linha 3: tradução livre em português.

Seguindo essas convenções, chegamos a formatos como o seguinte:

Tereza ***he****-r-exak* *a'e'a*
Tereza 1SG=inv-ver 3SG
'Tereza me vê.'

4 CONTEXTO MACROSSOCIAL: CONTATO LINGUÍSTICO E MIGRAÇÃO

Neste capítulo trazemos a contextualização do processo migratório do grupo de indígenas Guajajara para o centro urbano de Imperatriz, a fim de termos uma visão geral desse processo e das possíveis implicações linguísticas e extralinguísticas na comunidade em estudo.

4.1 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE OS GUAJAJARA NO CONTEXTO URBANO DE IMPERATRIZ

Antes de iniciar a pesquisa de campo, buscamos trabalhos em diferentes áreas do conhecimento que nos fornecessem uma contextualização sobre os Guajajara vivendo na cidade de Imperatriz. A partir de Marinho (2014), Marques (2019) e Pereira (2018), pudemos nos inteirar brevemente sobre o contexto sociocultural em que esses indígenas estão inseridos. Nenhum trabalho, especificamente na área da linguagem, foi encontrado até o momento de consulta. Ao que parece, este é o primeiro estudo a tratar sobre a situação (socio)linguística dos Guajajara no contexto urbano de Imperatriz.

Em Marinho (2014) encontramos um breve panorama sobre a situação sociocultural dos Guajajara nessa cidade. Em sua pesquisa, ela explora o processo migratório desses indígenas para Imperatriz e faz um paralelo da mudança de vida da aldeia para a vida na cidade, destacando os impactos da migração na dinâmica sociocultural desse povo, principalmente nos seguintes aspectos: saúde, moradia, alimentação e trabalho. A autora observa que os dois espaços, aldeia e cidade, contrapõem-se nos diversos aspectos citados anteriormente, ao mostrar as rupturas e os conflitos no novo modo de vida na cidade. Ela aponta que a (sobre)vivência no centro urbano tem implicado mudanças culturais, a negação da identidade indígena e, consequentemente, tem tido impacto na língua materna dos indígenas da 3ª geração, os mais jovens.

Segundo a autora, a comunicação entre os indígenas na cidade é realizada mais em português. “Os adultos, às vezes, conversavam na língua materna e em seguida voltavam a falar o português e os menores falavam somente em português entre si e com os mais velhos” (Marinho, 2014, p. 58). Nesse cenário, a língua portuguesa é a língua da comunicação diária nos diferentes domínios do aldeamento urbano, enquanto a língua indígena sofre cada vez mais deslocamentos, o que gera certa preocupação, principalmente pelo fato de as crianças das gerações mais novas não estarem aprendendo a língua indígena e terem atitudes negativas

quanto a ela. Tal fato pode impactar a transmissão e manutenção do dialeto Guajajara para as futuras gerações daqueles que vivem atualmente na cidade.

O trabalho de Marques (2019) traz alguns dados demográficos sobre os Guajajara no aldeamento urbano. Na época de sua pesquisa, ela registrou a presença de 12 famílias, totalizando 40 pessoas. A autora faz uma contextualização sobre a realidade vivenciada pelos indígenas Guajajara na cidade e sobre os desafios enfrentados para sobreviver e se adaptar ao espaço urbano. Ela destaca, ainda, a forma de organização social do aldeamento, as relações interétnicas que têm se firmado pelos casamentos mistos entre indígenas e não indígenas e as situações de violência e preconceito que os Guajajara têm enfrentado na relação com os brancos na cidade.

Essas leituras prévias, principalmente a leitura de Marinho (2014), foram importantes para reafirmar que o local da pesquisa em que os indígenas estão inseridos forma um contexto favorável para o estudo do fenômeno do contato linguístico entre Guajajara e português. Pois há o contato mais direto dos indígenas com a sociedade envolvente e com o português na cidade de Imperatriz, uma região de intenso fluxo de pessoas de diferentes estados, dada a sua posição geográfica estratégica, que faz fronteira com dois estados, Tocantins e Pará.

A referida dinâmica torna a cidade de Imperatriz um polo econômico de prestação de serviços na região Tocantina, especialmente na área do comércio e da saúde, o que atrai deslocamentos constantes não apenas dos Guajajara, como também de indígenas de outras etnias e de não indígenas. Alguns vão para essa cidade realizar o ensino médio, cursos universitários, procurar melhores trabalhos, fazer tratamentos de saúde e tantos outros serviços. Trata-se, portanto, de um cenário de contato entre diferentes povos e línguas.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO DOS GUAJAJARA PARA IMPERATRIZ

Traçar uma linha do tempo para contextualizar a migração dos Guajajara para a cidade de Imperatriz envolve um processo de idas e vindas entre diferentes aldeias Guajajara e essa cidade, além de deslocamentos internos dos indígenas dentro dessa própria cidade ao longo dos anos, caracterizando um padrão de migração/deslocamento de retorno e reemigração. A Tabela 5 a seguir situa diferentes períodos em que os indígenas participantes da pesquisa chegaram para morar nessa cidade.

Tabela 5 – Período de chegada dos Guajajara para morar em Imperatriz

Geração/Sexo	1990	1997	2001	2012	2018	2019	2021	Total Geral
1ª geração								
M	1	-	-	1	-	-	-	2
2ª geração								
F	1	1	-	-	-	1	-	3
M	-	-	1	-	-	-	-	1
3ª geração								
F	-	-	-	-	1	1	1	3
M	-	-	-	-	-	1	-	1
Total Geral	1	1	1	1	1	3	1	10

Fonte: elaboração própria.

De acordo com dados dos questionários aplicados com os participantes, antes de o atual grupo de famílias Guajajara habitar o espaço do aldeamento urbano no bairro Parque Amazonas, alguns desses indígenas já moravam em diferentes setores dessa cidade, entre eles, a família do Cacique mais velho, ELOG, que foi uma das primeiras famílias Guajajara do aldeamento a chegar em Imperatriz. Essa família veio da aldeia Ipu, localizada no município de Grajaú (TI Bacurizinho). Ela chegou na cidade em 1990 e ficou instalada, provisoriamente, na Casa de Saúde do Índio (CASAI), na época, localizada no centro da cidade, onde hoje funciona a UFMA. Outros indígenas moraram em casas no bairro Parque Amazonas, nas proximidades do atual aldeamento urbano, como mostra a Tabela 6 a seguir.

Tabela 6 – Primeiro local de moradia dos Guajajara em Imperatriz

Gerações/Sexo	Aldeamento Urbano	Casa no Bairro Parque Amazonas	Não Sabe	CASAI (Centro)	Total Geral
1ª geração	-	1	-	1	2
M	-	1	-	1	2
2ª geração	1	1	-	2	4
F	1	1	-	1	3
M	-	-	-	1	1
3ª geração	3	-	1	-	4
F	2	-	1	-	3
M	1	-	-	-	1
Total Geral	4	2	1	3	10

Fonte: elaboração própria.

Os participantes foram questionados sobre mudanças de um local para outro nos últimos dez anos e seus destinos (migração externa da aldeia para a cidade ou deslocamento interno dentro de Imperatriz). Os dados na Tabela 7 a seguir mostram uma frequência maior de deslocamentos internos em Imperatriz, tais como mudança de um bairro para outro ou do aldeamento urbano para bairros dentro de Imperatriz. Boa parte desses deslocamentos internos

em Imperatriz foi pela busca de espaços maiores à medida que as famílias iam aumentando na cidade, ou porque os indígenas ganharam terrenos pela "invasão" no bairro Parque Amazonas.

Além disso, houve retorno de alguns indígenas para a TI e um participante (sexo feminino, 2ª geração) que fez tanto a migração externa (da TI para o aldeamento urbano) quanto a interna (do aldeamento urbano para bairros dentro de Imperatriz). Esse padrão de migração/deslocamento e reemigração revela que essa população é flutuante entre a aldeia e a cidade, e heterogênea, pois a migração dos indígenas ocorreu em períodos diferentes, conforme expõe a Tabela 7 a seguir, que cruza essas informações.

Tabela 7 – Número e tipo de migrações e/ou deslocamentos nos últimos 10 anos

Número de Vezes que se Mudou	Não Mudou	Interno	Externo	Externo e Interno	Total Geral
F	1	2	2	1	6
1 vez	-	-	2	-	2
3ª geração	-	-	2	-	2
2 vezes	-	1	-	1	2
2ª geração	-	1	-	1	2
3 vezes	-	1	-	-	1
3ª geração	-	1	-	-	1
4 vezes	1	-	-	-	1
2ª geração	1	-	-	-	1
M	1	2	1	-	4
2 vezes	-	-	1	-	1
3ª geração	-	-	1	-	1
3 vezes	-	2	-	-	2
1ª geração	-	2	-	-	2
Não mudou	1	-	-	-	1
2ª geração	1	-	-	-	1
Total Geral	2	4	3	1	10

Fonte: elaboração própria.

As motivações envolvidas na migração externa da aldeia (TI) para a cidade incluem a busca por serviços básicos como saúde e educação, que foram as molas propulsoras para os Guajajara deixarem as TIs. Ao longo do tempo, outros familiares e demais indígenas também migraram movidos pela busca por educação para os filhos, trabalho e acesso mais próximo e rápido a serviços essenciais.

Devido à precariedade de serviços e oportunidades na aldeia, agravada pela dificuldade de transporte entre a TI e a cidade, os indígenas consideram mais vantajoso morar na cidade. Na aldeia, não há postos de saúde, hospitais ou oportunidades de trabalho e, quando precisam desses serviços, o acesso é dificultado pelas más condições das estradas e pela falta de transporte.

Segundo os indígenas, muitos chegaram a morrer esperando uma assistência dos órgãos responsáveis pela saúde indígena (Fundação Nacional de Saúde, Funasa; Secretaria Especial de Saúde Indígena, Sesai). JLG disse que veio para a cidade "por causa da saúde e escola. Na aldeia eu se tratava com remédio do mato". Os dados da Tabela 8 a seguir reafirmam, por meio das respostas dos participantes de todas as gerações e de todos os sexos, que a saúde e a educação são de fato os principais motivos da migração para a cidade.

Tabela 8 – Motivos que envolvem a migração para a cidade

Geração/Sexo	Acompanhar a Família	Educação	Emprego	Saúde	Saúde e Educação	Total Geral
1ª geração	-	1	-	-	1	2
M	-	1	-	-	1	2
2ª geração	-	-	1	2	2	5
F	-	-	-	2	1	3
M	-	-	1	-	1	2
3ª geração	2	-	-	-	1	3
F	2	-	-	-	1	3
Total Geral	2	1	1	2	4	10

Fonte: elaboração própria.

É na cidade que os Guajajara têm tentado buscar condições de vida melhores. Em Imperatriz, eles buscam os serviços de saúde e educação nos mesmos espaços ofertados à população urbana local. As indígenas grávidas fazem todo o pré-natal nos postos de saúde do bairro e têm seus filhos no Hospital Regional Materno Infantil. Os filhos mais velhos (homens) trabalham na cidade como padeiro, mecânico ou ajudante de serviços. As crianças e os jovens estudam na Escola Municipal Paulo Freire, localizada nas proximidades do aldeamento.

Borges (2022) apresenta um quadro baseado em dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2021), da Secretaria Municipal de Educação (SEMED, 2021) e do censo escolar Educacenso (2018-2021), em que se constata a relação de 22 escolas urbanas da Rede Municipal de Ensino de Imperatriz[17] com o número correspondente de estudantes indígenas matriculados em cada uma no ano de 2021. Consideremos a relação das escolas a seguir, no Quadro 9.

[17] Em relação à rede estadual de ensino, de acordo com Silva e Coelho (2020, p. 2), "a Unidade Regional de Educação de Imperatriz não possui os dados sobre a quantidade de alunos indígenas matriculados na rede estadual de ensino de Imperatriz e não possui, também, uma relação das escolas que têm alunos indígenas matriculados e a quais povos esses alunos pertencem". Entre os participantes de minha pesquisa, somente 3 homens têm ensino médio completo. Todas as mulheres tinham ensino fundamental incompleto e nem todas estavam estudando na cidade. Elas se dedicavam mais a cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos.

Quadro 9 – Relação entre escolas e número de estudantes indígenas na Rede Municipal de Ensino em Imperatriz

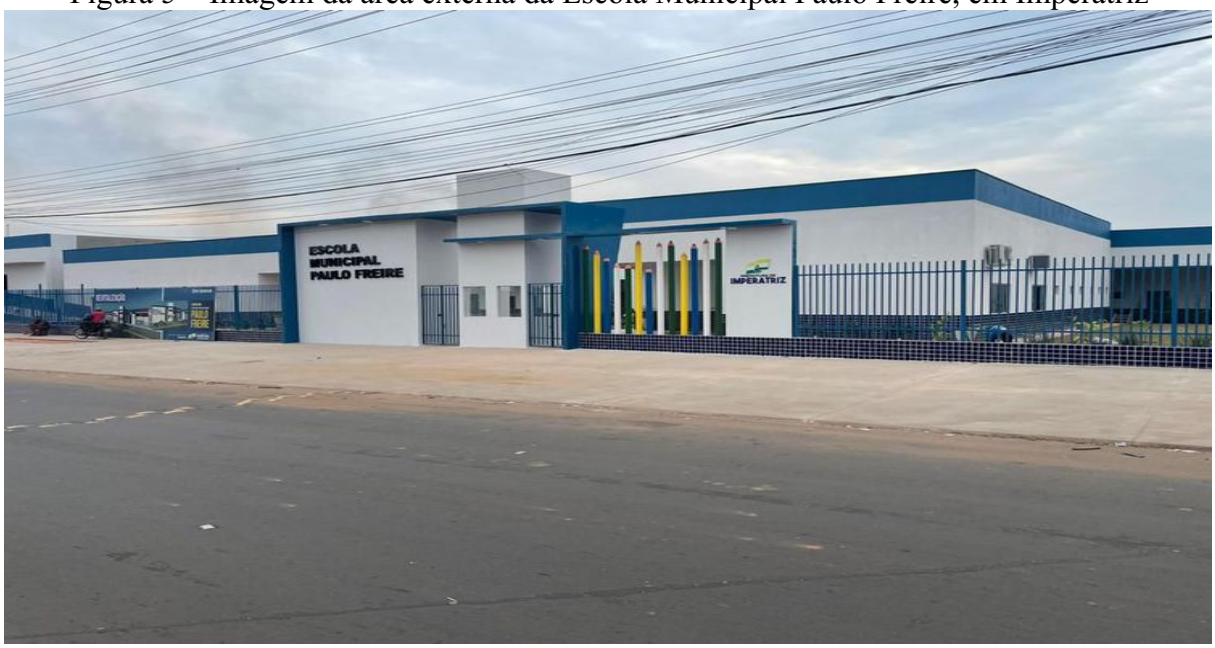
Escolas municipais em contextos urbanos	**Quantidade de estudantes indígenas**
1. Escola Municipal Paulo Freire (EMPF)	21 estudantes indígenas
2. Escola Municipal de Ensino Fundamental Ipiranga	4 estudantes indígenas
3. Escola Municipal Dom Pedro I	1 estudante indígena
4. Escola Municipal Hebe Cortez	2 estudantes indígenas
5. Escola Municipal Machado de Assis	1 estudante indígena
6. Escola Municipal Maria das Neves Marques de Sousa	1 estudante indígena
7. Escola Municipal Mariana Luz	1 estudante indígena
8. Escola Municipal Moranguinho	1 estudante indígena
9. Escola Municipal Darcy Ribeiro	2 estudantes indígenas
10. Escola Municipal Pedro Abreu	1 estudantes indígenas
11. Escola Municipal Presidente Costa e Silva	3 estudantes indígenas
12. Escola Municipal Professor José Queiroz	1 estudante indígena
13. Escola Municipal Santo Inácio de Loyola	1 estudante indígena
14. Escola Municipal Santa Tereza Dávila	3 estudantes indígenas
15. Escola Municipal Tocantins	1 estudante indígena
16. Escola Municipal Shirley Farias Torres Ferreira	1 estudante indígena
17. Escola Municipal Adalberto Franklin Pereira de Castro	2 estudantes indígenas
18. Escola Municipal Antônio Leite Andrade	1 estudante indígena
19. Escola Municipal Domingos Moraes	3 estudantes indígenas
20. Escola Municipal Eliza Nunes	2 estudantes indígenas
21. Escola Municipal Maria Francisca Pereira da Silva	1 estudante indígena
22. Escola Municipal Morada do Sol	3 estudantes indígenas
Total: 57 estudantes indígenas matriculados em escolas urbanas em Imperatriz	

Fonte: adaptado de Borges (2022, p. 125).

Apesar de não constar nessa relação à qual etnia pertence cada estudante, é possível afirmar que boa parte dos alunos indígenas Guajajara do aldeamento urbano está entre os 21 estudantes indígenas da Escola Municipal Paulo Freire (EMPF), devido à sua localização bastante próxima do aldeamento. As informações que obtive em campo convergem com essa afirmação, pois todos os pais para os quais perguntei onde os filhos estudavam responderam que era na EMPF. Eu também presenciava as crianças se deslocando para essa escola (que inclusive em 2021 estava em reforma), quando eu estava nos trabalhos de campo no aldeamento.

A EMPF está localizada na Av. Pedro Neiva de Santana, Parque Amazonas, e oferta desde o ensino da educação infantil até o ensino fundamental maior. As Imagens na Figura 5 – Imagem da área externa da Escola Municipal Paulo Freire, em Imperatriz e na Figura 6 a seguir mostram a escola após a reforma, entregue em 2023, para a comunidade. Segundo a prefeitura, ela terá capacidade de atender até 2.000 alunos.

Figura 5 – Imagem da área externa da Escola Municipal Paulo Freire, em Imperatriz



Fonte: Holanda (2022).

Figura 6 – Imagem do interior da Escola Municipal Paulo Freire, em Imperatriz

Fonte: Holanda (2022).

Borges (2022) traz alguns relatos dos professores da EMPF sobre os desafios relacionados ao processo de escolarização dos estudantes do aldeamento urbano. Entre tantos desafios relatados, a questão linguística é ressaltada pelos professores. Os dados que esse autor traz ratificam o que observamos em nossa pesquisa: a língua indígena não está sendo transmitida para aqueles que estão nascendo na cidade, que, no caso, estão tendo como língua materna o português.

> De acordo com os relatos dos docentes apresenta uma variação linguística, em relação aos que nasceram na cidade e os que são oriundos da aldeia tradicionais, sendo que **os nascidos, em contexto urbano só conhecem a língua portuguesa por já fazem parte da cidade, enquanto os estudantes que migraram da aldeia, para a cidade, já trazem como referência a sua língua materna e o conhecimento da língua portuguesa,** entre outras características dos seus saberes; são estes os que apresentam e têm mais desafios a serem enfrentados, em sala de aula (Borges, 2022, p. 126-127, grifo nosso).

Entre os participantes de nossa pesquisa que tiveram acesso à escola, nem todos conseguiram concluir o ensino básico na TI. ESSG (2ª geração) informou que teve que ir para a cidade de Grajaú cursar o ensino médio, porque nem sempre a escola da aldeia ofertava esse nível de ensino no período que ele morava na TI Araribóia. ELOG (1ª geração) fez todo o ensino básico bilíngue na TI, na época do SPI.

A grande extensão da TI Araribóia e das demais TIs que fazem parte dos territórios onde mora o povo Guajajara apresenta realidades diversas em relação ao ensino nas escolas das aldeias. Não podemos afirmar que todas ofertam todos os níveis de ensino, da educação infantil ao ensino médio, e muito menos que em todas há um ensino bilíngue de Guajajara e português. Na realidade, nem todas as aldeias possuem uma escola e as que têm, muitas vezes, apresentam uma infraestrutura bastante precária, enquanto outras possuem uma infraestrutura e um funcionamento pedagógico mais adequado ao modelo de educação escolar indígena.

Marinho (2022) descreveu em sua pesquisa o processo de atualização e revisão do Projeto Político Pedagógico do Centro de Educação Escolar Indígena Geanni Sartori, localizado na aldeia Juçaral, TI Araribóia, em Amarante do Maranhão. O autor destaca que o ensino bilíngue de Guajajara e português deve ter foco em duas modalidades, a da leitura e a da escrita nas duas línguas:

> O bilinguismo, todavia, enquanto proposta pedagógica entendido como princípio da educação escolar indígena, se sustenta no ensino de duas modalidades para o aprendizado da língua: Primeira, da alfabetização do indígena em sua língua nativa, ou seja, o ensinamento da leitura e da escrita em sua língua. A segunda é o ensinamento em língua portuguesa, também da leitura e escrita (Marinho, 2022, p. 92).

Para o autor, os indígenas já têm o domínio da língua portuguesa na modalidade oral (fala) e, de acordo com ele, não foi necessário aprendê-la na escola; a aquisição do português se deu por meio do contato com a sociedade envolvente. Segundo Marinho (2022), o que os indígenas necessitam agora é dominar a escrita em português, como uma ferramenta de luta para as relações com os não indígenas. Quanto à língua Tenetehara, ele afirma que essa é falada como primeira língua nas aldeias.

Na subseção seguinte, trataremos sobre o início de ocupação da área do aldeamento e as condições de vida dos indígenas nesse local.

4.2.1 Da ocupação e instalação no aldeamento urbano: conflitos e desafios

A área[18] onde hoje moram os Guajajara na cidade de Imperatriz é um terreno da União que mede em torno de 23 mil metros[19], localizada na Rua Pensilvânia, no bairro Parque Amazonas, próximo à avenida Pedro Neiva de Santana, que dá acesso à Amarante do Maranhão. Esse espaço não está regularizado como aldeamento urbano para os Guajajara.

Em relatos[20] da advogada da Coordenação Regional de Imperatriz (Funai/Imperatriz), EDJADS[21], em abril de 1995 foi assinado um termo de comodato para que no terreno da CASAI, que, até então, funcionava no centro da cidade (como dito na seção anterior), fosse construída a UFMA. Mas, segundo ela, esse termo não foi finalizado juridicamente. Nesse mesmo ano, a advogada afirma que a Funai criou a área que hoje é o aldeamento do Parque Amazonas para atendimento à saúde indígena. Nesse período, o espaço ficou vinculado à Funasa, porque juridicamente esse terreno não pertencia à Funai.

De acordo com os participantes da nossa pesquisa, esse espaço era destinado ao alojamento de indígenas de várias etnias do Maranhão que vinham para Imperatriz fazer tratamento de saúde, serviços bancários, resolver questões burocráticas sobre documentação, salário-maternidade e bolsa família. Era uma espécie de ponto de apoio para todos os indígenas da região. Segundo relatos do participante EBSG, frequentavam esse espaço os Gavião (Jê), os Canela (Jê), os Guajá (Tupí-Gurani), entre outros. Ainda é possível ver, na área, os restos de antigas construções com paredes quebradas e banheiros depredados.

Depois de um período em funcionamento, os indígenas relatam que a Funai, junto com outros órgãos indígenas, como a Sesai, fez um plano para retirar os indígenas dessa área com promessas de ampliar o espaço, que passaria a ser a nova CASAI. Todos os indígenas desocuparam a área nessa época e a Funasa passou a alugar imóveis em outros bairros da cidade para funcionamento da CASAI. Dessa forma, a área do Parque Amazonas ficou sem

[18] Esse lugar é conhecido como chácara, devido a ter características de uma área relativamente grande, com muitos pés de manga e muitas outras árvores.
[19] Segundo informações da Funai de Imperatriz, via audiência pública na Câmara Municipal de Imperatriz.
[20] Ela deu esses esclarecimentos durante a audiência pública na Câmara Municipal de Imperatriz, realizada com os Guajajara do aldeamento e outros órgãos do poder público local, em 19 de abril de 2022. Na subseção 4.2.2, trato sobre essa audiência.
[21] Assim como ocorre com os participantes da pesquisa, os nomes de outras pessoas citadas nesta tese estão identificados somente com as iniciais, por questões éticas.

funcionamento de nenhum órgão. Os Guajajara narram que o espaço ficou abandonado, sem nenhuma segurança, e que, quando eles viram que as promessas de melhorias do espaço não aconteciam, ocuparam essa área no ano 2000, em sinal de resistência, como é perceptível na fala do Cacique ELOG: “assim como meus parentes não tão desistindo dessa área, eu vou tomar de conta daquela área também. Eu não tenho lugar onde morar mais”.

Nesse período, as primeiras famílias Guajajara a morar na área do aldeamento vieram principalmente da aldeia Canudal (do município de Amarante do Maranhão, TI Araribóia) e da aldeia Ipu (município de Grajaú, TI Bacurizinho). Entre elas estavam a família de ELOG, que se tornou o primeiro Cacique do aldeamento, e a família de sua prima R (atualmente ela não mora mais no aldeamento, retornou para a TI). Aos poucos elas foram levantando suas moradias, algumas construídas com restos de materiais, como lonas e madeiras velhas, e outras, a partir do reaproveitamento das antigas construções na área, havendo, inclusive, um indígena que passou a morar dentro do que era um banheiro no espaço.

Com o tempo, mais parentes dessas primeiras famílias foram migrando de aldeias de Amarante do Maranhão e Grajaú para o aldeamento urbano em Imperatriz. Outros que já estavam na cidade foram formando famílias, também, com não indígenas, aumentando aos poucos o número de famílias na área. A foto a seguir, na Figura 7, demonstra o formato das moradias feitas pelos próprios moradores do aldeamento.

Figura 7 – Foto de moradias no aldeamento urbano

Fonte: acervo próprio.

A luta para a permanência nesse espaço levou os indígenas a embates não somente com os órgãos indígenas. A vida no contexto urbano trouxe conflitos nas relações interétnicas com os não indígenas. Eles enfrentaram, em 2013, uma invasão de cerca de 200 pessoas não indígenas que queriam lotear e construir casas nessa área. Os indígenas acionaram a Polícia Federal (ver registros da ocorrência no Anexo B), que retirou o grupo de não indígenas.

Somado ao conflito interétnico, esse grupo vive ainda um conflito interno no aldeamento entre duas famílias, a família do Cacique mais velho, ELOG, e a família de sua filha JLOG (filha de ELOG com outra mulher já falecida), casada com o Cacique mais novo, HG. Estes últimos chegaram ao aldeamento em 2015. As diferenças entre eles acabam envolvendo todo o grupo que mora no aldeamento, tendo em vista que a maioria dos núcleos familiares é formada por membros dessas duas famílias.

As disputas internas bastante acirradas são tanto sobre pautas de ordem política quanto familiar, sendo esta última a mais evidente, pelas relações conflituosas do Cacique mais velho com a filha JLOG. O Cacique mais novo, HG, relata que, na tomada de decisões no aldeamento, cada um age de forma diferente. Embora estejam em um coletivo, as decisões são tomadas individualmente.

Na própria área do aldeamento, essa cisão é evidenciada pelo espaço que separa os dois lados. De um lado, ficam as casas do Cacique mais velho e das famílias de outros filhos que ele tem com a atual esposa, JLG, compondo um total de 14 famílias. Do outro lado, ficam as casas do Cacique mais novo com sua esposa, JLOG, e das famílias dos filhos desse casal e de duas tias de JLOG (A e IPOG), contabilizando 10 famílias. Borges (2022, p. 108) disponibiliza em seu trabalho uma imagem, apresentada a seguir como Figura 8, que ilustra como se configura a separação da área em dois lados, que ele denomina de “Área I” (liderada pelo Cacique mais novo, HG) e “Área II” (liderada pelo Cacique mais velho, ELOG).

Figura 8 – Localização do aldeamento urbano no Parque Amazonas em Imperatriz

Fonte: Borges (2022, p. 108).

No início de minha pesquisa de campo (2021), em todo o aldeamento havia 24 famílias. Todos os moradores tinham um grau de parentesco. Possivelmente, a cisão entre essas duas famílias é um dos principais entraves para a articulação política desse grupo rumo a uma organização social que ultrapassa os "muros" do aldeamento, a fim de reivindicar, junto ao poder público local, ações para atender minimamente suas demandas no contexto urbano.

Na próxima subseção, tratamos um pouco mais sobre os desdobramentos dessas relações nada amistosas entre o grupo.

4.2.2 O indígena em contexto urbano: a invisibilidade dos Guajajara em Imperatriz

A presença de indígenas em contexto urbano, geralmente, é estigmatizada. Com os Guajajara não é diferente. Estar na cidade faz com que a identidade do indígena seja questionada o tempo todo, corroborando ainda mais o apagamento desses sujeitos, tanto pelos órgãos indigenistas, que se abstêm da responsabilidade de assistência aos nativos por estarem morando fora das TIs, quanto da administração pública local, que repassa, por sua vez, a responsabilidade de assistência para a Funai, pelo fato de não os considerar citadinos. Assim, o que se nota é um jogo de responsabilidades.

O próprio Estatuto do Índio (Brasil, 1973) não reconhece como indígenas aqueles fora da aldeia. Ao migrarem para a cidade, perdem a "assistência" que tinham como indígenas nas TIs. Mesmo assim, durante meus trabalhos de campo, presenciei em alguns momentos a ida de servidores da Funai local ao aldeamento para entregar cestas básicas às famílias. Essa entrega ocorre, geralmente, mensalmente, mas os indígenas reclamam muito, principalmente

da falta de assistência à saúde e das condições precárias de sobrevivência na área. Todas essas condições mostram que, para os indígenas sobreviverem na cidade, eles devem submeter-se a diferentes formas de violência e negação do Estado brasileiro. A visão da sociedade sobre o ser indígena fora da aldeia escancara um paradigma cultural enraizado no pensamento dos não indígenas vinculado ao imaginário do colonizador.

Observar de perto as condições precárias de sobrevivência dessa comunidade na cidade fez com que o meu relacionamento com esse grupo ultrapassasse o grau de envolvimento com o objeto de pesquisa, fazendo-me olhar para além das lentes de pesquisadora, ao passar do papel[22] de observador participante, que se relaciona com os participantes da pesquisa apenas como pesquisador, para participante observador, mais integrado e envolvido com os sujeitos da pesquisa, com a comunidade em estudo.

Retomo agora o tópico do pedido de ajuda do Cacique HG que eu havia iniciado na subseção 3.2.1, quando contextualizei o meu primeiro contato com os Guajajara na cidade. Nos trabalhos de campo seguintes (entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022), tive a oportunidade de ficar mais tempo em campo e estreitei mais a relação de confiança com os participantes e a comunidade. Além da relação mais próxima entre mim e a família do Cacique HG, fui aos poucos tendo mais acesso e abertura com o Cacique ELOG e demais pessoas do outro lado (Área II).

Durante a aplicação do questionário sociolinguístico realizado com o Cacique ELOG e o EBSG, eles pediram para conversar comigo sobre como e por onde começar uma articulação, para que as demandas do aldeamento fossem atendidas pelo poder público local e pela Funai, especialmente, na questão da regularização da área do aldeamento. Naquele momento, senti-me no dever de fazer algo, mas tinha resistências, por saber do conflito interno que há nesse aldeamento. Mesmo assim, propus que poderia tentar contatar um colega vereador de Imperatriz para fazer uma visita ao aldeamento e a partir daí tentar uma audiência pública na Câmara Municipal de Imperatriz. Antes desse passo eu ressaltei que seria necessária uma conversa prévia com o outro lado (liderado pelo Cacique mais jovem, HG).

Então, no dia 2 de fevereiro de 2022, o vereador Carlos Hermes foi ao aldeamento urbano para olhar de perto as condições precárias as quais os Guajajara em contexto urbano vivenciam diariamente. No local, não há banheiros, saneamento básico, água encanada, (a energia elétrica é obtida por meio do sistema conhecido como "gato") e muito menos uma escola diferenciada para os indígenas. Como encaminhamento após essa visita, ficou agendada

[22] Angrosino (2009, p. 74) cita a "tipologia clássica dos papéis do pesquisador".

uma audiência na Câmara de Vereadores de Imperatriz para o dia 19 de abril de 2022, juntamente com a Funai e outros órgãos, para discutir as demandas desse povo, principalmente a regularização da área do aldeamento. Para os indígenas é de extrema importância que a área seja regularizada a fim de possibilitar parcerias com o governo local e demais órgãos da sociedade civil, visando às ações de melhoria das condições de vida no aldeamento, tais como a construção de muro, de poço artesiano, a viabilização de *kits* sanitários e as construções de moradias dignas.

A audiência foi realizada no dia 19 de abril de 2022[23], com a presença dos dois Caciques e demais moradores do aldeamento, da Coordenação Regional da Funai, da Comissão de Direitos Humanos, dos representantes do Ministério Público (MP), da Secretaria Municipal de Infraestrutura, da Defensoria Pública, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e do coordenador de articulação dos povos indígenas, representante da igreja católica. Essa audiência de certa forma deu mais visibilidade aos indígenas no referido contexto urbano, sobre os quais, até aquele momento, muitos órgãos presentes na audiência não tinham conhecimento. Como encaminhamento, foram propostas a criação de um GT (grupo de trabalho) com o MP e o Comitê da Cidadania e a busca da cadeia dominical da área, para verificar em que estado parou a situação jurídica dessa área.

Dois meses depois dessa audiência, os conflitos internos entre as famílias dos dois lados (lado do Cacique mais velho e lado do Cacique mais jovem) do aldeamento se intensificaram, desencadeando inclusive agressões físicas, e todas as famílias que moravam no lado do Cacique HG retornaram para a TI Araribóia, no município de Amarante do Maranhão (nas próximas seções, descrevemos um pouco desse retorno e como se encontra atualmente esse grupo na TI). Após esse episódio, o aldeamento contava somente com 16 famílias até o meu último trabalho de campo em Imperatriz (julho de 2023).

Suponho que, enquanto esse grupo não amenizar seus conflitos internos, a organização deles ficará inviável, pois, embora estejam a tantos anos morando na cidade, não têm uma associação para articular uma luta organizada. É diferente, por exemplo, do que vemos em outros aldeamentos urbanos no país, como o dos Terena no Mato Grosso do Sul (Batistoti; Latosinski, 2019), dos próprios Guajajara em Brasília na aldeia urbana Teko Haw (Yamaguti, 2023) e em outros países da América Latina, como a Argentina, onde a luta partiu, em primeiro lugar, da organização dos indígenas em associações e movimentos sociais (Rosa; Reis, 2023).

[23] Participei da audiência por videoconferência. Está disponível em https://www.youtube.com/live/G0yeB4ekfyc?si=YcdUOeUaCtw9plSP. Acesso em: 23 mar. 2025.

4.3 NOTAS SOBRE O RETORNO DE PARTE DO GRUPO DO ALDEAMENTO URBANO PARA A TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA

Após cerca de um ano que parte do grupo das famílias Guajajara que estavam morando no aldeamento foi embora da área urbana, eu retomei meu contato com o grupo para realizar a última pesquisa de campo, que consistia na etapa (iv): coleta de textos narrativos a partir de imagens. A maioria dos indígenas que retornou para a TI é participante da minha pesquisa, constituída pelos núcleos familiares menores (por marido e mulher e em torno de 2 a 5 filhos) ligados à família do Cacique mais jovem, HG. No total, 7 participantes da pesquisa estão inclusos entre os que retornaram para a TI: o Cacique HG e sua esposa, JLOG; o casal ESSG e AOSG (filha do Cacique com JLOG); NSCG (nora do Cacique HG e JLOG); IPOG (tia de JLOG); e VORG, filha de IPOG.

Para dar continuidade à pesquisa, entrei em contato com JLOG e o Cacique HG para verificar a possibilidade de agendamento de pesquisa com esses participantes, porque em Imperatriz só restaram 3 participantes. Em 18 de julho de 2023, viajei até Amarante do Maranhão e encontrei JLOG e outros participantes, o que me permitiu retomar parte da etapa final da pesquisa com alguns participantes nessa cidade, que, assim como Imperatriz, tem um grande fluxo de pessoas indígenas de diferentes etnias, principalmente da etnia Guajajara.

JLOG convidou-me para ir até a nova aldeia que ela e a família estavam morando na TI Araribóia, a aldeia Sacupemba (que fica a cerca de 3h de moto de Amarante), nome em referência ao pássaro jacu, que, segundo eles, era muito comum quando chegaram ao local. Segundo HG, essa aldeia já foi registrada na Funai e tem atualmente como Cacica (conforme se autodenomina) JLOG, sua esposa. A seguir, a Figura 9 e a Figura 10 mostram algumas casas construídas e outras em construção na aldeia Sacupemba.

Figura 9 – Foto da aldeia Sacupemba

Fonte: acervo próprio.

Figura 10 – Foto das moradias na aldeia Sacupemba

Fonte: acervo próprio.

Um total de 32 pessoas estão morando nessa aldeia, todos os moradores são filhos do casal HG e JLOG com suas respectivas famílias. Entre as famílias que retornaram da cidade para a TI, somente a família de IPOG com VORG, mãe e filha respectivamente, não está morando nessa nova aldeia. Elas estão em Araruna, aldeia de origem de IPOG, também dentro da TI Araribóia.

HG relata que, no retorno de parte do grupo de Imperatriz para a TI em junho de 2022, alguns ficaram na aldeia de sua irmã, próxima à atual aldeia Sacupemba, enquanto ele

junto a outros homens e algumas mulheres de sua família, iam abrindo a mata para a construção dessa atual aldeia em que estão morando.

Na aldeia eles conseguiram puxar a energia elétrica recentemente, mas não há água encanada. Para ter acesso à água, eles usam o mesmo sistema que utilizam no aldeamento urbano em Imperatriz: pegam uma mangueira grande e conectam em alguma encanação que vem das aldeias mais próximas e, então, enchem os reservatórios de água (tambor, caixa d'água, bacias, entre outros) para uso diário.

Em relação aos meios de sobrevivência no território, JLOG diz que plantaram, até então, apenas mandioca e abóbora, porque, no momento de sua chegada, já havia passado o período do plantio. O retorno para o território indígena os fez retomar algumas práticas tradicionais, como a caça. Eles têm feito muito uso de caça para se alimentar. HG diz que na área há muita capivara, tatu, paca, cutia, anta, veado, macaco e caititu[24].

Quando nem HG nem os filhos conseguem matar nenhuma caça, os parentes das outras aldeias próximas, sempre que matam, compartilham com a família alguma parte da sua caça. Pude presenciar, enquanto estava nessa aldeia, a visita da irmã de HG e de seu esposo, que levaram um pedaço de caititu e outros alimentos, inhame, batata, para eles. Há também um riacho nas redondezas da aldeia em que HG, com seus filhos menores e netos, vai pescar.

Além do retorno à caçada, observei um uso maior da língua indígena na TI, fomentado pela visita frequente de indígenas Guajajara à aldeia. JLOG e HG têm irmãos nessa TI, cada um tem uma família extensa (há em torno de 10 membros em cada família). Pela manhã ou ao final da tarde, eles geralmente visitavam a aldeia acompanhados de seus filhos e netos. É comum que eles sempre levem algum alimento ou cheguem em horários próximos às refeições (ex.: jantar) para se alimentarem todos juntos na casa de HG e JLOG.

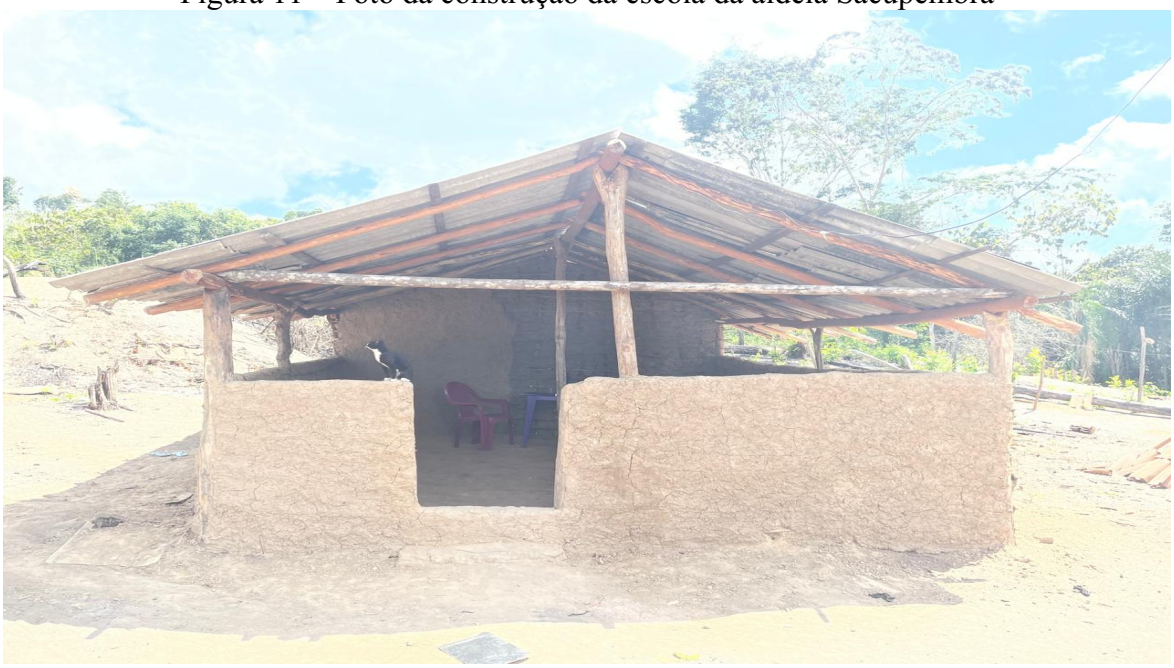
Durante esses momentos, eles conversavam em Guajajara, inclusive os filhos e netos mais jovens desses visitantes. Em outros momentos falavam em português. Com isso, notei que muitos daqueles que pude ouvir eram bilíngues em Guajajara e português. Outro ponto observado quanto ao aspecto linguístico diz respeito a algumas crianças. Os filhos e netos do casal HG e JLOG, que nasceram em Imperatriz e agora estão morando na TI, estão aos poucos aprendendo a língua e compreendendo o que JLOG fala em Guajajara quando se dirige a eles. JLOG falou que eles estavam estudando na escola de outra aldeia na TI, mas que ficava um pouco longe.

[24] Este último eu comi (frito com farinha e café) algumas vezes durante os dias em que estive com eles nessa aldeia.

Sobre a questão da escola, JLOG contou que, junto com os próprios moradores, levantou uma construção com recursos próprios para que funcionasse como a escola da aldeia Sacupemba. O registro que fiz desse espaço, na época de minha visita, mostra que ele ainda não estava terminado, mas já estava em andamento a solicitação de registro e funcionamento da escola, segundo JLOG. Para ela, ter uma escola na aldeia será a garantia para o ensino da língua indígena às crianças e vai evitar o deslocamento deles para escolas de outras aldeias. Ela espera, ainda, que, com a escola, venham água encanada, casa de farinha e merenda escolar.

A foto a seguir, na Figura 11, mostra como estava o andamento da construção em julho de 2023. Outras escolas em aldeias guajajara têm esta estrutura simples feita de barro ou pau a pique, sem a mínima infraestrutura adequada em termos de espaço de salas de aula e outras dependências que geralmente constituem o espaço físico de uma escola. O espaço contempla apenas um cômodo, que será a sala de aula.

Figura 11 – Foto da construção da escola da aldeia Sacupembra



Fonte: acervo próprio.

4.3.1 O retorno para a Terra Indígena e a continuidade da vivência no centro urbano de Amarante do Maranhão

No período em que visitei a aldeia Sacupemba, somente a família de HG com JLOG (filhos menores e alguns netos) estavam lá. A maioria das famílias estava em Amarante do Maranhão e o casal AOSG e ESSG estava em Grajaú (cidade onde fica a aldeia da família de

ESSG, também na TI Araribóia). Consegui fazer a gravação das narrativas com duas participantes, NSCG e VORG, em Amarante do Maranhão. Elas estavam na cidade com a família para cuidar dos filhos que estavam doentes.

A família materna de NSCG tem casa nessa cidade e ela estava lá com os dois filhos. Quando comecei minha pesquisa com essa participante no aldeamento urbano em Imperatriz, ela havia migrado da TI Araribóia para o aldeamento em 2019, quando casou com o filho do casal HG e JLOG; ou seja, estava há mais ou menos dois anos na cidade. Aquela era a sua primeira vez morando fora da TI. Recordo que ela mal sabia falar o português. Precisei do auxílio de outra participante (AOSG) da pesquisa para traduzir algumas perguntas do questionário para ela. Na época, ela estava grávida de seu primeiro filho. Agora tem dois. Estava também em Amarante por motivos de saúde.

Quando fiz a gravação das histórias contadas a partir de imagens, eu fiquei impressionada com o quanto o português dela estava em um nível totalmente diferente daquele de quando comecei a pesquisa com ela em Imperatriz. Ela me disse que tem ficado mais em Amarante do Maranhão depois que teve os filhos, porque eles frequentemente estão doentes e em Amarante do Maranhão a família dela alugou uma casa justamente para esses casos relacionados ao cuidado com a saúde.

Outros filhos e netos da Cacica JLOG e de HG também estavam na cidade, na CASAI, e a filha de um dos casais presentes estava doente. Nessas situações de doença, quando eles se deslocam para a CASAI em Amarante, geralmente, vai toda a família, não somente o que está doente. Como foi o caso da filha de JLOG, que estava com uma filha doente juntamente às outras três filhas e ao marido na CASAI há dois meses, segundo ela. Outro filho de JLOG, um adolescente, também estava na CASAI sem estar doente. Estava acompanhando essa irmã com a sobrinha doente.

O centro urbano de Amarante do Maranhão passou a ser a continuidade do vínculo com o urbano para os Guajajara que retornaram para a TI, principalmente para os mais jovens, que parecem ter se acostumado à vida na cidade. O referido filho adolescente de JLOG comentou que na aldeia “é sem graça, não tem muito o que fazer”. JLOG disse que ele não quer morar na aldeia, só quer ficar em Amarante. Na aldeia só tem ficado praticamente a Cacica JLOG e seu esposo, HG, com os filhos menores e alguns netos que eles criam.

As necessidades relacionadas à saúde potencializam o vínculo com o urbano, em virtude da falta de assistência médica dentro da TI. Dessa forma, muitos contextos vivenciados em Imperatriz se repetem agora em Amarante do Maranhão, pois encontram-se as mesmas motivações para deslocamento/migração da TI à cidade relacionadas, principalmente, à saúde

e educação. Com a proximidade menor entre a TI Araribóia e Amarante do Maranhão, o contato com o centro urbano dessa cidade se torna ainda mais viável para os indígenas, que se deslocam, frequentemente, de moto.

Conforme a Tabela 9, Amarante do Maranhão concentra um percentual de 22,14% de indígenas (maior do que Imperatriz) em relação à população total da cidade, como mostram os dados do IBGE (2022). Essa cidade apresenta grande movimentação de indígenas. Durante as horas que passei dentro da CASAI, havia vários indígenas de outras etnias, Canela, Krikatí, Gavião, que também estavam no local há semanas, ou meses, em tratamento de saúde. Aqueles que não ficam na CASAI, geralmente, ficam na casa de parentes na cidade. Muitos indígenas têm casa na cidade, ou têm um parente próximo que pode os abrigar. Isso facilita o acesso a Amarante do Maranhão e a longa permanência nesse município. Ao andar pelo centro da cidade, é notória a presença massiva de indígenas em comércios como restaurantes e em bancos.

Tabela 9 – População indígena em Amarante do Maranhão

População Total	**Porcentagem de Indígena na População**	**Pessoas Indígenas**	**Município**	**Sigla da UF**	**Código do Município**
37.085	8.210	22,14%	Amarante do Maranhão	MA	2100600

Fonte: IBGE (2022).

A contextualização da migração dos Guajajara apresenta três possíveis grupos: a) os Guajajara que moram nas Terras Indígenas; b) os que têm trânsito regular, inclusive com mudança sazonal de moradia, entre as Terras Indígenas e a cidade; c) os que moram nas cidades. O grupo que reemigrou recentemente à Terra Indígena apresenta características do grupo “b”.

Essa realidade nos leva a pensar se há uma população Guajajara estritamente urbana ou se a população Guajajara no geral tem forte contato com a cidade, sendo até difícil estabelecer essa fronteira entre população urbana e rural. Neste estudo, identificamos que há de fato uma população urbana Guajajara e isso tem reflexos na língua indígena, como o maior uso e fluência do português e a diminuição no uso do Guajajara. Mas, o povo Guajajara, no geral, é heterogêneo e mantém forte relação com a cidade, assim como as demais etnias indígenas no Brasil, a maioria, pelas mesmas motivações apresentadas nesse capítulo.

Portanto, o cenário de contato dos Guajajara com a sociedade envolvente configura uma dinâmica complexa de relações interétnicas movidas pelas condições sociais de falta ou precariedade de serviços dentro das TIs. Esse contexto leva, inevitavelmente, ao contato linguístico e a seus efeitos socioculturais ou estruturais na língua indígena.

5 CONTEXTO MICROSSOCIAL: RECONHECIMENTO SOCIOLINGUÍSTICO URBANO DOS GUAJAJARA

As informações apresentadas e discutidas neste capítulo correspondem aos resultados dos questionários sociolinguísticos e à observação participante realizada no aldeamento urbano Guajajara, em Imperatriz. Como relatado no capítulo 3, DA PESQUISA (sobre a metodologia), o roteiro de perguntas contemplou três temas. Já apresentamos alguns resultados sobre o tema da migração no Capítulo 4. Neste capítulo, trazemos os resultados referentes aos temas (i) língua *background* e (ii) proficiência.

Quanto a (i), os resultados associam-se às perguntas sobre a LI (língua indígena) e a L2 do participante e de outras gerações de sua família e tem como objetivo verificar possíveis mudanças intergeracionais no uso e na transmissão da variedade Guajajara. A seção 5.1 apresenta os resultados referentes a esse tema. Quanto a (ii), apresentamos o que verificamos sobre uso e atitudes linguísticas. Para fins de organização do capítulo, tratamos desses temas em uma subseção e duas seções, para descrevermos separadamente os resultados: 5.1.1, "Uso das línguas no aldeamento"; 5.2, "Proficiência em Guajajara e em português"; e 5.3, "Atitudes linguísticas".

Para a descrição da situação sociolinguística dos Guajajara em contexto urbano, mobilizamos alguns conceitos da corrente sociológica da linguagem, mais especificamente a Sociologia Descritiva da Linguagem de Fishman (1995), que inclui em seu campo de investigação o tópico das atitudes linguísticas, as quais influenciam os usos e as escolhas linguísticas dos falantes bilíngues por uma língua ou outra na comunidade de fala.

Os estudos de Fishman (1965, 1967, 1995) contribuem significativamente para a compreensão das dinâmicas sociolinguísticas ao propor uma abordagem que articula o uso da linguagem com os fatores sociais e culturais, destacando as implicações das atitudes linguísticas nos contextos individuais e coletivos. Para Fishman (1965), as atitudes linguísticas referem-se às opiniões, crenças, aos sentimentos e às predisposições comportamentais que indivíduos ou grupos têm em relação a uma língua, um dialeto ou uma variedade linguística. Essas atitudes envolvem dimensões cognitivas (ideias e crenças sobre a língua), afetivas (sentimentos de apreço ou rejeição) e comportamentais (ações ou escolhas linguísticas baseadas nessas percepções).

Outro conceito central na obra de Fishman (1965) refere-se aos domínios linguísticos, que são os contextos sociais específicos em que determinadas línguas ou variedades linguísticas são utilizadas, refletindo as normas sociais e as preferências linguísticas

de um indivíduo ou de uma comunidade. Ele pontua que os domínios linguísticos funcionam como “regras informais” que orientam qual língua deve ser usada em um contexto específico.

O autor lista cinco tipos de domínios linguísticos principais, a saber, (i) domínio familiar: interações em casa, frequentemente associadas a uma língua de maior intimidade ou herança cultural; (ii) domínio educacional: interações entre alunos e professores, geralmente ligadas à língua oficial ou de ensino; (iii) domínio religioso: uso da língua em práticas religiosas, que podem ser tradicionais ou litúrgicas; (iv) domínio do trabalho: comunicação profissional, muitas vezes orientada por necessidades práticas ou de uso das línguas de prestígio; (v) domínio comunitário (rua ou vizinhança): interações informais com vizinhos ou conhecidos, refletindo uma diversidade de escolhas linguísticas. No caso da nossa pesquisa, este último domínio pode corresponder ao aldeamento urbano.

As reflexões teóricas da Sociologia Descritiva da Linguagem de Fishman (1965, 1967, 1995) são importantes em nossa pesquisa, cujo tema central é o contato linguístico em uma comunidade indígena em contexto urbano, especialmente no que tange aos domínios linguísticos, pois veremos que muitos desses domínios no aldeamento urbano entraram em desuso com o processo de migração para a cidade. Ao mobilizar essa abordagem, nossa intenção não é fazer uma discussão teórica aprofundada, mas apenas relacionar alguns aspectos dessa teoria com os resultados da pesquisa. Além disso, consideramos que o diálogo com os estudos de Fishman nos sensibiliza sobre como as atitudes dos falantes da comunidade em estudo podem determinar a direção e o grau de possíveis mudanças linguísticas em Guajajara.

5.1 TRANSMISSÃO DA(S) LÍNGUA(S) ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES

Para os dados apresentados nesta seção, consideramos mais relevante somente a variável geração para verificar as possíveis mudanças intergeracionais no uso e na transmissão da variedade Guajajara. Por isso, não usaremos a variável sexo, pois o foco é verificar como está a transmissão da língua entre as diferentes gerações.

Em algumas tabelas cruzamos as respostas sobre duas perguntas (a primeira pergunta está na coluna à esquerda da tabela e a segunda está na coluna à direita), as quais envolvem, principalmente, informações relacionadas à L1 do participante e de outras gerações de sua família (pais e avós maternos e paternos). A Finalidade é estimar a taxa e a direção de uma possível mudança linguística entre as gerações.

Para além dos dados obtidos por meio dos questionários sociolinguísticos, iremos dispor, quando pertinente, as notas das observações participantes registradas em diário de

campo, para confirmar as respostas dos participantes ou contrastá-las com o que foi constatado em campo.

Consideremos inicialmente os dados na Tabela 10, a serem discutidos em seguida.

Tabela 10 – L1 do participante e de seus pais

	Os pais falam LI um com o outro?		
Qual a L1 do participante?	**Não**	**Sim**	**Total Geral**
G	-	9	9
1ª geração	-	2	2
3ª geração	-	3	3
2ª geração	-	4	4
P	1	-	1
3ª geração	1	-	1
Total Geral	1	9	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: G, Guajajara; P, português; LI, língua indígena (Guajajara);
L1, primeira língua que aprendeu a falar quando criança em contexto natural (língua materna).

A grande maioria dos participantes respondeu que tem como língua materna o dialeto Guajajara e que seus pais também falam a língua indígena um com o outro, exceto um participante da 3ª geração. Ele é filho de mulher indígena com pai não indígena, por isso seus pais não falam Guajajara um com o outro. Isso pode justificar a língua materna desse participante ser o português, e não o dialeto guajajara. A língua indígena, ele só aprendeu aos sete anos de idade, com o avô materno.

O indígena relata que nasceu na TI Araribóia, mas morou por seis anos na cidade de Grajaú para estudar. Nesse período, sofreu preconceito por parte dos colegas *karaiw* ("não indígenas" em tradução do Guajajara) pelo fato de falar Guajajara em uma escola de branco. Segundo ele, os amigos chamavam a língua indígena de "língua de cachorro". Depois desse episódio, ele passou a sentir vergonha de falar o dialeto guajajara.

A situação do indígena que tem como língua materna o português sinaliza que os casamentos mistos também podem interferir na transmissão da língua materna para os filhos, uma vez que os pais, geralmente, fazem uso da língua majoritária (português) nas relações com não indígenas (homem ou mulher) e, assim, dificultam a aprendizagem natural da língua indígena e a transmissão para os filhos no domínio familiar.

Os dados da Tabela 11 e da Tabela 12 a seguir trazem informações[25] sobre qual a língua falada pelos avós (paternos e maternos) dos participantes. Os resultados revelam que, entre as gerações anteriores, a grande maioria é (ou era) falante da variedade Guajajara.

Tabela 11 – L1 do participante e dos avós paternos

	Os dois avós paternos falam LI?		
Qual a L1 do participante?	**Não Sabe**	**Sim**	**Total Geral**
G	-	9	9
1ª geração	-	2	2
2ª geração	-	4	4
3ª geração	-	3	3
P	1	-	1
3ª geração	1	-	1
Total Geral	1	9	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: G, Guajajara; P, português; LI, língua indígena (guajajara); L1, primeira língua que aprendeu a falar (língua materna).

Tabela 12 – L1 do participante e dos avós maternos

	Os avós maternos falam a LI?		
Qual a L1 do participante?	**Sim**	**Não**	**Total Geral**
G	8	1	9
1ª geração	2	-	2
2ª geração	3	1	4
3ª geração	3	-	3
P	1	-	1
3ª geração	1	-	1
Total Geral	9	1	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: G, Guajajara; P, português; LI, língua indígena (guajajara); L1, primeira língua que aprendeu a falar (língua materna).

Entre as três gerações, a maioria dos pais usava mais o Guajajara para falar com os participantes quando esses eram crianças. Somente dois indígenas, da 2ª e 3ª geração, relataram que os pais usavam mais o português, como mostra a Tabela 13 a seguir.

[25] Gorter (1987) alertou que uma das dificuldades encontradas nesse tipo de pergunta é que nem sempre os participantes sabem respondê-la, principalmente os da 3ª geração, ou porque os avós morreram antes de eles nascerem ou porque não tiveram contato com eles. Diante desse problema, o participante pode perguntar se seus pais ou outras pessoas da família sabem essa informação. Tentamos fazer isso com os participantes de nossa pesquisa, mas, ainda assim, não foi possível obter esse dado de um dos participantes.

Tabela 13 – Línguas que os pais do participante usavam para falar com ele quando criança

Quais as línguas usadas pelos pais para falar com o participante quando ele era criança?	+ P	+ G	G	Total Geral
1ª geração	-	1	1	2
2ª geração	1	-	3	4
3ª geração	1	-	3	4
Total Geral	2	1	7	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: + P, mais português; + G, mais Guajajara; G, só Guajajara.

Na Tabela 14 adiante, apresentamos um comparativo sobre o uso das línguas em dois estágios da vida do participante. A primeira questão consiste em saber qual língua os avós do participante usavam para falar com ele quando criança e a segunda pergunta é voltada para o participante responder qual língua ele está usando atualmente para falar com seus pais e avós.

Tabela 14 – Língua de interação entre os avós e o participante na infância e a língua que o participante usa com os pais

	Qual a língua usada pelo participante para falar com seus pais e avós, atualmente?				
Qual a língua usada pelos avós para falar com o participante quando ele era criança?	**+ G**	**G**	**P**	**NC**	**Total Geral**
1ª geração	1	1	-	-	2
G	1	1	-	-	2
2ª geração	1	2	-	1	4
-	-	1	-	-	1
G	1	1	-	1	3
3ª geração	-	3	1	-	4
+ P	-	-	1	-	1
G	-	3	-	-	3
Total Geral	2	6	1	1	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: P, só português; + G, mais Guajajara; G, só Guajajara; NC, não consta (os pais ou avós morreram ou não teve contato com eles).

As respostas mostram que os avós usavam mais o dialeto Guajajara para falar com os participantes de todas as gerações quando estes eram crianças. Somente um dos participantes da 3ª geração respondeu que os avós usavam mais o português. Quanto à língua que o participante está usando agora na vida adulta para falar com as duas gerações anteriores de sua família (pais e avós), os indígenas, em sua maioria (inclusive os da 3ª geração), afirmam que o Guajajara tem sido a língua de interação entre eles atualmente. No entanto, quando buscamos

a ficha dos usos linguísticos no núcleo familiar, as respostas aferidas apontam certa inconsistência, pois o que observamos é que a língua indígena tem um uso inferior ao português quando não há o uso igual de ambas.

Os dados dessa ficha foram construídos principalmente durante as observações participantes, enquanto almoçava na casa dos Caciques ou ficava sentada à porta da casa deles com os demais moradores do aldeamento. Não era tão difícil ter acesso à maioria dos moradores do aldeamento. Sempre que eu chegava, ia diretamente para a casa do Cacique ELOG, que é uma das primeiras ao entrar no aldeamento, e sentava-me com ele e sua esposa na porta. Na maioria das vezes, o casal ELOG e JLG já estava à porta com os filhos, netos ou algum visitante. Após minha visita, geralmente outros moradores se aproximavam para verificar quem havia chegado.

A casa do Cacique mais jovem, HG, era onde eu me sentia com acesso mais livre. Por diversas vezes almocei em sua casa juntamente com sua família e os núcleos familiares menores dos seus filhos adultos. Era comum, na hora do almoço ou no café da manhã, as filhas casadas e a nora do Cacique HG e de JLOG irem com seus filhos e esposos se alimentar nesse local. Três participantes da pesquisa estão ligados à sua família (o casal AOSG e ESSG e sua nora AOSG).

Esses foram os momentos de maior interação nos núcleos familiares registrados na ficha. A cada visita eu anotava em quais contextos a língua indígena (principalmente) ou a língua portuguesa era usada, tanto pelos participantes da pesquisa quanto por outros integrantes da sua família. Isso permitiu uma observação sistematizada. A Tabela 15 a seguir exibe os resultados dos usos das línguas entre as três gerações nos núcleos familiares. Observa-se em todas elas que o português está mais presente nas interações familiares, principalmente entre as gerações mais jovens. Por outro lado, não é muito comum o uso exclusivo do Guajajara nos núcleos familiares.

Tabela 15 – Uso das línguas no núcleo familiar entre pais e filhos e avós e netos (ficha de uso)

	Qual(is) a(s) língua(s) de interação entre avós e netos?			
Qual(is) a(s) língua(s) de interação entre pais e filhos?	**LI e LP**	**G**	**P**	**Total Geral**
1ª geração	2	-	-	2
+ LP	1	-	-	1
LI e LP	1	-	-	1
2ª geração	2	1	2	5
LI e LP	2	1	-	3
P	-	-	2	2
3ª geração	1	1	1	3
LI e LP	-	1	-	1
P	1	-	1	2
Total Geral	4	2	3	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: LI, língua indígena; LP, língua portuguesa; G, só Guajajara; P, só português; + LP, mais língua portuguesa.

Perguntados sobre qual língua o participante usa com seus filhos (Tabela 16), os resultados convergem em parte com os da tabela anterior, pois mostram mais uma vez que três participantes da 3ª geração confirmam o uso do português para falar com seus filhos. Porém, vemos uma divergência em relação a quatro participantes, principalmente da 3ª geração, que afirmam que só usam o Guajajara para falar com seus filhos.

Da 3ª geração, somente NSCG usava mais a língua indígena em interação com o filho, que ainda era recém-nascido. Os filhos dos pais (das três gerações) que já nasceram na cidade e que nela permanecem têm interações somente em português em sua maioria. A língua não está sendo transmitida para as crianças e para os mais jovens na cidade. Entre os participantes da pesquisa, só identificamos uma mulher da 3ª geração que nasceu em Imperatriz, foi para a aldeia quando criança, na qual aprendeu a falar a língua materna, e depois retornou para Imperatriz.

A Tabela 16 e a Tabela 17 a seguir apresentam o quantitativo das respostas quanto à interação linguística dos participantes com seus filhos e com seus netos, respectivamente.

Tabela 16 – Línguas que o participante usa com os filhos

Qual(is) a(s) língua(s) que o participante usa com os filhos?	+ G	G	G e P	P	Total Geral
1ª geração	-	1	1	-	2
2ª geração	1	1	1	1	4
3ª geração	-	2	-	2	4
Total Geral	1	4	2	3	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: + G, mais guajajara; G, só guajajara; G e P, guajajara e português; P, português.

Tabela 17 – Línguas que o participante usa com os netos

Qual(is) a(s) língua(s) que o participante usa com os netos?	G	G e P	P	NC	Total Geral
1ª geração	2	-	-	-	2
2ª geração	1	1	1	1	4
3ª geração	-	-	-	4	4
Total Geral	3	1	1	5	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: G, Guajajara; G e P, Guajajara e português; P, português; NC, não consta (não tem netos ainda).

Durante as observações participantes no aldeamento, vi os pais da 1ª geração e as mães da 2ª geração falando em Guajajara com os filhos em contextos específicos. A compreensão da língua indígena pelas crianças tem se restringido a algumas palavras (nomes de alguns animais e alimentos) e frases relacionadas a atividades demandadas pelos pais ou avós. Ocorre, por exemplo, quando esses solicitam (falando na língua indígena) para as crianças irem ao mercado comprar algo (arroz, sabão, esponja etc.) ou pedem para irem buscar algo ou alguém (bebês ou água, café, cadeira, maracá), quando pedem para as crianças saírem de perto deles e quando chamam a atenção das crianças para reclamar de algo errado que elas fizeram. Nesses contextos comunicativos específicos, notamos que, mesmo as crianças não sendo falantes da língua indígena, elas atendem prontamente aos pedidos dos pais ou avós. Porém, não são capazes de emitir uma sentença em Guajajara.

Em um dos meus trabalhos de campo, algumas crianças me deram uma pequena lista de palavras em Guajajara, sendo a maioria nomes de alimentos, *aroi* (“arroz”), *tiram* (“farinha”), *ma’ero’okwer* (“carne”), *kumaná* (“feijão”), e nomes de animais, *zawara* (“cachorro”), *ka’i* (“macaco”), *zapukaz* (“galinha”). Esse vocabulário faz parte do dia a dia delas no aldeamento. Destacamos para o leitor que as crianças não foram participantes de nossa pesquisa. As análises que as envolvem aqui estão relacionadas às observações do uso das

línguas nos núcleos familiares dos participantes da pesquisa, dos quais elas fazem parte ou como filhas(os) ou como netas(os).

5.1.1 Uso das línguas no aldeamento

Nesta subseção iremos avaliar as respostas a partir das variáveis geração e sexo, a fim de verificar os usos e a proficiência dos indígenas do aldeamento em relação à língua indígena e à língua portuguesa. Os números ressaltam que a 3ª geração de ambos os sexos tem usado mais a língua portuguesa. A língua indígena está sendo mais usada entre os mais velhos da 1ª e 2ª geração. As observações em campo confirmam esses dados.

Nos momentos de interação no aldeamento, em que os indígenas dessas gerações iam até a casa dos Caciques, os cumprimentos inicias (*zane kuem*, "bom dia!"; *zane karuk!* "boa tarde!"; *zane pytun!*, "boa noite!") e boa parte dos diálogos se davam mais na língua indígena. Durante as visitas de indígenas Guajajara das TI, a interação também era em Guajajara em boa parte do tempo, ocorrendo por vezes alternância com o português. Entre os indígenas da 3ª geração em conversa com outros da mesma faixa etária, a interação era mais em português. Somente entre duas participantes dessa geração (do gênero feminino), os diálogos eram mais em Guajajara, porque uma delas (NSCG) havia chegado recentemente ao aldeamento e não falava muito bem o português ainda.

A Tabela 18 a seguir dispõe os resultados das respostas coletadas pelos questionários.

Tabela 18 – Língua mais usada no aldeamento

Qual a língua mais falada no aldeamento?	+ G	+ P	Total Geral
1ª geração	2	-	2
M	2	-	2
2ª geração	4	-	4
F	3	-	3
M	1	-	1
3ª geração	1	3	4
F	1	2	3
M	-	1	1
Total Geral	7	3	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: + G, mais Guajajara; + P, mais português.

Perguntamos a cada participante da pesquisa quantos da família no aldeamento falam Guajajara e quantos falam português. Categorizamos os dados referentes a essas perguntas levando em conta quantos integrantes havia em cada núcleo familiar do participante, para então listar, a partir das respostas dos participantes, quantos falavam LP (língua portuguesa) e quantos falavam LI (língua indígena). Para tanto, usamos as categorias "minoria", "maioria" e "todos" para representar o quantitativo de falantes das línguas por núcleo familiar no aldeamento.

Ressaltamos que o critério de análise mais importante para a mencionada questão foi levar em conta a quantidade de integrantes por família em associação ao quantitativo de falantes da língua indígena. Assim, houve, por exemplo, casos de famílias que tinham 10 integrantes (a família de ELOG), mas somente 3 falavam a língua indígena, enquanto em outra família (família de NSCG) composta apenas por 3 integrantes (o casal e 1 filho pequeno recém-nascido), todos falavam Guajajara, exceto o bebê.

Avaliamos que núcleos familiares como o último referido são mais favoráveis a um ambiente totalmente permeado pela variedade Guajajara, enquanto núcleos como o da primeira família são menos favoráveis ao mesmo ambiente, apesar de ter um número maior de falantes Guajajara. Na Tabela 19 a seguir, os resultados mostram que, em cada família, todos falam português, ao passo que nem todos falam a língua indígena. Somente em duas famílias (os integrantes da 3ª geração, gênero feminino), os dados mostram que todos da família falam ambas as línguas.

Tabela 19 – Número de pessoas da família no aldeamento que falam a língua indígena e quantos falam a língua portuguesa

	Quantos da sua família falam LI?			
Quantos da sua família falam LP?	**Minoria**	**Maioria**	**Todos**	**Total Geral**
Primeira	1	1	-	2
M	1	1	-	2
Todos	1	1	-	2
Segunda	2	2	1	5
F	2	1	-	3
Todos	2	1	-	3
M	-	1	1	2
Todos	-	1	1	2
Terceira	1	-	2	3
F	1	-	2	3
Todos	1	-	2	3
Total Geral	4	3	3	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: LP, língua portuguesa; LI, língua indígena.

A partir da observação participante no dia a dia do aldeamento, notamos que, entre os participantes de nossa pesquisa, há somente uma família em que todos os membros falam o dialeto Guajajara e a língua portuguesa. Essa família é da 3ª geração, gênero feminino. Na época da realização do questionário sociolinguístico, era composta por três integrantes, a participante NSCG, o esposo e o filho recém-nascido.

Tal família chegou recentemente ao aldeamento (em 2019) e é a primeira vez que está morando fora da TI. A participante dessa família fala português, mas sem muita proficiência ainda. Durante a aplicação do questionário com ela, precisei do auxílio de sua cunhada (AOSG), que também é participante da pesquisa, para traduzir algumas questões para o dialeto guajajara. Seu esposo é filho do Cacique HG. Ela e a cunhada me relataram que o esposo não falava Guajajara quando moravam na TI, mas, depois que se casaram, ele aprendeu a falar a língua materna com ela.

Quanto à outra participante da mesma geração, do gênero feminino, que respondeu que todos da família falam Guajajara e português, registramos, a partir da observação participante, que não são todos de sua família que falam a língua indígena. Ela é casada com outro participante da pesquisa, ESSG.

ESSG é filho de uma indígena com pai não indígena. O seu nível de conhecimento da língua indígena é restrito a uma lista de vocabulário, que inclui algumas expressões comuns do dia a dia. Esse dado foi verificado durante as respostas ao questionário sociolinguístico, que

incluía algumas questões envolvendo listas de palavra e tradução de sentenças em Guajajara. Esse participante não demonstrou domínio nem das palavras em Guajajara que elicitamos a partir de imagens de objetos, animais e elementos da natureza. Assim, constatamos que as observações em campo contrastam, às vezes, com algumas informações relatadas nas respostas obtidas por meio dos questionários sociolinguísticos.

Os filhos desse casal não falam a língua indígena. A mãe até tenta falar em Guajajara com eles no dia a dia, mas eles só entendem algumas palavras e expressões. A participante me relatou que uma das suas filhas parou de falar Guajajara quando veio para a cidade ainda criança. Ela chegou a bater na filha para que esta voltasse a falar a língua.

Entre os domínios linguísticos apresentados em Fishman (1965), o domínio familiar e o domínio comunitário seriam os únicos mais viáveis para serem praticados no aldeamento, tendo em vista que os demais domínios, escolar, religioso e do trabalho, ficaram totalmente comprometidos com a migração para a cidade. No entanto, observamos que, mesmo assim, uma minoria nos núcleos familiares e no aldeamento em geral fala a língua indígena.

Esse domínio, o familiar, é o de aprendizagem mais natural para qualquer língua, pois possibilita tanto a aprendizagem da língua quanto da cultura transmitida pelos pais aos filhos, podendo envolver a participação dos demais integrantes da família. Considerando esse fato e o dado que mostra que os pais da 3ª geração falam mais em português e não ensinam seus filhos a falar a língua indígena, esse domínio familiar e o domínio comunitário levam para um estado de desuso do Guajajara em contexto urbano, tal como os demais domínios, escolar e religioso. Os resultados referentes às atitudes linguísticas em relação à língua indígena e à língua portuguesa na seção 5.3 apontam ainda mais para esse cenário.

5.2 PROFICIÊNCIA EM GUAJAJARA E EM PORTUGUÊS

Para verificar o nível de proficiência dos participantes da pesquisa em Guajajara e em português, consideramos quatro habilidades: se lê; se fala; se escreve; e se compreende. Os participantes deveriam se autoavaliar quanto à maneira que executam essas habilidades por meio de um dos seguintes níveis: muito bem (MB); bem (B); pouco (P); muito pouco (MP).

Adiantamos que a habilidade de escrita em Guajajara não é de domínio de boa parte dos participantes da pesquisa. A maioria somente fala e entende Guajajara. Observamos também em nossa visita à aldeia, à TI Araribóia, e pela pesquisa de Barboza (2015), nas TIs Cana Brava/Guajajara e Rodeador, que é muito difícil encontrar algum indígena que domina a escrita em Guajajara. Levando em conta essa realidade dos participantes, decidimos considerar

na categorização dos resultados mais as respostas envolvendo as habilidades de fala e compreensão.

A seguir, os resultados na Tabela 20 mostram o nível MB (muito bem) com (6) registros concentrados mais entre a 2ª e 3ª geração. Isso mostra que o nível MB (muito bem) foi mais assinalado para a fluência em português do que para a fluência em Guajajara.

Tabela 20 – Percepção dos indígenas sobre sua fluência em Guajajara e em português

	Fluência em Português			
Fluência em Guajajara	**B**	**MB**	**MP**	**Total Geral**
1ª geração	1	1	-	2
M	1	1	-	2
B	1	-	-	1
MB	-	1	-	1
2ª geração	2	3	-	5
F	2	1	-	3
B	2	1	-	3
M	-	2	-	2
MB	-	1	-	1
MP	-	1	-	1
3ª geração	-	2	1	3
F	-	2	1	3
B	-	-	1	1
B	-	2	-	2
Total Geral	3	6	1	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: MB, muito bem; B, bem; P, pouco; MP, muito pouco.

Sobre a escrita em Guajajara, apresentamos aos participantes algumas figuras de objetos, animais e elementos da natureza para que eles escrevessem o nome de cada um em Guajajara. Como dito anteriormente, nem todos têm domínio da escrita nessa variedade, mesmo sendo falantes. Para os participantes que não sabiam escrever, solicitamos que fornecessem os nomes das figuras apenas na modalidade oral, isto é, pronunciando em Guajajara o nome do que estava representado nas figuras. Para categorizar os resultados, consideramos se os nomes que escreveram estavam no padrão de escrita guajajara (escrita correta) ou se havia interferência da língua portuguesa. Consultamos o Dicionário Bilíngue Guajajara-Português de Carl e Carole Harrison (Harrison; Harrison, 2013) para conferir as respostas por escrito ou as orais de cada participante.

A Tabela 21 a seguir mostra que a maioria, 8 participantes, escreveu ou falou corretamente o nome das figuras na variedade Guajajara. O participante que realizou a escrita

inadequada pertence à 2ª geração e é do sexo masculino. Ele estudou na cidade e não tinha muita fluência em Guajajara, nem na fala. Chamou-nos atenção, ainda, a participante da 3ª geração, do sexo feminino, que se mudou recentemente da TI Araribóia para o aldeamento. Na escrita das palavras, ela usou muitos empréstimos da LP. Isso associa-se ao relato de que ela tem muito contato com não indígenas em Imperatriz, sendo a maioria de seus amigos não indígenas.

Tabela 21 – Escrita de nomes de figuras em Guajajara

		Escrita em Guajajara		
Geração/Gênero	**Empréstimos da LP**	**Correta**	**Errada**	**Total Geral**
1ª geração	**-**	**2**	**-**	**2**
M	-	2	-	2
2ª geração	**-**	**4**	**1**	**5**
F	-	3	-	3
M	-	1	1	2
3ª geração	**1**	**2**	**-**	**3**
F	1	2	-	3
Total Geral	**1**	**8**	**1**	**10**

Fonte: elaboração própria.
Legenda: LP, língua portuguesa.

Quando perguntamos aos participantes em qual língua preferem escrever e por quê, a maioria que escreve mostra preferência pela escrita em português, principalmente os participantes da 3ª geração (mais jovens), por considerarem que essa língua é mais fácil. Esse dado e os demais apresentados nesta seção sinalizam que os participantes apresentam um nível de proficiência satisfatório em português, haja vista que até na modalidade escrita eles acham mais fácil essa língua. Além disso, eles não relatam nenhuma dificuldade na comunicação em português na cidade. Tanto é que sempre estão se comunicando no comércio do bairro, no posto de saúde ao levarem os filhos para vacinarem-se, na Funai e em outros estabelecimentos da cidade.

Outro ponto que chama atenção, observável pelos dados da Tabela 22 adiante, é que as práticas de ensino nas aldeias (TIs) não têm muito foco na escrita da língua indígena, como aponta uma participante em sua justificativa. Isso confirma os dados da Tabela 20 e da Tabela 21, que mostram que os participantes tiveram dificuldades na escrita de palavras na língua.

A seguir, na Tabela 22, é possível conferir as respostas dos participantes seguidas das respectivas justificativas. Aqueles cuja resposta foi "não escreve" são os participantes sem nível de escolaridade (analfabetos).

Tabela 22 – Língua em que os participantes preferem escrever

Em qual língua prefere escrever? Por quê?	**Total**
1ª geração	2
M	2
- "Guajajara. Por causa da cultura".	1
- Não escreve	1
2ª geração	5
F	3
- Não escreve	3
M	2
- "Guajajara. Porque é melhor".	1
- "Português. Porque aprendi na educação formal, em escola de *karaiw* [branca]".	1
3ª geração	3
F	3
- "Português. Porque é mais fácil".	1
- "Português. Porque é mais fácil e porque não aprendi a escrever em Guajajara na escola da aldeia".	1
- "Português. Porque é mais fácil".	1
Total Geral	10

Fonte: elaboração própria.

Quando perguntamos qual língua os participantes costumam utilizar em redes sociais, mensagens de celular e por telefone, os dados, exibidos na Tabela 23, mostram resultados equivalentes entre o uso do Guajajara mais o português (G e P) e só o uso do português (P), com 3 respostas de utilização para cada um, distribuídas entre as três gerações. A maioria respondeu que usa só Guajajara (G).

Boa parte dos indígenas no aldeamento faz muito uso de aparelho celular conectado à *internet* por dados móveis. Eles costumam usar muito o YouTube para assistir a vídeos, principalmente de bandas musicais. Acessam também o WhatsApp e enviam, geralmente, mensagens em áudio. Os indígenas da 2ª e 3ª geração têm redes sociais: Facebook e Instagram. JLOG, por exemplo, tem essas redes sociais e costuma postar os artesanatos indígenas que confecciona nessas páginas. Todo esse contexto é verificado também nas aldeias guajajara nas TIs, pois em muitas delas há *wi-fi*.

Tabela 23 – Língua(s) que costumam usar em redes sociais, mensagens e ao telefone

Geração/ Sexo	G	G e P	P	Total Geral
1ª geração	1	-	1	2
M	1	-	1	2
2ª geração	2	2	1	5
F	2	1	-	3
M	-	1	1	2
3ª geração	1	1	1	3
F	1	1	1	3
Total Geral	4	3	3	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: G, só Guajajara; G e P, Guajajara e português; P, só português.

Os dados dos questionários sociolinguísticos e as observações dos usos das línguas no aldeamento demonstram que essa comunidade tem dois grupos linguísticos atualmente, caracterizando, assim, um tipo de bilinguismo social, conforme classificação de Appel & Muysken (1987). São eles:

a) Um grupo bilíngue em Guajajara e português, que representa a minoria entre as gerações que vieram da TI e ainda mantém alguns falantes de Guajajara em seus núcleos familiares;

b) Um grupo monolíngue em português, que corresponde à maioria dos moradores, incluindo os que nasceram na cidade.

Embora essa comunidade esteja em um cenário de bilinguismo social, conforme a categorização dos autores anteriormente citados, sua situação linguística atual sinaliza o caminho para uma comunidade linguística monolíngue em português. Esse contexto reflete uma situação de diglossia, que, nos termos de Fishman (1967), é um fenômeno social distinto do bilinguismo, mas ambos estão relacionados.

Diglossia é uma situação sociolinguística em que duas ou mais variedades de uma língua ou até línguas diferentes coexistem em uma comunidade, sendo usadas em contextos distintos e com funções específicas. Fishman (1967) expandiu a definição tradicional de diglossia proposta por Ferguson (1959), que se limitava a considerar uma língua única com variedades diferentes (variedade alta e variedade baixa). O Quadro 10 a seguir mostra quatro situações distintas envolvendo diglossia e bilinguismo.

Quadro 10 – Diglossia e bilinguismo

		Diglossia +	**Diglossia** -
Bilinguismo	+	1. bilinguismo e diglossia	2. bilinguismo sem diglossia
	-	3. diglossia sem bilinguismo	4. nem diglossia nem bilinguismo

Fonte: Fishman (1967, p. 30)

a) Cenário 1. Diglossia sem bilinguismo: duas línguas/variedades coexistem com funções definidas, mas a maioria dos falantes só domina uma delas. Por exemplo: a elite usa a língua formal, enquanto o povo usa a vernacular;

b) Cenário 2. Bilinguismo sem diglossia: pessoas falam mais de uma língua, mas sem divisão funcional rígida; ambas são usadas livremente. Por exemplo: alternância de línguas em comunidades multiculturais;

c) Cenário 3. Diglossia com bilinguismo: divisão funcional clara entre línguas/variedades, e a maioria dos falantes domina ambas. Por exemplo: uso de dialeto informal e língua padrão em diferentes contextos;

d) Cenário 4. Nem diglossia nem bilinguismo: apenas uma língua é usada em todos os contextos, há ausência de diversidade linguística. Isso acontece em comunidades monolíngues.

É difícil inserir a comunidade Guajajara em contexto urbano em uma dessas quatro situações. O cenário 1, de diglossia sem bilinguismo, corresponderia em partes à comunidade em estudo, por haver dois grupos linguísticos no aldeamento, sendo que a maioria dos membros só domina o português, como citamos anteriormente. No entanto, não percebemos haver funções claramente definidas para o uso de uma ou outra língua no aldeamento. Nesse ponto, a situação 2, de bilinguismo sem diglossia, também parece estar relacionada com a situação dessa comunidade.

5.3 ATITUDES LINGUÍSTICAS

As atitudes linguísticas em relação ao Guajajara são mais positivas entre os mais velhos da 2ª e 3ª geração. Além de eles demonstrarem preferência pelo uso da língua materna, há também uma preocupação entre eles sobre o futuro dessa língua, principalmente porque na cidade não há uma escola para ensinar as crianças e os mais jovens a falar a língua. Eles relatam

que procuram falar mais em Guajajara com as crianças, mas que seria melhor se houvesse uma escola.

Entre os indígenas da terceira geração, a maioria dos dois sexos prefere falar o português, o que sugere atitudes negativas em relação à língua indígena, ao eleger o português como a língua para se comunicar em um espaço que também tem moradores que falam Guajajara. A Tabela 24 a seguir mostra a quantificação das respostas dos participantes a partir dos questionários.

Tabela 24 – Língua que preferem falar no aldeamento

Geração/Sexo	G	P	Total Geral
1ª geração	2	-	2
M	2	-	2
2ª geração	4	-	4
F	3	-	3
M	1	-	1
3ª geração	1	3	4
F	1	2	3
M	-	1	1
Total Geral	7	3	10

Fonte: elaboração própria.
Legenda: G, Guajajara; P, português.

Por meio dos questionários sociolinguísticos, procuramos averiguar se houve mudança em relação ao uso da língua materna depois que os indivíduos migraram para a cidade. A Tabela 25 adiante mostra uma comparação entre as línguas que os indígenas mais falavam quando moravam na TI. Somente um participante da 3ª geração, do gênero masculino, respondeu que falava mais o português quando morava na TI. Os demais responderam que falavam mais o Guajajara.

Quanto à língua que mais falam atualmente no aldeamento na cidade, os dados mostram que três participantes, a maioria da 3ª geração, usam mais o português, enquanto os indígenas da 1ª e 2ª geração de ambos os sexos mostram ainda uma manutenção do uso da variante da língua materna mesmo morando na cidade. Os dados evidenciam também que, entre a maioria do sexo feminino da 3ª geração, houve uma mudança: antes o que essa maioria mais falava quando morava na TI era o dialeto Guajajara, mas agora fala mais o português no aldeamento da cidade.

Tabela 25 – A língua mais falada na Terra Indígena e a mais falada no aldeamento urbano

	Qual a língua que mais usa no aldeamento urbano?		
Qual a língua que mais falava quando morava na TI?	**+P**	**+G**	**Total Geral**
G	**2**	**7**	**9**
1ª geração	**-**	**2**	**2**
M	-	2	2
2ª geração	**-**	**4**	**4**
F	-	3	3
M	-	1	1
3ª geração	**2**	**1**	**3**
F	2	1	3
P	**1**	**-**	**1**
3ª geração	**1**	**-**	**1**
M	1	-	1
Total Geral	**3**	**7**	**10**

Fonte: elaboração própria.
Legenda: + P, mais português; + G, mais Guajajara

Ao solicitarmos aos participantes da pesquisa que avaliassem se eles achavam que alguns Guajajara rejeitavam a própria língua, todos são unânimes em responder que sim, que há uma rejeição em relação à língua indígena. A justificativa de cada um aponta um sentimento de vergonha da identidade indígena e por causa do contato com a sociedade não indígena. Isso caracteriza uma dimensão afetiva negativa em relação a ser indígena fora do seu ambiente de origem e, por consequência, à língua ancestral, potencializada pelo contato com a sociedade não indígena, segundo a avaliação dos indígenas. A Tabela 26 a seguir evidencia as respostas.

Tabela 26 – Avaliação sobre a rejeição da língua indígena pelos Guajajara

Você acha que alguns Guajajara rejeitam a própria língua? Por quê?	**Total geral**
1ª geração	2
M	2
- “Sim. Porque não sabem falar”.	1
- “Sim. Por causa do contato com os brancos”.	1
2ª geração	5
F	3
- “Sim”.	2
- “Sim. Porque têm vergonha de falar errado”.	1
M	2
- “Sim, pela influência da língua portuguesa”.	1
- “Sim, por vergonha de ser índio”.	1
3ª geração	3
F	3
- “Sim”.	1
- “Sim, por causa da mudança para a cidade e por vergonha de ser índio”.	1
- “Sim, por vergonha de ser índio”.	1
Total Geral	10

Fonte: elaboração própria.

Quando perguntamos se eles acham que a variedade Guajajara está desaparecendo, isto é, está deixando de ser falada no aldeamento, as respostas confirmam mais uma vez os relatos dos participantes na tabela anterior. Todos respondem que sim e associam isso a diferentes motivações, uma das principais sendo a migração da TI para a cidade. A Tabela 27 a seguir traz as respostas para serem conferidas.

Tabela 27 – Percepção dos participantes quanto ao desaparecimento da língua indígena no aldeamento

Você acha que a variedade guajajara está desaparecendo? Por quê?	**Total geral**
1ª geração	2
M	2
- "Sim, por causa da mudança para a cidade".	1
- "Sim, por causa da mudança para a cidade".	1
2ª geração	5
F	3
- "Sim. Porque tá usando mais a língua portuguesa entre mães e filhos".	1
- "Sim. Porque há falta de aprendizagem da língua indígena pelas crianças".	1
- "Sim, por falta de uso da língua indígena".	1
M	2
- "Sim, por causa do contato entre Guajajara e branco".	1
- "Sim, por causa da desvalorização da língua indígena".	1
3ª geração	3
F	3
- "Sim, por causa da mudança para a cidade".	1
- "Sim, por causa da mudança para a cidade".	1
- "Um pouco, porque há mais uso do português na cidade".	1
Total Geral	10

Fonte: elaboração própria.

Os resultados obtidos por meio dos questionários sociolinguísticos e da observação participante em campo revelam que a língua indígena não está tendo transmissão para as crianças e nem está sendo aprendida por elas, sejam crianças que nasceram na cidade ou que vieram muito cedo das TIs e acabaram deixando de falar a língua indígena ao chegar em Imperatriz. Tudo isso pode comprometer a propagação da língua futuramente para as próximas gerações que se encontrarem em contexto urbano, tendo em vista que as gerações novas atuais (crianças) são falantes apenas de português.

Esse prognóstico se agrava ao observarmos as atitudes linguísticas dos participantes e de seus familiares em relação à variedade Guajajara e à língua portuguesa. Esta última é a língua de preferência para uso no aldeamento entre a maioria dos indígenas da 3ª geração. Essa é justamente a geração que mais está tendo filhos na cidade e é a mesma que não está transmitindo a língua indígena para suas crianças. Tal projeção sobre o futuro da variedade Guajajara entre o grupo de migrantes que foi da aldeia para a cidade de Imperatriz impõe a busca de alternativas para a preservação, manutenção e revitalização da língua indígena, face ao contato intenso e a uma disputa assimétrica com o português em contexto urbano.

Além do aspecto linguístico, as práticas culturais que também fortalecem a identidade indígena e a própria língua mostram um enfraquecimento depois que o grupo migrou para a cidade. Não há atividades relacionadas à tradição do povo Guajajara no aldeamento. O Cacique ELOG e sua esposa, JLG, comentam que uma vez tentaram fazer a Festa do Moqueado para uma de suas filhas, a festa tradicional Guajajara que celebra a passagem da menina para a vida adulta após a primeira menstruação (como abordamos no Capítulo 2), mas que a comunidade urbana não assumiu esse costume.

Outras práticas ligadas aos costumes religiosos Guajajara também não são mantidas. Não há nenhum indígena no aldeamento com a função de Pajé, por exemplo, para desenvolver os rituais de cura e reza. Para os indígenas é suficiente pegar remédios no posto de saúde do bairro ou comprá-los quando não há no posto. Por outro lado, observamos as ações de igrejas evangélicas e católicas no aldeamento, fazendo cultos e ações sociais com entregas de cestas básicas para cada família, além da entrega de sementes para plantio de alimentos na área.

Nesse aspecto, verificamos que o domínio linguístico religioso da cultura Guajajara e o uso da língua indígena nesses espaços são inexistentes no aldeamento; eles não acontecem no aldeamento porque dão agora espaço ao domínio religioso dos não indígenas e, por conseguinte, à língua portuguesa, que se torna a única opção linguística nesse espaço dominado pelos brancos falantes de português.

O aldeamento configura um espaço integrado ao bairro, cujo entorno é rodeado por casas, bares, comércios pequenos, escola e por uma grande avenida (Av. Pedro Neiva de Santana) com vários pontos de ônibus que facilitam o acesso contínuo dos moradores do aldeamento na cidade a outros pontos. A comunidade desse espaço é aberta e bastante acessível às instituições não indígenas e aos indivíduos não indígenas que frequentemente vão ao aldeamento vender alguns objetos, como cadeiras, roupas, assim como não indígenas que se relacionam com as mulheres indígenas.

O contexto microssocial dos Guajajara em ambiente urbano, como o de Imperatriz, evidencia a interação dinâmica entre as práticas sociolinguísticas e as atitudes dos falantes. As escolhas linguísticas desses indivíduos não apenas refletem as condições de contato e convivência com outra comunidade linguística, mas também revelam as pressões socioculturais que moldam suas identidades e relações sociais.

Sob a perspectiva de Fishman, (1965, 1995) as atitudes linguísticas desempenham um papel crucial na preservação e no uso da língua, funcionando como um termômetro das estratégias de resistência cultural e adaptação às exigências do ambiente urbano. Nesse sentido, compreender a dimensão microssocial é essencial para interpretar a extensão e a natureza da

influência do contato linguístico entre o Guajajara e o português dentro nesse cenário. Na próxima parte da tese, veremos esses desdobramentos na estrutura linguística da variedade Guajajara.

PARTE 2: EFEITOS LINGUÍSTICOS ESTRUTURAIS DO CONTATO

6 LÍNGUAS EM CONTATO, USO E COGNIÇÃO: DIÁLOGOS FUNCIONALISTAS

Neste capítulo abordamos a interação entre os campos teóricos da abordagem funcional-tipológica, da Linguística de Contato e da Estrutura da Informação. A interface entre essas abordagens fundamentará as análises e discussões teóricas sobre a tipologia da ordem de palavras em Guajajara e as construções com o desiderativo *-wer*.

O tema central desta tese é o estudo do contato entre duas línguas tipologicamente diferentes, o Guajajara, uma língua posposicional, e o português, uma língua preposicional. Para a investigação desse tema, consideramos necessária a descrição dos aspectos linguísticos do Guajajara, sobretudo os sintáticos, para verificar, por meio de um estudo tipológico, se essa variedade tem sofrido alterações e/ou mudanças de ordem estrutural a partir do contato linguístico intenso com o português — língua que pode ter exercido influência não somente devido ao contexto urbano investigado, mas também ao contato há mais de quatro séculos com a variedade Guajajara — e/ou por outras motivações de ordem interna. Tal descrição está fundamentada teoricamente pela abordagem funcional-tipológica, com base em Comrie (1989), Dryer (1997), Croft (2000, 2003), Givón (2001), Greenberg (1966) e Hawkins (1983).

Comrie (1989) discute a abordagem funcional-tipológica pelo viés dos universais linguísticos e pela tipologia linguística. O autor esclarece, a partir de questionamentos, o porquê da consideração dos estudos dos universais linguísticos e dos princípios que os sustentam. Ao questionar "por que a linguagem universal existe? Por que a linguagem humana está vinculada a esses princípios universais?" (Comrie, 1989, p. 196), ele destaca que há vários caminhos para possíveis respostas, dois deles ligados ao aspecto físico e cognitivo e ao aspecto da função social da linguagem:

> O primeiro tipo de linguagem universal está ligado ao físico (incluindo o fisiológico e o cognitivo) - limitações de seres humanos. O segundo tipo considera não somente a forma de linguagem universal, relacionando-os com propriedades formais das espécies humanas, mas pensando antes sobre a função da linguagem, por exemplo, como um meio de comunicar a informação e como um meio de manter contato social. (Comrie, 1989, p. 196).

Na visão do autor, esses dois tipos de entendimento da linguagem universal, o formal e o funcional, são essenciais se quisermos compreender as motivações subordinadas à existência de linguagem universal.

Na linha da tipologia linguística, as investigações estão mais voltadas a diferenças/variações de ordem estrutural que ocorrem nas línguas naturais, levando em conta

um estudo empírico que segue também critérios pragmáticos para analisar a forma e o funcionamento de diferentes línguas do mundo. Nesse sentido:

> A abordagem tipológica da gramática que ressurgiu na década de 1960, começando com Greenberg (1966a, b, 1974, 1976, 1978, 1979), segue um primeiro plano empírico e pragmático. Primeiro, reconhece que os universais não precisam ser absolutos, mas às vezes podem ser uma questão de grau ou tendência. Isso se deve à grande complexidade da base biológica (cognitiva, comunicativa, gramatical, onde múltiplos fatores interagem de formas complexas e muitas vezes competitivas (Givón, 2001, p. 24).

Para Croft (2003, p. 1), "a diferença mais importante entre a tipologia e as outras abordagens da estrutura linguística é que a abordagem tipológica é fundamentalmente de natureza translinguística" e, na descrição e análise de línguas, reconhece que há variação nas estruturas gramaticais entre os idiomas.

Embora um funcionalista tipológico investigue as propriedades gramaticais e categorias universais mais recorrentes nas línguas do mundo, essa investigação se pauta na relação da estrutura interna com a função da linguagem. Na perspectiva teórica dos universais tipológicos, as principais partes do discurso (substantivos e verbos) são vistas como protótipos universais, mas essa teoria não define limites/restrições para essas categorias:

> A tipologia linguística não prevê comportamento exato de línguas específicas; em vez disso, ela prevê que uma língua se encaixa em algum lugar no padrão de variação permitido pela teoria da marcação tipológica (Croft, 2000, p. 86).

Langacker (2008) tem proposto uma análise conceptual das principais partes do discurso. Para ele, o substantivo é um conceito interpretado como não relacional, concebido estaticamente e holisticamente. Um verbo é um processo, isto é, um conceito construído como relacional (mentalmente visualizado por meio do tempo). Modificadores, incluindo adjetivos, são conceitos construídos como relacionais. Na visão desse pesquisador, as categorias consideradas como universais podem passar por mudanças semânticas e/ou extensões semânticas. Tais extensões envolvem um grau de conceptualização, que, às vezes, pode representar uma mudança semântica bastante significativa.

Para Croft (2000, p. 98):

> A diferença entre as teorias cognitiva e tipológica das partes do discurso é principalmente uma questão de ênfase. A teoria Cognitiva enfatiza a uniformidade da construção semântica encontrada repetidamente através da linguagem com respeito para construções expressando a função pragmática. A teoria tipológica foca na variação encontrada nos padrões distribucionais de construções e classes lexicais dentro e entre diferentes línguas, fundamental à tipologia universal.

Uma descrição do Guajajara, sobretudo dos aspectos sintáticos, poderá contribuir para a comparação e análise da atual configuração desse dialeto, para verificar se as propriedades gramaticais dessa variedade têm passado por algumas alterações e/ou mudanças na sua estrutura interna. Com isso, espera-se esclarecer melhor a questão sobre possível mudança linguística induzida por contato íntimo das línguas.

Dentro desse tópico específico sobre mudança linguística e outros fenômenos induzidos pelo contato, esta pesquisa se apoia, também, na área da Linguística de Contato, a partir dos trabalhos de Weinreich (1953), Thomason (2001), Thomason e Kaufman (1988), Crystal (1988), Appel e Muysken (1987), Matras e Sakel (2007), Treffers-Daller e Sakel (2012) e Aikhenvald e Dixon (1999, 2007). Tendo em vista que são duas abordagens teóricas conciliáveis, com base na concepção de linguagem sociointeracionista que as orienta, a investigação dos fenômenos linguísticos se dá em consonância com componentes além do sintático (considerando o aspecto semântico e o pragmático), fundamentais para a compreensão desses fenômenos que envolvem as experiências do usuário da língua em interação social, com o ambiente físico e cultural no qual está inserido.

Em Barboza (2015) fizemos o primeiro estudo do contato entre o Guajajara e o português, com o recorte mais centrado na influência do português no léxico desse dialeto, principalmente nos empréstimos linguísticos. No estudo atual, procuramos avançar na investigação da influência do português na estrutura do Guajajara, buscando especialmente possíveis mudanças na estrutura sintática e compreender os fatores linguísticos e extralinguísticos que induzem essas possíveis alterações e/ou mudanças.

Thomason (2001) aborda um conjunto de fatores que pode atuar na mudança linguística. O primeiro deles é de ordem sociocultural e histórica e envolve a situação de contato linguístico, a fim de compreender o grau e a intensidade do contato entre os falantes. A autora lista algumas variáveis sociais, como o gênero, a escolaridade e a faixa etária, entre outras, para analisar a influência da língua de contato na língua nativa dos falantes. Na perspectiva desse campo teórico-metodológico, é necessário, primeiramente, um claro conhecimento da dinâmica social de contato linguístico da comunidade, que inclui o contexto social da situação de contato, para explicar a real situação sociolinguística dos falantes. Fizemos isso na Parte 1 desta tese.

Além dos fatores extralinguísticos abordados anteriormente, os fatores linguísticos também coocorrem, ou concorrem, no processo de mudança linguística. Há dois indicadores que ajudam a identificar essas possíveis mudanças: o grau de integração de propriedades da

língua de contato na língua nativa[26] e a distância tipológica entre ambas as línguas. Quanto maior o grau de integração dos elementos da língua de contato na língua nativa do falante e mais forem distantes as tipologias dessas línguas, maior a possibilidade de uma mudança linguística.

Enquadra-se nesse cenário o caso do dialeto Guajajara em contato com a língua portuguesa, que apresenta uma estrutura tipológica totalmente diferente desse dialeto indígena. A integração de elementos de uma língua na outra desencadeia efeitos na estrutura da língua nativa, apresentando perda, adição ou substituição de material linguístico. Isso pode causar uma reorganização do sistema linguístico da língua nativa. No componente sintático, por exemplo, passa a ocorrer uma substituição da tipologia da ordem de palavras SVO (verbo inicial) para SOV (verbo final) e vice-versa.

Segundo a abordagem da Sociolinguística do Contato de línguas, a mudança na ordem de palavras, que inclui a ordem entre o verbo e seus argumentos, não costuma ser muito comum. Os registros mais encontrados foram em construções possessivas, pois a alteração na ordem do possuidor e do possuído não afeta a organização do predicado. Nos estudos de Matras (2007), ela elencou, dentro de uma hierarquia, as categorias linguísticas mais suscetíveis à mudança na ordem de palavras em contextos de contato linguístico. Nessa hierarquia, o adjetivo e o possuidor se mostram mais vulneráveis à alteração na ordem do que os verbos lexicais. A autora ainda observa que línguas com mudança na tipologia sintática tendem a ser línguas com longo histórico de contato, inseridas em um contexto de multilinguismo estável.

O diálogo entre a abordagem funcional-tipológica e a Linguística de Contato nos auxiliará na compreensão e análise dos fenômenos linguísticos em Guajajara induzidos pelo contato com o português.

6.1 ORDEM DE PALAVRAS: UMA ABORDAGEM TIPOLÓGICA

Nesta seção trazemos os postulados teóricos sobre a ordem de palavras em uma perspectiva tipológica, a partir dos estudos de Greenberg (1966), Hawkins (1983) e Dryer (1997).

[26] Usamos o termo “língua de contato” em referência à língua não materna da comunidade (L2), o português, e “língua nativa” em referência à língua materna do falante, o Guajajara (L1).

Greenberg (1966), pioneiro nos estudos tipológicos sobre a ordem de palavras nas línguas do mundo, empregou um conjunto de critérios para estabelecer os fatores relacionados à tipologia da ordem básica de palavras[27].

O primeiro deles diz respeito às línguas que têm preposições em oposição às línguas que têm posposições. Ele relaciona esse critério à posição do verbo nas sentenças, para a classificação tipológica das línguas em dois tipos básicos: línguas preposicionais (verbo inicial) e línguas posposicionais (verbo final). O segundo critério considera a posição dos argumentos (sujeito e objeto) em relação ao verbo em sentenças declarativas. Há seis ordens possíveis (matematicamente): SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS, sendo que as três últimas ordens, que apresentam o objeto precedendo o sujeito, tendem a ser menos frequentes ou raras entre as línguas do mundo, segundo o autor. De acordo com essa tendência, Greenberg (1966) postulou seu primeiro universal linguístico: "em sentenças declarativas com sujeito nominal e objeto, a ordem dominante é quase sempre uma em que o sujeito precede o objeto" (Greenberg, 1966, p. 77). O terceiro e último critério está ligado à posição dos adjetivos em relação ao nome.

Com base nesses critérios, o autor criou uma série de universais linguísticos implicacionais, estruturados dentro de um modelo que parece refletir uma lógica matemática (se uma língua tem a categoria X, então tem a ordem Y) para estabelecer as tendências de ordem básica de palavras nas línguas do mundo. Na lógica desses universais, a existência de uma determinada categoria em uma língua implica a ordem de palavras em outra(s) categoria(s), como podemos visualizar em seu segundo universal linguístico: "em línguas com preposições, o genitivo quase sempre segue o nome, enquanto nas línguas com posposições quase sempre precede" (Greenberg, 1966, p. 78).

Muitos estudos linguísticos fizeram uso da tradição greenberguiana como parâmetro para a classificação das ordens de palavras nas línguas. Inclusive, Harrison (1986) e Duarte (2007) para as duas variedades do Tenetehara, Guajajara e Tembé, respectivamente. No entanto, a partir dos estudos de um maior quantitativo de línguas e de outros critérios de classificação tipológica, muitos dos universais linguísticos e de ordem de palavras postulados por Greenberg (1966) foram questionados em trabalhos posteriores de outros estudiosos.

Um deles foi o estudo de Hawkins[28] (1983), que considera problemática a noção de ordem básica de palavras definida por Greenberg (1966) a partir de uma tipologia baseada somente na posição do verbo. Para Hawkins (1983), a posição do verbo não é um indicador

[27] Greenberg (1966) utilizou uma amostra de trinta línguas.
[28] Hawkins (1983) usou uma amostra de 350 línguas.

tipológico tão relevante. Em seu trabalho, ele considera que a preposição e a posposição são os principais indicadores tipológicos, pois são capazes de prever coocorrências de ordem de palavras tanto em línguas preposicionais quanto em línguas posposicionais. Além disso, esse autor observa uma liberdade condicionada na ordem das palavras: "a liberdade da ordem das palavras no nível da sentença é condicionada por regras pragmáticas sensíveis a informações antigas *versus* novas, tópicos, focos, etc." (Hawkins, 1983, p. 12).

Nessa perspectiva, para além dos critérios formais, outros são levados em conta, como os pragmáticos e semânticos. Nas línguas pesquisadas, ele encontrou outras ordens que não foram identificadas no trabalho de Greenberg (1966): VOS e OVS (nas línguas malagasay e hixkaryana, respectivamente). Com isso, ele registra contraexemplos ao primeiro universal de Greenberg, ao identificar línguas com o objeto precedendo o sujeito.

Outros critérios usados em seus estudos são a frequência e a marcação e não marcação para definir a ordem básica nas ocorrências em que aparecem duas ordens possíveis para uma mesma categoria. Por exemplo, entre modificadores como adjetivos (ADJ), que podem aparecer antes ou depois do nome, N-ADJ ~ ADJ-N, a dupla mais frequente é a ordem básica; e, entre uma dupla gramaticalmente não marcada e outra marcada, a ordem básica é aquela não marcada.

Sobre essa variação na ordem dos sintagmas nominais, que conta com adjetivos, genitivos (GEN), sentenças relativas (REL) e outras categorias, o autor relata que há um consenso compartilhado entre muitos linguistas[29] de uma tendência de as "línguas colocarem os elementos modificadores consistentemente antes ou consistentemente depois dos elementos modificados" (Hawkins, 1983, p. 2).

Essa tendência é associada à classificação das línguas em posposicionais e preposicionais. Em línguas posposicionais, normalmente, os modificadores precedem o nome, GEN-N; ADJ-N; REL-N, mas, em línguas preposicionais, os modificadores vêm depois do nome, N-GEN; N-ADJ; N-REL. No entanto, Hawkins (1983) alerta que esse princípio para a ordem entre modificador-nome não está totalmente correto, pois há muitas línguas OV que invertem essa ordem para nome-modificador. O mesmo acontece com algumas línguas VO, que, em vez de usarem os modificadores após o nome, usam antes dele.

Em termos teórico-metodológicos, o autor aponta que os princípios estabelecidos por meio de combinações lógicas que correlacionam a ordem de palavras à presença de determinadas propriedades tipológicas, como fez Greenberg (1966) para seus universais

[29] Linguistas da Alemanha entre os séculos XIX e XX.

linguísticos, não têm "capturado as restrições significativas de muitas línguas", no que diz respeito às muitas possibilidades de coocorrência de ordem de palavras nos diferentes tipos de línguas (preposicionais e posposicionais).

Nesse sentido, Hawkins (1983) propõe que uma tipologia de ordem de palavras é definida com base nas diferentes possibilidades de coocorrência de ordem previstas em seus universais implicacionais. Para ele, não há uma ordem exclusiva para cada tipo de língua. Ambos os tipos podem compartilhar ordens semelhantes. Como será apresentado a seguir, a partir dos registros desse autor sobre outras línguas, em oposição aos universais greenberguianos.

Em Greenberg (1966), ele afirmou que línguas com ordem dominante VSO são preposicionais e colocam o adjetivo somente após o nome. Hawkins (1983) encontrou línguas com ordem dominante VSO, mas com o adjetivo precedendo o nome nas seguintes coocorrências do Quadro 11[30]:

Quadro 11 – Ordem do adjetivo e do genitivo em línguas VSO

Línguas VSO
NA & NG
AN & NG
AN & GN
***NA & GN** **(não encontrou exemplos)**

Fonte: adaptado de Hawkins (1983, p. 65, grifo nosso).
Legenda: NA, nome-adjetivo; NG, nome-genitivo; AN, adjetivo-nome; GN, genitivo-nome.

Nas línguas com ordem predominante SOV, Hawkins (1983) contesta outro universal de Greenberg (1966), que determinou para línguas desse tipo que, se o genitivo segue o nome (GN), então o adjetivo também segue o nome. Aquele autor mostra as ocorrências do adjetivo precedendo o nome (AN) em línguas com essa tipologia, como evidencia o Quadro 12 a seguir. Ao encontrar registros de adjetivo precedendo o nome, Hawkins (1983, p. 64) postulou seu primeiro universal implicacional para as línguas do tipo SOV sobre as coocorrências de adjetivo e genitivo: "se uma língua tem ordem de palavras SOV, se o adjetivo precede o nome, o genitivo precede o nome".

[30] Segundo Hawkins (1983, p. 65), as quatro coocorrências são encontradas, também, em línguas SVO.

Quadro 12 – Ordem do adjetivo e do genitivo em línguas SOV

Línguas SOB
AN & GN
NA & GN
NA & NG
*AN & NG (não encontrou exemplos)

Fonte: adaptado de Hawkins (1983, p. 64, grifo nosso).
Legenda: NA, nome-adjetivo; NG, nome-genitivo; AN, adjetivo-nome; GN, genitivo-nome.

Tendo em conta os dois quadros expostos anteriormente, chama-nos atenção as declarações do autor: "[...] há uma coocorrência de NA & GN que é produtiva em línguas SOV **e que é descartada em línguas VSO (VOS e V-inicial)**" (Hawkins, 1988, p. 64, grifo nosso). Essa afirmação em paralelo aos universais de Greenberg (1966) vistos anteriormente não converge com o comportamento da ordem de palavras em Guajajara. As ocorrências nessa variedade diferem tanto dos universais de Greenberg (1966), por ser uma língua com uma das ordens dominantes VSO (em sentenças independentes) e ser posposicional, quanto dos dados de Hawkins (1983), que não registra exemplos de línguas VSO com ordem NA e GN (ver Quadro 11).

Tipologicamente, o Guajajara se comporta de forma diferente por apresentar uma ordem rígida, na qual o genitivo sempre precede o nome, enquanto o adjetivo geralmente é posicionado após o nome. Esta última relação não é tão rígida, pois há ocorrências com adjetivo precedendo o nome nos ambientes com verbos descritivos, como ocorre nos dados de Harrison (1986). É importante lembrar que o Guajajara tem a ordem de palavras condicionada aos tipos de sentenças[31]: VSO em sentenças independentes e SOV em sentenças dependentes (como vimos em 2.6). Essa configuração pode, talvez, tornar possíveis diferentes coocorrências em relação a cada tipo de ordem predominante (VSO e SOV) nas línguas que se comportam semelhantemente, de modo a conterem tanto ordens características de línguas VSO (ex.: AN e GN) quanto das línguas SOV (ex.: NA e GN). Embora haja uma tendência maior à coocorrência de padrões típicos de línguas SOV por configurar as ordens NA/AN & GN.

Hawkins (1986) apresentou dois princípios que operam por trás da ordem entre nome e modificador, os quais, segundo ele, podem explicar as diferentes coocorrências em línguas preposicionais e em línguas posposicionais: o Princípio da Serialização de Peso (ou *Heaviness Serialization Principle*, HSP) e o Princípio da Mobilidade (MP).

[31] Os nossos dados coletados junto aos indígenas que moram na cidade evidenciam que tal condição não é tão rígida atualmente, pois, em sentenças dependentes, tem ocorrido também a ordem VO.

O HSP leva em conta a ordenação dos constituintes mais leves e mais pesados à direita ou à esquerda do núcleo nas línguas preposicionais e nas línguas posposicionais. A concepção do que seria mais leve e mais pesado corresponde à forma estrutural mais curta e mais longa dos constituintes em termos morfológicos e sintáticos. A partir desse critério, Hawkins (1983, p. 90) propõe a seguinte Hierarquia de Peso (ou *Heaviness Hierarchy*, HH) entre os constituintes: Rel ≥ Gen ≥ Adj ≥ Dem ≥ Num (com as respectivas abreviações para relativa, genitivo, adjetivo, demonstrativo e numeral e onde "≥" lê-se como "maior ou igual em peso").

Sobre o MP, o autor argumenta que algumas categorias têm mais mobilidade do que outras, podendo permitir diferentes coocorrências entre a ordem nome e modificador para uma mesma categoria. De acordo com esse princípio, categorias como demonstrativo, número e adjetivo são mais móveis do que o genitivo e as relativas.

Observa-se entre os princípios HSP e MP uma correspondência tal que as categorias mais leves do HSP são, também, as categorias mais móveis do MP. A mesma correspondência é notável entre as categorias mais pesadas e as menos móveis nos dois princípios. Ambos interagem na ordem dos modificadores de nomes, surgindo, assim, um novo princípio a partir dessa interação, o Princípio de Interação de Mobilidade e Peso (*Mobility and Heaviness Interaction Principle*, MHIP).

O Quadro 13 a seguir sintetiza as informações sobre peso e mobilidade das categorias envolvidas nos dois princípios:

Quadro 13 – Interação entre o Princípio da Serialização de Peso e o Princípio da Mobilidade na ordem das categorias

Princípio	**Mais pesado**	**Mais leve**
HSP	Relativo	Demonstrativo
	Genitivo	Numeral
	-	Adjetivo
Vs.		
MP	**Menos móvel**	**Mais móvel**
	Relativo	Demonstrativo
	Genitivo	Numeral
	-	Adjetivo

Fonte: Elaboração própria

Esses dois princípios atuam juntos na ordem dos modificadores nas línguas preposicionais e nas línguas posposicionais:

> Línguas preposicionais consistentemente colocam modificadores mais leves para a esquerda e mais pesados para a direita, enquanto **línguas posposicionais têm alguns constituintes mais pesados à direita com os mais leves para à esquerda e, inversamente, alguns constituintes mais leves à direita com um pesado à esquerda**, de acordo com o MHIP (Hawkins, 1983, p. 95-96, grifo nosso).

Nas línguas preposicionais as ordens dos modificadores são mais consistentes, enquanto nas línguas posposicionais são previstas duas ordens para os modificadores. A ordem pode sofrer alterações dependendo do peso e da mobilidade dos modificadores, gerando uma disputa entre os dois princípios (HSP e MP). Na maioria dos casos de conflito entre ambos, o MP predomina sobre o HSP.

Os estudos de Dryer (1997), além de agruparem línguas com núcleo inicial e línguas com núcleo final, apresentam uma outra alternativa de classificação tipológica baseada em dois parâmetros binários que envolvem a ordem de palavras em sentenças transitivas e intransitivas. Nesse estudo, o autor chega a quatro tipologias de ordem de palavras: VS e VO; SV e VO; SV e OV; e VS e OV (Dryer, 1997, p. 69).

Dryer (1997) lista uma série de argumentos a favor de sua proposta, entre eles, o de que há línguas com ordem de palavras flexível, podendo variar em diferentes construções ou ter os tipos OV/VO e SV/VS. Isso complica a classificação dessas línguas pela tipologia tradicional e, dentro da sua proposta tipológica, línguas com essas características podem ser parcialmente classificadas, porque preveem dois parâmetros distintos (objeto e verbo; sujeito e verbo).

Levando em conta as abordagens sobre a tipologia da ordem de palavras na perspectiva tipológica vista nesta seção, percebemos que o Guajajara, de fato como observou Harrison (1986), é composto por muitas características tipológicas de línguas preposicionais e posposicionais, ou de línguas OV e VO nos termos de Greenberg (1966), o que dificulta a definição de uma ordem de palavras mais consistente nesse dialeto dentro dos dois tipos básicos.

Ao que parece, os estudos de Dryer (1997) se adequam mais ao perfil tipológico do Guajajara, por prever as ordens VS e OV (mais frequente nos estudos anteriores desse dialeto) e as demais ordens que encontramos, recentemente, em nossa pesquisa (como será abordado no Capítulo 7). Nossa fundamentação será a abordagem desse autor para a análise da ordem de palavras em Guajajara, somada a alguns critérios abordados em Hawkins (1983) com consideração de aspectos pragmáticos e semânticos, entre outros.

6.2 ORDEM DE PALAVRAS PELO VIÉS DA ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO DE LAMBRECHT

Nesta seção abordamos os postulados da Estrutura da Informação a partir do trabalho de Lambrecht (1994), em diálogo com outros estudiosos da Linguística Cognitiva, como Chafe (1976), que fundamentarão teoricamente nossas discussões sobre alguns fenômenos linguísticos em Guajajara, especialmente aqueles envolvendo a ordem dos constituintes.

A estrutura da informação, nos estudos de Lambrecht (1994), é compreendida como um mecanismo interpretativo de estruturas sintáticas já formadas, cuja análise é feita a partir da estrutura das sentenças e do contexto discursivo em que elas estão inseridas. Analisaremos, especificamente, os mecanismos formais e as motivações pragmáticas envolvidos na ordem de palavras em Guajajara, dando atenção especial à ordem SVO, predominante em nossos dados.

A proposta teórica de Lambrecht (1994) sobre a estrutura da informação faz um diálogo entre a abordagem formal e funcional da linguagem, dada as peculiaridades de algumas formas linguísticas nem sempre serem explicadas somente pelas regras gramaticais de uma língua, mas também pela interação com outros componentes. Nessa perspectiva, o autor concebe a estrutura da informação como um componente da gramática estruturado na sentença, tal que essa é interpretada linguisticamente levando em conta um conjunto de regras gramaticais, semânticas e pragmáticas, além das representações dos estados mentais dos interlocutores no contexto do discurso. Nas palavras do autor:

> Estrutura da informação [é] aquele componente da gramática de sentença em que proposições como representações conceituais de estados de coisas são emparelhadas com estruturas lexicogramaticais, de acordo com os estados mentais de seus locutores, que usam e interpretam essas estruturas como unidades de informação em determinados contextos do discurso (Lambrecht, 1994, p. 5, tradução nossa)[32].

Cabe-nos destacar os entendimentos de Lambrecht (1994) sobre alguns termos para compreender seu modelo teórico antes de avançarmos na discussão de sua abordagem. Um dos entendimentos pauta-se na distinção que o autor faz entre a informação transmitida linguisticamente e o sentido expresso por ela por meio dos conceitos de "informação proposicional" e "informação pragmática". A informação proposicional refere-se ao conteúdo semântico da sentença, ou seja, o que é expresso explicitamente pela sentença. Já a informação pragmática engloba o contexto, as pressuposições, que vão além do conteúdo proposicional e são influenciadas pelo contexto de uso da linguagem.

[32] "*Information structure: that component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts*" (Lambrecht, 1994, p. 5).

Ele argumenta que o conceito de informação está intimamente ligado à sua diferenciação do conceito de sentido na linguagem. O sentido de uma sentença está em um campo literal da linguagem, especificamente, na expressão linguística, enquanto a informação abrange um campo mais amplo, permitindo compreender a linguagem além do seu significado literal, tendo a influência do contexto na interpretação das mensagens linguísticas.

A base teórico-metodológica da Estrutura da Informação interpreta[33] as sentenças usadas pelos falantes por meio da relação entre todos os elementos linguísticos que as constituem, de como o fluxo da informação é organizado e das motivações pragmáticas[34] imbricadas na estrutura formal das línguas, que utilizam diferentes configurações sintáticas para expressar uma mesma proposição.

O autor faz uso da noção de alossentenças, que são pares de sentenças equivalentes semanticamente, mas diferentes em termos de estrutura formal e pragmática. Sentenças com voz ativa *vs.* voz passiva e com ordem canônica *vs.* topicalizada constituem alguns dos exemplos de alossentenças. Essa metodologia de análise permite comparar a construção usada pelo falante em um determinado contexto do discurso com outras sentenças equivalentes semanticamente e disponíveis na língua (mas não utilizadas), a fim de demonstrar que as escolhas do falante por uma forma ou outra pode indicar uma unidade de informação para os interlocutores no contexto do discurso.

As diferentes estruturas formais disponíveis em cada língua para expressar uma mesma proposição e a escolha do falante por uma forma específica em um dado contexto discursivo envolvem tanto as regras (ou restrições) que o sistema de cada língua permite na estruturação de sentenças (componente sintático) quanto o modo como as informações são processadas e interpretadas mentalmente pelos interlocutores. As representações mentais do discurso abrangem a estruturação cognitiva das informações, a conexão entre informações novas e antigas, a hierarquia das informações no discurso e a organização das relações entre as partes de uma sentença. Essas representações mentais desempenham um papel fundamental na

[33] Lambrecht (1994, p. 27, tradução nossa, grifo nosso) deixa bem claro que a "Estrutura da informação não desempenha nenhum papel na organização formal de sentenças. **Seu papel é de um mecanismo interpretativo** que verifica estruturas sintáticas totalmente formadas quanto à sua adequação em determinado contexto de enunciado".

[34] O domínio geral da Pragmática delimita-se a duas áreas, a área da Pragmática Conversacional e a da Pragmática Discursiva, cada uma com um escopo de estudo diferente: "enquanto a pragmática conversacional se preocupa com a questão de por que uma mesma forma de frase pode expressar dois ou mais significados, **a pragmática discursiva se preocupa com a questão de por que um mesmo significado pode ser expresso por duas ou mais formas de frase**" (Lambrecht, 1994, p. 4, tradução nossa, grifo nosso). Dito de outra forma, a Estrutura da Informação é uma denominação diferente para Pragmática Discursiva. Neste trabalho, seguimos os postulados da Estrutura da Informação (Pragmática Discursiva) a partir dos estudos de Lambrecht (1994).

compreensão da comunicação, pois possibilitam aos falantes e ouvintes identificarem elementos que são unidades de informações relevantes ao contexto comunicativo.

As estratégias sintáticas e pragmáticas que as línguas naturais disponibilizam para indicar foco, por exemplo, desempenham o papel de marcação na expressão da estrutura da informação. Pelas sentenças no exemplo a seguir, Lambrecht (1994, p. 14) traz estruturas sintáticas do inglês, italiano e francês, respectivamente, que são equivalentes semanticamente, mas adaptadas a cada língua, devido às diferentes regras sintáticas e pragmáticas delas visando atender à estrutura da informação da proposição no contexto discursivo[35].

(39) a. My CAR broke down.
b. Mi si è rotta la MACCHINA.
c. J'ai ma VOITURE qui est en PANNE.
("Meu carro quebrou")

Nas sentenças em (39), diferentes regras sintáticas e pragmáticas coocorrem, ou concorrem, para realizar a marcação do argumento equivalente a "carro" no português. Em inglês, o padrão sintático SV não é violado, dado que o sintagma nominal (SN) *car* aparece em precedência ao verbo". A marcação (acentuação) se dá pela prosódia. Já em italiano, a ordem de palavras é controlada pela pragmática, fazendo com que a ordem canônica SV seja invertida ao colocar o argumento *machinna* em posição pós-verbal, VS (marcação de foco). Em francês, somente a ordem de palavras SV(O) é permitida. No entanto, por motivação pragmática, esta língua usa a estratégia de inserir uma sentença clivada à estrutura, a fim de marcar a acentuação do argumento *voiture*.

Nesse sentido, cada língua faz diferentes ajustes em sua estrutura gramatical para atender às funções comunicativas demandadas pelo contexto discursivo.

> [...] Os requisitos comunicativos do discurso determinam diretamente não somente o conteúdo do discurso, mas também a forma dos enunciados, e essa estrutura da informação pode, portanto, em certo sentido, EXPLICAR a estrutura das sentenças (Lambrecht, 1994, p. 26, tradução nossa)[36].

[35] De acordo com o autor, a sentença foi considerada na seguinte situação: "o ônibus está atrasado na estação porque uma mulher com as mãos cheias de sacolas de compras está entrando no ônibus lentamente. Ela se dirige aos passageiros, já impacientes, com um sorriso de desculpas e emite a sentença: 'my CAR brokedown' 'meu CARRO quebrou' (Lambrecht, 1994, p. 14, tradução nossa).

[36] "[…] *the communicative requirements of discourse directly determine not only the content but also the form of utterances and that information structure therefore can in some sense EXPLAIN the structure of sentences*" (Lambrecht, 1994, p. 26).

A estrutura da informação, nos estudos de Lambrecht (1994), envolve quatro categorias: pressuposição e asserção; identificabilidade e ativação; tópico; foco. Apesar de serem independentes, todas são articuladas na análise interpretativa da informação estruturada nas sentenças.

Para o aspecto da ordem de palavras em Guajajara, interessa-nos, principalmente, a categoria tópico, para analisar como o grau de topicalidade de um referente determina diferentes codificações linguísticas, incluindo as expressões referenciais, nessa variedade, tais como: os pronomes livres, o sistema de codificação dos marcadores de pessoa (nominativo, absolutivo), o redobro pronominal e as partículas que enfatizam a fala do homem e a fala da mulher, algumas vezes, ocorrendo todas simultaneamente.

Mobilizaremos, ainda, as categorias cognitivas relacionadas às representações dos estados mentais dos interlocutores no contexto do discurso, pressuposição, identificabilidade e ativação do referente, as quais contribuem para a análise de um conjunto de representações mentais do referente compartilhado entre falantes e ouvintes e expresso linguisticamente na sentença. Essas categorias podem, por sua vez, motivar também a ordem de palavras em Guajajara. Nas próximas seções trataremos sobre cada categoria.

6.3 PRESSUPOSIÇÃO PRAGMÁTICA E ASSERÇÃO PRAGMÁTICA

Nesta categoria entram em jogo dois princípios, o princípio da ignorância (desconhecimento) e o princípio do conhecimento (ou de consciência). Ao emitir um enunciado, o falante pressupõe o estado de conhecimento ou de ignorância do ouvinte sobre a informação expressa na sentença.

A pressuposição pragmática, na análise da estrutura da informação, é evocada lexicogramaticalmente em uma sentença que o falante assume já ser de conhecimento do ouvinte. Ou seja, é uma manifestação formal de elementos lexicais ou gramaticais para reforçar aquilo que o ouvinte já sabe (informação velha), mas que o falante presume que ele não lembra no momento do enunciado.

A asserção pragmática está relacionada ao princípio da ignorância, sendo entendida como a proposição expressa por uma sentença que se espera que o ouvinte só tome conhecimento ao ouvi-la. As categorias pressuposição e asserção em Lambrecht (1994) aproximam-se dos conceitos conhecidos na literatura pragmática como informação velha e

informação nova, respectivamente. Contudo, segundo o autor, informação nova e asserção são duas noções distintas[37].

Sentenças relativas são tipos de estruturas em que são manifestados linguisticamente elementos gramaticais usados pelo falante para ajudar o ouvinte a determinar um referente, relacionando-o a algum item já citado na sentença, conforme o exemplo a seguir, retirado de Lambrecht (1994, p. 51):

(40) Eu finalmente conheci a mulher que se mudou para o andar de baixo[38].

O autor lista as seguintes pressuposições pragmáticas evocadas lexicogramaticalmente na enunciação da sentença (40):

a) o destinatário pode identificar o indivíduo do sexo feminino designado pelo sintagma nominal definido "a mulher", expresso gramaticalmente pelo artigo definido "a";

b) alguém se mudou para o andar de baixo no mesmo local que o falante reside, conforme é evocado gramaticalmente pela sentença relativa "que se mudou para o andar de baixo";

c) o ouvinte espera que o falante tenha tido algum conhecimento (alguma informação) sobre a mulher em algum momento anterior à enunciação da sentença. Isso é compreendido pelo uso lexical do advérbio "finalmente";

d) o ouvinte conhece os referentes dos pronomes "eu" e "que" no momento em que esses pronomes são pronunciados;

e) a sentença evoca os seguintes pressupostos de relevância por meio de dois pronomes não acentuados: a proposição expressa pela frase é interpretável como informação relevante sobre o referente de "eu", e a proposição expressa pela oração relativa pode ser interpretada como uma informação relevante sobre o referente de "que".

[37] "Utilizo esse termo quase como sinônimo do que chamei de 'informação nova'. No entanto, as duas noções são distintas. Embora a 'informação' tenha a ver com o ato comunicativo pelo qual um falante aumenta o conhecimento do ouvinte — ou enriquece a sua representação do mundo — adicionando uma nova proposição, a 'ASSERÇÃO' é a própria proposição adicionada. Devo enfatizar que 'pode ser uma afirmação' não coincide com o uso comum de 'afirmar' uma proposição contrasta com negá-la ou questioná-la. Nem coincide com o uso em que 'afirmação' é sinônimo de 'enunciado', isto é, em que o termo se refere a um tipo de ato de fala, expresso em DECLARATIVA em oposição a sentenças INTERROGATIVAS, IMPERATIVAS ou EXCLAMATIVAS" (Lambrecht, 1994, p. 54-55, tradução nossa).

[38] *"I finally met the woman who moved in downstairs*" (Lambrecht, 1994, p. 56).

A pressuposição expressa em e) compreende uma outra categoria pragmática, a de tópico (que será descrita mais adiante). No exemplo anterior, a informação relevante recai sobre os referentes de "eu" (falante) e "que" (a mulher que se mudou para o andar de baixo). O autor aponta que, nesse exemplo, a asserção pode ser expressa informalmente da seguinte forma: "considerando as pressuposições [de a) a e)], o falante conheceu agora o indivíduo em questão [a mulher que se mudou para o andar de baixo]" (Lambrecht, 1994, p. 56, tradução nossa)[39].

Dessa forma, a pressuposição e a asserção coocorrem na mesma sentença, tendo em vista que uma proposição expressa na sentença pode envolver tanto conteúdos pressupostos, quanto conteúdos não pressupostos. Na asserção, especificamente, são acrescentados conteúdos não pressupostos sobre os quais o falante supõe que o ouvinte ainda não tem conhecimento e os quais se superpõem em relação ao conteúdo pressuposto. Embora ambas possam estar relacionadas na sentença, a pressuposição e a asserção diferem uma da outra. A distinção entre esses dois conceitos é fundamental para a compreensão da categoria foco, da qual trataremos mais adiante.

6.3.1 Identificabilidade e ativação

A informação expressa linguisticamente na sentença envolve os referentes do discurso, que podem ser entidades ou proposições. Os referentes do discurso podem ser expressos por diferentes categorias que representam os argumentos ou associam-se a eles, incluindo SNs, pronomes, vários tipos de orações subordinadas e adjuntos como algumas frases adverbais (aquelas que se referem às circunstâncias de uma predicação)[40]. Uma proposição pode adquirir o *status* de referente discursivo se o falante supor que ela é conhecida pelo destinatário. Os referentes proposicionais podem ser expressos por meio de vários tipos de orações subordinadas (incluindo frases verbais não finitas) ou podem ser expressos por pronomes.

De acordo com Lambrecht (1994), quando um falante deseja expressar uma afirmação (fazer uma asserção) envolvendo alguma entidade que não pode ser referida deiticamente e que ele assume ainda não estar representada na mente do destinatário, é necessário que ele crie uma representação dessa entidade por meio de uma descrição linguística,

[39] "Taking for granted the pro- positions in (i) through (v) above, the speaker has now met the individual in question." (Lambrecht, 1994, p. 56),

[40] They cannot normally be expressed in phrases which serve as PREDICATES. (Lambrecht, 1994, p. 75, nossa). "Normalmente não podem ser expressos em frases que servem como predicados" (Lambrecht, 1994, p. 75, tradução nossa).

podendo ser, a partir de então, referida anaforicamente no discurso subsequente. O processo de criação para representação linguística dessa entidade é comparado à abertura de um novo arquivo referencial no registro do discurso[41], no qual outros elementos de informação podem ser acrescentados no decorrer da conversa e reabertos em outros discursos futuramente.

Propor que uma entidade está ou não representada na mente do destinatário implica mobilizar categorias cognitivas capazes de fundamentar o que leva o falante a assumir que uma entidade já tem ou não um arquivo aberto no registro do discurso. Apoiado pelo viés teórico de Chafe (1976), Lambrecht (1994), usando um termo proposto por esse autor, postula a categoria cognitiva de identificabilidade.

A identificabilidade é definida em uma relação de distinção cognitiva entre um referente identificável, correspondente àquele referente para o qual já existe uma representação na mente do falante e do ouvinte no momento do enunciado, e um referente não identificável, aquele para o qual uma representação existe somente na mente do falante.

Ambos estão inter-relacionados aos conceitos de pressuposição pragmática e asserção pragmática, abordados na seção anterior. No entanto, aqui, a importância não é dada à pressuposição de existir um referente identificável na mente do ouvinte (pressupor ser tal referente conhecido pelo ouvinte), mas ao fato de o falante assumir que esse referente identificável possui uma propriedade relevante a qual tem representação na mente do destinatário, possibilitando a ele selecionar tal referente ao identificar a propriedade que o falante tem em mente, entre todas as propriedades que podem ser designadas com uma expressão linguística particular.

Todo esse contexto envolve, ainda, fatores psicológicos, como a consciência e as memórias de curto e longo prazo, determinando os estados de ativação dos referentes identificáveis, por meio das escolhas linguísticas do falante na codificação das estruturas pressuposicionais contidas na sentença. Assim, o ouvinte é capaz de modular seu estado de consciência, que está relacionado à ativação do referente, e de identificar e selecionar o referente que o falante julga ser relevante no discurso enunciado.

Considerando a ideia de Chafe (1987) de que nossas mentes são dotadas de uma larga quantidade de conhecimento ou informação e somente uma porção mínima dessa quantidade pode estar focada (ou estar ativa) em um dado momento, Lambrecht (1994)

[41] The set of representations which a speaker and a hearer may be assumed to share in a given discourse will be called the DISCOURSE REGISTER. (Lambrecht, 1994, p. 74, grifos do autor). “Corresponde ao conjunto de representações que se pode presumir que um falante e um destinatário compartilham em um determinado discurso” (Lambrecht, 1994, p. 74, tradução nossa).

argumenta que um referente identificável pode estar em um dos três estados de ativação seguintes: ativo, semi-ativo (ou acessível) e inativo. Um referente ativo corresponde àquele que está no foco da consciência de uma pessoa em um determinado momento. Um referente semi-ativo (ou acessível) ocupa um lugar na consciência periférica de uma pessoa, não estando diretamente focado. Um referente inativo é aquele "que está atualmente na memória de longo prazo de uma pessoa, nem focal nem perifericamente ativo" (LAMBRECHT, 1994, p. 94)[42].

Vemos, então, que o grau de ativação do referente está ligado a dois estados mentais diferentes, ao estado de conhecimento (identificabilidade) e ao estado de consciência (ativação) das representações dos referentes na mente dos interlocutores, bem como à diferença entre memória de longo prazo (inativo) e memória de curto prazo (ativo e semi-ativo).

Um item ativado não tem um estado de ativação permanente. Essa ativação, geralmente, cessa logo que outro item é destacado na consciência do ouvinte. O autor exemplifica isso com o uso do pronome não acentuado *she* ("ela"), que é usado para se referir a um referente feminino específico somente enquanto esse referente ocupa o lugar de atenção dos participantes do discurso. Quando essa atenção muda e o foco é direcionado para outro item, não é mais adequado usar esse pronome novamente para se referir ao mesmo referente.

Por sua vez, um item inativo se mantém no estado de consciência por um período longo, independentemente de algum outro item estar no foco da atenção do destinatário. Outros fatores, como a natureza do referente, o *status* inativo do referente e a possibilidade de uso de um SN definido para esse referente específico em uma determinada língua, podem levar um mesmo referente a apresentar diferentes períodos de ativação, podendo durar o período de um discurso específico ou ultrapassar o período desse discurso, com a capacidade de durar por tempo indeterminado.

O estado de ativação de um referente requer antes de tudo que ele seja identificável. Portanto, se um referente é não identificável para um destinatário, ele não pode ser ativado.

[42] Chafe (1987:22ff) argues that a particular concept may be in any one of three ACTIVATION STATES. Which he calls ACTIVE. SEMl-ACTIVE (or ACCESSIBLE) and INACTIVE respectively. An ACTIVE concept is one "that is currently lit up, a concept in a person's focus of consciousness at a particular moment." An ACCESSIBLE/SEMI-ACTIVE concept is one "that is in a person's peripheral consciousness, a concept of which a person has a background awareness, but one that is not being directly focused on." An INACTIVE concept is one "that is currently in a person's long-term memory, neither focally nor peripherally active. (Lambrecht, 1994, p. 93-94, grifos do autor)

Seguindo a terminologia de Prince (1981), Lambrecht (1994) refere-se a esse referente não identificável como *brand-new*, delimitando um novo referente.

Um referente não identificável ainda se distingue entre ancorado e não ancorado. O *status* de um sintagma nominal com referente não identificável é necessariamente codificado com proeminência prosódica, tendo em vista que os referentes identificáveis já ativados dispensam esse tipo de marcação. Um item não identificável não ancorado pode ser codificado por SNs indefinidos (por exemplo, "uma garota", "uma amiga") em línguas que têm categorias de definitude. Já um item não identificável ancorado é uma combinação sintática de um sintagma indefinido articulado a um sintagma definido. Em outras palavras, um referente totalmente novo precisa estar ancorado a outra sentença que carregue informações suficientes para o ouvinte ser capaz de identificar ou ter uma representação mental desse novo referente inserido no contexto discursivo, conforme as sentenças exemplificadas a seguir.

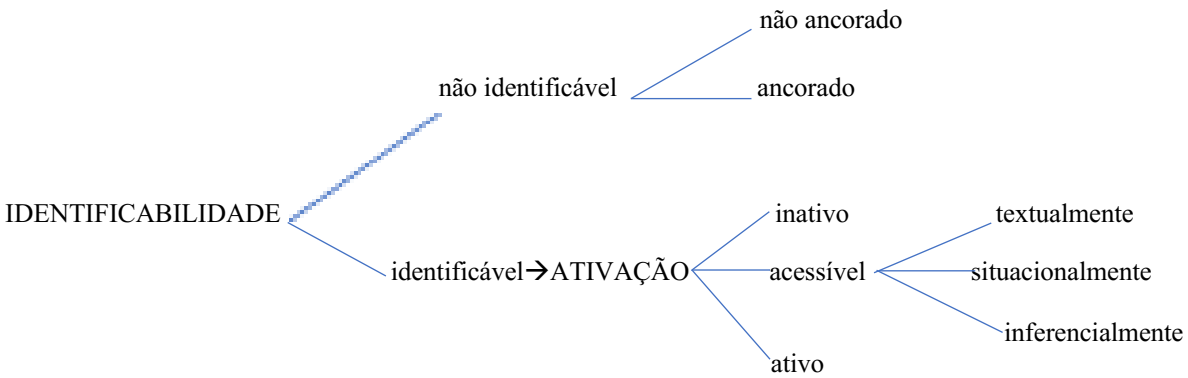
(41) Uma garota **com quem eu trabalho**.

(42) Uma amiga **do meu irmão**.

Embora haja uma forte correlação entre a não identificabilidade e a categoria formal de indefinitude, ela não é absoluta. Cada língua que tem a categoria definitude pode apresentar diferentes configurações quando do uso de SNs definidos e indefinidos. Alguns referentes não identificáveis são codificados com SNs definidos, e certos referentes identificáveis podem ser expressos com SNs indefinidos, como no inglês em *the daughter of a king* ("a filha de um rei") ou *king's daughter* ("a filha do rei").

O diagrama a seguir, na Figura 12, disponível em Lambrecht (1994, p. 107), fornece uma visão geral das categorias de identificabilidade e ativação e suas respectivas distinções cognitivas discutidas nesta subseção.

Figura 12 – Diagrama das categorias de identificabilidade e ativação



Fonte: Lambrecht (1994, p. 107).

6.3.2 Correlação entre os estados cognitivos e as categorias formais da língua

Lambrecht (1994, p. 107) lista algumas manifestações linguísticas relacionadas aos estados cognitivos dos referentes nas categorias identificabilidade e ativação (ativo, semi-ativo ou acessível e inativo) e às propriedades formais do referente, definidas a partir de contrastes formais: (i) presença *vs.* ausência de acento; (ii) codificação pronominal *vs.* codificação lexical; e, em algumas línguas, (iii) marcação definida *vs.* indefinida.

Partindo dos estados cognitivos dos referentes para a manifestação formal, temos codificações linguísticas pelas seguintes categorias formais:

> a) Referente ativo: pode ser codificado como uma expressão não acentuada ou acentuada, pronominal ou lexical, expressão definida ou indefinida. "Todas as expressões referenciais não acentuadas têm referentes ativos, mas nem todos os referentes ativos aparecem em expressões não acentuadas" (Lambrecht, 1994, p. 106, tradução nossa)[43];
>
> b) Referente não ativo (identificável ativo ou não identificável): geralmente é codificado como um SN lexical acentuado, que pode ser definido ou indefinido;
>
> Ele destaca que, apesar de todos os tipos formais serem compatíveis com o estado cognitivo ativo, somente alguns tipos são compatíveis com os outros estados cognitivos.

Partindo dos tipos formais para os estados cognitivos, o autor observa as seguintes correlações:

> a) A codificação pronominal e a ausência de proeminência de tom são condições suficientes, mas não necessárias para a ativação de um referente;
>
> b) A presença de acento e codificação lexical são condições necessárias, mas não suficientes para a inativação de um referente;
>
> c) O contraste formal entre codificação definida *vs.* codificação indefinida não é uma condição necessária nem suficiente para a identificabilidade ou para o estado de ativação, embora haja uma forte tendência de referentes não identificáveis serem codificados como SNs indefinidos.

[43] All unaccented referential expressions have active referents, but not all active referents appear as unaccented expressions (Lambrecht, 1994, p. 106).

Lambrecht (1994, p. 108, tradução nossa) enfatiza que "a única correlação direta entre uma categoria formal e um estado cognitivo é aquela entre a falta de proeminência prosódica e/ou a codificação pronominal e ativação".[44]

Os exemplos apresentados por Lambrecht (1994, p. 95-97) ilustram as correlações entre os estados cognitivos e as categorias formais codificadas linguisticamente na sentença. Comecemos com o uso de um referente não acentuado, considerando os pronomes livres e os SNs definidos. De acordo com o que vimos anteriormente, um referente com esse tipo formal é assumido como um referente ativo.

(43) a. Eu vi o João e o Pedro esta manhã. Ele está doente.
b. Eu vi o João e o Pedro esta manhã. O João está doente.

Na sentença (43a) há dois referentes ativados, os SNs lexicais definidos "o João" e "o Pedro". Há nela uma ambiguidade, pois não está claro à qual dos referentes o pronome "ele" está se referindo (o que pode ser desfeito pelo contexto pragmático, caso, por exemplo, o João seja conhecido como uma pessoa doente. Assim, o pronome "ele" seria interpretado como referente a "o João"). Seria preferível, nesse contexto, referir-se a alguém que está doente usando um SN lexical, conforme a sentença reformulada em (43b).

No exemplo a seguir há o referente do pronome "ela" ativo nas duas sentenças. Mas, em (44b), esse é codificado em expressão acentuada, conforme mostra a proeminência prosódica representada pelo uso de maiúsculas no pronome.

(44) a. Eu vi a MARIA ontem. Ela disse OI.
b. Eu vi a MARIA e o JOÃO ontem. ELA disse OI, mas ELE ainda está muito BRAVO com você.

O fato de um item estar acentuado não indica necessariamente um estado de ativação do referente. A noção de contrastividade, também, deve ser considerada na diferenciação de pronomes acentuados e não acentuados. Nesse exemplo em específico, a acentuação mostra estar cumprindo mais a função de distinção ou desambiguação entre os dois referentes, em vez de marcar um estado de ativação.

Quanto ao *status* semi-ativo (ou acessível) dos referentes, podem ser descritos por meio de três fatores: (i) a desativação de um estado anterior, que está relacionada a um referente acessível textualmente (na parte interna do texto), (ii) a inferência de um esquema cognitivo ou

[44] (...) the only one- to-one correlation between a formal category and a cognitive state is the one between lack of prosodic prominence and/or pronominal coding and activeness (Lambrecht, 1994, p. 108).

frame[45], que corresponde a um referente acessível por inferência via algum elemento linguístico, ou pelo contexto extralinguístico, (iii) pela presença no mundo externo ao texto, caracterizando-se como um referente acessível situacionalmente. Apesar de as três subcategorias relacionadas ao *status* semi-ativo (ou acessível) do referente não terem uma codificação linguística em termos de categorias formais, Lambrecht (1994, p. 100) pontua que uma diferença entre referentes acessíveis e inativos "pode ter consequências sintáticas, influenciando a posição de um constituinte na sentença ou a escolha de outras construções gramaticais."

Ele argumenta, ainda, que a acessibilidade de um referente, especialmente, do tipo inferencial ou situacional, não implica necessariamente que um referente acessível está presente indiretamente ou perifericamente na consciência de uma pessoa. A acessibilidade cognitiva é vista como o potencial de ativação de um referente, e não como o estado de um referente na mente de uma pessoa. O falante oferece ao ouvinte a acessibilidade a um referente por meio da estrutura pressuposicional da sentença, permitindo ao ouvinte explorar esse potencial por meio de inferências, por pistas internas no texto ou por exploração do conhecimento de mundo externo ao texto.[46]

6.3.3 Tópico e foco

O tópico (ou tema) é caracterizado tradicionalmente na literatura como aquele elemento que ocupa a primeira posição na sentença. Na visão de Lambrecht (1994), essa posição para o tópico não é uma regra absoluta nem obrigatória, embora, nos estudos translinguísticos, ele possa ocorrer frequentemente nessa posição. No quadro teórico adotado

[45] Esta noção é definida por Chafe (1987, p. 29 *apud* Lambrecht, 1994, p. 99): A schema is usefully regarded as a cluster of interrelated expectations. When a schema has been evoked in a narrative, some if not all of the expectations of which it is constituted presumably enter the semi·'active state. From that point on, they are more readily available to recall th3.n they would have been as inactive concepts. "Um esquema é utilmente considerado como um conjunto de expectativas inter-relacionadas. Quando um esquema é evocado numa narrativa, algumas, se não todas, as expectativas que o constituem presumivelmente entram no estado semi-ativo. Desse ponto em diante, eles estão mais prontamente disponíveis para lembrar que teriam sido conceitos inativos. Ele menciona as expectativas associadas ao esquema típico de uma turma de graduação, que inclui os conceitos 'aluno', 'instrutor', 'assistente de ensino', 'sala de aula', etc., todos os quais se tornam acessíveis e podem ser codificados adequadamente uma vez que o esquema geral da sala de aula é iluminado pela menção de um de seus componentes" Chafe (1987, p. 29 *apud* Lambrecht, 1994, p. 99, tradução nossa).

[46] I believe that the main criterion in manipulating the pragmatic states of referents in a discourse is not whether some referent is "objectively" active or inactive in a hearer's mind but whether a speaker assumes that a hearer is willing and able, on the basis of grammatical forms with particular presuppositional structures, to draw certain inferences which are necessary to arrive at the correct interpretation of a referent. (Lambrecht, 1994, p. 105).
"O principal critério para manipular os estados pragmáticos dos referentes em um discurso não é se algum referente está 'objetivamente' ativo ou inativo na mente do ouvinte, mas se um falante assume que um ouvinte está disposto e é capaz, por assim dizer, com base em formas gramaticais com estruturas pressuposicionais particulares, de tirar certas inferências que são necessárias para chegar à interpretação correta de um referente" (Lambrecht, 1994, p. 105, tradução nossa).

por esse autor, os constituintes no início da sentença podem ser tópico ou foco, dependendo do contexto discursivo no qual a sentença está inserida, entre outros fatores.

A definição de tópico em Lambrecht (1994) é derivada da definição de "sujeito" da gramática tradicional. Entretanto, essas duas noções não têm uma ligação direta em termos de função gramatical e função pragmática, pois nem todo tópico é necessariamente o sujeito gramatical e os sujeitos gramaticais não são necessariamente tópicos, pelo menos em línguas como o inglês.

A categoria tópico, para esse autor, é compreendida por uma relação no nível da sentença, a qual é construída pragmaticamente. Partindo dessa noção, ele delimita seu estudo a tópicos de sentença (ou tópicos de cláusulas). Nessa abordagem, o tópico é definido em uma relação de *aboutness* ("sendo sobre") entre uma entidade (referente do discurso) e uma proposição. Um referente é interpretado como tópico de uma proposição se, no contexto do discurso, a proposição é construída como **sendo sobre** esse referente (*aboutness*), expressando uma informação relevante capaz de ampliar o conhecimento do destinatário sobre esse referente.

Interpretar uma proposição como sendo sobre um referente tópico implica que esse referente é pressuposto pragmaticamente, isto é, ele deve estar em discussão ou estar acessível no contexto do discurso. Determinar um referente como tópico de uma proposição envolve algumas categorias cognitivas vistas nas subseções anteriores, como o *status* cognitivo identificável, o grau de ativação do referente e sua representação na mente do destinatário, a fim de que ele possa ser retomado no registro do discurso, como será exemplificado na próxima subseção.

Assim como o tópico, a categoria foco, pelo prisma teórico da Estrutura da Informação, tem uma definição diferente daquela da gramática tradicional, que, geralmente, relaciona o foco ao elemento que recebe proeminência prosódica na sentença ou, ainda, pela relação conjunta tópico-comentário, codificada na sentença como sujeito-predicado respectivamente, sendo o foco entendido como um comentário com informação nova sobre o tópico.

O critério prosódico, adotado pela tradição gramatical como aspecto principal para determinar o foco, é visto por Lambrecht (1994) como não suficiente para tanto, pois alguns fenômenos prosódicos entendidos como foco podem estar marcando apenas diferentes estados de ativação do referente do discurso, uma relação de contrastividade ou outra função. Portanto, um elemento não pode ser considerado foco simplesmente porque está acentuado. O contexto

discursivo deve ser levado em conta na identificação do foco, como será demonstrado nos exemplos da subseção seguinte.

Entre a visão tradicional e a de Lambrecht (1994), a única característica que tem uma aproximação é a de foco como informação nova, mesmo com algumas observações no nível formal e funcional pontuadas pelo autor, que segue uma abordagem mais pragmática na análise da estrutura da informação.

Em sua proposta, o foco é definido como uma categoria semântico-pragmática, não como uma categoria formal no nível sintaticamente estruturado da sentença. Nesse sentido, o foco de uma sentença (ou de uma proposição expressa por uma sentença) é dado no contexto de um enunciado. O foco é a parte da asserção pragmática que não faz parte da pressuposição, pois essas duas categorias se diferem uma da outra.

Determinar o foco de uma sentença, no domínio da estrutura da informação, envolve levar em conta os estados cognitivos dos interlocutores e identificar o estado em que o falante supõe que seu destinatário ainda não tem conhecimento sobre a informação, ou consciência dela, até o momento de a sentença ser enunciada. Em outras palavras, o falante supõe que o destinatário só tomará conhecimento da informação ao ouvir o conteúdo expresso pela sentença. Nos termos de Lambrecht (1994, p. 207, tradução nossa), "foco é o elemento pragmaticamente NÃO-RECUPERÁVEL em uma enunciação. O foco é o que transforma um enunciado em uma asserção".[47]

6.3.4 Funções pragmáticas, estrutura do tópico e estrutura do foco

Como vimos na subseção anterior, segundo a proposta teórica de Lambrecht (1994), para determinar se um referente é o tópico da sentença, é necessário saber se a proposição expressa pela sentença está pragmaticamente construída como sendo sobre esse referente e se ele já está pressuposto. O relacionamento entre o tópico e a pressuposição pragmática suscita a aplicação do teste linguístico de perguntas e respostas para determinar o tópico de uma sentença. Esse teste permite também interpretar a estrutura da sentença em diferentes contextos discursivos. Consideremos a sentença a seguir:

(45) a. As crianças foram para a escola.
b. (O que as crianças fizeram?) As crianças foram para a ESCOLA.

[47] It is the UNPREDICTABLE or pragmagmatically NON-RECOVERABLE element in an utterance. The focus is what an utterance into an assertion. (Lambrecht, 1994, p. 207, grifos do autor).

c. (Quem foi para a escola?) As CRIANÇAS foram para a escola.
d. (O que aconteceu?) As CRIANÇAS foram para a ESCOLA.

Para determinar se o SN “as crianças” em (45a) é o tópico dessa sentença, é preciso saber se a proposição expressa pela sentença está pragmaticamente construída como sendo sobre “as crianças”. Assim, é necessário verificar se o SN “as crianças” apresenta as seguintes características: é um assunto que está no centro de interesse ou preocupação atual ou pode ser uma informação relevante. No teste de pergunta e resposta entre (45b) e (45d), podemos visualizar diferentes contextos discursivos que a sentença (45a) pode expressar ao servir como resposta possível.

A sentença expressa na resposta em (45b) é a única que configura de fato uma relação de *aboutness* entre o referente do SN “as crianças” e a proposição expressa pela sentença. A resposta mostra que a proposição foi construída como sendo sobre o referente “as crianças”. Sendo assim, “as crianças” representa o tópico da sentença. O SN lexical “as crianças” é um referente pressuposto, uma vez que ele já está anunciado na pergunta do interlocutor, enquanto o sintagma verbal carrega a informação nova acerca do referente tópico “as crianças”, a de que elas foram para a escola, aumentando, assim, o conhecimento do destinatário sobre esse referente.

Em termos de estrutura da informação, a sentença expressa na resposta em (45b) é classificada como **sentença tópico-comentário**, em vez de sentença sujeito-predicado, comumente referida dessa forma na literatura tradicional. Em termos formais, em algumas línguas (como o inglês), sentenças tópico-comentário caracterizam-se pela marcação de um acento que assinala foco em algum constituinte da frase verbal, como mostra a proeminência de tom em “escola”, enquanto o SN “as crianças” não apresenta nenhum acento.

Em (45c), a resposta expressa não foi construída como sendo sobre o referente “as crianças”, tendo em vista que esse referente não está pressuposto no contexto discursivo. Nesse caso, a frase verbal (“foram para a escola”) é que carrega o conteúdo pressuposto pragmaticamente. A sentença apenas **identifica** o referente “as crianças” como resposta no contexto da pergunta “**quem** foi para a escola?”. Esse referente funciona como um argumento que serve para completar a proposição expressa pela sentença. Por isso, o sujeito “as crianças”, não funciona como tópico da sentença em (45c). Ele é marcado formalmente pelo acento no SN e compõe um tipo especial de expressão de foco, denominado como argumento-foco em Lambrecht (1994), enquanto a frase verbal que contém a pressuposição é não acentuada.

Na sentença expressa em (45d), o sintagma nominal “as crianças”, também não é tópico. Levando em conta o componente gramatical, o que conta para a estrutura da informação

da sentença como um todo é que a resposta em (45d) não é interpretada como uma afirmação sobre o referente do SN sujeito "as crianças". O contexto discursivo demonstra que o interlocutor solicita uma informação sobre algo que aconteceu, e a resposta expressa na sentença informa ao destinatário que ocorreu um evento envolvendo os participantes "as crianças". Sentenças desse tipo têm a função pragmática de relatar um evento (***event-reporting***). Assim, a pressuposição pragmática, obtida por meio da resposta, indica simplesmente que algo aconteceu, uma vez que o foco da afirmação envolve toda a proposição "as CRIANÇAS foram para a ESCOLA", com a marcação de acento tanto no sujeito, quanto no predicado.

Lambrecht (1994, p. 126) sintetiza as principais funções pragmáticas da estrutura da informação ilustradas nos exemplos anteriores:

> a) Função tópico-comentário em (45b): o propósito da afirmação é predicar pragmaticamente alguma propriedade sobre um referente discursivo já estabelecido;
>
> b) Função identificacional em (45c): a afirmação tem por finalidade estabelecer uma relação entre um argumento e uma proposição aberta previamente evocada;
>
> c) Função de relatar um evento[48] em (45d): o objetivo da afirmação é expressar uma proposição que não está ligada nem a um tópico já estabelecido nem a uma proposição aberta pressuposta. Sentenças que configuram esse tipo de função podem ser "relativamente" independentes do contexto discursivo, pois podem ser expressas sem todos os requisitos que envolvem um referente ser pressuposto pragmaticamente. No entanto, dependendo da natureza do referente (no exemplo, "as crianças"), o falante pode supor que haja alguma representação compartilhada entre ele e o ouvinte. É possível, então, introduzir um novo referente o qual possivelmente é identificável pelo o ouvinte.

As funções tópico-comentário, identificacional e de relatar um evento analisadas aqui em termos de estrutura de tópico recebem uma análise complementar em termos de estrutura de foco, em que são classificadas como estrutura de foco no predicado, estrutura de foco no argumento, estrutura de foco na sentença, respectivamente, conforme definições adiante:

> a) Estrutura de foco no predicado: sentenças do tipo não marcada sujeito-predicado (tópico-comentário), como a sentença em (45b), na qual o predicado é o foco, e o sujeito é pressuposto pragmaticamente;

[48] Ou função apresentacional.

b) Estrutura de foco no argumento: sentenças do tipo identificacional, em que o foco identifica o argumento que falta em uma proposição aberta pressuposta, conforme a sentença em (45c).

c) Estrutura de foco na sentença: sentenças de relato de evento ou apresentacionais, como aquela em (45d), na qual o foco se estende tanto sobre o sujeito quanto sobre o predicado (exceto quaisquer elementos tópicos não sujeitos).

6.3.5 Tópico, ordem de constituintes e *status* cognitivo dos referentes

Há um princípio universal com forte tendência entre as línguas do mundo, que é o de o tópico ser aquele constituinte ocupando a primeira posição em uma sentença, conforme introduzimos brevemente em subseção anterior (6.3.3). Muitos estudos, incluindo o de Lambrecht (1994), têm questionado esse princípio, principalmente pelo fato de haver línguas do tipo verbo inicial, VOS ou VSO.

Em várias línguas a ordem dos constituintes pode ser alterada estrategicamente para destacar ou enfatizar tanto o tópico quanto o foco. A ordem canônica SVO comum na maioria das línguas, incluindo o português brasileiro (PB) e o inglês, geralmente, é associada às sentenças do tipo tópico-comentário devido à forma como essa ordem organiza a informação na sentença, estabelecendo o contexto antes de introduzir a informação nova. Esse tipo de configuração sintática é ainda classificado pragmaticamente como não marcado, da mesma forma que o sujeito é o tópico não marcado.

A relação entre a ordem de palavras e a estrutura tópico-comentário pode variar de acordo com as características específicas de cada língua e suas regras linguísticas. Parte das associações diretas entre a ordem SVO e as sentenças tópico-comentário ocorre não só pela ideia equivocada de o tópico ser sempre o primeiro elemento da sentença, mas também por associá-lo diretamente com o sujeito gramatical. Porém, há casos em que o sujeito não é o tópico (como vimos em (45c)) e outros em que o tópico não é o sujeito.

Lambrecht (1994, p. 200) apresenta exemplos do inglês e alemão como evidência contra a universalidade de o tópico ser o primeiro elemento da sentença, dos quais recortamos os exemplos do inglês a seguir:

(46) a. PETER said it
‘Pedro disse isso.’
b. PETER made that remarke
‘Pedro fez essa observação.’

Nessa língua, um constituinte foco pode ocorrer livremente como sujeito na posição inicial da sentença (*PETER*), e o pronome *it*, considerado aqui uma expressão de tópico não sujeito, pode ocupar a posição pós-verbal de objeto. Tanto o pronome *it* em (46a) quanto seu substituto lexical *remark* ("observação") em (46b) são tópicos não acentuados. O uso de tópicos pronominais ou lexicais não acentuados é adequado, somente, se o referente está ativo ou quase ativo no contexto do discurso, a ponto de ser identificado pragmaticamente. Mesmo sendo codificado com um pronome como *it* ("isso"), o destinatário deve reconhecer qual é o referente desse pronome, que deve estar compartilhado no registro do discurso entre os interlocutores. Estruturas desse tipo também podem ocorrer no PB, como mostram as sentenças traduzidas.

Por outro lado, considerando o aspecto cognitivo, é importante que tópicos acentuados sejam lexicais ou pronominais, ocupem a primeira posição na sentença ou ocorram antes da sentença que contém as informações sobre seu referente, se eles tiverem a função de anúncio de tópico[49], em virtude de essa posição desempenhar um importante papel na comunicação, o de fazer uma marcação discursiva, indicando o anúncio de um tópico ou a mudança para outro tópico diferente. Isso contribui para a organização do discurso e estruturação e compreensão da informação na mente do ouvinte.

Há ainda um outro tipo de construção que endossa as argumentações de Lambrecht (1994) contra o princípio de que o tópico ocupa a primeira posição na sentença, que é o das construções com deslocamento à direita, ou antitópico, caracterizadas por um tópico lexical posicionado no final da sentença que contém a informação sobre esse referente. Construções desse tipo vão contra o Princípio de Separação de Função e Referência (ou *Principle of the Separation of Reference and Role*, PSRR) proposto por Lambrecht (1994), o qual postula que o estabelecimento pragmático de um referente como tópico não pode ocorrer, simultaneamente, ou após a transmissão de informação sobre esse referente. No entanto, ele reconhece que construções desse tipo são usadas em circunstâncias discursivas específicas e são bastante comuns entre as línguas do mundo. Consideremos o seguinte exemplo.

(47) Ela é uma garota legal, sua irmã.

Na construção em (47), o constituinte antitópico "sua irmã", expresso de forma lexical ao final da sentença, designa uma entidade já referida pelo pronome não acentuado "ela", na primeira posição da sentença. O pronome "ela" transmite a informação proposicional sobre

[49] Nesse caso específico estamos nos referindo ao tópico discursivo, entendido como o tópico da conversa, e não ao tópico da sentença na manifestação de um referente como abordado na teoria de Lambrecht (1994).

o referente do tópico, ou seja, o referente do tópico só é estabelecido após a transmissão de informação sobre o referente relevante feita por esse pronome. O deslocamento à direita do tópico lexical configura um padrão não canônico, que permite que uma sentença seja estruturada destacando constituintes específicos, mesmo que esses elementos não ocupem as posições gramaticais tradicionalmente associadas a seu papel referencial.

Do ponto de vista das circunstâncias discursivas, um conjunto de fatores envolvendo os participantes do discurso pode influenciar os falantes a produzirem construções antitópicas. O uso de uma expressão como o tópico pronominal não acentuado "ela" no início da sentença (47) e a posterior retomada do referente desse pronome ao final da sentença pelo SN lexical não acentuado "sua irmã" sinalizam que o referente do tópico ao qual o pronome "ela" se refere ainda não estava totalmente ativo na mente do destinatário, ou sinaliza que o uso apenas do pronome não seria suficiente para que esse destinatário compreendesse sobre quem era a proposição expressa pela sentença.

Estruturas desse tipo criam uma expectativa no destinatário ao deixarem a informação proposicional em espera, até o referente do tópico estar quase ativo ou altamente acessível para, então, ser expresso. O deslocamento à direita dá ao referente do tópico pronominal um local onde, de fato, será nomeado lexicalmente pelo falante e identificado pelo destinatário. O grau de acessibilidade e ativação do referente do tópico são condições necessárias para o uso adequado de construções antitópicas.

Nas discussões abordadas nesta subseção, verificamos que o ordenamento linear dos constituintes na sentença não é um critério tão relevante, ou o mais importante, para determinar o tópico de uma sentença, sendo relevante para tanto a análise do contexto pragmático e discursivo em que as sentenças estão inseridas, do *status* cognitivo dos referentes e de suas representações na mente dos interlocutores.

De modo geral, o construto teórico de Lambrecht (1994) lança luz sobre muitos fenômenos linguísticos majoritariamente descritos ou em uma abordagem exclusivamente sintática (formal) ou, no outro extremo, somente em uma abordagem pragmático-funcional. A interação entre ambas permite uma análise mais abrangente e consistente, ao envolver tanto a estrutura formal da língua quanto a estrutura da informação.

Para os estudos do fenômeno da ordem dos constituintes em Guajajara, usaremos as duas abordagens para analisar quais as regras gramaticais envolvidas no ordenamento dos elementos na sentença e como os falantes estruturam a informação na variedade Guajajara, articulando os aspectos gramaticais e pragmáticos em alguns contextos discursivos, considerando, ainda, os aspectos cognitivos que ocorrem na mente dos interlocutores.

7 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO TENETEHARA: ESTUDO COMPARATIVO

Neste capítulo, apresentamos aspectos linguísticos do Tenetehara, considerando as variedades Guajajara e Tembé, ligados à ordem das palavras e à codificação dos marcadores de pessoa nas sentenças dependentes. Isso será feito a partir de um estudo comparativo entre dados linguísticos anteriores coletados por outros pesquisadores, referentes à variedade Guajajara (Harrison, 1986, 1995; Bendor-Samuel, 1972; Duarte, 2007) e à variedade Tembé (Duarte, 1998, 2007). Além desses dados, também serão utilizados os obtidos na pesquisa de campo entre os indígenas na cidade.

7.1 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO TENETEHARA FALADO NA CIDADE E NAS TERRAS INDÍGENAS

Nas próximas subseções, discorreremos acerca dos aspectos linguísticos do Tenetehara que apontam para uma possível alteração ou mudança na estrutura dessa língua: a ordem das palavras e a codificação dos marcadores de pessoa nas sentenças dependentes. Para acompanhar essa investigação, fizemos um estudo comparativo a partir de dados linguísticos de outros pesquisadores que estudaram essa língua em períodos anteriores ao da nossa pesquisa e replicamos algumas sentenças[50]. Este último processo foi realizado para comparar como estão atualmente esses aspectos linguísticos em termos de estrutura e de funcionamento e verificar se há alterações nas propriedades sintáticas e/ou semânticas.

A fim de seguir uma organização dos dados, destacamos que, primeiramente, apresentamos em cada subseção a amostra de dados dos estudos anteriores sobre o Tenetehara, sendo em relação à variedade Guajajara, os estudos de Harrison (1986) e de Bendor-Samuel (1972) e, à variedade Tembé, os estudos de Duarte (1998, 2007).

Apresentamos primeiro os exemplos retirados desses estudos para, em seguida, expormos esses mesmos exemplos a partir de dados elicitados e/ou dados orais que coletamos com os participantes Guajajara de nossa pesquisa. As sentenças que nós elicitamos estão identificadas após cada exemplo com a sigla DE (Dado Elicitado), e as sentenças retiradas das gravações de eventos de fala estão identificadas com a sigla DF (Dado de Fala).

[50] Na seção de metodologia deste trabalho descrevemos o princípio metodológico da replicabilidade.

7.1.1 Comparação com a amostra da ordem de palavras em Harrison (1986)

Harrison (1986), em sua pesquisa, orienta-se pelos estudos de Greenberg (1966) sobre a tipologia da ordem básica de palavras, que toma como parâmetro algumas características presentes em uma língua para sua classificação canônica em um dos dois tipos básicos existentes nas línguas do mundo: OV (Objeto-Verbo), isto é, línguas com núcleo final, e VO (Verbo-Objeto), isto é, línguas com núcleo inicial. Com base nesses estudos, o autor analisou um conjunto de ordem de palavras em diferentes classes de palavras para classificar o Guajajara em um desses dois tipos linguísticos, conforme vimos brevemente na seção 2.6.

De acordo com Harrison (1986), a ordem do núcleo e do modificador nas sentenças de uma determinada língua a caracteriza em um desses dois tipos:

a) Tipo OV: O-V N-Posp Gen-N Adj-N;
b) Tipo VO: V-O Prep-N N-Gen N-Adj.

Nesta subseção, repetimos os mesmos tipos de sentença da amostra de Harrison (1986) usadas em seu estudo para testar se o Guajajara é uma língua posposicional, isto é, com núcleo final (OV). Esse procedimento é executado a fim de verificarmos se a ordem de palavras nesses mesmos tipos de sentença permanece a mesma entre os falantes de nossa pesquisa ou se houve alguma alteração ou mudança significativa atualmente.

a) Nome-Posposição

Uma característica padrão que classifica o Guajajara como língua de núcleo final (Objeto-Verbo) é o uso da posposição, como pode ser observado nos dados (49) e (50), o que está de acordo com o apresentado por Harrison (1986) no dado a seguir.

(48) *o-sok* *təzəz* *Ø-heraha* *yŋuˈa-* ***pupe*** *no*
3-bater sem.resultado 3-pegar pilão- no novamente
'Ela bateu (pegando) no pilão novamente.'

(Harrison, 1986, p. 410)

– Geração mais jovem
(49) *Tereza* *u-kwar* *yguˈa-wàzary* ***pupe***
Tereza 3-bater pau-pilão POSP
'Tereza bateu pegando no pilão.'

(DE)

– Geração mais velha
(50) *u-petek* *yguˈa-wàzary* ***pupe*** *kury*
3-bater pau-pilão POSP ADV.
'Ela bateu (pegando) no pilão novamente.'

(DE)

O dado (51) a seguir, no entanto, apresenta uma ocorrência em dado de fala com uso do que seria uma posposição, *izupe* "para", ocorrendo em precedência ao núcleo, *kuzà-waza* "mulher-virgem", o que demonstra a ordem posposição-nome.

– Geração mais velha

(51) *u-(z)-apo* *i-apo-haw* *kury* *ma'a kê'ê* *i-zegar-haw*
3-(z)-fazer 3-fazer-NMLZ ADV moqueado 3-cantar-NMLZ
izupe *kuzà-waza*
POSP mulher-virgem
'Eles fazem festa, cantam a festa de muken (moqueado) para a menina moça.'
(DF)

u-zapo *Ø-zegar* *wà* *kuzà-wàza* *wà* *kury*
3-fazer 3-cantar PL menina-moça PL ADV
'eles fazem a festa de moqueado para a menina moça.'
(DE)

b) Genitivo-nome

Nos dados coletados na pesquisa, a ordem genitivo-nome permanece inalterada, como mostram os dados (53) e (54). Os dados mostram-se, portanto, consistentes com línguas de núcleo final (Objeto-Verbo), de acordo com o padrão seguido por Harrison (1986), como apresenta o dado a seguir.

(52) *u-hem* *zekaipo* *o-ho* ***mykur-*** ***rekuhaw-*** *pe*
3-chegar NÃO.ATESTADO 3-ir gambá- moradia- LOC
'Indo junto, ela chegou à casa do gambá.'
(Harrison, 1986, p. 410)

– Geração mais jovem

(53) *o-ho* ***Ariza*** ***hapui*** *me*
3-ir Ariza casa POSP
'ela foi na casa da Ariza.'
(DE)

– Geração mais velha

(54) *u-hem* *o-ho* ***Malu*** ***hapui*** *me* *kury*
3-chegar 3-ir Malu casa POSP ADV.
'chegando na casa da Malu.'
(DE)

c) Palavras interrogativas (QU)/Partículas de perguntas sim/não

Em Harrison (1986), as palavras interrogativas do tipo QU: *ma'e* 'o que?'; *amô a* 'quem?'; *maràn mehe* 'quando?'; *marazawetuen* 'por que?' estão posicionadas como primeiro elemento nas sentenças, sendo, assim, mais consistentes com línguas de núcleo final do que núcleo inicial, isto é, mais consistentes com VO do que com OV, como demonstra o dado (55)

do autor. Esse padrão também pôde ser observado em nossos dados referente à segunda geração, como apresentado em (56).

(55) ***marazawetuen*** *he-rereko-pe* ***ra'e***
por que 1-tratar-2 QM
'Por que você me tratou assim?'

(Harrison, 1986, p. 410)

– Segunda geração

(56) ***muruehaw*** *e-zapo* *ne-r-ehe* *newe* *ne'a*
por que 2SG-fazer 2SG-INV-a.respeito.de POSP 2SG
'por que você faz assim comigo?'

(DE)

No entanto, em nossa pesquisa, encontramos dados de fala com o pronome interrogativo *amô'a*,"quem", posicionado mais ao final da sentença em conjunto com a partícula dubitativa *ra'a*, como mostra o exemplo (57) a seguir.

– Geração mais jovem

(57) a. *temi'u* *u-z-apo* ***ra'a*** ***amô'a*** *diferente*
comida 3-(z)-fazer DUB quem diferente
'quem fez essa comida diferente, mamãe?'

(DF)

Nos dados do Tembé, Duarte (2007, p. 91) mostra que nas interrogativas do tipo QU, os pronomes interrogativos *amô*, "quem", [+humano] e *ma'e*, "o que" [-humano], "podem vir acompanhados das partículas *te*, *ru'u* e *aipo.* As duas primeiras ocorrem adjacentes às palavras interrogativas. Enquanto a partícula *aipo* (...) figura em posição final, em geral depois do objeto".

Duarte (2007) demonstra, em seus dados do Tembé, que geralmente faz-se a junção de pronomes interrogativos com as partículas interrogativas *aipo*, *ru'u* e *te* em construções interrogativas do tipo QU, como mostra o dado (60). Já em nossos dados, geralmente, os falantes usam somente o pronome interrogativo no início das sentenças, e a partícula *aipo* figura em diferentes posições, como mostram os dados (59), (61) e (62) a seguir.

(58) ***ma'e*** ***te*** *Siba* *u-pihik* *o-ho*
que que Siba 3-pegar 3-ir
'O que que Siba vai pegar?'

(Duarte, 2007, p. 91)

– Geração mais jovem

(59) ***ma'a*** *zaihe* *u-pyhyk* *o-ho* *ꞌy à ma?*
INTER tia 3-pegar 3-ir MF
'O que a tia vai pegar?'

(DE)

(60) ***mərədewe*** *ere-petek* *ne* *Ø-mɨmɨr* ***aipo***
por que 2-bater teu POSS-filho INTER
'Por que (tu) bateste em teu filho?'

(Duarte, 2007, p. 92)

– Geração mais jovem

(61) ***muruehaw*** *ere-petek* *ne-memyr* *ere-ko* *ne'a*
por que 2SG-bater 2SG-filho.da.mulher 2SG-estar 2SG
'Por que (tu) bateste em teu filho?'

(DE)

– Geração mais velha

(62) ***màràzàwe*** *ere-petek* *ne-rayr*
por que 2SG-bater 2-filho.do.homem
'Por que (tu) bateste em teu filho?'

(DE)

Para perguntas do tipo sim/não, é usada a partícula de pergunta ***aipo***, que, segundo Harrison (1986)**,** vem em primeira posição na sentença, sendo, portanto, mais núcleo inicial do que núcleo final, como no exemplo (63) a seguir. Em nossos dados, essa mesma partícula apresenta diferentes posições, início (64), meio (65) e fim (66).

(63) *u,* ***aipo*** *ere- iko* *ko-* *rupi* *kyn*
oh INTER 2SG-estar aqui- ao.longo.de MF
'Ah, você está aqui?'

(HARRISON, 1986, p. 410)

– Geração mais velha

(64**)** ***aipo*** *pe* *Ø-ikó* *xe*
INTER 2PL 3-estar aqui
'vocês estão aqui?'

(DE)

– Geração mais jovem

(65) *Edu* ***aipo*** *e-zur* *iko*
Edu INTER 2SG-vir AUX.
'Edu, já tá vindo?'

(DF)

–Geração mais velha

(66) *ere-mai'u-wer* *kwaw na* ***aipo*** *ne* *yn* *nu pa*
2SG-comer-DESID NEG INTER 2SG NEG HF
'tu não vai querer comer agora não?'

(DF)

Nos registros de Duarte (2007), para a variedade Tembé, as construções interrogativas do tipo sim/não podem ser feitas com o uso da partícula interrogativa *aipo* ou por meio da partícula dubitativa *ru'u* (67) ou ambas simultaneamente na mesma sentença.

(67) *ne-katu* ***ru'u****?*
2-estar.bem DUB
'Estás bem?'

(Duarte, 2007, p. 89)

Em nossos dados, raramente, os falantes têm feito uso de partículas dubitativas nesse tipo de interrogativas. Eles têm usado com maior frequência somente *aipo ~ aibo*, conforme os dados (68) e (69) a seguir.

– Geração mais jovem

(68)	*e-katu*	*ikó*	***aibo***	*ne'a*	*no?*
	2-bom	estar	INTER	2SG	POSP
	'Estás bem?'				

(DE)

– Geração mais velha

(69)	*ne-katu*	***aipo?***
	2SG-bom	INTER
	'Estás bem?'	

(DE)

Segundo Duarte (2007), no tipo de pergunta a seguir, sem constituinte na periferia esquerda, *ru'u* e *aipo* podem aparecer no início da sentença. No entanto, em nossos dados, é o verbo *exak ~ esak*, "ver", correspondente à noção de saudade nessa língua, que ocupa a primeira posição na sentença, enquanto *aipo,* mais uma vez, posiciona-se ao final dela, conforme comparativo a seguir entre os dados de Duarte (2007) e os nossos, respectivamente em (70), (71) e (72).

(70)	***aipo***	***ru'u***	*he*	*r-esaka'u*
	INTER	DUB	me	ABS-ter saudades
	'Tens saudades de mim?'			

(Duarte, 2007, p. 90)

–Gereção mais jovem

(71)	*he-r-exak-a'u*	*katu*	*rape*	*r-ikó*	***aibo***	*ꞌyà*	*no?*
	1SG-INV-ver-AUM	bom	DUB	3-estar	INTER	MF	Pt
	'Tem saudade de mim?' (Lit. '[tem saudades de] me ver?')						

(DE)

–Geração mais velha

(72)	*he-r-exak*	*u-katu*	***aipo****?*
	1SG-INV-ver	3-bom	INTER
	'Tem saudade de mim?' [Lit. '(tem saudades de) me ver?']		

(DE)

Duarte (2007, p. 120) observa também que em sentenças interrogativas do tipo sim/não "o verbo muito frequentemente situa-se em posição inicial", conforme mostra em seu exemplo (73) e também encontramos em nossos dados (74). Entretanto, alguns dados de nossa pesquisa mostram entre os falantes mais jovens outros constituintes ocupando também essa posição, conforme os dados (75) e (76), em que, respectivamente, o sujeito e o objeto ocupam essa posição.

(73) *u'ar* ***ru'u*** *dawa* *'y* *pe*
3-entrar DUB onça água em
'A onça entrou na água?'

(Duarte, 2007, p. 89)

– Geração mais velha

(74) *u-(i)xe* *zawar uhu* *o-ho* ***aipo*** *ˈy* *pe*
3-entrar onça 3-ir INTER água LOC
'A onça entrou na água?'

(DE)

– Geração mais jovem

(75) *ˈy* *Ø-ˈar* *zawar uhu* *o-ho* *be* ***aibo***
Água 3-cair onça 3-ir LOC INTER
'A onça entrou na água?' [Lit. 'A onça caiu na água?']

(DE)

(76) *Edu* ***aipo*** *e-zur* *iko*
Edu INTER. 2SG-vir AUX.
'Edu, já tá vindo?'

(DF)

Diante dos dados observado, é possível perceber que em boa parte das sentenças os falantes não estão usando os pronomes interrogativos junto com as partículas interrogativas, tal como ocorre em Harrison (1986) e Duarte (2007). Dessa forma, constatamos que na maioria das sentenças com pronomes interrogativos do tipo QU e do tipo sim/não tem ocorrido uma simplificação no sistema linguístico do Guajajara atualmente.

d) Volição e propósito

Harrison observa que os elementos que indicam volição e propósito, como *putar*, seguem os verbos principais. Esse padrão geralmente é mais consistente com línguas de núcleo inicial do que com línguas de núcleo final. O dado (78) mostra que esse padrão permanece no Guajajara, com *putar* seguindo o verbo principal *ha* 'ir', conforme exemplo (77) de Harrison (1986).

(77) *a-ha* *putar* *ihe* *nehe* *kury*
1SG-ir FUT 1 FUT agora
'Eu vou agora'

(Harrison, 1986, p. 410)

– Geração mais velha

(78) *a-ha* *putar*
1SG-ir FUT
'Eu vou agora.'

e) Nome-adjetivo (+ núcleo inicial do que núcleo final)

Em Tenetehara, os termos que funcionam semanticamente como adjetivos não são considerados gramaticalmente como uma classe típica de adjetivos[51]. Seu comportamento, ao expressar qualidade aos seres, é semelhante ao dos verbos estativos por acionar os mesmos prefixos absolutivos *i-* ~ *h-* que ocorrem nesses verbos.

(79) ***inamu-*** ***sin*** *zekaipo* *h- eimaw* *romo*
pássaro- branco PASS.DIST. 3SG-animal PASS
"Seu animal de estimação era um pássaro nambu branco"
(Harrison, 1986, p. 411)

Diante disso, em nossos dados, observamos que nos adjetivos presentes em frases nominais não houve alteração em relação aos dados de Harrison (1986), que permanecem com a ordem nome-adjetivo, conforme apresentado nos exemplos (80), (81) e (82).

–Geração mais jovem
(80) *neremau* ***tururi*** ***i-tyg*** *ma'e*
animal pássaro 3-branco coisa
'animal pássaro branco.'
(DE)

(81) *u-pita* *ràgypy* *me'eg-kar* ***ma'e*** ***piràg*** *haw*
3-pintar primeiro Ø -vender-CAUS coisa vermelho NMLZ R-
rehe no
a.respeito.de ENF
'primeiro compra a tinta vermelha e pinta.'
(DF)

– Geração mais velha
(82) ***tury*** ***i-tyg*** *ma'e*
Pássaro 3-branco coisa
'pássaro branco.'
(DE)

Nas construções expressas por verbos estativos, Harrison (1986) mostra a ordem "adjetivo-nome" (Verbo-Sujeito, ou VS), conforme o exemplo (83) a seguir. Esse padrão ocorre diferente da ordem apresentada em nossos dados, a saber: nome-adjetivo (Sujeito-Verbo, ou SV), a mesma ordem dos adjetivos em frases nominais vistas anteriormente e que podem ser vistas a seguir nos exemplos (84) e (85).

[VS]
(83) ***h-urywete*** ***Zuaw*** *a'e*
3-feliz João 3

[51] Camargos argumenta que: "[...] em Tenetehára, mesmo podendo ser considerados semanticamente como adjetivos, eles denotam uma relação de predicação com o seu argumento nuclear. Por esta razão, **assumiremos que eles se comportam como uma subclasse de verbos intransitivos, mais especificamente como verbos inacusativos deadjetivais**, tendo em vista que coocorrem com prefixos que também se realizam nos verbos transitivos e intransitivos" (Camargos, 2011, p. 1040, grifo nosso).

‘João está feliz’

(Harrison, 1986, p. 411)

– Segunda geração

[SV]

(84) ***João*** ***h-uriwete*** *ikó*
João 3-feliz estar
‘João está feliz’

(DE)

– Geração mais velha

[SV]

(85) ***João*** ***i-katu*** *ahy* *u-ikó* *kwez*
João 3-bom ENF 3-estar PASS
‘João estava feliz’

(DE)

Com isso, percebemos uma simplificação para uma única ordem: N-ADJ nos dois tipos de construções com adjetivos. Diferente do que Harrison (1986) mostra em seus dados, em que há a ordem ADJ-N em sentenças com adjetivos expressos em frases verbais e N-ADJ em frases nominais. Outra inovação que observamos em nossos dados é que os falantes de ambas as gerações estão fazendo uso também do verbo auxiliar *ikó*, “estar”, simultaneamente, com o verbo estativo, conforme mostram os exemplos (84) e (85).

f) Demonstrativo-nome

A ordem nessas categorias permanece sem alterações, isto é, com o demonstrativo e o número sempre precedendo o nome, sendo, portanto, mais consistente com línguas VO do que OV. Observamos somente alguns elementos de outras categorias coocorrendo ou funcionando como demonstrativos em nossos dados ao compararmos com os dados de Harrison (1986), como podemos ver na sentença (87) a seguir com o uso do locativo *pe* acompanhado do verbo auxiliar *ikó*. Na sentença (88) ocorre normalmente o uso do demonstrativo na língua *na`hág.*

(86) ***əŋ*** ***təpuz****-me* *Ø-heko-n*
that house-in 3-be-OBL.TOP
‘Ele está naquela casa.’

(Harrison, 1986, p. 412)

– Geração mais velha

(87) *u-ikó* *pe* *tapuz* *me*
3-estar LOC casa POSP
‘Ele está naquela casa.’

(DE)

– Geração mais jovem

(88) *na`hág* *ma`é* *Ø-mono* *haw*
DEM coisa Ø-colocar NMLZ

'isto aqui é para colocar as coisas'

(DF)

g) Construções comparativas

Em construções comparativas, conforme observamos no dado (90), permanece a ordem adjetivo-marcador de comparação apresentada em Harrison (1986), como mostra o exemplo (89), caracterizando uma consistência com línguas do tipo VO.

Adj-marcador de comparação

(89) ***Ø-uhua'u*** ***wera'u*** ***i-zuwi*** *a'e*
3-grande mais 3-que 3
'Ele é maior que ele.'

(Harrison, 1986, p. 412)

– Geração mais velha
(90) *i-zaha* *wera'u*
3-alto mais
'Ele é mais alto que ele.'

(DE)

Porém, entre os falantes mais jovens de nossa pesquisa, reconhecemos outras estratégias usadas como marcador de comparação, diferenciando-se um pouco dos dados de Harrison (1986). A falante da geração mais jovem usa o sufixo aumentativo '*a'u*' em reduplicação seguido de *diwi*, "do que", conforme dado (91), e na outra sentença usa dois sufixos enfáticos *-ete* e *ahy* seguidos de *diwi*, conforme dado (92).

– Geração mais jovem
(91) ***u-tu-a'u-a'u*** ***Ø-diwi*** *ˈy à*
3-adulto-AUM-AUM 3-que MF
'ele é mais velho do que ele.'

(DE)

(92) ***i-puràg*** ***ete-ahy*** ***Ø-diwi*** *ˈy à*
3-bonita ENF-ENF 3-que MF
'ela é mais bonita do que ele.'

(DE)

h) Lugar-Nome

Segundo Harrison (1986, p. 412), "o guajajara tem a ordem nome próprio-nome comum em nome de lugares", como é possível observar em (93). Em nossos dados, porém, houve a alteração da ordem para nome-lugar (nome próprio), conforme podemos ver em (94) e (95).

(93) ***merez*** ***taw***

Belém cidade
'cidade de Belém.'

(Harrison, 1986, p. 412)

– Geração mais jovem
Nome-lugar

(94) ***taw-hu*** ***Belém*** *be* *ˈy à*
cidade-grande Belém LOC MF
'cidade de Belém.' [Lit. 'Cidade grande-Belém']

(DE)

(95) ***taw-hu*** ***Imperatriz*** *pe* *ˈy à*
cidade-grande Imperatriz LOC MF
'cidade de Imperatriz.' [Lit. 'Cidade grande de Imperatriz']

O padrão observado por Harrison (1986) aparece quando o lugar é pequeno, momento quando a falante da geração mais jovem muda a ordem para Lugar-Nome.

– Geração mais jovem
Lugar-nome

(96) ***Amarante*** ***pitik*** *ˈy à*
Amarante pequena MF
'Cidade Amarante'

(DE)

– Geração mais velha
Nome-Lugar

(97) *taw-uhu* *Belém*
cidade-grande Belém
'cidade de Belém'

(DE)

(98) *tau-uhu* *karazao*
cidade-grande Grajaú
'cidade de Grajaú'

(DE)

i) Título-Nome próprio

Harrison (1986) registra a ordem "Título-Nome", conforme o exemplo (99). Em nossos registros, entretanto, a ordem foi alterada para "Nome-Título" nos dados de falantes da geração mais jovem, conforme exemplo 101. Já entre os falantes da geração mais velha, como mostra o exemplo (100), permanece a mesma ordem apresentada em Harrison (1986).

(99) *tuihaw* *Zekin*
Chefe Zekin

(Harrison, 1986, p. 412)

– Geração mais velha
Título-nome

(100) *Tuwyhaw* *Zequin*
chefe Zequin
'Chefe Zequin'

– Geração mais jovem
Nome-título
(101) **Ari** *i-àg*
Ari 3-cabeça
'Cacique Ari'

(DE)

j) Verbo principal-verbo auxiliar

A ordem dos verbos auxiliares em Harrison (1986), assim como em todos os demais autores que estudaram o Tenetehara, segue a ordem do verbo principal precedendo o auxiliar: V-AUX, como em línguas OV consistentes, conforme o exemplo (102). Esse padrão também foi encontrado em nossos dados, conforme os exemplos de (103) a (106).

(102) *ere-* *zewyr* ***e- zuwa***
2SG- retornar 2SG-chegando
'Você voltou.'

(Harrison, 1986, p. 411)

– Geração mais jovem
V-AUX
(103) *ere-wyr* ***erur*** *ra'a*
2SG-retornar COMIT PASS
'você voltou.'

(DE)

(104) *ihe* *a-hem* *a-eru-(t)-eko*
SUJ 1SG-chegar 1SG-COMIT-estar
'eu estou chegando.'

(DF)

(105) *w-ekar* *u-umu-ham* *iko*
3-procurar 3-COMIT-sair estar
'(o peixe) está procurando comida.'

(DF)

– Geração mais velha
V-AUX
(106) *e-zewyr* ***zur***
2SG-retornar vir
'você voltou.'

(DE)

Entretanto, encontramos, também, em nossos registros ocorrências de verbo auxiliar precedendo o verbo principal (AUX-V) tanto em dados elicitados oriundos de sentenças semelhantes em trabalhos anteriores sobre a língua quanto em dados de fala coletados por meio de textos narrativos[52]. Nos dados a seguir, os falantes usam primeiro o verbo auxiliar

[52] A maioria dos exemplos com AUX-V em dados de fala foram extraídos dos textos narrados por meio de imagens, que estão no Apêndice B.

iko, “estar” e *há*, “ir”. Alguns exemplos com este último, *há,* têm antecedido o verbo principal (AUX-V), diferente dos registros em Bendor-Samuel (1972, p. 128) com esse mesmo verbo ocupando a posição verbo-auxiliar (V-AUX), conforme exemplo (107).

V-AUX
(107) *a-**nuhem*** *a-**há***
1SG-puxar 1SG-ir
‘eu vou e puxo.’

(Bendor-Samuel, 1972, p. 128)

– Geração mais velha

AUX-V
(108) *a-**ha*** *putar* *a-**mutyk***
1SG-ir FUT 1SG-arrastar
‘eu vou e puxo.’

(DE)

AUX-V
(109) *amo* *wa-**ho*** *ywyra* ***Ø-piaromo***
quem 3-ir pau 3-buscar
‘quem foi buscar madeira?’

(DE)

– Geração mais jovem

AUX-V
(110) *o-**ho*** *awà* ***pirá-pihik*** *mo ˈy* *pe*
3SG-ir homem peixe-pegar Rio LOC
‘o homem foi pescar.’ [Lit. ‘o homem foi pegar o peixe no rio’]

(DE)

Observamos uma maior ocorrência, em dados de fala, do uso do auxiliar *ikó*, “estar” precedendo o verbo principal, como revelam os exemplos a seguir.

– Geração mais velha

AUX-V
(111) *xe* *xe* *a-**ikó*** *a-**ha*** *teko* *ne-**piar**-ràm*
aqui aqui 1SG-estar 1SG-ir pessoa 2SG-buscar-FUT
‘aqui, aqui, eu estou indo buscar você.’

(DF)

(112) *a-**iko*** *a-**ha*** *teko* *ne-**piar**-ràm* *pe be* *‘y* *uwaz we*
1SG-estar 1SG-ir gente 2SG-buscar-FUT LOC água lado
‘eu estou indo te buscar aí do outro lado do rio.’

(DF)

(113) *a-**iko*** *a-**hem*** *ty wa* *xe*
1SG-estar 1SG-chegar ENF aqui
‘eu estou chegando aqui.’

(DF)

(114) *a-**iko*** *a-**ha*** *a-ha* *ko*
1SG-estar 1SG-ir 1SG-ir estar
‘eu estou indo, estou indo.’

(DF)

– Geração mais jovem

AUX-V
(115) *w-**ikó*** *hokó* *iwyra-pyr-kwa* ***uwewe***

3-estar pássaro árvore-ponta-NMLZ voar
'O pássaro está voando em cima da ponta da árvore.'

(DF)

Registramos ainda construções com duas orações compostas pelo verbo *ho*, "ir", e *piaromo*, "buscar". O verbo *ho,* que no exemplo 107, retirado de Bendor-Samuel (1972), aparece com a ordem V-AUX, em nossos dados geralmente aparece em conjunto com *piaromo* (ver também exemplos 111 e 112 em dados de fala). Formalmente ele parece funcionar como um auxiliar, ligando as duas orações dependentes, como mostra 116b. Nesse contexto, o verbo *ho* pode estar funcionando como um verbo pleno, interligando semanticamente duas sentenças:

(116) a) ***pe-ho*** *maracá* ***piaromo*** *e-ho*
2PL-ir maracá buscar 2-ir
'Vai. Vai buscar o maracá.'

(DF)

b) [*pe-**ho***] [*maracá **piaromo** e-ho*]

O exemplo 116 foi retirado do Texto 1 – Interação entre avó e neta (ver Apêndice A), em que a avó pede para a sua neta ir buscar o maracá (instrumento tradicional indígena usado em cantos e danças). Em contextos comunicativos como esse, geralmente, são usadas sentenças diretivas, cuja "principal função é obter ou aconselhar o ouvinte a fazer algo". (Vallejos, 2016, p. 437, tradução nossa)[53].

Vallejos (2016) lista os seguintes subtipos de sentenças diretivas: imperativas, rogativas, exortativas, jussivas, convites e proibição. O exemplo 116 configura um subtipo de sentença diretiva imperativa ou exortativa, que seria traduzida como: "Vá (e) faça X". Vallejos (2016) destaca que na língua Kukama-Kukamiria (Tupí) há alguns mecanismos para codificar cláusulas diretivas. São eles: formas flexionais especiais do verbo; supressão do sujeito; e marcadores diretivos. O dado a seguir mostra um exemplo de como essa língua usa o morfema *yawa* para marcar a sentença diretiva do tipo exortativa.

yawa *yatsuka*
EXH.FS tomar.banho
'Vá tomar banho.'

(Vallejos, 2016, 444)

Em Guajajara há o morfema exortativo *rihi* e o comitativo *eru-* usados em contextos semelhantes a esses. No entanto, nota-se nos dados dos participantes da pesquisa o uso, também, do verbo *ho*, como no trecho a seguir retirado do Texto 1 (Apêndice A).

(117) *e-mu-ru-kar* *Thayná* *e-zur* ***rihi*** *Thayná* *wà*
2-CAUS-vir-CAUS Thayná 2-vir EXORT. Thayná MF

[53] "[...] *the main function of directive clauses is to get or advise the hearer to do something*" (Vallejos, 2016, p. 437).

‘manda a thayná vir aqui agora.’

*w-**eru**-ur*	*maracá*	*xe*
3-COMIT-trazer	maracá	aqui

‘traz o maracá aqui.’

(DF)

A partir da comparação com a amostra de Harrison (1986), observamos em nossos dados que algumas classes de palavras estão apresentando ordens variantes, isto é, duas ordens “co(n)ocorrendo”, em que uma mesma categoria está ocorrendo antes ou depois de seu núcleo, como nas ordens núcleo-modificadores: nome-título ~ título-nome e lugar-nome ~ nome-lugar, em comparação com a ordem estável modificador-núcleo para essas mesmas categorias em Harrison (1986).

Em outros casos, há mudanças mais significativas em outras ordens de palavras consideradas mais rígidas em Harrison (1986) e nos trabalhos dos demais estudiosos dessa língua: o auxiliar precedendo o verbo principal e uma ocorrência do uso da posposição *izupe* ‘para’ antes do núcleo. O Quadro 14 a seguir sintetiza a comparação da ordem de palavras na amostra de Harrison (1986) e em nossos dados atuais.

Quadro 14 – Comparação da ordem de palavras em Harrison e em nossos dados

CLASSES DE PALAVRAS	**HARRISON (1986)**	**PESQUISA ATUAL (2025)**	**ALTERAÇÃO**
Nome-posposicão	N-POSP	N-POSP & POSP-N	Não (apenas um dado em DF)
Genitivo-nome	N-G	N-G	Não
Partículas de perguntas sim/não (S/N)	+S/N-N & -N-S/N	S/N-N & N-S/N	Não
Palavras interrogativas (QU)	+ QU-N - N-QU	QU-N & N-QU	Não
Volição e propósito (Desiderativo)	N-DESID	N-DESID	Não
Nome-adjetivo	+ N-ADJ -ADJ-N	N-ADJ	Sim (todos os dados somente N-ADJ)
Demonstrativo-nome	DEM-N	DEM-N	Não
Construções comparativas	ADJ-MARCADOR DE COMPARAÇÃO: uso do sufixo aumentativo '*a'u* + *zuwi*, "do que" Ex. *wera'u i-zuwi*, "mais do que".	ADJ-MARCADOR DE COMPARAÇÃO	Não. Houve novas estratégias no uso do marcador de comparação, a saber: uso do sufixo aumentativo '*a'u*' em reduplicação, seguido de *diwi* ("do que")*;* uso de dois sufixos enfáticos -*ete* e -*ahy* seguidos de *diwi.*
Lugar-nome	LUGAR-N	N-LUGAR & LUGAR-N	Sim
Título-nome	TÍTULO-N	N-TÍTULO & TÍTULO-N	Sim
Verbo principal-Auxiliar flexionado	V-AUX (essa ordem também consta em Bendor-Samuel (1972)	V-AUX & AUX-V	Sim

Fonte: elaboração própria.

Legenda: N-POSP é nome-posposição; N-G, nome-genitivo; +S/N-N, mais perguntas do tipo sim/não-nome; -N-S/N, menos nome-seguido de pergunta do tipo sim/não; +QU-N, mais palavras interrogativas-nome; -N-QU, menos nomes seguidos de palavras interrogativas (QU); N-DESID, nome-desiderativo; V-AUX, verbo principal-auxiliar; +N-ADJ, mais nomes seguidos de adjetivos; -ADJ-N, menos adjetivos seguidos de nomes; DEM-N, demonstrativo-nome.

Harrison (1986) destaca que, mesmo línguas consideradas OV, apresentam algumas inconsistências quanto à ordem Gen-N e Adj-N, pois algumas têm a ordem N-Gen e N-Adj e ainda assim são OV. Isso mostra que a relação entre esses elementos pode variar quanto à ordem, sem alterar a relação entre N-Posp para línguas OV e Prep-N para línguas VO.

Harrison (1986) lança a hipótese de que "se a ordem básica (OV/VO) muda, há pressão no sistema para reorganizar outros elementos em conformidade com os princípios harmônicos conhecidos" (Harrison, 1986, p. 415). Ao encontrar várias inconsistências e uma desarmonia tipológica no Guajajara, ele sugere que pode ser um indicativo de um processo de

mudança tipológica nessa variedade. Para ele, o que pode motivar essa inovação em VO é a "acusatividade crescente no sistema de referência cruzada no verbo"[54].

Na próxima seção faremos um estudo comparativo da ordem de palavras nas orações dependentes, para averiguar se há alguma alteração também em orações desse tipo.

7.2 ORDEM DOS CONSTITUINTES NAS ORAÇÕES DEPENDENTES

Nas subseções seguintes faremos um comparativo com os dados de Harrison (1986), Bendor-Samuel (1972) e Duarte (1998, 2007), este último com os dados da variedade Tembé. Iremos observar, principalmente, a posição do verbo em relação aos argumentos (S e O) nas orações subordinadas transitivas, tendo em vista que a maioria dos estudos anteriores mostra que nesse tipo de construções ocorre a ordem fixa OV (núcleo final).

Além de verificar se há alteração na ordem OV-VO, observaremos a posição dos complementizadores (de gerúndio, temporais e condicionais) dentro das orações. Observamos, ainda, o sistema de codificação dos marcadores de pessoa, que, de acordo com os estudos supracitados, nas orações dependentes, ocorre somente o sistema (ergativo)-absolutivo, em que os prefixos *ø-* ~ *r-* e *h-* ~ *i-* codificam o objeto nos verbos transitivos e o sujeito nos verbos intransitivos inativos.

7.2.1 Gerúndio[55]

Rodrigues (2011, p. 67) mostra que desde os estudos do Tupí Antigo (Anchieta, 1595), o gerúndio é também classificado como um modo verbal que pode exprimir três processos diferentes, são eles:

a) um processo realizado simultaneamente com outro processo (gerúndio contemporâneo): *a-ñeéng gûi-xó-bo* ("vou falando");

[54] Para Harrison (1986), em estágios anteriores, o Guajajara tinha o tipo OV estável e algumas línguas Tupí-Guaraní começaram a apresentar diferenças na área do Brasil Central (CB), tida como área mais antiga. "Nós hipotetizamos, então, que o Guajajara era uma língua Basco-CB em um estágio anterior (OV, N-Posp, Gen-N, N-Adj), que experimentou uma mudança de ordem básica em cláusulas independentes para VO" (Harrison, 1986, p. 415). O autor reafirma essa hipótese comparando com as línguas Mundurucu e Canela, pertencentes à mesma área CB e conservadoras no tipo OV. Para buscar respostas para essas hipóteses, Harison propõe que seja feita uma reconstrução do tipo (OV, N-Posp, Gen-N, N-Adj), exceto na ordem VSO de cláusulas independentes, em um estágio anterior para o Guajajara.

[55] O termo "gerúndio" tem sido objeto de discussões em trabalhos posteriores. Seki (2014) aponta que outros autores têm usado diferentes denominações nos estudos de outras línguas Tupí para se referir a este termo: verbo não inicial; marca de dependência; verbo serial. Para mais detalhes, consultar Seki (2014) e Velázquez-Castillo (2004).

b) a finalidade ou propósito do processo indicado por outro verbo (gerúndio final): *a-só gûi-ñeéng-a* (“eu vou para falar”);

c) um processo realizado pelo mesmo sujeito que já realizou outro processo, mas sem simultaneidade (gerúndio aditivo): *xe-aîubán, xe-mo-mbytá-bo, kûár-a pukú-î o-kagû-ábo, o-poraséî-a, o-îegûák-a* (“abraçaram-me e fizeram-me ficar, e durante todo o dia beberam cauim, dançaram e enfeitaram-se”).

Em Guajajara, Harrison (1986) refere-se, especificamente, às estruturas semelhantes ao processo descrito em “b” (gerúndio final), como uma relação de dependência entre os verbos que constituem as orações que estão interligadas. Em nosso estudo, também analisamos somente essas construções que exprimem o processo “finalidade”.

Em nossos dados, nas orações de gerúndio, os falantes praticamente não têm feito uso do marcador de gerúndio *pə.* Em vez disso, em estruturas desse tipo, os indígenas têm apagado o complementizador *pə*, “para”. Em algumas construções, os falantes da geração mais jovem têm usado o morfema que indica futuro *nehe,* e o verbo figura em posição inicial (VO)*,* conforme mostram os dados a seguir.

Verbo final: [OV[COMP]]

(118) *Ø-he-sak-* ***pə***
3-1SG-ver para
‘para ele me ver.’

(Harrison, 1986, p. 436)

– Geração mais jovem

[VO]

(119) ***u-me’e*** *katu* *he* *rehe* ***nehe***
3-olhar ENF 1 a.respeito.de FUT
‘para ele me ver.’

(DE)

– Geração mais velha

[OV]

(120) *he-r-exak* *zury* *kury*
1SG-INV-ver vir ADV
‘ele veio para me ver.’

(DE)

[OV[COMP]]

(121) *he-r-exak* ***pə***
1SG-INV-ver para
‘para me ver.’

(DE)

[OV[COMP]]
Dado do Tembé

(122) *a-ha* *ka’i* *r-sak* ***pə*** *kury*
1-ir macaco ABS-ver GER RES
‘Eu fui para ver o macaco então.’

(Duarte, 2007, p. 58)

– Geração mais velha

[OV]

(123) *a-há* *ka'i* *r-exak* ***nehe***
1SG-ir macaco ABS-ver IRR
'Eu fui para ver o macaco então'.

(DE)

[OV[COMP]]
Dado do Tembé

(124) *a-ha* *he* *r-uriwete* ***pə***
1-ir 1 ABS-alegre GER
'Eu fui para eu ficar alegre.'

(Duarte, 2007, p. 62)

– Geração mais velha

[OV]

(125) *a-ha* *kwez* *he-r-uriwete-au*
1-ir PASS 1-INV-feliz-AUM
'Eu fui para eu ficar alegre.'

(DE)

7.2.2 Temporais

Nos estudos anteriores acerca do Tenetehara, as orações dependentes temporais são marcadas pelo uso do complementizador temporal *mehe*, "quando", em posição rígida no final de sentenças. Em nossos dados, em alguns casos, os falantes, principalmente da geração mais jovem, têm usado a forma *nehe*, que indica futuro na língua*,* posicionada ao final de sentenças.

Já nos contextos que indicam finalidade (gerúndio final), temporalidade e até nas condicionais, os falantes têm mesclado o uso de *nehe* e *mehe.* A partir dessas ocorrências, em nossos dados, analisamos *nehe* como marca de *irrealis,* como veremos com mais detalhes no Capítulo 9.

Outra alteração verificada por meio de nossos dados é que está ocorrendo os dois sistemas de codificação (ergativo)-absolutivo e nominativo-acusativo de forma alternada, com mais recorrência nos seguintes contextos: prefixos nominativos de 3ª (*u*-) e de 1ª (*a*-) pessoa e prefixos absolutivos, geralmente, quando estes codificam o objeto de 1ª pessoa *he*-.

Em Harrison (1986) e Bendor-Samuel (1972), considera-se que ocorre, exclusivamente, a codificação (ergativo)-absolutivo nas orações dependentes. Diante disso, levantamos a hipótese de que pode estar ocorrendo uma codificação cindida nas orações dependentes (gerúndio e temporais) entre os falantes de nossa pesquisa, como observou Duarte (2007) nas orações temporais da variedade Tembé.

Em nossos dados, esse mesmo fenômeno ocorre nas orações independentes, em que a codificação dos marcadores de pessoa leva em conta os tipos de verbos (transitivos e intransitivos ativos; e intransitivos inativos) e respeita a hierarquia de pessoa na língua. Especialmente nos contextos em que o argumento é de primeira pessoa singular, os falantes parecem estar fazendo uma distinção semântica entre sujeito agente de 1ª pessoa (de verbos transitivos e intransitivos ativos) e sujeito afetado de 1ª pessoa (objeto de 1ª pessoa). Os dados a seguir demonstram essas ocorrências.

[OV[COMP]]
(126) ***he****-r-esak* ***mehe***
1SG-INV-ver quando
'quando (ele) me vê.'

(Harrison, 1986, p. 432)

– Geração mais jovem
(VO)
(127) ***u****-me'e* *he* *rehe* ***nehe***
3SG-olhar 1SG a.respeito.de quando
'quando ele me olha'. [homem olhando para a mulher com intenção de se relacionar]
(DE)

– Geração mais velha
[OV[COMP]]
(128) ***he****-r-exak* ***mehe***
1SG-INV-ver quando
'quando ele me vê.'
(DE)

[OV[COMP]]
(129) ***he****-ker* ***mehe*** *ihe*
1SG-dormir quando 1SG
'Quando eu dormi.'

(Harrison, 1986, p. 433)

– Geração mais velha
(130) ***a****-ker* *nehem*
1SG-dormir FUT
'quando eu dormi'.
(DE)

As sentenças apresentadas mostram que enquanto nos dados de Harrison (1986) e Bendor-Samuel (1972) são codificados nas orações dependentes temporais os prefixos absolutivos *he-* para a primeira pessoa (como no exemplo 129), em nossos dados ocorrem ambos, *he-* e *a-*, conforme exemplos 128 e 130, mostrados anteriormente.

Os exemplos (132), (133) e (134) a seguir configuram a ordem verbo inicial, diferente do dado (131) de Bendor-Samuel (1972), em que ocorre a ordem verbo final. Os dados

mostram ainda uma diferenciação quanto à codificação do prefixo nominativo, marcado pelo prefixo *a-* em (132).

[OV[COMP]]

(131) *ce typyz me* ***h****-erur* ***mehe***
aqui casa POSP 3-vir quando
'quando ele o trouxer aqui em casa.'

(Bendor-Samuel, 1972, p. 144)

– Geração mais velha

(VO) ou [VO[COMP]]

(132) ***a****-rur putar tapuz me* ***nehe***
1SG-vir FUT casa POSP IRR
'quando eu o trouxer em casa.'

(DE)

– Geração mais jovem

[VO[COMP]]

(133) ***pe****-z-apo apo artesanato wà a-me'eg-kar pe-wi* ***mehe***
2PL-z-fazer artesanato MF 1SG-comprar-CAUS 2PL-de COMP
'Pode fazer artesanato. Quando fizer artesanato, eu compro de vocês.'

(DF)

(134) ***pe****-z-apo tete-a'u* ***mehe*** *kury*
2PL-z-fazer muito-ENF COMP ADV
'Pode fazer muito [artesanato], depois eu compro.'

(DF)

Duarte (2007, p. 77) constatou também a codificação de prefixos nominativos em verbos das orações temporais com *mehe,* na variedade Tembé. O autor considera essa ocorrência uma inovação, haja vista que nas demais línguas da família Tupí-Guarani que ele analisou, como o Tupinambá e a própria variedade guajajara, ocorria somente (até o período de sua pesquisa) a codificação por meio dos prefixos absolutivos. Nos exemplos a seguir, retirados do autor, observamos que o verbo transitivo *duka*, "matar" da oração temporal, codifica os prefixos nominativos *a-* (1ª pessoa) em (135) e *re-* (2ª pessoa) em (136).

(135) *Sérgio w-esak dawar* [*pro*$_i$ ***a***$_i$*-duka mehe*]
Sérgio 3-ver onça 1-matar COMP
'Sérgio viu a onça quando/ que (eu) a matei.'

(136) *Sérgio w-esak dawar* [*pro*$_i$ ***re***$_i$*-duka mehe*]
Sérgio 3-ver onça 2-matar COMP
'Sérgio viu a onça quando/ que tu a mataste.'

(Duarte, 2007, p. 78, grifo nosso)

Em nossa pesquisa, os dados conferem a mesma realização alternada dos prefixos (ergativo)-absolutivo e nominativos, nos verbos das orações dependentes temporais, observadas em período anterior por Duarte (2007) na variedade Tembé.

[OV]COMP]]
– Geração mais velha

(137) *Sérgio u-exak zawar uhu* ***u****-aro* *mehe*
Sérgio 3-ver onça 3-esperar COMP
'Sérgio viu a onça quando ela o esperava.'

(138) *Sérgio u-exak tapi'ir ka'i* ***r****-aro* *mehe*
Sérgio 3-ver anta macaco ABS-esperar COMP
'Sérgio viu a anta quando (ela) esperava o macaco.'

Na variedade Tembé, nas orações dependentes temporais há também o uso do complementizador *kon*, "quando". Segundo os registros de Duarte (2007), esse elemento vem posicionado mais à esquerda da sentença, após o sujeito. Em temporais com o uso de *kon*, o autor mostra que a ordem OV não é tão rígida, podendo ocorrer também a ordem VO. Ocorre, ainda, em temporais com *kon*, o sistema de codificação cindida (ergativo)-absolutivo e nominativo. Sentenças desse mesmo tipo que replicamos de Duarte (2007), em nossos dados, ocorrem mais uma vez com o uso de *nehe* ou o apagamento do complementizador ao final de sentenças, e a ordem varia entre VO (entre os mais jovens) e OV (entre os mais velhos), conforme dados a seguir:

[COMP[VO]
(139) *teko* ***kon*** ***u****-dapo-rəm* *tɨpɨd* *nadewe*
a gente COMP 3-fazer-INTC casa assim
'A gente quando vai fazer casa é assim.'

(Duarte, 2007, p. 80)

– Geração mais jovem
(VO)
(140) ***t****-ezapo* *he-rupui* *wà* ***nehe***
3-fazer 1-casa PL IRR
'a gente quando vai fazer casa é assim'.

(DE)

– Geração mais velha
(OV)
(141) *nazawe tapuz* ***i****-apo* *haw* *a'e*
assim casa 3-fazer NOML 3
'a gente quando vai fazer casa é assim'.

(DE)

Observamos que as variações encontradas nas orações dependentes temporais em Guajajara se aproximam da variedade Tembé, analisada em Duarte (2007), tanto na ordem VO quanto na coocorrência do sistema de codificação (ergativo)-absolutivo e nominativo.

7.2.3 Condicionais

As orações dependentes condicionais em Tenetehara são marcadas pelo complementizador *aze ~ ade* (este último na variedade Tembé) no início da sentença. Quanto à ordem do verbo em relação aos argumentos, nos dados de Bendor-Samuel (1972), há a ordem rígida do núcleo final nas transitivas (OV) e nas intransitivas (SV). Em Duarte (2007, 1998) a ordem nas transitivas pode variar entre OV ~ VO, na variedade Tembé.

Em todos os nossos dados há ocorrência da ordem verbo inicial (VS) nas intransitivas entre os falantes das gerações mais velha e mais jovem, e nas transitivas há variação entre as ordens OV ~ VO. Além disso, o complementizador *aze* tem sido substituído pela conjunção "se" do português em alguns dados de falantes da geração mais jovem, como mostra o exemplo (143). Nota-se ainda a presença de *nehe* (recorrente nas dependentes de gerúndio e nas orações temporais) em algumas construções tanto em nossos dados quanto nos dados de Duarte (2007).

[COMP[SV]]
(142) ***aze*** *arapuha* *ur*
Se veado vir
"Se um veado vier."

(Bendor-Samuel, 1972, p.146)

– Geração mais jovem
[COMP[VS]]
(143) *Se* ***Ø****-zur* *arapuha* *nehe* *oho*
Se 3-vir veado IRR 3-ir
'se um veado vier.'

(DE)

– Geração mais velha
[COMP[VS]]
(144) *aze* ***u****-ur* *arapuha*
se *3-vir* *veado*
'se um veado vier.'

(DE)

Nos dados a seguir observa-se nas orações condicionais uma predominância da codificação de prefixos nominativos de terceira pessoa *u-* tanto em Bendor-Samuel (1972) quanto em nossos dados. Os dados (147) e (148), dos participantes de nossa pesquisa, seguem esse mesmo padrão ao codificar o prefixo nominativo de terceira pessoa u-. Já os exemplos (145) e (146) codificam o prefixo absolutivo esperado.

[COMP[OV]]
(145) *aze* *n-u-zukaz,* *u-zən* *oho* *kury*
Se NEG-3-matar 3-fugir AUX Part
'Se não o matar, ele vai fugir.'

(Bendor-Samuel, 1972, p. 173)

– Geração mais jovem

[COMP[OV]]

(146) *Se* *ne-**r**-(z)uka* *kwaw* *nehe* *oho* *ne-wi*
Se 2SG-INV-matar NEG IRR AUX 2SG-de
'Se não o matar, ele vai fugir.' [Lit. 'Se não o matar, ele vai fugir de você.']

(DE)

– Geração mais velha

[COMP[VO]]

(147) *aze* *n-**u**-zuka* *kwaw* *wy* *aho* *kury*
se NEG-3-matar NEG POSP AUX Part
'Se não o matar, ele vai fugir.'

(DE)

Os dados do Tembé têm apresentado o mesmo padrão de alteração na codificação dos marcadores de pessoa. Duarte ressalta que: "a codificação dos argumentos nucleares nessas sentenças segue o mesmo padrão que ocorre nas orações independentes, uma vez que o prefixo nominativo *u-* ~ *w-* é usado." (Duarte, 2007, p. 87-88). Confere exemplos a seguir do autor em (148) e (149). Em nossos dados (150) e (151) ocorrem também a codificação do prefixo de terceira pessoa *u-*.

[COMP[OV]]

Dados do Tembé

(148) ***ade*** *dawar* *Pedro* ***u**-duka* *nehe*
COMP onça Pedro 3-matar IRR

Tenetehar *he* *Ø-anam* *u-dai'o-rəm* *wà*
Tenetehar me POSS-parentes 3-chorar-INTC PL
'Se a onça matar Pedro, os meus parentes vão chorar.'

(Duarte, 2007, p. 88)

[COMP[VO]]

Dados do Tembé

(149) ***aze*** *zawar* ***u**-zuka* *ka'i* *nehe*
COMP onça 3-matar macaco IRR

Siba *u-pɨhɨk* *rəm* *ka'i* *o-ho* *i-zuwi*
Siba 3-pegar INTC macaco 3-ir REL-de
'Se a onça matar o macaco, Siba vai pegar o macaco dela.'

(Duarte, 1988, p. 77)

– Geração mais jovem

[COMP[VO]]

(150) ***aze*** *zawar uhu* ***u**-pyhyk* *Jerson* *u-zai'o*
COMP onça 3-pegar Jerson 3-chorar

idiaanam *wá* *nehe*
parentes PL IRR
'Se a onça matar o Jerson, os meus parentes vão chorar.' [Lit. 'Se a onça pegar o Jerson, meus parentes vão chorar.']

(DE)

– Geração mais velha

[COMP[VO]]

(151) ***aze*** *zawar uhu* ***u****-zuka* *Edu*
COMP onça 3-matar Edu

u-zai'o *putar* *ianàmo* *wà*
3-chorar FUT parente PL
'Se a onça matar o Edu, os meus parentes vão chorar'.

(DE)

Notamos o mesmo contexto observado nas orações dependentes temporais nas condicionais vistas anteriormente, com mais ocorrências de codificação nominativa quando o argumento (S e O) é de 3ª pessoa. Nos casos em que o sujeito é de 3ª pessoa e o objeto é de 1ª pessoa ocorre a codificação absolutiva, conforme prevê a hierarquia de pessoa nessa língua. Isso traz mais evidências em relação ao que supomos sobre a hierarquia de pessoa em Tenetehara estar operando, também, no sistema de codificação dos marcadores de pessoa nas orações dependentes.

Nos exemplos seguintes, retirados de narrativas sobre as histórias contadas por meio de imagens (ver Apêndice A), podemos visualizar essa ocorrência com a codificação do prefixo de 1ª pessoa singular *he-* e o marcador de caso absolutivo *r-* adjacentes ao verbo da sentença condicional.

– Geração mais jovem
[COMP]OV]]

(152) *xi* *zawar* ***he-r****-esak* *u-he-zuka* *nehe* *'u* *he* *nehe* *no*
se cachorro 1SG-ABS-ver 3-ABS-matar FUT comer 1 IRR Pt
'se o cachorro me ver (ou) ele me mata ou vai me comer.'

(DF)

(153) *aze* *zawar* ***he-r****-esak* *nehe*
se cachorro 1SG-ABS-ver IRR
'se o cachorro me ver (ou) ele me mata ou vai me comer.'

(DF)

(154) *u-xi`u* *be* *nehe* *u-he-r-ukar* *bem* no
3-morder bem IRR 3-ABS-matar bem Pt
'se o cachorro me ver ou ele vai me morde ou me matar bem.'

(DF)

De forma geral, nossos dados mostram que em muitos tipos de sentenças dependentes a ordem OV não está tão rígida atualmente, tendo em vista a ocorrência, também, da ordem VO. Dos estudos anteriores do Tenetehara, somente Duarte (1998, 2007) registrou mudanças nessa ordem na variedade Tembé, conforme mostra o Quadro 15 a seguir, com a

sintetização da ordem dos constituintes e dos complementizadores nas orações dependentes nos estudos anteriores e em nossos dados.

Quadro 15 – Comparação entre a ordem das orações dependentes em estudos anteriores e em nossos dados

TIPO DE ORAÇÃO/ ORDEM DE PALAVRAS	**HARRISON (1986)**	**BENDOR-SAMUEL (1972)**	**DUARTE (1998, 2007) Dados do Tembé**	**PESQUISA ATUAL (2025)**
Temporal	[OV[COMP]]	[OV[COMP]]	[OV[COMP]]	[OV[COMP]]
			[COMP[VO]]	[VO[COMP]]
				[VO]
Gerúndio	[OV[COMP]]	[OV[COMP]]	[OV[COMP]]	[OV[COMP]]
				[VO]
Condicionais	-	[COMP[OV]] [COMP[SV]]	[COMP[VO]]	[COMP[VO]] [COMP[VS]]
			[COMP[OV]]	

Fonte: elaboração própria.

7.3 A FREQUÊNCIA NA ORDEM DOS CONSTITUINTES EM TENETEHARA

Nas subsecções seguintes faremos, primeiramente, um estudo da frequência da ordem dos constituintes em sentenças independentes para verificar qual a atual configuração do padrão de ordem de palavras na língua Tenetehara. Para essa finalidade, vamos considerar diferentes tipos de dados linguísticos, a saber, dados elicitados (DE) e dados de fala (DF). Estes últimos retirados de narrativas dos indígenas sobre temas da cultura, como a confecção de artigos de artesanato e festas tradicionais, a exemplo da festa do moqueado, que celebra a transição das meninas para a vida adulta e histórias obtidas a partir de imagens. Além disso, serão utilizados outros contextos comunicativos envolvendo a fala espontânea, entre os quais estão atendimento de telefonema e diálogos entre mãe e filhos, entre avós e netos e entre marido e mulher.

Para o estudo quantitativo da ordem dos constituintes em Tenetehara, mapeamos em quais variáveis está ocorrendo um padrão de ordenamento diferente da ordem VSO, predominante em sentenças transitivas independentes nos estudos anteriores sobre essa língua, em comparação com a ordem registrada nos dados atuais de nossa pesquisa. Sendo assim, esta seção inicia com os nossos dados e, posteriormente, com um comparativo com os registros nesses estudos.

Consideramos, assim, as seguintes variáveis:

a) variáveis sociais: geração (mais jovem, 2ª e 3ª; e mais velha) e localização (rural e urbano);

b) variáveis linguísticas: tipos de verbos: transitivos, intransitivos ativos e intransitivos inativos (descritivos ou estativos), codificação dos prefixos de pessoa: nominativo e absolutivo, tipos de dados: dado elicitado (DE) e dado de fala (DF).

Em relação a variável de localização, é importante salientar que ela está sendo investigada por meio de estudo comparativo, a partir dos dados de pesquisadores anteriores que estudaram o Tenetehara, conforme apresentamos nas seções anteriores (Bendor-Samuel, 1972; Harisson, 1986; Duarte, (1998, 2005, 2007) e em nossos dados coletados junto aos indígenas que moram na cidade de Imperatriz (Ma), com o intuito de observar se o padrão de ordem de constituintes tem apresentado algumas alterações. Em caso positivo, também observaremos se essa alteração reflete uma questão pragmática ou uma variação ou possível mudança estrutural no Tenetehara.

Antes de apresentarmos os resultados, ressaltamos que, apesar de a teoria da frequência (Bybee, 2015) ser, geralmente, baseada em dados de fala, estamos considerando em nossa pesquisa, também, dados elicitados, para testar se o padrão de ordem se mantém o mesmo ou próximo dos dados obtidos por meio de contextos de fala oral. Outra razão estrutural é que nos dados retirados de estudos anteriores sobre a ordem em Tenetehara, muitas sentenças são oriundas de dados elicitados. Nesse sentido, solicitamos aos participantes de nossa pesquisa, via elicitação, a reprodução de algumas dessas sentenças encontradas nesses trabalhos, para termos elementos próximos para comparar possíveis padrões diferentes na zona rural e no contexto urbano, conforme temos visto nas seções anteriores deste capítulo.

Os resultados apresentados nas subseções seguintes servirão de base para a discussão teórica dos resultados da ordem dos constituintes em Guajajara, na perspectiva da Estrutura da Informação, a partir dos trabalhos de Lambrecht (1994) e demais autores que consideram a Pragmática Discursiva na interpretação linguística de sentenças.

7.3.1 Ordem de palavras em dados de fala (DF) por geração na zona urbana

Os dados de fala correspondem a amostras numericamente distintas entre as duas gerações, sendo 39 entre os mais jovens X 15 entre os mais velhos. Dessa forma, fizemos a comparação dentro de cada universo numérico, de acordo com sua proporção correspondente. As ordens (S)OV e (S)VO têm distribuição igual para os mais velhos, e predominância de (S)VO para os mais jovens. A ordem (S)VO, entre os mais velhos constitui metade dos dados: 7 (S)OV X 7 (S)VO, sendo, portanto, a ordem (S)VO relevante, também, entre os mais velhos em dados de fala, como mostra a Tabela 28 a seguir.

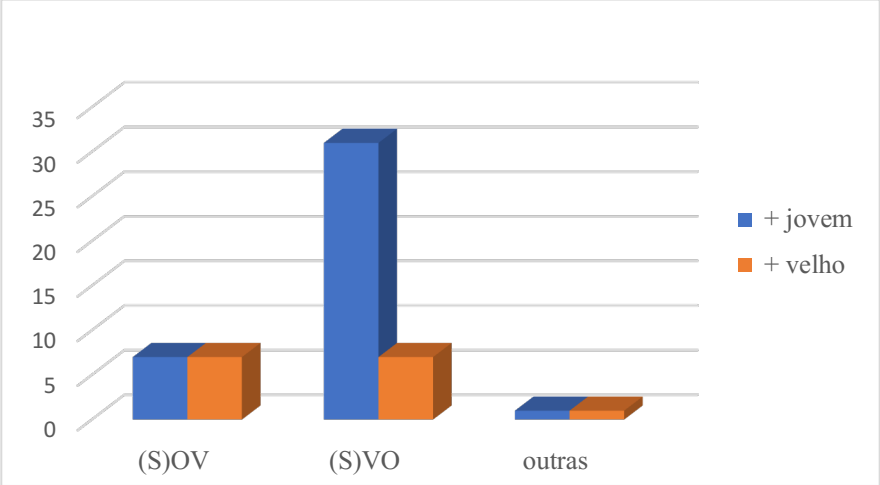
Tabela 28 – Dados de fala por geração na zona urbana

	Geração		
Ordem de palavras	**+jovens**	**+ velhos**	**Total geral**
(S)OV	7	7	14
(S)VO	31	7	38
Outras	1	1	2
Total Geral	**39**	**15**	**54**

Fonte: elaboração própria.

O gráfico apresentado a seguir na Figura 13 sintetiza os resultados das ordens predominantes entre gerações em dados de fala oral na zona urbana, mostrando que entre a geração mais jovem a ordem (S)VO é predominante.

Figura 13 – Ordem de palavras por geração em dados de fala



Fonte: elaboração própria.

7.3.2 Ordem de palavras em dados de fala (DF) e em dados elicitados (DE) na zona urbana

Ao comparar a ordem de palavras nos dois tipos de dados, a saber, dados de fala (DF) e dados elicitados (DE), os resultados mostram bastante diferenças. Em DF, a ordem predominante é (S)VO, com 38 ocorrências, e em seguida a ordem (S)OV, com 14 ocorrências. Um dado que chama a atenção é a ausência de ocorrência da ordem VSO em DF. Ela aparece somente em 9 ocorrências em DE, enquanto a ordem (S)VO mais uma vez foi a predominante também nesse tipo de dado, com 26 ocorrências.

No entanto, quando se trata de dados de fala em contexto natural, geralmente, os falantes de nossa pesquisa omitem o sujeito quando este é um pronome livre e, em alguns casos, até o sujeito lexical. Dessa forma, é rara a presença simultânea de sujeito e de objeto

na mesma sentença. O mais comum é a ordem (S)VO/(S)OV em sentenças transitivas independentes em contextos de fala oral, conforme podemos observar na Tabela 29 a seguir.

Tabela 29 – Ordem predominante em dados elicitados e dados de fala por geração na zona urbana

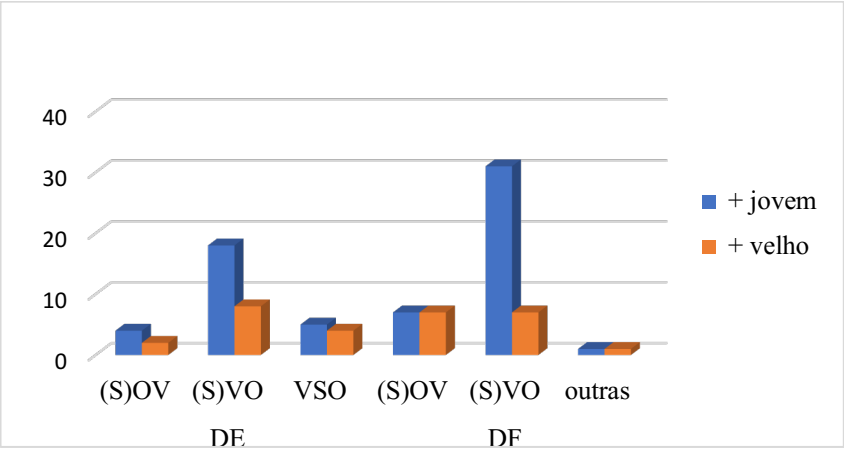
	Geração		
Ordem de palavras	**+jovens**	**+velhos**	**Total Geral**
DE	**27**	**14**	**41**
(S)OV	4	2	6
(S)VO	18	8	26
VSO	5	4	9
DF	**39**	**15**	**54**
(S)OV	7	7	14
(S)VO	31	7	38
Outras	1	1	2
Total Geral	**66**	**29**	**95**

Fonte: elaboração própria a partir de pesquisa de campo 2021–2023.

Os resultados mostram que a ordem (S)VO é mais comum entre os mais velhos em dados elicitados, enquanto entre os mais jovens a ordem (S)VO nos dois tipos de dados (DE e DF), é mais predominante. Esses resultados endossam os dados apresentados na Tabela 29, que aponta a ordem (S)VO mais recorrente entre os mais jovens.

O gráfico apresentado a seguir, na Figura 14, fornece uma melhor visualização ao destacar a ordem (S)VO mais frequente entre a geração mais jovem em DE e DF.

Figura 14 – Ordem de palavras em dados elicitados e em dados de fala no urbano



Fonte: elaboração própria a partir de pesquisa de campo 2021–2023.

7.3.3 Comparação da ordem de palavras entre a zona urbana e zona rural

No conjunto de dados de pesquisadores anteriores (Harrison, 1986; Bendor-Samuel, 1972; Duarte, 1998, 2007; Castro, 2021), nas sentenças transitivas simples em Guajajara, coletadas em Terra Indígena (zona rural), do total de 19 registros, a ordem VSO é a predominante, apresentando 17 ocorrências, e somente uma ordem (S)VO e uma (S)OV.

Na zona urbana, no conjunto geral de dados, tanto de fala (DF) quanto elicitados (DE), a ordem (S)VO é a mais recorrente entre os participantes da nossa pesquisa, com 64 registros; enquanto a ordem VSO no contextourbano tem apenas 9 ocorrências, conforme mostra a Tabela 30 a seguir, com a distribuição dos resultados comparando a ordem mais registrada nos estudos produzidos anteriormente na zona rural com os dados de nossa pesquisa, produzida em zona urbano.

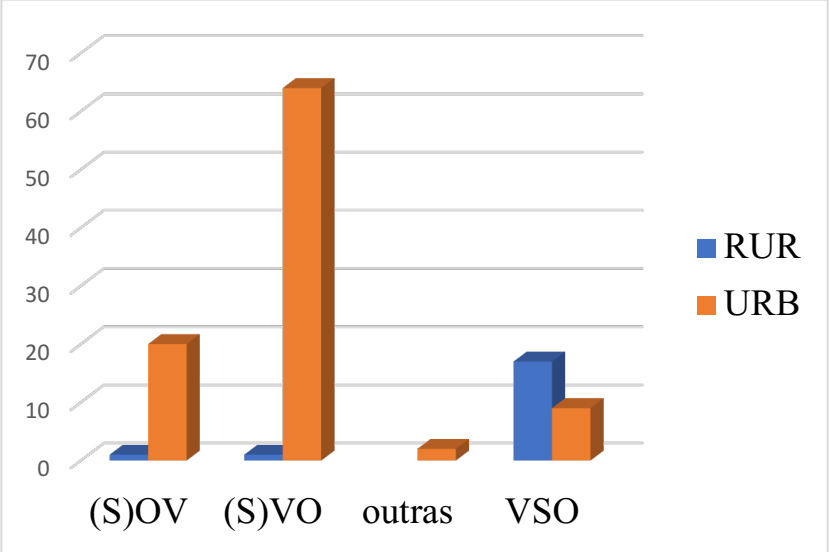
Tabela 30 – Ordem na zona rural e urbana

Ordem de palavras	**Localização**		**Total Geral**
	RUR	**URB**	
(S)OV	1	20	21
(S)VO	1	64	65
VSO	17	9	26
Outras		2	2
Total Geral	**19**	**95**	**114**

Fonte: elaboração própria a partir de pesquisa de campo 2021–2023.
Legenda: RUR, zona rural; URB, zona urbana.

Esses dados revelam que, em comparação com a ordem de palavras em Tenetehara em estudos anteriores (na zona rural), a ordem VSO não é a predominante atualmente entre os falantes que estão no contexto urbano. O gráfico apresentado na Figura 15 a seguir nos ajuda a visualizar melhor os resultados apresentados na Tabela 30 e verificar o quanto a ordem (S)VO em nossos dados se destaca das demais ordens, (S)OV, VSO e outras, tanto na zona rural quanto na zona urbana.

Figura 15 – Ordem de palavras na Terra Indígena (rural) e na cidade (urbano)



Fonte: elaboração própria a partir de pesquisa de campo 2021–2023.
Legenda: RUR, zona rural; URB, zona urbana.

7.3.4 Verbos mais recorrentes por ordem de palavras na zona rural e na zona urbana

Nesta subseção, apresentamos os verbos predominantes nas ordens mais recorrentes em nossos dados, tanto em DE quanto em DF. Em seguida, apresentamos um comparativo com os verbos que mais aparecem na ordem VSO nos estudos anteriores do Guajajara, para examinarmos se esses verbos carregam algumas propriedades semânticas que podem influenciar a posição dos argumentos nucleares, sujeito e objeto, na estrutura ou até mesmo a omissão de um desses argumentos.

Tabela 31 – Verbos mais recorrentes por ordem de palavras no contexto urbano

	Gerações		
Tipo de dado e ordem	**+ jovem**	**+ velho**	**Total Geral**
DE	18	10	28
***apo* "fazer"**	2		2
(S)VO	2		2
***exak* "ver"**	6	3	9
(S)OV	1		1
(S)VO	4	3	7
VSO	1		1
***zuka* "matar"**	4	4	8
(S)VO	3	2	5
VSO	1	2	3
'*u* "comer"	6	3	9
(S)VO	4	2	6
VSO	2	1	3
DF	16	7	23
***apo* "fazer"**	11	6	17
(S)OV	4	4	8
(S)VO	7	2	9
***exak* "ver"**	4		4
(S)VO	4		4
***zuka* "matar"**	1	1	2
(S)VO	1	1	2

Fonte: elaboração própria a partir de pesquisa de campo 2021–2023.
Legenda: DE, dado elicitado; DF, dado de fala.

Em geral, o verbo *apo*, "fazer" é o que mais aparece em nossos dados. No entanto, ele não se distribui de forma equivalente entre todas as variáveis, conforme mostra a Tabela 31. Sua ocorrência é mais frequente em DF, com distribuição paralela entre as duas gerações, contabilizando 4 registros na ordem (S)OV em cada uma. Já na ordem (S)VO, é mais frequente entre os mais jovens, com 7 ocorrências; enquanto há somente 2 registros entre os mais velhos.

O verbo *exak*, "ver", em DF, ocorre somente na ordem (S)VO entre os mais jovens, com 4 registros. Em contrapartida, em DE, se distribui nas três ordens, de forma predominante na ordem (S)VO entre as duas gerações. Esse mesmo padrão se repete para o verbo *zuka*, "matar", e *'u*, "comer", que ocorrem mais em DE, predominantemente na ordem (S)VO.

Na Tabela 32 a seguir, apresentamos o conjunto geral dos dados (DE e DF), para contabilizar os verbos mais recorrentes tanto na zona rural quanto na zona urbana. Os dados mostram que enquanto na zona urbana o verbo mais recorrente foi *apo*, "fazer", dentro da ordem

(S)VO, na zona rural, este foi o menos recorrente, somente com um registro. O verbo *zuka*, "matar", e *'u*, "comer", predominam nos dados entre falantes da Terra Indígena (zona rural).

Tabela 32 – Verbos mais recorrentes por ordem de palavras nas zonas rural e urbana

		LOCALIZAÇÃO		
Verbos	**ORDEM**	**RUR**	**URB**	**Total Geral**
apo 'fazer'	(S)OV		8	8
	(S)VO		**11**	11
	VSO	1		1
apo total		1	19	20
exak 'ver'	(S)OV		1	1
	(S)VO		**10**	10
	VSO	**3**	**1**	4
exak total		3	12	15
zuka 'matar'	(S)VO		7	7
	VSO	4	3	7
zuka total		4	10	14
'u 'comer'	(S)VO		6	6
	VSO	**4**	**3**	7
'u total		4	9	13
Total Geral		12	50	62

Fonte: elaboração própria a partir de pesquisa de campo 2021–2023
Legenda: RUR, zona rural; URB, zona urbana.

Diante dos dados observados na tabela, o que podemos observar nos números dela é que, enquanto qualquer um dos verbos mais recorrentes nos dados da zona rural configuram exclusivamente a ordem VSO, em nossos dados eles se distribuem nas três ordens, com maior frequência na estrutura (S)VO.

No próximo capítulo, iremos explorar a relação entre a expressão e a omissão do argumento pronominal sujeito nas sentenças em Guajajara e as propriedades semânticas dos verbos envolvidos nas construções em que o sujeito é realizado pelo pronome livre sujeito.

8 A ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO DO GUAJAJARA

As discussões tecidas neste capítulo estão fundamentadas na abordagem da Estrutura da Informação, a partir dos estudos de Lambrecht (1994), que foram abordados no capítulo teórico desta tese (Capítulo 6). Para isso, mobilizamos algumas categorias cognitivas relacionadas às representações dos estados mentais dos interlocutores no contexto do discurso em narrativas Guajajara, são elas: pressuposição, identificabilidade e ativação do referente. Além disso, também fazemos uso das categorias tópico e foco, que demonstram influenciar tanto a ordem dos constituintes nessa variedade quanto a realização explícita dos referentes pronominais ou seu apagamento na estrutura da informação em Guajajara.

8.1 O USO PRAGMÁTICO DO SUJEITO PRONOMINAL

Das poucas ocorrências em que o sujeito pronominal é realizado em Guajajara, as sentenças retiradas de narrativas orais dos indígenas mostram uma tendência do pronome livre sujeito *ihe,* "eu", ser expresso explicitamente nessa língua. A predominância da realização do pronome de primeira pessoa evidencia a preferência dos falantes Guajajara pela expressão pronominal do sujeito com os traços +autor.

Diante disso, apontamos duas possibilidades sobre essa preferência: (i) pode refletir a hierarquia de pessoa nessa língua (conforme falamos anteriormente); ou (ii) pode dar ênfase ao falante quando este também é o referente de *ihe*, expresso como sujeito gramatical da sentença.

A realização explícita dos pronomes livres sujeito em Guajajara demonstra ser moldada pelo contexto comunicativo que envolve os participantes, realçando relações de ênfase e de clareza. Nos contextos em que eles ocorrem, é dada ênfase ao argumento externo.

Além do uso simultâneo da codificação morfológica do sujeito e dos pronomes livres, essa língua dispõe ainda de outros elementos que funcionam como ênfase do sujeito, são eles: (i) os redobros pronominais, que geralmente ocorrem no final de sentenças e apresentam uma forma semelhante aos pronomes livres; e (ii) as partículas enfáticas, posicionadas também ao final de sentenças, indicando se o conteúdo da sentença foi expresso por uma mulher ou por um homem.

No caso do redobro de sujeito de 1SG, há algumas formas variantes *ihe'a ~ iha'a ~ iha*. Já em relação às partículas enfáticas, elas podem ser formadas por parte dos elementos que compõem o redobro de sujeito de primeira pessoa, *ihe ma* (*ou iha ma*) e *ihe pa,* ou

simplesmente por *ma* ou *pa*, que correspondem à fala da mulher e à fala do homem, respectivamente[56].

Ainda há outras partículas enfáticas na língua que não indicam especificamente uma ênfase ao sujeito. Elas parecem funcionar como uma ênfase mais geral ou a outros elementos da sentença que ocorrem próximos a ela, como a partícula *naré,* por exemplo, em no dado (155), apresentado a seguir. Assim como os pronomes livres sujeito, todos esses outros elementos que indicam ênfase do argumento externo são opcionais e podem ocorrer simultaneamente na mesma sentença com os prefixos de concordância, como veremos a seguir.

– Geração mais jovem

[SVO]

(155) ***ihe*** *iha'a* *a-r-apo* *kihaw* *naré*
SUJ 1SG 1SG-C-fazer rede ENF
'eu mesma faço a rede'

(DF)

[SVO]

(156) ***ihe*** *a-me'eg-kar* *pe-wi* *iha* *kury*
SUJ 1SG-comprar-CAUS 2PL-de 1SG então
'eu compro (artesanato) de vocês'

(DF)

Essas duas sentenças foram extraídas das narrativas de uma participante que confecciona artesanato e outros artefatos no aldeamento. A sentença (155) foi retirada de uma narrativa onde ela explica todo o processo envolvendo a confecção da *kihaw*, "rede" (ver Apêndice A – Texto 8). Na estrutura, temos a realização do pronome sujeito *ihe* (1SG) em posição argumental à esquerda do verbo. Na sequência, temos o redobro pronominal do sujeito *iha'a,* e o objeto *kihaw* em posição pós-verbal, configurando a ordem SVO. O uso da partícula enfática *naré* na margem direita evidencia ainda mais a função pragmática de ênfase.

Na sentença seguinte (156), extraída de outra narrativa, a falante simula uma conversa com os outros artesãos de uma loja da cidade para negociar a compra e venda de peças de artesanato. Ao destacar o sujeito da sentença com o pronome sujeito que é opcional na língua, o falante pode transmitir informações adicionais sobre quem está realizando a ação, conferindo ênfase ou relevância específica a esse elemento na conversa.

Os verbos dessas sentenças são *apo*, "fazer", e *me'eg-kar*, "comprar", que semanticamente denotam a realização de uma atividade feita pela própria falante, se levarmos em conta não apenas a expressão do sujeito de primeira pessoa do singular, que nesse contexto

[56] Esclarecemos que o Guajajara não apresenta marcadores que diferenciam o gênero do falante. Somente em alguns contextos, como os apresentados aqui, os falantes usam opcionalmente essa diferenciação como forma de ênfase.

refere-se à indígena, mas também, o contexto discursivo em que tais sentenças foram enunciadas e todos os demais elementos de ênfase, citados anteriormente, estruturados nessas sentenças.

Diante disso, o que nos chama a atenção é a ocorrência do redobro pronominal logo após o sujeito na sentença (155). Em trabalho anterior[57], no qual tratamos sobre o fenômeno do redobro pronominal em Guajajara, em todas as ocorrências registramos seu uso, exclusivamente, na margem direita, como é mostrado na segunda sentença (*iha*). Encontramos ainda nesta atual pesquisa casos em que o redobro tem ocorrido simultaneamente, tanto após o sujeito pronominal quanto no final da sentença, configurando um redobro descontínuo.

[SVO]
(157) ***ihe*** ***iha*** *a-r-apo* *ma'a* ***iha***
SUJ 1SG 1SG-C-fazer coisas 1SG
'eu faço essas coisas (cesto).'

As novas ocorrências de uso simultâneo do sujeito pronominal e do redobro em sequência, logo após o argumento externo, configuram uma estrutura semelhante à ênfase em PB "eu mesma/eu mesmo", "ele mesmo/ela mesma", com dois vocábulos em conjunto. Essa semelhança sinaliza a motivação para o uso do redobro em Guajajara ao lado do pronome livre sujeito, como uma aproximação tanto à forma quanto à função de ênfase na língua portuguesa de reforçar ou enfatizar o sujeito da sentença, indicando que a ação foi realizada pelo próprio indivíduo que está falando. Considere o seguinte exemplo em PB:

(158) Eu mesma fiz o jantar.

Neste caso, o uso de "eu mesma" enfatiza que a pessoa que está falando foi quem realmente fez o jantar, sem ajuda de outra pessoa. Construções desse tipo normalmente são empregadas em situações em que se quer deixar claro que a ação foi realizada sem intervenção de terceiros ou para destacar a identidade do sujeito como o único ou o principal agente da ação. Podemos inferir, portanto, que se trata do mesmo propósito nas sentenças em Guajajara apresentadas com o uso do pronome livre sujeito e o redobro lado a lado.

As demais sentenças (159-161) com o sujeito pronominal expresso foram extraídas de narrativas contadas pelos indígenas, que envolviam outras pessoas nas histórias. Em

[57] Artigo intitulado "Redobro pronominal em tenetehara-guajajara", produzido na qualificação de área (estudos gramaticais), sob orientação da Professora Maria Filomena Sândalo. Até a realização desse artigo, nos dados com registros de redobro, tanto os coletados por nós quanto os que pesquisamos em trabalhos anteriores de outros autores que estudaram esse fenômeno em Guajajara, esse fenômeno ocorria somente na margem direita das sentenças. Infirmo ao leitor que este artigo ainda não foi publicado.

conversas em que vários indivíduos estão sendo discutidos, o uso de pronomes sujeito pode evitar ambiguidades e garantir que o ouvinte compreenda claramente a quem ou ao que se está referindo.

Nas sentenças (159-161) a seguir, a indígena cria e narra uma história a partir de imagens que estavam sendo apresentadas a ela, a saber, figuras com um garoto em uma canoa no meio do rio (ver Anexo A, Texto Encantaria) que avista duas pessoas do outro lado do rio. As sentenças (159) e a (161) representam a fala do garoto, já a sentença (160) é a fala da própria indígena que se inclui na história por ela narrada. Veja que embora as três sentenças tenham como pronome o sujeito de primeira pessoa, podemos distinguir que a segunda sentença representa a fala da indígena do sexo feminino e não a fala do garoto, porque na margem direita da sentença está expressa a partícula *iha ma,* que em Guajajara indica que o enunciado foi expresso por uma mulher.

– Geração mais jovem

[SV]

(159) ***ihe*** *a-hem* *a-eru-(t)-eko*
SUJ 1SG-chegar 1SG-COMIT-estar
'eu estou chegando.'

(DF)

[SV]

(160) ***ihe*** *a-ko* *a-iko* *xe* *iha ma*
SUJ 1SG-estar 1SG-estar aqui MF
'eu estou aqui.'

(DF)

[SV]

(161) ***ihe*** *he-puru-zuk-aiw-ahy* *a-ikó* *iha*
SUJ 1SG-gente-matar-NMLZ-INTENS 1SG-estar 1SG
'eu sou muito valente.'

(DF)

No conjunto de dados apresentados, observamos que todos os pronomes livres sujeitos ocupam a primeira posição na sentença, exibindo a ordem SVO ou SV (nas sentenças com verbos intransitivos). Como vimos nos dados dos outros estudiosos do Tenetehara, o sujeito geralmente ocupa a segunda posição após o verbo. No entanto, na maioria desses casos, trata-se de um sujeito lexical de terceira pessoa.

O ordenamento sintático dos constituintes na sentença é, também, um dos mecanismos formais que representa a relevância de algum elemento, conforme vimos em Lambrecht (1994). Diante disso, a posição desse sujeito como primeiro constituinte na estruturação linguística da informação demonstra a estratégia do falante para o enriquecimento da informação para além da estrutura sintática, levando o interlocutor a interpretar a localização dessa porção do enunciado como uma informação importante.

Sendo assim, nos exemplos apresentados nesta seção interpretamos, a partir da estrutura das sentenças, duas informações pragmáticas:

a) ênfase, em (155), (156) e (161), tendo em (156) um adicionante de convencimento da falante para o interlocutor afirmando que vai comprar o artesanato, e em (155) uma clareza sobre quem é o referente de *ihe* que faz o artesanato;
b) contrastividade, em (159) e (160) para diferenciar o referente de *ihe* em relação ao personagem da história em (159) e a participante da pesquisa em (160), que usa a partícula *iha ma*, a qual indica fala de mulher. Em ambas as ocasiões compreendemos que esse fenômeno envolve a configuração S,VO que representa tanto o sujeito contrastivo quanto a relação de ênfase do sujeito.

A tendência de realização explícita do pronome sujeito de primeira pessoa singular em Guajajara e a expressão desse mesmo sujeito em diferentes categorias coocorrendo concomitantemente com este pronome (prefixos de concordância, redobro pronominal e partículas enfáticas) indicam a importância dada ao referente do tópico *ihe,* dando relevância a ele. No contexto discursivo em que essas sentenças estão inseridas, o sujeito gramatical *ihe* coincide com o referente tópico, pois a proposição expressa nas sentenças é sobre esse referente.

Desse modo, compreendemos que nos contextos em que o pronome livre sujeito é expresso nessa variedade e compartilha ao mesmo tempo a função gramatical de sujeito e de tópico, o pronome sujeito configura um tópico focalizado, cuja função pragmática é enfatizar este elemento (o sujeito) como uma informação relevante na proposição expressa na sentença. Observamos que essa tendência é mais frequente entre as mulheres, enquanto entre os homens, geralmente, é omitido com qualquer tipo de pessoa (1ª, 2ª, 3ª e até SN lexicais), como mostraremos na próxima seção.

Tendo isso em vista, os pontos levantados nesta seção revelam que o uso pragmático dos pronomes livres sujeito em Guajajara envolve um processo com inúmeras estratégias articuladas, em que múltiplas formas lexicogramaticais se relacionam na estrutura da sentença. Os diferentes recursos linguísticos utilizados pelos falantes para expressar o sujeito reflete uma relação de iconicidade: "(...) A consideração de uma motivação icônica para a forma linguística, em que a extensão ou complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete a extensão ou complexidade de natureza conceptual" (Neves, 2006, p. 23).

Em contraste com tendências de economia linguística (Haiman, 1983), comum em todas as línguas, as escolhas dos falantes por estruturas com mais elementos linguísticos proporcionam mais conteúdo informativo e destaca a função que esses elementos desempenham na construção do significado e na interpretação da informação pelo interlocutor.

8.2 CONTEXTOS SEM A REALIZAÇÃO DO PRONOME LIVRE OU DO SINTAGMA LEXICAL SUJEITO

Nos exemplos apresentados a seguir, os prefixos de concordância codificam os marcadores de pessoas sem a realização simultânea dos pronomes livres sujeito e, em alguns contextos, sem os sujeitos lexicais. Nas próximas subseções, lançamos o olhar para o contexto discursivo em que os pronomes livres ou os SN lexicais de sujeito não são realizados explicitamente e para as variáveis idade e sexo dos participantes que forneceram as narrativas de onde extraímos as sentenças.

Apesar da variável sexo não estar sendo analisada nos dados linguísticos em nossa pesquisa, os dados têm revelado uma frequência de realização do pronome livre *ihe* (1SG) entre as mulheres. Por isso, iremos considerar também esse aspecto a fim de observarmos quais fatores linguísticos ou extralinguísticos podem motivar ou favorecer a realização do sujeito pronominal ou lexical em alguns contextos e em outros, a sua omissão.

8.2.1 Em eventos de fala narrados por homens

Nesta subseção, iremos mostrar a partir dos dados que os homens mais velhos, nos mesmos contextos discursivos (narrativas de histórias) em que as mulheres expressam explicitamente o sujeito de primeira pessoa singular, tendem a omiti-lo. Em contextos de fala espontânea, os homens mais jovens também apresentam essa mesma tendência.

As sentenças seguintes foram extraídas da mesma história sobre um garoto em uma canoa no meio do rio, que apresentamos na seção anterior. Algumas sentenças são semanticamente equivalentes quanto à informação proposicional expressa nas sentenças e até, em algumas formas, quanto ao tipo de verbo usado na narrativa da participante do sexo feminino, qual seja, *hem*, "chegar", acompanhado dos verbos auxiliares *iko*, "estar", e *ha*, "ir", indicando aspecto progressivo. Apesar disso, em nenhuma delas o participante do sexo masculino da geração mais velha realizou explicitamente o sujeito de primeira pessoa, como fez a participante da geração mais jovem do sexo feminino, como podemos observar nos exemplos a seguir.

– Geração mais velha

(162) *xe* *xe* ***a**-iko* ***a**-ha* *teko* *ne-piar-romo*
aqui aqui 1SG-estar 1SG-ir pessoa 2SG-buscar-ser
'eu estou aqui indo buscar você.'

(163) ***a**-iko* ***a**-ha* *teko* *ne-piar-romo* *pe be* *'y* *uwaz we*
1SG-estar 1SG-ir gente 2SG-buscar-*ser* LOC água lado

‘eu estou indo te buscar aí do outro lado do rio.’

(164) ***a****-iko* ***a****-hem* *ty wa* *xe*
1SG-estar 1SG-chegar ENF aqui
‘eu estou chegando aqui.’

(165) ***a-****iko* ***a****-ha* ***a****-ha* *ko*
1SG-estar 1SG-ir 1SG-ir estar
‘eu estou indo.’

(DF)

As sentenças a seguir foram extraídas de um evento de fala espontâneo, enquanto era aplicado o questionário sociolinguístico com um participante da geração mais jovem, sexo masculino. Na ocasião, ele atende uma chamada telefônica de sua irmã que mora em outra aldeia. Podemos observar nos dados (166-167) que o sujeito não é expresso explicitamente durante sua fala, reafirmando, assim, essa tendência de apagamento do sujeito entre os homens.

– Geração mais jovem

(166) *pape* *a-z-apo-haw* *kury*
papel 1SG-(z)-fazer-NMLZ agora
‘eu estou fazendo uma entrevista agora.” [Lit. ‘máquina de fazer papel.’]

(167) *a-iko* *xe* *xe*
1SG-estar aqui aqui
‘eu estou por aqui.’

(168) *e-ze’eg* *kali* *no*
2SG-falar Kali também
‘você falou com o Kali também?’

(169) *u-ze’eg*
3-falar
‘fala (irmã).’

(DF)

A maioria dos dados apresentados nesta subseção codificam o prefixo *a-*. Nas duas primeiras construções expressas pelo participante da geração mais jovem do sexo masculino (166 e 167), o referente deste prefixo refere-se ao falante, que é o próprio sujeito da sentença nesse contexto.

A falta de realização, principalmente, do pronome livre *ihe*, simultaneamente, com o prefixo nominativo evidencia uma preferência entre os participantes do sexo feminino pela realização explícita do pronome livre sujeito de primeira pessoa singular. Especialmente, quando este ocorre em conjunto com o verbo *apo*, “fazer”, cuja característica sintático-semântica apresenta um sentido [+pleno], indicando a execução de uma atividade pelo próprio sujeito, atribuindo ênfase ao falante, como vimos na seção 8.1, em que a participante do sexo

feminino usa esse verbo para descrever que ela mesma faz (confecciona) os itens de artesanato, enquanto em construções expressas por homens, geralmente, o sujeito pronominal é omitido, codificando-o apenas por meio dos prefixos de concordância.

8.2.2 Em temas relacionadas à cultura Guajajara

A maioria das sentenças desse bloco foram extraídas da narrativa sobre a festa tradicional do moqueado, também conhecida como "festa da menina moça". Somente em um momento, o pronome livre sujeito, *a'e wà* (3PL), é expresso praticamente na metade da história. Todos os prefixos de concordância engatilhados no verbo nos demais trechos codificam o sujeito ativo, *u-/o-*, identificando que se consiste na terceira pessoa.

A história envolve diferentes participantes que, em determinados momentos, executam atividades específicas. Para os indígenas Guajajara, já está altamente acessível sobre quem se trata o referente de 3ª pessoa citado em cada etapa da narrativa. Entretanto, para um interlocutor de fora da aldeia, não é evidente quem representa o sujeito codificado morfologicamente, de modo que, mesmo se nesse contexto o sujeito fosse expresso com um pronome livre de 2ª ou 3ª pessoa, ainda assim não seria possível identificá-lo plenamente. Somente uma expressão nominal lexical poderia esclarecer para uma pessoa externa quem é cada participante envolvido no desenrolar da história.

Diante disso, a codificação da terceira pessoa pelo prefixo *u-* nas duas construções a seguir evidenciam uma referência ao coletivo de pessoas, ao povo Guajajara, que antigamente realizava a festa do moqueado.

– Geração mais velha

(170) *kwehe* *mehe* *kuzà-waza* ***u****-ze-mynyari*
PASS.DIST quando mulher-virgem 3-REFL-menstruar
'antigamente, quando a menina ficava moça.'

(171) ***u-****z-apo* *i-apo-haw* *kuri* *ma'a kê'ê* *i-zegar-haw*
3-z-fazer 3-fazer-NMLZ então moqueado 3-cantar-NMLZ

izupe *kuzà-waza*
POSP mulher-virgem
'eles faziam a festa do moqueado para a menina moça.'

(DF)

No trecho seguinte, (172), em que a menina é colocada na tocaia, essa função cabe ao pai, no entanto, o termo "pai" não é realizado lexicalmente. Mais adiante, em (173), praticamente, no final da história, o sujeito lexical *u*, "pai", é expresso.

-Geração mais velha

(172) ***o****-mono tutà pyme kury*
3-colocar tocaia POSP agora
'(o pai) coloca na tocaia.'

(173) (...) ***o****-mono kuzà-wàza* *t-**u*** *tàpuz me a'e kuri*
3-colocar mulher-virgem 3-**pai** casa POSP 3 agora
'o pai dela coloca a menina moça na tocaia agora.'

(DF)

A sentença a seguir também é direcionada a pessoas específicas da aldeia. Na cultura Guajajara cabe aos homens a função de ir à mata caçar um animal para matar e depois assá-lo (moqueá-lo) e servi-lo aos convidados e a toda a comunidade na celebração da festa da menina moça. Assim como as sentenças anteriores, aqui também não é expresso o SN sujeito *awa*, "homem". O contexto cultural deixa evidente que o referente do prefixo de concordância *u-*, juntamente com o prefixo de plural *wà-,* refere-se aos homens da aldeia.

-Geração mais velha

(174) ***u****-z-apo* ***u-****zuka* *miara* ***o****-ho* *wà* *kury*
3-(z)-fazer 3-matar caça 3-ir PL agora

ka'a *wà* *kuri*
mata PL agora
'(os homens) vão para a mata matar a caça agora.'

(DF)

– Geração mais jovem

(175) ***u****-ruka* *ta wary* *ka'i*
3-matar capelão macaco
'eles matam capelão, macaco.'

(176) ***u****-r-apo* *make'e* *wà* *no*
3-C-azer carne assada PL também
'eles fazem o moqueado.'

(DF)

A sentença a seguir, (177), foi a única com sujeito pronominal *a'e wà*, "eles" realizado explicitamente. Entretanto, por se tratar de uma terceira pessoa, somente para o povo Guajajara o referente desse sujeito é identificável. A sentença seguinte, (178), acrescenta informações sobre a função a ser executada pelo referente de *a'e wà*, "eles" ao se deslocar para buscar o pai e os avós da menina moça.

Embora essa história tenha sido narrada por um único falante (o Cacique mais velho), a história envolve várias pessoas: a menina moça, o pai, os avós, os homens que vão para a mata matar a caça para a festa e a comunidade em geral (os indígenas) que faziam a festa, cantavam e dançavam. Na sentença (177), o referente de *a'e* corresponde aos indígenas em geral, codificado pelo pronome de terceira pessoa e pela partícula de plural *wà* ("eles").

– Geração mais velha

[SVO]

(177) ***a'e*** *Ø-aha* *mehe* *wà* *kuri*
3 3-ir quando PL agora

(178) ***u****-zur* *t-u* *w-n-amuz* *u-eru-ur*
3-vir 3-pai 3-(n)-avós 3-COMIT-trazer
'quando eles (os indígenas) forem aí vão trazer o pai (e) avós dela (da menina moça).'

(DF)

Diante dos dados, podemos constatar que referentes cuja natureza é representativa da cultura Guajajara, como aqueles envolvidos na festa do moqueado, bastante conhecida entre esse povo, têm um *status* cognitivo identificável com um grau inativo, o que significa, de acordo com Lambrecht (1994), que estão na memória de longo prazo, tendo uma representação compartilhada entre os interlocutores. Assim, o falante assume que tanto o referente do pronome livre *a'e wà* quanto o do prefixo de concordância *u-/o-* têm uma representação na mente do destinatário (povo Guajajara) quando eles são enunciados.

Sendo assim, as escolhas linguísticas do falante descrevendo a função desempenhada por esses referentes em cada discurso subsequente acionam os estados de ativação dos referentes, deixando altamente acessível ao destinatário identificar quem é o referente codificado pelos pronomes e prefixos de terceira pessoa que "vai trazer o pai e avós da menina moça" (178), assim como foi possível identificar na outra sentença que os homens que "vão à mata matar a caça" (174). Essa acessibilidade é baseada na cultura e, independentemente da codificação pronominal, a presença desses referentes no mundo externo ao texto é capaz de levar o destinatário a identificá-los, não sendo necessário realizar, explicitamente, sujeitos pronominais ou sintagmas nominais em boa parte de narrativas desse tipo.

Em outros contextos que geralmente envolve uma atividade relacionada à produção de artefatos por mais de uma pessoa na aldeia, como a confecção de artesanato, identificamos também casos de omissão do pronome livre sujeito, quando são codificados os marcadores de concordância de terceira pessoa e dos referentes nominais desses prefixos. Nesse sentido, observamos na subseção anterior construções similares à sentença a seguir usando o mesmo verbo *apo*, "fazer", com o sujeito pronominal de 1SG realizado, enfatizando que a própria falante confeccionava a rede.

As sentenças a seguir apresentam conteúdo semelhante, no entanto, a codificação do prefixo *u-* expressa que o produto (artesanato) é feito por uma terceira pessoa não especificada. Nesse contexto, a participante da pesquisa, da geração mais jovem, sexo feminino,

está se dirigindo a uma pessoa fora da aldeia, esclarecendo que eles (Guajajara), ela e o esposo confeccionam artesanato.

– Geração mais jovem

[VO]

(179) ***u***-*(z)-apo* *apo* artesanato *kyn wà*
3-fazer fazer artesanato MF
'o povo tá fazendo artesanato.'

[VO]

(180) *t-apo* artesanato
3-fazer artesanato
'estamos fazendo artesanato.'

(DF)

Na construção a seguir, a mesma falante faz uso do prefixo absolutivo *i*-. Nos contextos em que esse prefixo ocorre em sentenças com verbo transitivo, indica que a concordância é realizada com o objeto, o que deve alterar o ordenamento sintático dos argumentos nucleares, em que o objeto passa a ocupar a primeira posição na estrutura, gerando a ordem OV. No entanto, no exemplo a seguir, o objeto *temeterer*, "dinheiro" está ocupando a posição pós-verbal, da mesma forma que as sentenças anteriormente apresentadas, que foram selecionadas pelo prefixo nominativo *u*-, com o padrão de ordem VO.

– Geração mais jovem

[VO]

(181) *t-**i**-pyhyk* *temeterer* *zane'a* *no*
POSSE-3-pegar dinheiro 1PL também
'(para) nós pegar no nosso dinheiro também.'

(DF)

Na próxima seção, continuaremos abordando, a partir de estudos anteriores da língua Tenetehara, os contextos gramaticais em que o objeto é deslocado para a margem esquerda da sentença. Apresentaremos exemplos de outros pesquisadores dessa língua e mais dados que ilustram estruturas de foco de objeto extraídos das narrativas orais dos participantes de nossa pesquisa. Isso será feito para examinarmos quais são as propriedades morfossintáticas dos elementos envolvidos em estruturas desse tipo e fazermos um comparativo com os nossos dados, a fim de observar se há alterações em algumas formas que envolvem essas construções. Observaremos ainda os contextos pragmáticos que motivam construções de foco de objeto e, por outro lado, o apagamento do sujeito.

8.2.3 Construções de foco de objeto sem a realização do sujeito

De acordo com Duarte (2005, 2007), "na língua guajajara é bastante comum a ocorrência do prefixo *i-* ~ *h-* em contextos nos quais o objeto, por carregar o traço [+FOC], é deslocado (...)". Nessas situações, verifica-se que a ordem VSO (presente em (182a e 183a)) é alterada, casos em que emerge o padrão OSV. O verbo ainda recebe o sufixo *-n* (*i*)- ~ *-Ø*, que indica o deslocamento do objeto para a margem esquerda, como mostram os exemplos em "b".

[VSO]

(182) a) *u-mua'ag* *teko* *ywyra* *inimo* *pihun* *pupe* *kuri*
3-marcar a gente madeira fio preto com então
'A gente marca a madeira com fio preto então.'

[OSV]

b) *upaw ywyra* *teko* ***i****-mua'ag-Ø*
toda madeira a gente ABS-marcar-DESLOC
'TODA A MADEIRA, a gente marca então.'

(Duarte, 2005, p. 127)

[VSO]

(183) a) *u-'u* *teko* *pira*
3-comer a gente peixe
'A gente come peixe.'

[OSV]

b) *upaw pira,* *teko* ***i****-'u-n*
todo peixe a gente ABS-comer-DESLOC
'TODO O PEIXE, a gente come.'

(Duarte, 2007 p. 160)

Em orações independentes com constituintes de natureza circunstancial ou locativa que, geralmente, são deslocados para o início da estrutura, Duarte (2007) mostra que o verbo apresenta alteração flexional, com um sufixo que marca o modo indicativo II ou modo circunstancial *-n* (*i*)- ~ *-Ø*, que indicam o deslocamento de constituintes circunstanciais e focalizados para a margem esquerda da sentença, sendo acionados os prefixos de concordância (ergativo)-absolutivo *i-* ~ *h-*. Nos exemplos a seguir, o autor esclarece que esses prefixos codificam os sujeitos nulos dos verbos inacusativos.

(184) a) pro_i w_i*-iko* *a'e pe*
3-estar em
'(Ele) está lá.'

b) *a'e* pe_j pro_i h_i*-eko-*n_j
Em ABS-estar-DESLOC
'Lá, ele está.'

c) pro_i a_i*-ho* *a'e* *pe*

3-ir lá em
'(Ele) foi lá.'

d) *a'e pe$_j$* *pro$_i$* *i$_i$-ho-ni$_j$*
Lá ABS-ir-DESLOC
'Lá (ele) foi.'

(Duarte, 2007 p. 164)

Para Duarte (2007, p. 164), "as propriedades denotacionais desses afixos motivam duas categorias funcionais: uma de natureza tópica/circunstancial para onde os constituintes de natureza locativa e temporal se movem; e outra de natureza focal para onde constituintes focalizados se movem".

A partir das considerações desse autor, que segue uma linha gerativista nos estudos morfossintáticos do Tenetehara (Guajajara e Tembé), observamos que em nossos dados as construções com o objeto deslocado não apresentam nenhum marcador que indica o seu deslocamento para a margem esquerda. Nas sentenças a seguir, também retiradas de trechos de narrativas sobre a confecção de peças de artesanato pelo Cacique da geração mais velha, sexo masculino, há somente a codificação do prefixo de concordância de terceira pessoa do segundo paradigma (ergativo)-absolutivo, *i-*, cuja concordância indica ser realizada com o objeto *ma'e* "coisa" (artesanato).

A estrutura em relação à codificação do prefixo nominativo *u-* extraída da narrativa da mulher da geração mais jovem, apresentada anteriormente (em 179–180) e repetida a seguir, em (185) e (186), além das estruturas expressas pelo participante do sexo masculino da geração mais jovem, codificando o prefixo absolutivo *i-*, alteram a ordem do argumento "artesanato" nas sentenças expressas pelos dois participantes: VO (dados da mulher) e OV (nos dados do homem).

– Geração mais jovem, sexo feminino

[VO]
(185) ***u**-(z)-apo* *apo* artesanato *kyn wà*
3-fazer fazer artesanato MF
'o povo tá fazendo artesanato.'

[VO]
(186) *t-apo* artesanato
3-fazer artesanato
'estamos fazendo artesanato.'

(DF)

– Geração mais velha, sexo masculino

[OV]
(187) (...) *ma'e* ***i**-apo-haw* *r-ehe*
coisa 3-fazer-NMLZ R-a.respeito.de
'coisa (artesanato) é feito.'

[OV]
(188) *ma'e* ***i****-apo-haw* *tete-a'u-gatu*
coisa 3-fazer-NMLZ muito-AUMENT-ENF
'muitas coisas (artesanato) são feitas.'

(189) *kyhaw* ***i****-mu-myk-'aw* *nezewe* *a'e* *no*
rede 3-CAUS-ficar.seguro-cabelo assim 3 também
'rede, palito para amarrar cabelo. É assim.'

(190) *àkà* *r-ehe* (...) *karaiw* ***i****-ze'eg* *r-upi*
cabeça R-a.respeito.de não-indígena 3-falar R-em
'cocar, [que se] chama capacete na língua do branco (k*araiw*).'

(DF)

As sentenças seguintes, também retiradas de narrativas do mesmo falante do sexo masculino, apresentam uma informação proposicional equivalente à sentença em (181), referente aos dados da falante do sexo feminino, geração mais jovem, que apresentamos na seção anterior e repetimos a seguir em (191).

– Geração mais jovem, sexo feminino
[VO]
(191) *t-****i****-pyhyk* *temeterer* *zane'a* *no*
POSSE-3-pegar dinheiro 1PL também
'(para) nós pegar no nosso dinheiro também'.

– Geração mais velha, sexo masculino
[OV]
(192) *nezewe* *xe* *temetarer* ***i****-pyhyk* *w-ixe*
é.assim aqui dinheiro 3-pegar 3-entrar
'nosso dinheiro, (a gente) pega assim aqui'.

[OV]
(193) *temetarer-a'i* ***i****-pyhyk-haw*
dinheiro-DIM 3-pegar-NMLZ
'dinheirinho, (nós) pegar.'

(DF)

Em (191), observamos que, embora na sentença expressa pela falante do sexo feminino conste o prefixo absolutivo *i-* afixado ao verbo, o objeto *temeterer*, "dinheiro", ocupa posição pós-verbal, VO. Essa estrutura difere da previsão de ordem em Duarte (2005, 2007) sobre o uso do prefixo absolutivo *i-* indicar contextos em o objeto é deslocado para a margem esquerda. Nesse exemplo, vimos que o uso do prefixo absolutivo não implicou na alteração do padrão de ordem O(S)V (objeto deslocado).

Já nos dados do falante do sexo masculino (187 e 188), em todos as construções em que o prefixo absolutivo *i-* é engatilhado no verbo, o argumento é deslocado para a margem

esquerda da oração. Conforme atestou Duarte (2005, 2007), nesses contextos o objeto carrega o traço +FOC, mais foco, e, por isso, é deslocado.

Ao comparar as sentenças equivalentes semanticamente sobre o mesmo tema, "artesanato e dinheiro", porém com diferentes estruturas formais nos dados dos dois falantes de gerações e sexos diferentes, consideramos que, além dos mecanismos formais que operam na estruturação linguística da informação, há mecanismos pragmáticos influenciando o ordenamento dos constituintes. Na estrutura das sentenças do falante do sexo masculino, analisamos a possibilidade de o objeto ser a informação mais importante para o falante e para seu interlocutor e que, por isso, está ocupando a primeira posição nas sentenças, configurando a ordem OV. Tal ordenamento seria um mecanismo de ordem pragmática para atrair a atenção do ouvinte para a estrutura do discurso ao colocar o objeto "artesanato", o produto que está sendo confeccionado para venda, como a informação mais importante, em lugar de destaque na primeira posição na estrutura. Isso se mostra mais eficiente para apresentar logo ao interlocutor o produto e realizar uma possível venda.

Outra construção de foco de objeto foi extraída de contextos de pergunta/resposta, a partir de um diálogo entre mãe (participante de nossa pesquisa) e seu filho, ambos da geração mais jovem. Na resposta da mãe, temos uma estrutura de foco no argumento, nos termos de Lambrecht (1994), pois somente a porção da informação *heinyr*, "tua irmã", constitui uma informação nova, sendo, portanto, o argumento que falta na proposição para completar a informação, conforme propõe Lambrecht ao defender que há diferentes estruturas de foco.

Nesse caso, o foco está no sujeito *heinyr* (em 195*)*, de forma que mais uma vez temos um caso de seleção do prefixo nominativo *u-*, mesmo o objeto *temi'u*, "comida", ocupando a primeira posição na sentença interrogativa, conforme dado em (194). Esse mesmo prefixo se mantém também na resposta que configura uma estrutura de foco no argumento em (195).

– Geração mais jovem
Filho:

[OV]

(194)	*temi'u*	***u**-z-apo*	*ra'a*	*amô'a*	*diferente*
	comida	3-(z)-fazer	INTER	INTER	diferente

'quem fez essa comida diferente (mamãe)?'

Mãe:

[SV]

(195)	*h-einyr*	***u**-z-apo*	*kyn ma*
	3-irmã.do.homem	3-(z)fazer	MF

'tua irmã (que) fez (a comida)'.

Outro ponto que pudemos observar, na subseção anterior e nesta, é o apagamento do sujeito pronominal e lexical. Nas construções apresentadas, todas codificam prefixos de terceira pessoa. Comparando com o contexto em que o sujeito pronominal de primeira pessoa *ihe* foi expresso explicitamente, na seção 8.1, temos, a partir desses dados, evidências demonstrando mais uma vez a tendência de realização do sujeito pronominal de primeira pessoa para dar ênfase ao falante (+autor), que compartilha ao mesmo tempo a função de sujeito da ação. Além disso, observamos que, geralmente, quando se trata de uma terceira pessoa, parece ser mais genérico, fazendo referência ao coletivo de pessoas da aldeia.

8.2.4 Em contextos em que o sujeito já foi identificado no discurso anterior

Nas construções seguintes, o referente está acessível textualmente a partir das narrativas, por meio da estrutura pressuposicional na primeira sentença, que identifica o pronome livre sujeito *ihe*. Nesse caso específico, o próprio falante é identificado no início da narrativa e seus respectivos prefixos de concordância na continuidade do discurso, permitindo ao destinatário reconhecer que no discurso subsequente continua-se tratando sobre esse mesmo referente citado no começo da narrativa.

– Geração mais jovem

(196) ***ihe*** *iha'a* *a-r-apok* *kihaw* *naré*
SUJ 1SG 1SG-(r)-fazer rede ENF
'eu mesma faço a rede.'

(197) ***a****-tirar* *ywyra* *depois* *a-ma'i tiok* *ta no*
1SG-tirar pau depois 1SG-enfiar ENF
'eu tiro o pau, depois eu mesma enfio (a linha).'

(198) (...) só é *a'e rupi* *a-r-apo* *iha*
então 1SG- (r)-fazer 1SG
'então, só é isso mesmo que eu faço.'

(DF)

As sentenças a seguir constituem parte de uma narrativa criada pelos participantes da pesquisa, a partir da imagem de um jabuti e de um cachorro (ver Anexo A) que apresentamos para eles. Assim como nas construções anteriores, aqui também a mesma participante da narrativa anterior identifica explicitamente o pronome livre sujeito *ihe* logo no início da história e, posteriormente, codifica-o somente por meio dos prefixos de concordância de primeira pessoa.

– Geração mais jovem

(199) *ihe* *a-hem* *a-eru-(t)-eko*
SUJ 1SG-chegar 1SG-COMIT-estar

‘eu estou chegando.’

(200) *he-r-er* *rawyti*
1-R-nome jabuti
‘meu nome é jabuti.’

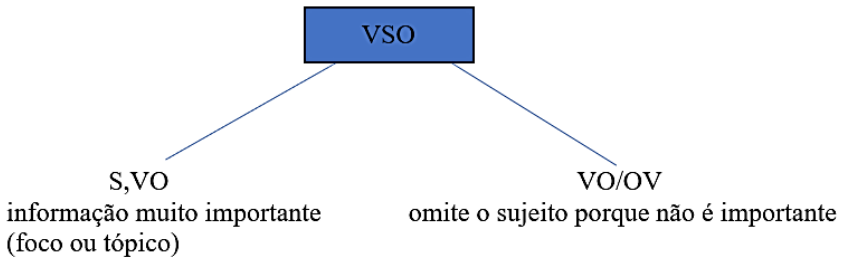
(201) *a-sak* *zawar* *pe* *rubi*
1SG-ver cachorro LOC caminho
‘eu (jabuti) vejo o cachorro na estrada.’

(DF)

As discussões sobre a ordem dos constituintes nesse capítulo nos levam a assumir que esse fenômeno em Guajajara reflete fortemente que os contextos pragmáticos influenciam o ordenamento e/ou o apagamento dos elementos na estrutura. Compreendemos que mesmo a ordem VSO não sendo configurada na maioria de nossos dados, tal como se constitui como ordem padrão nos estudos anteriores de outros pesquisadores da língua, presumimos que a ordem mais recorrente nos dados de nossa pesquisa pode ser resultado desse padrão. Essa conclusão decorre do fato de a maioria dos dados de fala não expressarem, explicitamente, o sujeito pronominal e nem lexical.

A partir dessa evidência, assumimos que a ordem VO/OV possa ser resultado do padrão VSO nos contextos em que o sujeito não é realizado nas sentenças expressas pelos falantes Guajajara em nosso estudo. A Figura 16 a seguir ilustra essas diferentes configurações acompanhadas de possíveis condições pragmáticas que as motivam.

Figura 16 – Motivações pragmáticas na ordem de palavras em Guajajara



Fonte: elaboração própria.

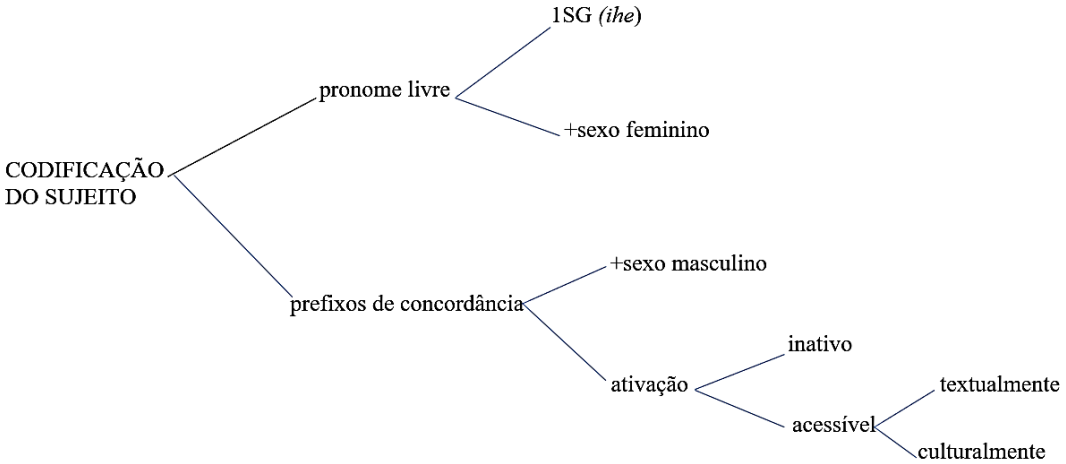
Conforme é possível observar na figura, a ordem VSO pode gerar S,VO ou VO/OV sem o sujeito. Estas duas últimas ordens ocorrem porque configuram uma informação conhecida sem o sujeito.

Notamos motivações para atender esse padrão VO/OV em dados de fala espontânea, pois cada vez que o sujeito não é importante ele pode ser omitido, o que é um

resultado natural, como mostram os dados de fala no contexto urbano. Outra motivação é o fato de os falantes serem bilíngues e esse padrão ser comum no português também.

O esquema apresentado na Figura 17 a seguir identifica, de forma resumida, em quais contextos linguísticos e extralinguísticos o sujeito é codificado por meio da realização dos pronomes livres, quando ele é codificado somente pelos prefixos de concordância e qual o *status* cognitivo dos referentes dos pronomes ou SN lexicais omitidos, conforme apresentamos neste capítulo e no capítulo teórico (Capítulo 6).

Figura 17 – Codificação do sujeito em Guajajara



Fonte: elaboração própria.

9 CONSTRUÇÕES COM O DESIDERATIVO *-WER* EM TENETEHARA: NOVAS CONFIGURAÇÕES

O uso do sufixo desiderativo *-wer*, em Tenetehara, indica "desejo", "vontade". De acordo com Castro (2021), é comum o uso desse morfema em verbos intransitivos, de modo que, para sua ocorrência em verbos transitivos ser possível, é necessário que o verbo sofra um processo de redução de valência, via incorporação nominal ou por meio do processo de antipassivização, como discutiremos mais adiante.

Castro (2021) aponta que atualmente há sinais de mudança linguística em curso nas construções antipassivas desiderativas entre os falantes mais jovens. A partir dos registros desse autor, replicamos em nossa coleta de dados os mesmos exemplos usados por ele nesse trabalho, para testar se entre os falantes Guajajara de nossa pesquisa, também, têm ocorrido essas mudanças.

Em 9.1 e 9.2, observaremos o uso do morfema *-wer* em verbos intransitivos e em verbos transitivos, respectivamente. Em ambas as seções, destacaremos quais alterações têm ocorrido no uso desse morfema entre os falantes Guajajara de nossa pesquisa.

Para a apresentação de nossos dados, identificamos cada exemplo com as variáveis geração e ordem dos argumentos, isto é, primeiramente sujeito ou objeto (S e O), em relação ao verbo, a fim de observar se há, também, alterações na ordem dos constituintes em construções desse tipo. Ressaltamos que a maioria dos nossos dados referentes a construções desiderativas são oriundos de dados elicitados, os quais estão identificados com DE (dado elicitado), pois, em contextos de fala natural, não é muito recorrente o uso desse tipo de construção. Os poucos exemplos que conseguimos extraídos de fala natural estão identificados após cada sentença com DF (dado de fala).

9.1 USO DO MORFEMA DESIDERATIVO *-WER* EM PREDICADOS VERBAIS INTRANSITIVOS

Além do uso do morfema desiderativo *-wer*, outro elemento formal que caracteriza uma construção desiderativa em predicados verbais intransitivos é o uso do prefixo absolutivo *i-*. Nos exemplos a seguir, na sentença intransitiva sem o morfema desiderativo, em (202), o verbo engatilha o prefixo nominativo de 3ª pessoa *w-*, que faz concordância com o sujeito ativo (como vimos no Quadro 3 do Capítulo 2). Na construção intransitiva com o morfema desiderativo *-wer*, o verbo deve engatilhar o prefixo absolutivo *i-* e, em seguida, acrescentar esse sufixo no verbo intransitivo, como mostra o exemplo (203).

[VS]

(202) ***w**-ata* *tapixi* *a'e*
3-andar coelho 3
'O coelho anda.'

[VS]

(203) ***i**-ata-**wer*** *tapixi* *a'e*
3-caminhar-DESID coelho 3
'O coelho quer andar.'

(Castro, 2021, p. 161, grifo nosso)

Entre os participantes Guajajara de nossa pesquisa, os falantes não têm trocado o prefixo nominativo *u-/w-/o-* pelo prefixo absolutivo *i-* quando usam o morfema desiderativo *-wer* afixado a verbos intransitivos, como mostram os dados a seguir.

– Geração mais jovem

[VS]

(204) ***u**-ata-wer* *tapixi* *ma*
3SG-andar-DESID coelho MF
'o coelho quer andar.'

(DE)

– Geração mais velha

[SV]

(205) *tapixi* ***u**-ata-wer*
coelho 3SG-andar-DESID
'o coelho quer andar.'

(DE)

[SV]

(206) *kuzà* ***u**-zàn-wer*
SUJ 3-correr-DESID
'a mulher quer correr.'

(DE)

Elicitamos alguns exemplos com outros tipos de verbos intransitivos, como os verbos estativos (descritivos), para verificar se está ocorrendo alteração na codificação dos prefixos verbais em construções com o morfema desiderativo em verbos desse tipo. Os dados mostram que não se tem apresentado alteração com esses verbos, mantendo-se, assim, a codificação com o prefixo (ergativo)-absolutivo, conforme sentenças a seguir, com os prefixos *ne-* (2SG) e *he-* (1SG).

Esse cenário sinaliza a manutenção do sistema nominativo em verbos intransitivos ativos, mesmo em determinados tipos de estruturas, como as desiderativas, que requerem a codificação absolutiva; enquanto em verbos intransitivos inativos (estativo ou descritivo) permanece a codificação padrão esperada.

Verbos estativos (ou descritivos)
–Geração mais velha

[SV]
(207) ***ne-****katu-wer* *aipo*
2SG-bom-DESID INCERT
'você quer ser feliz'

(DE)

[SV]
(208) *ihe* ***he-****katu* *aipo*
SUJ 1SG-bom INCERT
'eu (quero) ser feliz' [ou 'eu serei feliz...']

(DE)

Os dois exemplos apresentados ainda mostram o uso do elemento *aipo*[58] ocorrendo junto com o desiderativo, que nesse contexto indica incerteza. O mesmo conteúdo da sentença em (207) é expresso em (208), mas sem o uso do desiderativo, com o falante utilizando apenas a partícula *aipo* para codificar o "desejo de ser feliz".

No entanto, interpretamos que o uso único e/ou simultâneo da partícula *aipo* com o desiderativo codifica uma relação de desejo que não assegura totalmente sua realização. Isso acontece talvez pelo conteúdo semântico do verbo descritivo "ser feliz" ou pela própria compreensão de ser feliz que o falante possa ter, imprimindo no conteúdo proposicional da sentença a ideia de incerteza sobre ser feliz.

No decorrer desse capítulo, veremos exemplos em que os falantes fazem uso de outros elementos em conjunto com *-wer*, como elementos que indicam tempo futuro *putar* e *irrealis* (*nehe).*

9.1.1 Uso do morfema desiderativo -*wer* em verbos transitivos

Para que a ocorrência do morfema desiderativo *-wer* em verbos transitivos seja possível, é necessário que o verbo sofra um processo de redução de valência, via incorporação nominal ou antipassivização. Na incorporação nominal, o argumento interno é incorporado à esquerda da raiz verbal transitiva e, após esse processo, o verbo torna-se apto a receber o sufixo desiderativo.

Observa-se também nesse processo que o verbo engatilha o prefixo absolutivo *i-*, conforme exemplos a seguir extraídos de Castro (2021), em que o objeto *pira*, "peixe", que estava posicionado à direita do verbo, em (209), é demovido e incorporado à esquerda do verbo

[58] *Aipo* também funciona como uma partícula de pergunta Sim-Não em Guajajara, conforme mostramos no Capítulo 7.

pyhyk, “pegar/pescar”, em (210). Em seguida, o sufixo desiderativo *-wer* é afixado no verbo, agora intransitivizado.

[VS]
(209) *u-pyhyk* *awa* ***pira*** *a’e*
3-pegar homem peixe ele
‘O homem pegou o peixe.’

[VS]
(210) *i-**pira**-pyhyk-**wer*** *awa* *a’e*
3-peixe-pegar-DESID homem ele
‘O homem quer pescar.’ [Lit. ‘O homem quer pegar peixe.’]

(Castro, 2021, p. 165-166, grifo nosso)

Diferente dos registros de Castro (2021), que mostram que a redução de valência de verbos transitivos, por meio da incorporação nominal, para obter construções desiderativas, permanece com o mesmo padrão; em nossos dados, embora o argumento interno seja demovido à esquerda do verbo, o prefixo absolutivo *i-* não é acionado. Na sentença (212), apresentada a seguir, a falante da geração mais jovem afixa o morfema desiderativo *-wer* no verbo auxiliar *ho*, “ir”, e não no verbo intransitivizado *pira-pihik*.

– Geração mais velha
[SV]
(211) *awà* ***u**-pira-zuk-wer*
homem 3SG-peixe-matar-DESID
‘o homem quer pescar.’ [Lit. ‘O homem quer matar o peixe’]

(DE)

– Geração mais jovem
[AUX-S-AUX-V]
(212) ***o**-ho-**wer*** *awà* *ikó* *pira-pihik*
3SG-ir-DESID homem AUX peixe-pegar
‘o homem quer ir pescar.’ [Lit. ‘o homem está querendo ir pegar o peixe’]

(DE)

No exemplo (212), observamos que o foco do desiderativo muda, pelo fato de *-wer* se fixar ao verbo auxiliar; entretanto, a estratégia da incorporação nominal não muda, uma vez que o objeto *pira*, “peixe” está incorporado ao verbo principal *pihik* “pescar”. Dessa forma, consideramos a hipótese de o morfema desiderativo *-wer* vir junto ao verbo escopo do desejo, que, nesse caso, em (212), seria o auxiliar *ho*, ‘ir’ (está querendo ir...). Se mudar o escopo, muda a posição desse morfema também.

Nos demais trabalhos sobre o Tenetehara, os pesquisadores dessa língua não fazem uma abordagem sobre os diferentes escopos que o morfema desiderativo *-wer* pode apresentar. Entretanto, averiguamos que em todos os dados com a ocorrência de *-wer* verificados nesses trabalhos, essa partícula aparece afixada ao verbo principal e nunca ao auxiliar.

Entre os participantes de nossa pesquisa também tem ocorrido alteração nas construções desiderativas realizadas por meio do processo de antipassivização. De acordo com Castro (2021), na redução de valência de verbos transitivos, através do processo de antipassivização, é acionada uma série de mecanismos sintáticos, listados pelo autor a seguir:

> (i) o predicado verbal apresenta o prefixo de voz antipassiva {*puru-*};
> (ii) o verbo aciona o paradigma de concordância absolutiva;
> (iii) o DP objeto recebe a posposição *ehe*, transformando-se em um PP;
> (iv*)* o predicado verbal deve engatilhar o sufixo desiderativo {*-wer*}.
> (Castro, 2021, p. 154).

A seguir, o exemplo (214) destaca a presença de todas as propriedades sintáticas nas construções antipassivas-desiderativas citadas anteriormente, a começar pela troca do prefixo verbal nominativo *u-*, em (213), pelo prefixo absolutivo *i-*, em (214). Em seguida, no exemplo (214), é acionado o morfema de voz antipassiva *puru-* à esquerda do verbo *zuka*, "matar" e, então, o sufixo *-wer* é afixado a este verbo. Por último, o objeto *zàwàruhu*, "onça"*,* recebe a posposição *ehe.*

[VSO]
(213) ***u****-zuka awa* *zàwàruhu* *a'e*
3-matar homem onça 3
'O homem mata a onça.'

[VSO]
(214) ***i-puru****-zuka****-wer*** *awa* *zàwàruhu* *r-****ehe*** *a'e*
3-APASS-matar-DESID homem onça C-POSP ele
'O homem quer matar a onça.'

(Castro, 2021, p. 170, grifo nosso)

Para Harrison (1995, p. 88), *-wer* "tem uma longa história como um sufixo", e as estruturas antipassivas formadas por todos os mecanismos listados anteriormente são vistas por ele como uma inovação em Guajajara, tendo em vista que, até então, este sufixo não ocorria em estruturas antipassivas.

Os exemplos a seguir ilustram o morfema *-wer* funcionando, anteriormente, apenas como sufixo verbal, como mostra o exemplo (215) e, posteriormente, em estrutura antipassiva-desiderativa. Observa-se que, mesmo antes desse sufixo ocorrer em antipassivas, a codificação pronominal já era realizada através do sistema absolutivo, mantendo os mesmos prefixos em ambas as estruturas nos dados desse autor.

(215) *he-ho-WER* *zepe*[59] *ne-r-upi*
1SG-ir-querer sem.sucesso 2SG-R-com
'Eu queria ir com você.'

[59] Partícula que indica aspecto frustrativo.

(Harrison, 1995, p. 88, grifos do autor)

O exemplo a seguir mostra uma estrutura antipassiva-desiderativa extraída dos dados de Harrison (1995).

(216) *he-PURU-zuka-WER* *zepe* *arapuha* *REHE*
1SG-ANT-matar-querer sem.sucesso veado POSP
'Eu queria matar um veado.'

(Harrison, 1995, p. 93, grifos do autor)

Nesse sentido, estudos atuais de Castro (2021) apontam sinais de mudança linguística em curso nas construções antipassivas-desiderativas na variedade Guajajara entre os falantes mais jovens, que não estão acionando todas os mecanismos sintáticos envolvidos no processo de antipassivização para redução da valência de verbos transitivos. Os dados do autor ratificam a mudança apontada, que consiste na falta de seleção do prefixo verbal absolutivo *i-*, na ausência do morfema antipassivo *puru-* e no objeto sem a posposição *ehe*.

[VSO]
(217) *w-exak-**wer*** *kuzà* *ma'eputyr* *a'e*
3-ver-DESID mulher flor 3
'A mulher deseja ver a flor.'

(Castro, 2021, p. 174)

Assim como nos dados de Castro (2021), em nossa pesquisa, entre os falantes da geração mais jovem, alguns têm selecionado apenas o morfema desiderativo *-wer* quando este ocorre em verbos transitivos. Em dados de fala natural, entre os mais velhos verificamos esse mesmo padrão.

Os exemplos (220) e (221) foram retirados de dados de fala. Na sentença expressa pelo falante da geração mais jovem (221), ocorre o uso do prefixo absolutivo *ne-* (2SG), que faz concordância com o objeto. Porém, não são acionadas as demais propriedades sintáticas para antipassivização, listadas anteriormente. O mesmo ocorre com os dados elicitados (218) e (219) em que *-wer* é apenas afixado ao verbo e ainda codifica o prefixo nominativo em (218).

– Geração mais jovem
[SVO]
(218) *kuzà* ***u**-exak-**wer*** *ma'e putyr*
mulher 3-ver-DESID flor
'a mulher quer ver a flor.'

(DE)

– Geração mais velha
[SV(O)]
(219) *ihe* *mai'u-**wer*** *pa* mamãe
SUJ comer-DESID HF mamãe
'eu quero comer, mamãe.'

(DE)

[SV]

(220) ***(e)re**-mai'u-**wer*** *kwaw na aipo* *ne* *yn* *nupa*
2SG-comer-DESID NEG INTER 2SG NEG POSP
'tu não vai querer comer agora não?'

(DF)

– Geração mais jovem

[SOV]

(221) *papai ne-r-(e)ze'eg-**wer** nupa*
papai 2SG-INV-falar-DESID POSP
'o papai quer falar com você.'

(DF)

Em outros casos, os falantes da geração mais velha não têm selecionado nenhum dos dois prefixos (nominativo e absolutivo), como em (222). Ocorre ainda entre a maior parte da geração mais jovem a falta de seleção do morfema de voz antipassiva *puru-*, que indica que o verbo foi intransitivizado. Mesmo não tendo acionado esses dois mecanismos, a falante usa em (223) a posposição *-ehe*, em (224) o falante apenas acrescenta *-wer* ao verbo.

– Geração mais velha

(222) [SVO]
kuzà *Ø-puru-exak-wer* *ma'e-putyr* *r-ehe*
mulher 3-APASS-ver-DESID coisa-flor C-POSP
'a mulher quer ver a flor.'

(DE)

– Geração mais nova

[SVO]

(223) *kuzà* ***u**-exak-wer* *maputyr* *ehe* ***nehe***
mulher 3SG-ver-DESID flor POSP IRR
'a mulher quer ver a flor.'

(DE)

[SVO]

(224) *ka'i* ***u**-'u-**wer*** *pako* ***nehe***
macaco 3-comer-DESID banana IRR
'o macaco quer comer banana.'

(DE)

Nos exemplos 223 e 224, o desiderativo *-wer* ocorre em conjunto com o elemento *nehe.* Em estudos anteriores sobre o Tenetehara, alguns pesquisadores (Harrison, 1995; Duarte, 2007) o identificam como marcador de tempo futuro. No conjunto de dados da maioria desses autores, *nehe* aparece na mesma sentença com o sufixo *-putar*, que também indica futuro. De acordo com Harrison (1995, p. 88), "*putar* é derivado do verbo lexical que significa 'querer'".

(225) *pyhewe a-há-**putar** ko pe **nehe***
amanhã 1SG-ir-FUT roça LOC FUT
'Eu vou para a roça amanhã.'

(Harrison, 1995, p. 88, grifo nosso)

Em Camargos (2017), também há a ocorrência desses dois elementos juntos na mesma sentença. Na análise desse autor, *-putar* "codifica aspecto projetivo" (Camargos, 2017, p. 205) e *nehe* é identificado como uma modalidade de valor intencional, como pode ser visto nos exemplos a seguir.

(226) *u-pyhyk-**putar*** *awa* *pira* *a'e* ***nehe***
3-pegar-PROJ homem peixe 3 INT
'O homem pegará o peixe.'

(227) *u-hem-**putar*** *kwarer* *a'e* ***nehe*** *kury*
3-chegar-PROJ menino 3 INT agora
'Agora o menino chegará.'

(Camargos, 2017, p. 205)

Duarte (2007) classifica *nehe* no conjunto dos advérbios temporais. "Utilizado geralmente para indicar o futuro virtual" (Duarte, 2007, p. 93-95), como podemos observar a seguir.

(228) *w-aro* *Txina'i* *dawar* *pinim* ***nehe***
3-esperar Txina'i onça pintada FUT
'Txina'i esperará a onça pintada.'

Duarte (2007, p. 93-95)

Nos dados dos autores apresentados não há presença dos elementos que marcam tempo futuro com o desiderativo *-wer*. Diante disso, supomos que em nossos dados o uso de *-wer* junto com elementos que denotam projeção futura, como *nehe*, possa codificar a noção de "desejo" dentro de um grau de modalidade que envolve o aspecto *irrealis,*

Atestamos, por meio da comparação com os dados de Castro (2021), que há sinais de uma mudança em curso nas construções desiderativas-antipassivas entre os falantes Guajajara de nossa pesquisa. No estudo de Castro (2021, p. 174), o autor observou duas variantes ocorrendo em construções com o morfema desiderativo: (i) desiderativas intransitivas e (ii) desiderativas transitivas não-antipassivas. Estas últimas, segundo ele, estão presentes na fala dos mais jovens, com os falantes afixando somente o sufixo desiderativo *-wer* no verbo transitivo.

Em nossa pesquisa observamos também essa mudança mais presente entre falantes da geração mais jovem, que têm usado o morfema *-wer* em construções transitivas acionando somente o sufixo *-wer*, e em outros casos esse sufixo e a posposição *ehe*. No entanto, não há o uso do morfema antipassivo *puru-*. Nos dados elicitados, os participantes da geração mais velha têm acionado todas as propriedades sintáticas exigidas para a antipassivização em Tenetehara,

porém não fazem uso dos prefixos absolutivos e nem do prefixo nominativo – o prefixo, portanto, é zero *Ø*.

Para além da alteração na codificação dos mecanismos sintáticos de redução de valência e na codificação pronominal das desiderativas nos casos explicitados, observamos, ainda, a ocorrência do elemento *nehe* nas estruturas com o desiderativo -*wer*. Sintetizamos a seguir as alterações observadas em nossos dados:

a) manutenção do prefixo nominativo em vez de acionar o prefixo absolutivo, tanto nos verbos intransitivos quanto nos transitivos;
b) apagamento do morfema antipassivo *puru*;
c) uso do sufixo desiderativo -*wer* em verbo auxiliar;
d) uso do elemento *nehe* nas estruturas com o desiderativo -*wer*.

Diante dessas ocorrências, levantamos a hipótese de que o desiderativo -*wer* tem sofrido um processo de reanálise. Segundo Bybee (2015), esse processo consiste em um mecanismo cognitivo de mudança sintática, por meio do qual ocorre a reinterpretação dos falantes quanto à percepção de novos significados atribuídos às formas linguísticas, incluindo construções, categorias, palavras, relações gramaticais (semânticas ou sintáticas), entre outros.

No contexto de uso do desiderativo, os falantes podem estar reanalisando -*wer* dentro de uma estrutura de complementação verbal, em que, semanticamente, -*wer* estaria sendo reinterpretado como verbo matriz e o verbo que o segue é o predicador. Nessa nova configuração sintática, os falantes não têm acionado o morfema de voz antipassiva -*puru* e nem os demais mecanismos sintáticos envolvidos no processo de antipassivização, o que sinaliza uma alteração da valência verbal em Tenetehara, fenômeno acionado em contextos com -*wer* em verbos transitivos para a redução de valência. Tal ocorrência evidencia que o verbo transitivo, sem redução de valência, estaria funcionando como complemento, ou seja, argumento interno do verbo matriz.

Santos (2017) investiga alguns aspetos de orações subordinadas completivas na aquisição do português europeu (PE) como língua materna e não materna por crianças. De acordo com a autora, "o verbo querer é um dos verbos que mais precocemente ocorre com completivas no discurso espontâneo das crianças" (Santos, 2017, p. 258).

Assim, o contexto específico do uso de -*wer,* que supomos estar sendo reinterpretado como verbo matriz, aponta para a necessidade de um estudo das propriedades sintático-semânticas desse elemento em Tenetehara e do verbo "querer" em português, para analisar se ambos compartilham entre si algumas dessas propriedades. A seção seguinte tratará sobre esses aspectos.

9.2 PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DO DESIDERATIVO -*WER* E DO VERBO QUERER EM PORTUGUÊS

Gonçalves, Carrilo e Pereira (2016, p. 10) demonstram que no PE, "os predicados complexos ocorrem exclusivamente em contextos de infinitivo não flexionado". Conforme os autores, os predicados complexos dividem-se em dois tipos, a saber, os de reestruturação e os do tipo fazer-Inf (fazer+infinitivo). Ainda segundo os autores, determinadas classes de verbos, como os verbos de controle[60], como "querer", em relação aos demais verbos dessa classe, têm maior potencial para desencadear predicados complexos de reestruturação; enquanto os verbos causativos e perceptivos formam predicados complexos do tipo fazer-Inf.

Duas propriedades sintáticas caracterizam os verbos que formam predicados complexos de reestruturação na variedade padrão do PE, são elas: (i) subida de clítico e (ii) movimento longo de objeto, conforme exemplos a seguir retirados dos autores, em que somente o verbo "querer" permite subida de clítico, e "prometer" não aceita. Com isso, "querer" é caracterizado como verbo de reestruturação.

(229) a) O treinador não quis contratar os jogadores desempregados.
b) O treinador não quis contratá-los.
c) O treinador não os quis contratar.

Gonçalves, Carrilo e Pereira (2016, p. 10)

(230) a) O treinador não prometeu contratar os jogadores desempregados.
b) O treinador não prometeu contratá-los.
c) *O treinador não os prometeu contratar.

Gonçalves, Carrilo e Pereira (2016, p. 10)

Os exemplos seguintes mostram a propriedade de movimento longo do objeto "os móveis", que em (231) tem a função sintática de objeto. Ao passo que na construção passiva, em (232), esse mesmo constituinte passa a ser o sujeito do verbo matriz.

[60]Além dos verbos de controle, os verbos de elevação ("parecer"), os verbos causativos ("mandar", "fazer") e os verbos perceptivos ("ouvir", "ver", "sentir") apresentam esse mesmo potencial para formar predicados complexos. Os autores seguem as análises de Chomsky (1981) na definição de verbos de controle e verbos de elevação. O termo *controle* designa estruturas em que o infinitivo não flexionado é usado na frase encaixada. Nesse contexto, o sujeito desta frase é nulo e tem um antecedente fixo na frase superior: o sujeito em (i), o objeto direto em (ii) ou o objeto indireto em (iii). Esta relação entre antecedente (na frase matriz) e sujeito nulo da frase encaixada é assinalada através de índices nos exemplos que se seguem.
"(i) Os meninos$_i$ querem [-]$_i$ comprar uma bicicleta.
(ii) Os pais obrigaram os meninos$_i$ a [-]$_i$ comer a sopa.
(iii) Os pais permitiram aos meninos$_i$ [-]$_i$ chegar depois da meia-noite.
Por sua vez, o termo *elevação* designa estruturas em que um constituinte com uma função sintática na frase superior ((...) o sujeito)) corresponde a um argumento do verbo da encaixada, posição a partir da qual foi movido, como em (iv):
(iv) a. Os meninos parecem [os meninos] dormir.
b. Os meninos devem [os meninos] dormir" (Gonçalves; Carrilo; Pereira, 2016, p. 10).

(231) Os inquilinos salvaram os móveis quando a casa já estava a arder.

(232) Quiseram-se salvar os móveis quando a casa já estava a arder.

(233) *Prometeram-se salvar os móveis quando a casa já estava a arder.

Gonçalves, Carrilo e Pereira (2016, p. 10)

Diferentemente do PE, o PB (português brasileiro), de acordo com os autores supracitados, é caracterizado pela ausência de predicados complexos de reestruturação pelo fato do clítico ocorrer no domínio do verbo encaixado, e não no verbo matriz, como no PE. Dessa forma, não ocorre a subida do clítico, conforme exemplo a seguir retirado dos autores.

(234) João pode/quer **te** ver (PB)

Quanto às propriedades semânticas, Gonçalves, Carrilo e Pereira (2016) apontam que no PE a temporalidade pode ser uma das características do complemento infinitivo de verbos de reestruturação, apresentando intervalos de tempo distintos entre a situação descrita na oração encaixada e o tempo apresentado na oração matriz, conforme exemplos a seguir:

(235) a) O presidente não quis promulgar o decreto-lei.

b) O presidente não o quis promulgar. [*o = o decreto-lei*]

Conforme Gonçalves, Carrilo e Pereira (2016, p. 20),

> [...] o intervalo de tempo em que se localiza a situação descrita na encaixada (*promulgar o decreto-lei*) é posterior ao intervalo de tempo em que se localiza a oração matriz, ou seja, corresponde a um futuro não realizado: [...] o presidente mostrou não querer promulgar o decreto-lei.

Essa diferença de domínios temporais entre a oração matriz e o complemento infinitivo da oração encaixada constitui, segundo os autores, um argumento empírico a favor da bioracionalidade nos contextos de ocorrência de construções de reestruturação. No entanto, há contextos específicos em que, quando o verbo da matriz é "querer", as orações subordinadas a ele apresentam um comportamento temporal diferente do que vimos anteriormente, por formar um mesmo domínio temporal em relação à matriz. Isso acontece, pois a situação temporal descrita nessa oração vai determinar a temporalidade da oração encaixada, o que a torna dependente, temporalmente, da matriz, embora haja algum elemento linguístico que formalmente indique uma situação de temporalidade posterior entre a situação descrita na oração matriz e no complemento infinitivo.

Assim, segundo os autores, "A situação encaixada só pode tomar como ponto de perspetiva temporal o tempo da matriz **e não o da enunciação, o que exclui advérbios de tempo dêiticos, como amanhã**" (Gonçalves; Carrilo; Pereira, 2016, p. 21, grifo nosso).

Tendo isso em vista, em (236a), a seguir, a situação temporal descrita no verbo da oração matriz “quiseram” corresponde a um tempo anterior (pretérito perfeito). No entanto, o advérbio “amanhã”, na oração encaixada, não apresenta relação com o tempo da oração matriz, por descrever uma situação temporal posterior à enunciação, tornando, assim, essa construção agramatical. Em 236b, a expressão “no dia seguinte”, na oração encaixada, embora tenha um valor de futuro, não corresponde ao tempo da enunciação; por isso, é compatível com o tempo da matriz.

(236) a) *Os jornalistas, ontem, quiseram entrevistar esse candidato amanhã**.**

b) O presidente quis promulgar o decreto-lei no dia seguinte.

Contrariamente, outros verbos, permitem construções do tipo anteriormente mostrado, sem que haja restrições de dependência temporal entre a matriz e a encaixada e o tempo de enunciação, como consta no exemplo a seguir com o verbo “prometer”.

(237) Os jornalistas, ontem, prometeram entrevistar esse candidato amanhã.

No PB, é comum vermos na literatura tradicional o verbo “querer”, quando acompanhado de outro verbo na forma nominal (infinitivo, particípio ou gerúndio) ser categorizado como auxiliar, indicando tempo, aspecto ou modo/modalidade.

Estudos de cunho funcionalista (Vieira, 2022) têm examinado, no contexto de uso do português brasileiro, um conjunto de propriedades sintático-semântico-pragmáticas e cognitivas de um grupo de verbos, tradicionalmente, categorizados como auxiliares, são eles: tentar, **querer**, esperar, desejar, gostar (de), lograr, conseguir, ousar, atrever-se, parecer, pretender, tencionar, entre outros.

Vieira (2022, p. 269) demonstra que esses verbos exibem um comportamento híbrido, pois seu “emprego semiauxiliar se situa na fronteira lexical, de verbo principal”. Para ela, a categoria semiauxiliar (semigramatical) corresponde àqueles verbos que estariam dentro de um *continuum* de gramaticalização, com características de verbo predicador (lexical) em alguns contextos e em outros com características de verbo auxiliar.

Um verbo é categorizado como auxiliar quando constitui junto com o verbo predicador uma unidade que tem significação de forma conjunta. As estruturas constituídas pelo auxiliar mais o verbo principal formam uma unidade sintática em que ambos compartilham o mesmo sujeito que está co-indexado.

Vieira (2002) lista algumas propriedades dos verbos semiauxiliares que os caracterizam como distintos dos auxiliares típicos.

> A forma verbal flexionada e a não flexionada, mantendo cada uma o seu valor lexical, ocorrem em estruturas "bi-oracionais", já que têm "complemento" de natureza frásica não de natureza verbal/não oracional. As construções formadas com esses verbos sujeitam-se a duas interpretações: (i) é possível considerar que há dois domínios predicativos relacionados por subordinação, logo um período composto; e (ii) é possível entender que, em estrutura superficial, esses verbos se submetem a um processo de reestruturação que, ao promover sua integração a um verbo predicador, gere pelo menos no nível da representação final, comportamento de construção "mono-oracional" ou uma unidade complexa (Vieira, 2022, p. 269).

As propriedades apontadas referem-se à classificação do tipo de estrutura em que ocorrem construções constituídas por um verbo (semi)auxiliar acompanhado de verbo predicador, se ambos ocorrem em domínios bi-oracionais ou em domínios mono-oracionais.

A partir de uma escala com diferentes propriedades que definem os verbos considerados auxiliares típicos, Vieira (2022) demonstra que "querer", em alguns contextos, apresenta um grau de afastamento do polo de auxiliaridade, colocando-o mais próximo do polo de lexicalidade, quando seguido de verbo predicador no infinitivo. Vieira (2022) toma como parâmetro as seguintes propriedades que diferenciam o grupo dos verbos listados anteriormente dos verbos auxiliares típicos:

a) Diferentes domínios temporais entre o verbo (semi)auxiliar e o verbo predicador não flexionado

Enunciados em que a frase com o verbo (semi)auxiliar corresponde a um tempo diferente da frase com o verbo predicador não flexionado codificam uma barreira frásica entre eles.

(238) a. João ontem queria/tencionava/pretendia ir ao cinema hoje; hoje já mudou de ideia.

(Vieira, 2022, p. 269)

Já estruturas com um único domínio temporal podem diminuir a barreira frásica e formar um complexo verbal de menor integração.

b. *? João ontem quis ir ao cinema ~~hoje~~

(Vieira, 2022, p. 269)

b) Substituição da frase com o verbo predicador por uma completiva finita

Uma estrutura em auxiliação (típica) não permite que a frase com o verbo predicador seja substituída por uma completiva finita, pois o verbo da frase auxiliar e o verbo predicador não podem compartilhar o mesmo referente sujeito. A inserção de uma completiva finita só é aceita se for inserido um referente sujeito diferente para o verbo predicador.

(239) Eu quero amamentar meu filho/? que (eu) amamente meu filho/ que (alguém) amamente meu filho.

(Vieira, 2022, p. 270)

A possibilidade de transformar a frase com o verbo predicador não flexionado em uma completiva finita caracteriza que estes verbos "têm 'complementos' de natureza frásica, visto que estes podem ser substituídos por completivas finitas" (Vieira, 2022, p. 270), como podemos observar nos exemplos a seguir em que a estrutura em (240a) é transformada em uma completiva finita em (240b).

(240) a. João deseja/quer [encontrar-se com a namorada no cinema].

b. João deseja/quer [que (eles/ele e a namorada) se encontrem no cinema].

(Adaptado de Vieira, 2022, p. 270)

c) Transformação da frase matriz em uma interrogativa

A frase com o verbo auxiliar funciona como uma pergunta, e a frase que contém o verbo predicador pode funcionar como resposta:

(241) Que deseja/quer João? Encontrar-se com a namorada no cinema.

(Adaptado de Vieira, 2022, p. 270)

d) O marcador de negação frásica pode ocorrer somente no domínio da frase encaixada

Além do marcador de negação ocorrer somente no domínio do verbo encaixado, como mostra o exemplo (242a) é permitido que a frase tenha mais de uma instância de negação, conforme (242c); enquanto com auxiliares típicos é possível somente um marcador de negação, posicionado, obrigatoriamente, antes da sequência verbo auxiliar-verbo principal, o exemplo (242b) é agramatical por não apresentar essa estrutura.

(242) a. João deseja não encontrar a namorada no cinema.

b. *João tem não encontrado a namorada no cinema/ João não tem encontrado a namorada no cinema.

c. Não gostaria de não me manifestar sobre o assunto.

(Adaptado de Vieira, 2022, p. 270)

e) Restrição semântica na seleção de elementos que podem ocupar a posição argumental

A função de seleção semântica de argumentos sintáticos é própria de verbos predicadores (principais), não de verbos auxiliares. No entanto, em alguns contextos, evidencia-se que o verbo "querer", entre outros verbos semiauxiliares, contribui junto aos verbos

predicadores na seleção semântica dos elementos que podem ocupar a posição sintática de sujeito e que carregam, geralmente, o traço [+humano], como "vândalos", em (243a), o que explica a agramaticalidade de (243b), pelo fato de o elemento "depredações" não atender esse critério.

No entanto, em (243c), a construção que é formada pelo verbo auxiliar "ter", em conjunto com o mesmo predicador "destruir", é aceita com esse mesmo elemento (depredações), ocupando a posição de referente sujeito.

(243) a. Vândalos **querem**/desejam destruir monumentos públicos.

b. *Depredações **querem**/desejam destruir monumentos públicos.

c. Depredações **têm** destruído monumentos públicos.

(Vieira, 2022, p. 258)

Em outros contextos de uso, geralmente, aqueles que evidenciam a iminência de um acontecimento, não se observa tais restrições para a seleção de argumento sujeito, conforme exemplos a seguir.

(244) O tempo está **querendo** mudar.

(245) O carro está **querendo** enguiçar.

(Vieira, 2022, p. 270)

Nas propriedades analisadas, verifica-se que nos contextos de uso dos verbos exemplificados o verbo "querer" no PB, inserido, geralmente, na classe dos verbos auxiliares, evidencia não ter um comportamento e funcionamento, exclusivamente, de um verbo auxiliar típico. Mas estaria, em alguns contextos, formando uma unidade complexa com o verbo predicador que o acompanha. O que o caracteriza como verbo semiauxiliar. Diferentemente do verbo "ter", um auxiliar típico, que não apresentou essas restrições semânticas.

Após essa comparação com os contextos de uso e funcionamento de "querer" no PE e no PB, retomamos a discussão sobre o uso do desiderativo *-wer* em Tenetehara, para verificar as propriedades sintático-semânticas desse elemento. Assim como nas duas variedades do português, especialmente, no PB, nota-se múltiplos funcionamentos de *-wer*, em Tenetehara, principalmente quando sua ocorrência está associada a outros elementos presentes na mesma construção.

Como introduzimos anteriormente, *-wer* estaria passando por um processo de reanálise, em que os falantes estariam interpretando este elemento, junto ao verbo que o acompanha (sem redução de valência), como uma unidade complexa. Há estruturas desse tipo equivalentes no PB, conforme exemplo a seguir:

(246) A mulher quer [ver a flor]

Diante disso, essa reanálise pode ser uma motivação semântica pelo contato com o português, tendo em vista que nessa língua funciona dessa forma. Em termos formais, em português, o elemento que se aproxima do conteúdo semântico do desiderativo em Tenetehara é o verbo "querer" – ora (semi)auxiliar, ora um lexical pleno – e não uma categoria exclusivamente funcional como o sufixo -*wer* em Tenetehara. Apesar disso, de acordo com alguns estudos funcionalistas aqui abordados, a relação semântica entre esses elementos inseridos em diferentes categorias (funcional *vs*. lexical) nas duas línguas levantam outras hipóteses, levando em conta as alterações observadas no uso desse elemento em Tenetehara, principalmente, em predicados transitivos. São elas:

a) O desiderativo *wer* estaria sofrendo uma extensão semântica que além de codificar "desejo", estaria também codificando tempo futuro e/ou modalidade *irrealis*, quando ocorre em conjunto com outros elementos na sentença, como *nehe* e alguns tipos de verbos auxiliares;

b) -*wer* estaria apresentando múltiplas funcionalidades, o que o coloca dentro de um *continuum*, devendo ser analisado linguisticamente no contexto de uso, sem necessariamente defini-lo dentro de uma categoria única, seja ela funcional (sufixo, partícula) ou lexical (verbo).

O esquema a seguir ilustra uma evolução dos diferentes estágios do desiderativo -*wer,* baseado nos estudos anteriores, desde Harrison (1995) às pesquisas atuais em Castro (2021) e em nossos dados. O esquema mostra -*wer* como verbo auxiliar em seu primeiro estágio A; sua evolução para o estágio B como sufixo verbal; posteriormente para o estágio avançado como sufixo verbal em construções desiderativas antipassivas no estágio B^{+}; e, por fim, no quadro atual seu retorno "parcial" para o estágio A, reanalisado semanticamente como verbo matriz em uma estrutura interpretada como encaixada no estágio A^{+}.

A----------B----------B^{+}----------A^{+}

V.AUX sufixo sufixo em antipassivas desiderativas verbo matriz (semanticamente)

Somente em estruturas com verbos intransitivos ativos, -*wer* demonstra, ainda, estar funcionando como um sufixo desiderativo. A alteração verificada foi apenas na codificação pronominal nominativa, que pode caracterizar simplificação da estrutura ou uma economia

linguística do falante ao não substituir o prefixo nominativo pelo absolutivo quando o desiderativo é inserido no verbo intransitivo.

A complexidade estrutural e a simplificação estrutural se manifestam tanto em aspectos formais, quanto em aspectos semânticos e pragmáticos.

A complexidade estrutural refere-se ao grau de organização e à quantidade de elementos gramaticais e regras que uma língua apresenta em seus diferentes níveis. Ela pode ser observada em diversos aspectos: morfológicos, sintáticos e fonológicos.

A simplificação estrutural ocorre quando uma língua perde ou reduz a complexidade de suas regras e elementos gramaticais. Isso pode ocorrer de forma gradual ou acelerada, especialmente em situações de contato linguístico.

No caso específico das construções desiderativas em Guajajara, consideramos uma simplificação no sentido formal, isto é, na forma estrutural, que envolve a perda ou redução de material linguístico, tendo em vista a redução de vários elementos que, até então, eram acionados para a obtenção de construções desiderativas nessa língua. No aspecto semântico e pragmático, o desiderativo *-wer* demonstra múltiplos funcionamentos, apresentando diferentes significados e funções que são determinados por sua associação com outros elementos na construção e pelo contexto de uso.

A complexidade e a simplificação estruturais não são processos mutuamente exclusivos, mas sim dinâmicos e interligados. Em situações de contato linguístico, por exemplo, uma língua pode simplificar alguns aspectos enquanto desenvolve novos traços complexos em outros.

De modo geral, os dados mostram que o acionamento de mecanismos sintáticos que envolvem a troca de prefixo nominativo para o absolutivo, a fim de obter construções que codificam outras estruturas na língua, como construções desiderativas em predicados transitivos, não têm sido acionadas pelos falantes de todas as gerações de nossa pesquisa, principalmente, entre os mais jovens. Em vez disso, tanto no uso do morfema desiderativo em sentenças intransitivas quanto nas transitivas, os falantes têm mantido o prefixo nominativo *u-* em vez de acionar o prefixo absolutivo *i-*, conforme padrão identificado em estágios anteriores do Tenetehara vistos nos trabalhos de Harrison (1995) e Castro (2021), entre outros. Desse modo, isso sinaliza que está ocorrendo, também, nas construções desiderativas uma alteração na codificação do sistema nominativo e absolutivo, sobretudo, nos marcadores de 3ª pessoa nesses casos específicos.

O contexto de alteração na codificação pronominal absolutiva para nominativa nas construções com o desiderativo *-wer* mostra que alguns elementos que estão ocorrendo em conjunto com ele, provavelmente, possam estar propiciando as seguintes alterações:

a) O sujeito tem que ocupar uma posição mais alta do que o objeto no sistema de concordância verbal. Isso reflete parcialmente a hierarquia de pessoa nessa língua;
b) O sujeito deve ser [+ativo] e ter um ranqueamento [+alto] para ocorrer uma codificação nominativa, pois, nos dados de fala que codificam o objeto de segunda pessoa e o sujeito de terceira, permanece o padrão de codificação absolutiva.

Observamos que há uma alteração para o sistema nominativo somente em predicados ativos, conforme vimos em alguns exemplos em predicados descritivos em que permanece o padrão absolutivo inalterado e, também, no capítulo anterior, em que, mesmo em construções de foco de objeto foi acionada a morfologia nominativa, sendo mais uma evidência que reforça a forte relação entre o sistema de concordância e a hierarquia de pessoa nesse contexto de alteração da codificação absolutiva para [+NOM]. A partir disso, levantamos a hipótese de que o Tenetehara pode estar se tornando uma língua mais nominativa do que (ergativa)-absolutiva ao alterar a codificação para prefixos nominativos em contextos em que se espera codificação absolutiva.

Esse fenômeno pode explicar também a alteração na ordem dos constituintes, com o sujeito pronominal ou lexical ocupando predominantemente a primeira posição na estrutura. Em nossos dados da zona urbana predomina a ordem SV/SVO, enquanto na zona rural a ordem predominante é VS/VSO nas desiderativas com predicados intransitivos e com predicados transitivos, respectivamente. Analisamos que a atual ordem SVO pode estar relacionada também à alteração no sistema de codificação dos marcadores de pessoa com codificação [+NOM].

Por fim, observamos que a inovação identificada primeiramente nos estudos de Harrison (1995) sobre o uso do desiderativo *-wer* em estruturas antipassivas demonstra, a partir de dados atuais de Castro (2021) e desta pesquisa, não ter ganhado força entre os falantes da geração mais jovem. Portanto, esse uso está mais restrito atualmente aos falantes da geração mais velha.

Um dos princípios empíricos para a teoria da mudança linguística problematizados em Weinreich, Herzog e Labov (2006, p. 122) discute o problema da transição entre os estágios de mudança linguística em progresso de uma estrutura para outra. Segundo os autores, o processo de mudança parece ocorrer através de falantes bidialetais: (i) um falante aprende uma

forma alternativa, (ii) as duas formas entram em contato dentro de sua competência, e (iii) uma das formas se torna absoleta.

Em Tenetehara, a forma que antes foi considerada inovadora, isto é, o desiderativo -*wer* em construções antipassivas, tem se tornado menos usual entre os falantes, caminhando para um estágio absoleto, apresentando atualmente uma descontinuidade em sua transferência dentro da comunidade de fala, principalmente, intergeracional entre pais e filhos. As evidências empíricas dos estudos de mudança linguística realizados pelos autores supracitados indicam que, geralmente, os filhos não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as dos falantes que pertencem a sua mesma faixa etária. Essa evidência, portanto, se confirma em Tenetehara, em que os mais jovens não têm preservado o uso do desiderativo em construções antipassivas, até então, mais usadas entre os mais velhos.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abrangência da temática de nossa pesquisa e a falta de estudos realizados anteriormente sobre o povo Guajajara em contexto urbano na cidade de Imperatriz, no Maranhão, implicou questões relacionadas aos efeitos do contato entre as línguas, tanto os sociais quanto os propriamente linguísticos, referentes à estrutura interna da língua. Tendo isso em vista, retomamos o objetivo desta pesquisa para fazermos um apanhado geral dos resultados apresentados nos capítulos, a fim de refletirmos sobre os principais achados e contribuições do estudo realizado, bem como suas lacunas e desafios que poderão ser respondidos em pesquisas futuras.

A pesquisa norteou-se pelo seguinte objetivo geral: investigar as dinâmicas sociolinguísticas e estruturais da variedade Guajajara no contexto urbano de Imperatriz, MA, analisando os impactos da migração, o contato mais direto com o português, bem como sua estrutura gramatical, com foco na ordem básica de palavras e nos mecanismos sintático-semânticos relacionados às construções desiderativas e à alteração na codificação dos marcadores de pessoa que envolve esses dois fenômenos.

No campo dos aspectos sociolinguísticos, que compreende a Parte 1 desta tese, as questões suscitadas foram diretamente relacionadas ao impacto linguístico da migração entre o grupo de indígenas Guajajara para a cidade de Imperatriz. Foram elas:

(i) Quais os impactos da migração na vitalidade da língua no uso, manutenção, atitudes e transmissão para as novas gerações?

(ii) Como ficam os domínios de usos do dialeto Guajajara em co(n)-ocorrência com a língua portuguesa na cidade?

Os resultados que respondem essas questões mostram que a migração do grupo Guajajara para a cidade de Imperatriz (MA) configura um cenário sociolinguístico complexo e desafiador, em que o contato da variedade Guajajara com o português reflete mudanças significativas na vitalidade, uso e transmissão da língua indígena. Os achados desta pesquisa evidenciam que o impacto da migração é perceptível em diversos aspectos, são eles: (i) vitalidade e transmissão da língua; (ii) domínios de uso linguístico; (iii) atitudes linguísticas e de identidade; e (iv) configuração do bilinguismo social.

Quanto ao primeiro aspecto, a migração para a cidade tem enfraquecido a vitalidade da variedade Guajajara. Como resultado disso, a interrupção da transmissão intergeracional é uma das consequências mais preocupantes, especialmente entre as crianças e jovens, para quem o português já se consolidou como a língua materna predominante. Essa tendência ameaça a

continuidade do Guajajara, especialmente na medida em que os pais da terceira geração, atualmente mais propensos a formar famílias, não priorizam a transmissão da língua indígena.

Já em relação aos domínios de uso linguístico, nossa análise revelou uma redução significativa do espaço social da variedade Guajajara, agora limitada, em grande parte, ao ambiente familiar entre adultos. O português, por sua vez, tem se tornado dominante nos contextos públicos, religiosos e educacionais, tendo em vista que no aldeamento não há uma escola e, por isso, os indígenas frequentam a escola do bairro. Com isso, mesmo nas interações entre os próprios indígenas no aldeamento urbano, há predomínio do português. Essa transição de funções linguísticas caracteriza um processo de diglossia, nos termos de Fishman (1967), em que o português ocupa o lugar de maior prestígio e utilidade prática.

Acerca das atitudes linguísticas e identitárias observadas, elas refletem um favorecimento crescente ao português, visto como a língua de acesso a oportunidades sociais e econômicas. Tal preferência é mais evidente entre as gerações mais jovens, que demonstram maior desapego à variedade Guajajara. Esse fenômeno não só compromete a manutenção da língua indígena, como também ameaça diluir aspectos fundamentais da identidade cultural do grupo.

Em relação ao bilinguismo social, a comunidade Guajajara em Imperatriz apresenta atualmente dois grupos linguísticos distintos, a saber:

a) Grupo bilíngue Guajajara-português, formado majoritariamente por membros das gerações mais velhas que migraram das Terras Indígenas e ainda preservam alguma prática da língua nativa em seus lares;

b) Grupo monolíngue em português, que constitui a maioria dos moradores do aldeamento, especialmente aqueles nascidos na cidade e os mais jovens.

Embora o bilinguismo social ainda esteja presente, a tendência observada é de uma transição para uma comunidade predominantemente monolíngue em português, reforçada pela assimetria de *status* e funcionalidade entre as duas línguas.

Diante disso, essa pesquisa reforça que os desafios enfrentados pelos Guajajara em Imperatriz são um reflexo das condições sociais e políticas que moldam o contato interétnico e linguístico. A saída das Terras Indígenas para a cidade em busca de condições de vida melhores impacta diretamente as práticas linguísticas e culturais, que passam a ter uma descontinuidade ao perder o vínculo com o território.

Por outro lado, esta pesquisa mostrou, ainda, um movimento de reemigração de parte do grupo que estava na cidade para a Terra Indígena. Diante disso, trata-se não apenas de estudar mudanças linguísticas devido a efeitos de contato, mas também, investigar os efeitos de

migração e reemigração ou retorno para a comunidade de origem. Tendo em vista que, a literatura, geralmente, apresenta estudos sobre os efeitos linguísticos em processos de diáspora ou dispersão de seus territórios de origem de povos que são obrigados a emigrar devido à violência, à guerra e a crises de vários tipos. O que não se vê comumente são estudos sobre os efeitos linguísticos dos processos de reemigração ou regresso, como neste caso dos Guajajara, em que um grupo regressou à aldeia.

Situações como essa levantam outras questões: (i) em relação às alterações e mudanças linguísticas que estão em processo, conforme identificamos neste trabalho, poderíamos prever a direção dessas mudanças?; (ii) o que acontece com os jovens que nasceram na cidade e dominam o português e têm que regressar à aldeia com os pais?; (iii) O retorno para a aldeia pode propiciar a aprendizagem da língua indígena pelos mais jovens que atualmente só dominam o português? Diante disso, percebemos que este cenário atual abre novas linhas de pesquisas para trabalhos futuros.

No âmbito dos efeitos estruturais do contato com o português na variedade Guajajara, bem como nos aspectos relacionados a questões de ordem interna da língua, verificamos que determinados fenômenos apontam para uma junção de elementos agindo na atual configuração de alguns aspectos do Guajajara, como a ordem de palavras e as construções desiderativas, ambos relacionados também com a alteração na codificação dos marcadores de pessoa nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo, que nos propomos a investigar nesta pesquisa.

A Parte 2 desta tese procurou responder às perguntas levantadas sobre esses aspectos linguísticos, a saber: “Quais mudanças linguísticas podem ser atribuídas ao contato mais intenso com o português, especialmente em aspectos estruturais do Guajajara, como ordem básica de palavras, marcadores de pessoa e construções desiderativas?”; e “A alteração na ordem básica de palavras no Guajajara (OV/VO) reflete um processo de reestruturação interna da língua ou é resultado direto da interferência do português?”.

Chegamos à conclusão, com base nos resultados, que, quanto à ordem de palavras, comparada inicialmente com a amostra de Harrison (1986), as categorias que apresentaram um padrão de ordem diferente dos dados desse autor foram somente em: N-ADJ; N-LUGAR & LUGAR-N; N-TÍTULO & TÍTULO-N; V-AUX & AUX-V, que exibiu coocorrências de ordens em nossos dados, exceto para a ordem N-ADJ, em que todos apresentaram somente o núcleo antecedendo o adjetivo, enquanto em Harrison ocorrem ambas (N-ADJ e ADJ-N).

Em relação à categoria adjetivo, é comum que ela apresente uma mobilidade entre a ordem núcleo e adjetivo, como vimos a partir dos estudos tipológicos no Capítulo 6, em que

Hawkins (1983) considera essa categoria uma das mais leves e mais móveis, de acordo com o Princípio de Interação de Mobilidade e Peso (MHIP). No entanto, a ordem auxiliar-verbo é uma das categorias que encontramos em nossa pesquisa que mais se diferencia do padrão de ordem tanto em Harrison quanto em outros pesquisadores do Guajajara (Bendor-Samuel, 1972), que a consideram com a ordem rígida V-AUX.

Quanto à categoria dos verbos auxiliares, ela mostrou muita mobilidade nos dados de fala dos participantes da pesquisa, principalmente, os verbos que indicam movimento, como *ho,* "ir", e a cópula *ikó*, "estar/ser". Associamos esse resultado à influência do português, pelo fato de haver a mesma tendência com esses verbos auxiliares em tal língua e contextos de uso semelhante às estruturas em Guajajara.

Outra diferenciação em relação à comparação aos dados de outros pesquisadores foi a ordem encontrada nas orações dependentes. Nos demais trabalhos, segue-se a ordem rígida OV. Já em nossos dados, há a ordem VO sendo mais frequente entre a geração mais jovem. Observamos, ainda, que essas diferenças na ordem das orações dependentes em Guajajara convergem com os dados de Duarte (1998, 2007) na variedade Tembé, tanto na ordem VO quanto na coocorrência do sistema de codificação (ergativo)-absolutivo e nominativo. Segundo o autor, essa variedade apresenta influência do português pelo contato mais intenso com a língua, uma vez que os falantes vivem próximos ao rio Guamá, nas imediações da cidade de Belém. Desse modo, a mesma influência pode estar ocorrendo com a variedade Guajajara falada pelos indígenas em contexto urbano em Imperatriz.

Assumimos que, até o momento de escrita desta tese, as ocorrências encontradas em relação à ordem de palavras podem não refletir diretamente uma alteração e/ou mudança linguística de fato. Em vez disso, há uma associação de fatores discursivo-pragmáticos que influenciam o ordenamento e/ou o apagamento dos elementos na estrutura, o *status* cognitivo dos referentes dos pronomes ou SN lexicais, bem como fatores intergeracionais, este último mais ligado ao contato com o português.

Sobre o fenômeno do desiderativo *-wer*, que argumentamos estar sofrendo um processo de reanálise, os dados evidenciam como a proximidade semântica pode motivar reanálises estruturais em contextos de bilinguismo, especialmente quando uma língua dominante, como o português, oferece um modelo funcionalmente equivalente. A reanálise de *-wer* pode ser interpretada como uma etapa inicial de um processo mais amplo que pretendemos investigar mais profundamente em pesquisas futuras. Sendo assim, o reconhecimento desse morfema dentro de um contínuo funcional-lexical reforça a necessidade de análises contextualizadas e dinâmicas, que considerem o uso em discurso real, evitando classificações rígidas.

Pesquisas futuras sobre construções desiderativas em Tenetehara podem investigar seu uso com um número maior de dados linguísticos, oriundos, especialmente, de dados de fala em contextos de uso, para confirmar se as alterações e/ou mudanças apresentadas nesta tese estão avançando para o processo de encaixamento tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social da comunidade de fala. Nosso estudo, até o momento, demonstra, por meio dos dados, que há uma coexistência de usos do desiderativo dentro de um *continuum* de variação, correlacionando-se a diferentes categorias linguísticas.

Sobre a alteração na codificação dos marcadores de pessoa, a predominância da codificação nominativa, associada a predicados transitivos e sujeitos [+ativo], sugere a reorientação para uma gramática mais alinhada com o sistema nominativo. Soma-se a essa ocorrência o fenômeno de codificação, em que o sujeito ocupa uma posição mais alta na hierarquia [+ativo, +alto], reforçando a influência da hierarquia de pessoa no sistema de concordância.

Os fenômenos estudados nesta pesquisa indicam que a língua está em um estágio dinâmico de reestruturação de alguns aspectos linguísticos, impulsionados tanto por motivações internas quanto externas. Especialmente a alteração dos marcadores de pessoa sinaliza um processo interno relacionado à hierarquia de pessoa na língua. Nesse sentido, a influência do português, a simplificação gramatical e a adaptação funcional refletem a complexidade de línguas indígenas em contextos de contato linguístico. Reforçamos que as mudanças no uso do desiderativo independentemente da localização já havia sido atestado entre falantes residentes nas TIs e, portanto, é um dos aspectos comuns tanto entre os falantes que vivem na cidade quanto entre os que vivem nas aldeias.

De modo geral, consideramos que os fenômenos linguísticos estudados nesta pesquisa forneceram uma análise baseada na língua em contextos de uso, contribuindo, assim, para o avanço teórico no campo da abordagem funcional da linguagem, especificamente no âmbito da Estrutura da Informação (Pragmática Discursiva) em interface com a corrente funcional-tipológica e a Linguística de Contato. Até então, a maioria dos estudos acerca do Tenetehara comparados neste trabalho (Harrison, 1986, 1995; Bendor-Samuel, 1972; Duarte, 2005, 2007; Castro, 2021) seguia uma linha formalista em seus estudos, de modo que a observação da predominância da variação na ordem VO/OV em nossos dados e da influência pragmática oferecem subsídios para reavaliar as descrições anteriores do Guajajara, mostrando que a língua está sujeita a variações. A análise demonstra, portanto, a relevância dos trabalhos futuros aprofundarem essa investigação a partir de uma abordagem funcionalista para

compreender os fatores semânticos e pragmáticos que impulsionam mudanças linguísticas, especialmente em contextos de contato linguístico.

O estudo realizado contribui também para uma compreensão macro do contato dos Guajajara com a sociedade desde períodos históricos anteriores à situação atual do grupo de migrantes Guajajara em contexto urbano em Imperatriz. Essa constitui uma etapa fundamental para compreender a atual situação sociolinguística de uma comunidade de fala, visto que, conforme destacou Weinreich (1953), sem um claro entendimento da dinâmica de contato, não há condições de analisar os fenômenos linguísticos induzidos pelo contato.

Em suma, os resultados sobre a situação sociolinguística dos Guajajara em contexto urbano apontam para a necessidade urgente de iniciativas voltadas à preservação, à revitalização e à promoção da variedade Guajajara. Tais ações devem considerar tanto a revalorização da língua como símbolo de identidade e resistência cultural quanto a ampliação de seu uso em novos domínios, incluindo a educação bilíngue e contextos públicos. Além disso, a conscientização da comunidade sobre os riscos da perda linguística pode ser um passo importante para estimular atitudes positivas em relação à manutenção e à transmissão da língua para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ABNT. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, Robert M. W. (org.). **Grammars in contact**: a cross-linguistic typology. Oxônia, Reino Unido: Oxford University Press, 2007.

AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, Robert M. W. (org.). **The amazonian languages**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1999.

ALENCAR, Maria Cristina M. **Eu acho que os índios não querem mais falar na linguagem por causa do preconceito, não é professora!** Desafios na educação escolar intercultural bilíngue entre os Aikewara & Guarani-mbya no sudeste do Pará. 2018. 384 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ALMEIDA, Emerson Rubens Mesquita. **A política vai à festa**: sagacidade e estratégia tentehar nas relações interétnicas. 2019. 447 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

AMARAL, Luiz A.; BÁEZ, Gabriela P.; LABRADA, Jorge Emilio R. Living languages – lenguas vivas – línguas vivas: joining efforts towards language revitalization. **Living Languages**, Amherst, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2022.

ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da língua mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: Leipzig, 1595.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 2009.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London: Amsterdam Academic Archive, 1987.

BÁEZ, Gabriela Pérez. Determinants of language reproduction and shift in a transnational community. **International journal of the sociology of language**, [*s. l.*], v. 2014, n. 227, p. 65-81, 2014.

BÁEZ, Gabriela Pérez. **Endangerment of a transnational language**: the case of San Lucas Quiavini Zapotec. Buffalo: State University of New York Ed., 2009.

BARBOZA, Tereza M. **Língua guajajara**: um estudo dos fenômenos linguísticos induzidos pelo contato com o português. 2015. 117f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2015.

BATISTOTI, Aleida Fontoura; LATOSINSKI, Karina Trevisan. O indígena e a cidade: panorama das aldeias urbanas de Campo Grande/MS. **Revista Rua**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 329-355, 2019.

BENDOR-SAMUEL, David. **Gramática pedagógica da língua guajajara**: um esboço. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1969. n. 029 do Arquivo Linguístico.

BENDOR-SAMUEL, David. **Hierarchical structures in guajajara**. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma, 1972.

BOHNEMEYER, Jürgen et al. The contact diffusion of linguistic practices: reference frames in Mesoamerica. **Language Dynamics and Change**, [*s. l.*], v. 5, n. 2, p. 169-201, 2015.

BORGES, Adriano da Silva. **Os desafios docentes na escolarização de estudantes indígenas na escola urbana Paulo Freire em Imperatriz – Maranhão**. 2022. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

BOUDIN, Max. **Dicionário de tupí moderno**: dialeto tupí-tenetehár do alto gurupí. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

BRASIL. **Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973**: dispõe sobre o estatuto do índio. 1973. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm. Acesso em: 10 mar. 2022.

BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMARGOS, Quesler F. **Aplicativização, causativização e nominalização**: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára Guajajára (Família Tupí-Guaraní). 2017. 255f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CAMARGOS, Quesler F.; CASTRO, Ricardo; TESCARI NETO, Aquiles. Partículas de final de sentença (PFS): uma análise cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 14, n. 3, p. 827-855, set./dez. 2019.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim. Sobre a classe de adjetivos na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA**. 2011. p. 1039-1057.

CARNEIRO, José de Ribamar D. **Povos e línguas indígenas no Maranhão**: contato linguístico. 2014. 260f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CARVALHO, Márcia Goretti Pereira de. **Sinais de morte ou vitalidade? Mudanças estruturais na língua tembé**: contribuição ao estudo dos efeitos de contato linguístico na Amazônia Oriental. 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Pará, 2001.

CASTRO, Ricardo Campos. **Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní)**. 2017. 205f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos, Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CASTRO, Ricardo. Estruturas antipassivas-desiderativas em tenetehára (tupí-guaraní). *In*: CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim (org.). **Descrição e análise gramatical de línguas indígenas amazônicas**. Rondônia: EDUFRO, 2021. p. 154-180.

CHELLIAH, Shobhana. Fieldwork for language description. *In*: PODESVA, Robert J.; DEVYANI, Sharma (org.). **Research methods in Linguistics**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2014. p. 51–73.

Chomsky, Noam. **Lectures on Government and Binding**: The Pisa Lectures. Mouton de Gruyter, 1981.

COMRIE, Bernard. **Language universals e linguistic typology**. Chicago: Chicago University Press, 1989.

CROFT, William. Parts of speech as language universals and as language-particular categories. Empirical approaches to language. **De Gruyter Mouton**, Berlin, p. 65-102, 2000.

CROFT, William. **Tipology and Universals**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2003.

CRYSTAL, David. **The Cambridge encyclopedia of language**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1988.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. *In:* NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-25.

DRYER, M. S. On the six-way word order typology. **Studies in language**, [*s. l.*], v. 21, n. 1, p. 69-103, 1997.

DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. **LIAMES**: Língua Indígenas Americanas, v. 5, n. 1, p. 111-142, 2005.

DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias. **Caletroscópio**, Ouro Preto, v. 4, p. 27-62, 2016.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Estudos de morfossintaxe Tenetehara**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

DUARTE, Fábio Bonfim. Ordem dos constituintes na Língua Tembé. **Revista da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 71-80, 1998.

DUARTE, 2009.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. **Word**, [*s. l.*], v. 15, p. 325-340, 1959. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1959.11659702. Acesso em: 23 mar. 2025.

FISHMAN, Joshua. Language maintenance and language shift: the american immigrant case within a general theoretical perspective. **Sociologus**, [*s. l*], v. 16, n. 1, p. 19-39, 1967.

FISHMAN, Joshua. **Sociología del Lenguaje**. Tradução de Ramón Sarmiento y Juan C. Moreno. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
FISHMAN, Joshua. Who speaks what language to whom and when? **La linguistique**, [*s. l.*], v. 1, n. 2, p. 67-88, 1965.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. *In:* SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato**: cenários de bilinguismo no Brasil. Coleção: Linguagem e sociedade. vol. 2. Campinas: Pontes Editores, 2011. Coleção: Linguagem e sociedade. vol. 2. p. 41-72.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. vol. 1.

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história**: a saga do povo tenetehára em busca da liberdade. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Anabela; CARRILHO, Ernestina; PEREIRA, Sandra. 20 Predicados complexos numa perspectiva comparativa. *In*: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (org.). **Manual de linguística portuguesa**. Berlin: De Gruyter, 2016. p. 523-557.

GORTER, Durk. Surveys of the Frisian language situation: some considerations of research methods on language maintenance and language shift. **International Journal of the Sociology of Language**, Amsterdã, v. 68, p. 41-56, 1987.

GREENBERG, Joseph Harold. **Universals of language**. New York: MIT Press, 1966.

HAIMAN, John. Iconic and Economic Motivation. **Language**, [*s. l.*], v. 59, n. 4, p. 781-819, dez. 1983.

HARRISON, Carl; HARRISON, Carole. **Dicionário guajajara-português**. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2013.

HARRISON, Carl. The interplay of causative and desiderative in Guajajara. **Moara**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Pará, n. 4, p. 83-114, 1995.

HARRISON, Carl. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in guajajara. *In*: D. C. Derbyshire, Desmond C.; Pullum, Geoffrey K. (org.). **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. v. 1. p. 407-439.

HAWKINS, John A. **Word order universals**. New York: Academic Press, 1983.

HOLANDA, Letícia (Imperatriz). **Prefeitura inaugura Escola Paulo Freire nesta quarta-feira (28)**: a escola atenderá 2 mil alunos na educação infantil, ensino fundamental e implantação da eja em 2023. 2022. Disponível em: https://imperatriz.ma.gov.br/noticias/educacao/prefeitura-inaugura-escola-paulo-freire-nesta-quarta-feira-28.html. Acesso em: 15 out. 2024.

IBGE. **O Brasil indígena:** línguas. 2022. Estudos Especiais. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/linguas. Acesso em: 23 mar. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Guajajara. **Povos Indígenas no Brasil**, [*s. l.*], [202-]. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guajajara. Acesso em: 23 mar. 2025.

JOHNSTONE, Barbara. **Qualitative methods in sociolinguistics**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

LABOV, William. Some principles of linguistic methodology. **Language in Society**, [*s. l.*], v. 1, n. 1, p. 97-120, 1972.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**: topics, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LIEBERSON, Stanley. Procedures for improving sociolinguistic surveys of language maintenance and language shift. **International Journal of the Sociology of Language**, Amsterdã, v. 25, p. 11-27, 1980.

MARINHO, Cleidson Pereira. **Educação escolar Tentehar/Guajajara**: identidade, re-existência e protagonismo na revisão do Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Escolar Indígena Geanni Sartori, Terra Arariboia, Maranhão. 2022. 387 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

MARINHO, Maria Perpétuo Socorro Oliveira. **Índios Guajajara**: da aldeia para a cidade. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Ambientais e Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

MARQUES, Ana Luísa P. Índios na cidade: estratégias de sobrevivência e adaptações na URBE. *In*: Simpósio de Ciências Sociais e Humanas: sociologia, educação e humanidades em tempos de reformas curriculares nacionais, 1.; Seminário de Estágio Supervisionado do Curso de Ciências Humanas – Sociologia: estágio e formação docente, 2. **Anais** [...], São Luís: EDUFMA, 2019. p. 360-373.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.13-56.

MORI, Angel Corbera. Resenha da obra: COMRIE, Bernard; GOLLUSCIO, Lucía (org.). Language contact and documentation/ Contacto linguístico y documentação. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. **Liames**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 205-213 Campinas, jan./jun. 2017.

NEVES, MHM. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Mileide Terres de. **Contato de línguas**: atitudes linguísticas dos Rikbaktsa. 2019. 101f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. **Descolonizar o urbano para ver o "outro"**: ideologias, imagens e a invisibilidade indígena nas cidades médias. Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 233-265, 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Arion Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupi. **Revista brasileira de Linguística antropológica**, [*s. l.*], v. 3, n. 1, p. 63-86, jul. 2011.

ROSA, Marlise; REIS, Rodrigo. Povos indígenas em contextos urbanos na América Latina: algumas considerações a partir da realidade brasileira. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 1-39, jan./abr. 2023.

SAKEL, Jeanette. Types of loan: matter and pattern. *In:* MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette**. Grammatical Borrowing in Cross – Linguistic Perspective**. New York: Mouton de Gruyter, 2007.

SAMARIN, William J. **Field linguistics**: a guide to linguistic fieldwork. New York: Holt, Rinehart and Wilson, 1967.

SANTOS, Clayton Marinho dos. **Os donos do cocar**: indígenas em contexto urbano e a técnica no Parque Amazonas de Imperatriz-MA. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

SANTOS, Ana Lúcia. Alguns aspetos da aquisição de orações subordinadas completivas. *In*: FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lúcia (eds.). A**quisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press, 2017. p.249–273. DOI:10.5281/zenodo.889437

SEKI, Lucy. Construções com o gerúndio em Kamaiurá. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 30, p. 685-702, 2014.

SILVA, Ilma Maria de Oliveira; COELHO, Arlete Coelho de Sousa. Alunos indígenas nas escolas públicas urbanas: inclusão ou exclusão velada? *In*: Reunião Anual da SBPC, 72. **Anais** [...]. [*S. l.*]: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2020. p. 1-3.

SILVA, Tabita Fernandes. **História da língua tenetehára**: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Gurani do tronco tupi. 2010. 1145f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SOBO, Elisa J.; DE MUNCK, Victor C. The forest of methods. *In*: DE MUNCK, Victor C.; SOBO, Elisa J. (org.). **Using methods in the field**: a practical introduction and casebook. Walnut Creek, Califórnia: Altamira Press, 1998. p.13–37.

SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (org.). **Research methods in the social sciences**. London: Sage Publications, 2005.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. California: University of California Press, 1988.

THOMASON, Sarah. G. **Language contact**. Washington, DC: Georgetwon University Press, 2001.

TREFFERS-DALLER, Jeanine; SAKEL, Jeanette. Why transfer is a key aspect of language use and processing in bilinguals and L2-users. **International Journal of Bilingualism**, [*s. l.*], v. 16, n. 1, p. 3-10, 2012.

UNESCO. **Atlas de las lenguas en peligro en el mundo**. 3. ed. Paris: Publicações UNESCO, ONU, 2010. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000189453. Acesso em: 23 mar. 2025.

VALLEJOS, Rosa. **A grammar of Kukama-Kukamiria**: a language from the Amazon. Boston: Brill, 2016.

VELÁZQUEZ-CASTILLO, Maura. Serial verb constructions in Paraguayan Guarani. **International Journal of American Linguistics**, [*s. l.*], v. 70, n. 2, p. 187-214, 2004.

VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. Análise Comparativa para Detectar Auxiliaridade Verbal e Predicadores Complexos. *In*: VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. **Predicar**: uma rede de perspectivas metodológicas. São Paulo: Editora Blucher Open Access, 2022. p. 235-284.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**: finding and problems. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

YAMAGUTI, Bruna. **Única escola indígena do DF é inaugurada em região nobre de Brasília**. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/04/19/unica-escola-indigena-do-df-e-inaugurada-em-regiao-nobre-de-brasilia.ghtml. Acesso em: 20 out. 2024.

ZANNONI, Claudio. **Conflito e coesão:** o dinamismo Tenetehara. Brasília: CIMI (Conselho Indigenista Missionário), 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DOS TEXTOS ORAIS EM GUAJAJARA E PORTUGUÊS

Os eventos de fala gravados estão identificados por temas e os participantes (de nossa pesquisa) envolvidos identificados com "Part." (participante), seguido das iniciais do nome de cada um. Os textos acompanham, ainda, uma breve descrição do contexto de fala. As partes inaudíveis estão representadas por (...).

1. Interação entre avó e neta

Participantes: JLOG e a neta

Geração: mais jovem

Contexto: JLOG está com a neta recém-nascida no colo enquanto eu aplicava o questionário sociolinguístico. A criança começou a chorar e JLOG gritou para algumas pessoas que estavam um pouco distantes, que mandassem sua outra neta, Thayná, ir até a casa buscar um maracá para a bebê.

Part. JLOG:

e-mu-ru-kar	*Thayná*	*e-zur*	*rihi*	*Thayná*	*wà*
2-CAUS-vir-CAUS	Thayná	2-vir	EXORT.	Thayná	MF

'manda a thayná vir aqui agora'.

w-eru-ur	*maracá*	*xe*
3-COMIT-trazer	maracá	aqui

'traz o maracá aqui'.

pe-ho	*maracá*	*piaromo*	*e-ho*
2PL-ir	maracá	buscar	2-ir

'Vai. Vai buscar o maracá'.

h-eru	*xe*	*ri*	*lôra*
3-COMIT.	aqui	agora	loira

'vem cá agora, loira (Thayná)'.

Mãe da Thayná:

kwez	*w-era-ha*
aí	3-COMIT-ir

'tá levando aí (o maracá)'

2. Cultura: Confecção de artesanato

Participante: Cacique HG

Geração: mais velha

Contexto: HG descreve os artesanatos que confecciona, como meio de ganhar dinheiro.

nezewe	*xe*	*temetarer*	*i-pyhyk*	*w-ixe*
é.assim	aqui	dinheiro	3-pegar	3-entrar

‘é assim que a gente ganha nosso dinheiro aqui’

ma'e	*i-apo*	*haw*	*r-ehe*
coisa	3-fazer	NMLZ	R-a.respeito.de

‘fazendo artesanato’.

temetarer-a’i	*i-pyhyk*	*haw*
dinheiro-DIM	3-pegar	NMLZ

‘(para) pegar num dinheirinho’.

ma’e	*i-apo po*	*haw*	*tete-a’u-gatu*
coisa	3-fazer	NMLZ	muito-AUM-ENF

‘faço muitas coisas (com artesanato)’.

kyhaw,	*i-mu-myk-’aw*	*nezewe*	*a’e*	*no*
rede	3-CAUS-ficar.seguro-cabelo	assim	3	Part.

‘rede, palito para amarrar cabelo. É assim’

àkà	*r-ehe*	*no*	*karaiw*	*i-ze’eg*	*r-upi*
cabeça	R-a.respeito.de	Part	não-indígena	3-falar	R-em

‘cocar, capacete na língua do branco (karaiw)’.

h-eta	*ma'e no*	*h-eta*	*mu’yra*	*no*
3-ter	coisas	3-ter	miçanga	Part

‘tem outras coisas, tem colar (miçanga)’.

h-eta	*ma’e*	*no*	*namipobikwar*	*no*
3-ter	coisas	Part	orelha.furada	Part

‘tem brinco’.

a'e	*tentehar*	*udima’a*
3	índio	artesanato

‘essa é a cultura do índio’

adihamete	*a’e*	*r-ehe*	*temetarer*	*i-pyhyk-aw*
verdade	3	R-a.respeito.de	dinheiro	3-pegar-NMLZ

‘é verdade, [mexendo em artesanato] pega no dinheiro’.

a’e	*r-upi*	*zo*	*a-(a)po*	*pa*
3	R-em	só	1SG-fazer	HF

‘é só assim que eu faço’.

3. Cultura: confecção de artesanato

Participante: JLOG

Geração: mais jovem

Contexto: Em sua fala, JLOG simula como conversa com os outros artesãos da cidade para negociar a compra e a venda de artesanatos.

u-(z)-apo apo	*artesanato*	*kyn wà*
3-fazer	artesanato	MF

‘o povo tá fazendo artesanato’.

t-apo apo	*artesanato*
3-fazer	artesanato

‘estamos fazendo artesanato’.

nezewe mehe	*zo*	*t-inu*
é.assim	só	3-ouvir

‘é só assim para nos ouvir’

t-ipyhyk	*temeterer*	*zane’a*	*no*
3-pegar	dinheiro	1PL	também

‘(para) nós pegar no dinheiro também’.

pe-z-apo po	*ihe-wi*	*no*
2PL-(z)-fazer	1SG-DAT	também

‘Vocês fazem [artesanato] pra mim também’.

ihe	*a-me’eg-kar*	*pe-wi*	*iha*	*kury*
1SG	1SG-comprar-CAUS	2PL-de	1SG	agora

‘eu compro [artesanato] de vocês agora’.

pe-z-apo apo	*artesanato*	*wà*	*a-me’eg-kar*	*pe-wi*	*mehe*
2PL-(z)-fazer	artesanato	MF	1SG-comprar-CAUS	2PL-de	quando

‘quando vocês fizerem artesanato, eu compro de vocês’.

pe-z-apo	*tete-a’u*	*mehe*	*kury*
2PL-z-fazer	muito-AUM	quando	então

‘quando vocês fizerem muito’.

4. Cultura: Festa do moqueado

Participante: ELOG

Geração: mais velho

Tradutor: ELOG

Contexto: ELOG narra sobre uma das festas mais tradicionais do povo Guajajara: a festa do moqueado, que celebra a transição das meninas para a vida adulta, após a primeira menstruação.

kwehe	*mehe*	*kuzà*	*waza*	*u-ze-mynyari*
PASS.DIST	quando	mulher	virgem	3-REFL-menstruar

‘Antigamente, quando a menina ficava moça (menstruava)’

u-(z)-apo	*i-apo-haw*	*kury*	*ma’a kê'ê*	*i-zegar-haw*
3-(z)-fazer	3-fazer-NMLZ	então	moqueado	3-cantar-NMLZ

izupé	*kuzà-waza*
POSP	mulher-virgem

‘faziam festa de *muken* (festa do moqueado) para ela (menina moça)’.

o-mono	*tutà pyme*	*kury*
3-colocar	tocaia	agora

‘(o pai) coloca na tocaia (quarto)’

kuzà-waza	*u-ze-mynyari*	*makuera*
mulher-virgem	3-REFL-menstruação	óleo

u-mu-pihuny	*zanypaw*	*pupe wà*	*kury*
3-CAUS-pretojenipapo	POSP	ADV	

‘pinta a menina moça com o óleo de jenipapo agora’

u-(z)-apo	*u-zuka*	*miara*	*o-ho*	*wà*	*kury*
3-(z)-fazer	3-matar	caça	3-ir	PL	ADV

ka’a	*wà*	*kury*
mata	PL	ADV

‘eles vão para a mata matar a caça agora’.

make’e	*i-(z)-apo*	*mehe*
carne moqueada	3-(z)-fazer	quando

‘quando eles fazem o moqueado’.

a’e	*aha*	*mehe*	*wà*	*kury*
3	ir	quandoPL	agora	

‘agora quando eles forem aí’

u-zur	*t-u*	*w-n-amuz*	*u-erur*
3-vir	3-pai	3-(n)-avós	3-COMIT

‘vão trazer o pai (e) avós dela [menina moça]’

o-mano	*kuzà-wàza*	*t-u*	*tàpuz*	*me*	*a'e*	*kury*

3-colocar mulher-virgem 3-pai casa POSP 3 agora
‘o pai dela coloca a menina moça na tocaia agora’

a’e’a mehe u-putar a’e kuzà-wàza tàpuz me
3SG quando 3-FUT 3 mulher-virgem casa POSP
‘naquele dia a menina moça vai ficar na tocaia’.

a’e’a mehe u-(z)-apo ma’a kê’ê
3SG quando 3-(z)fazer carne moqueada
‘naquele dia faz a carne moqueada (assada)’.

u-zegar-haw wà kawi-tue-haw r-upi wà
3-cantar-NMLZ PL cachaça-ENF-NMLZ C-em PL
‘eles fazem a festa (e) bebem muita cachaça na festa’

passar cinco ’ar tapuz me kuzà-waza u-ze-myny'ar
passar cinco dia casa POSP mulher-virgem 3-REFL-menstruar
‘a menina moça passa cinco dias dentro da tocaia’.

5. Cultura: Festa do moqueado

Participante: IPOG

Geração: mais jovem

Tradutor: N.

Contexto: A participante de outra geração mais jovem narra para mim o mesmo ritual tradicional, a festa do moqueado, que foi relatada no texto anterior, pelo participante da geração mais velha.

ure krukurà Tereza kuzà ramanyara
1PL.excl. mulher não indígena Tereza moça menstruação
‘Nós, Tereza, quando a menina fica moça’

ramanyara pytay ramanyara u-uwàxa primeira-haw
menstruação um menstruação 3-encontrar primeira-NMLZ
‘quando achamos a primeira menstruação’

u-mu-pihun (…) *dira ta ya ranypaw kàty*
3-CAUS-preto tirar Pt genipapo ralar
‘tira genipapo, rala e pinta (a menina moça)’

nere ire o-ho tapui (...) ko aku tapui no tukai pupe
depois disso 3SG-ir casa estar quente (resguardo) tocaia POSP
‘depois disso (a menina moça) vai ficar dentro de casa de resguardo e depois vai dentro da tocaia.

passado também oito dias *tucai pupe no*
passado também oito dias tocaia POSP Pt

‘passado também oito dias dentro da tocaia’
(...)
huwer pupe tucaz rapo dupe no
folha POSP tocaia fazer para ela Pt
‘(tira) a palha (de açaí, juçara) para fazer a tocaia para ela’

u-zegar tayhe u-zegar (...) *pynyk t-àmuz wà*
3-cantar tia 3-cantar dançar avô PL
‘as tias, o avô cantam e dançam’

u-rapo make`e wà no
3-fazer carne.assada PL Pt
‘eles fazem o moqueado’

u-zapo i-zegar-haw izupe wà no
3-fazer 3-cantar-NMLZ para ela PL Pt
‘eles fazem a festa para ela’

u-ruka tawary ka`i
3-matar capelão macaco
‘eles matam capelão, macaco’

nezewe ma`e ure viver ka`a pe tentear ure`a
é assim 1PL.incl viver mato LOC tentehar 1PL.incl
‘é assim que nós indígenas Tenetehar vivemos no mato’

uru-puner kwaw uru cultura ma’e deixar haw rehe
1PL.incl-poder NEG 1PL.incl. cultura coisa deixar R-a .respeito.de
‘nós não podemos deixar a nossa cultura acabar’.

6. Diálogo: Conversa ao telefone

Participantes: EBSG e sua irmã que mora na aldeia (TI)

Geração: mais jovem

Contexto: Enquanto eu fazia as perguntas do questionário sociolinguístico para EBSG, sua irmã, que mora na aldeia de Bom Jesus das Selvas-Ma, telefonou para ele. EBSG atendeu o telefonema no viva-voz, o que me permitiu ouvir também a fala de sua irmã. Durante a comunicação ele mescla sua fala entre o português e o Guajajara.

Part. EBSG:

Oi, Oi i-katu ko r-ubi nute
Oi, oi! 3-bom aqui R-por POSP
‘Oi, por aqui tá bom também’.

pape *a-z-apó-haw kury*

papel 1SG-(z)-fazer -NMLZ ADV
Tô fazendo uma entrevista (máquina de fazer papel)'

Part. EBSG:

kwe r-ubi nupa
aí R-por POSP
'por aí (também, tá bom?)'

Irmã:

Papai ne-r-(e)ze'eg-wer nupa
papai 1SG-INV-falar-DESID POSP
'O papai quer falar com você'.

Part. EBSG:

a-iko xe xe
1SG-estar aqui
'Estou por aqui ainda'.

Part. EBSG:

Tô aqui eu mais a professora (Tereza), tô pegando uma aula aqui. Mas já tô quase terminando aqui já. Falta só umas zôta pergunta agora.
(...)

'Talvez vocês vão conhecer (Tereza) também aí qalquer hora aí, levar ela aí na aldeia aí pra conhecer'.

Irmã:

(...)

Part. EBSG:

Aldeia 'y-zygwar wi aldeia e foto kury
aldeia poço POSP aldeia e foto ADV
'foto da aldeia e do poço'.

Part. EBSG:

e-ze'eg kali ano
2SG-falar Kali POSP
'falou com o kali? (Kali é irmão do Eduardo)

Irmã:

ze'eg 'y'a
falar MF
'Pode falar'.

Part. EBSG:

ta'e	*ano*	*pape*	*mugeta*
porque	POSP	papel	ler

‘porque tô preparando um documento’.
u-paw
3-acabar
‘Já acabou’.

u-ze’eg
3-falar
‘Fala’.

7. Interação entre mãe e filho

Participantes: JLG e seu filho

Geração: mais jovem

Contexto: Do lado de fora da casa, JLG fala para o seu filho Edu, que acabou de entrar na casa, que ela guardou a comida dele. O filho não fala Guajajara, mas entende algumas coisas.

Part. JLG:

Edu	*aipo*	*e-zur*	*iko*
Edu	INTER	2SG-vir	ɔ-estar

‘Edu, está vindo?

temi’u	*zapepo*	*i-’aromo*
comida	panela	3-em.cima.de

‘a comida está em cima da panela’.

(...)

panela	*i-’aromo*	*zapepo*	*i-’aromo*
panela	3-em.cima.de	panela	3-em.cima.de

(...)

fogão	*pe*	*kwez*
fogão	LOC	passado imediato

‘deixei a comida em cima da panela no fogão’.

7. Diálogo: entre marido e mulher

Participantes: JLG e seu esposo ELOG

Geração: mais velha (esposo) e mais jovem (esposa)

Tradutor: ELOG

Contexto: JLG olha para o neto (criança) que está arrancando milho e começa a falar para seu esposo, ELOG, sobre o que o neto está fazendo. Depois fala sobre o filho que ela havia guardado a comida para ele. Em alguns momentos, seu esposo, o Cacique ELOG, interage na conversa.

Part. Jocilene:

i-(z)uhaw *nazewe*
3-(z)quebrar desta.maneira
'tu vai quebrar desse jeito aí'.

u-pyhyk *paw* *kury*
3-pegar todas ADV
'já pegou todas'.

Part. ELOG:

'Quem é que vai levar de novo?'

Part. JLG:

emuapyk *rihi* *pe pe*
deixar EXORT LOC
'pode deixar aí mesmo'.

'bota pra li oh, ei, Edu'.
w-erur
3-COMIT
'traz [pra mim, o milho]

Part. ELOG:

ere-mai'u-wer *kwaw* *na* *aipo* *ne* *yn* *nu pa*
2SG-comer-DESID NEG NEG INTER 2SG NEG HF
'tu não vai querer comer agora não?'

O Edu *u-mai'u* *oho*
O Edu 3-comer ir
'O Edu foi comer'.

ne *tua'u* *putar* *kwez pa*
2SG crescido FUT HF
'tu [o neto] vai crescer ainda'.

Part. JLG:

temi'u *u-z-apo* *ra'a* *amô'a* *diferente*
comida 3-(z)-fazer DUB INTER diferente
'quem fez essa comida diferente, mamãe?' (OBS: Aqui JLG reporta a fala de seu filho sobre o diálogo 6 acima.)

h-einyr *u-z-apo* *kyn ma*
3-irmã.do.homem 3-(z)-fazer MF
‘tua irmã [que] fez [a comida]’.

8. *kihaw* ‘rede’

Participante: JLOP

Geração: mais jovem

Tradutor: N

Contexto: JLOG relata para mim como é o processo de confecção da *kihaw* ‘rede’ que ela mesma faz.

ihe *iha`a* *a-rapo* *kihaw* *naré*
SUJ 1SG 1SG-fazer rede ENF
‘eu mesma faço a rede’

a-tirar *iwira* *depois* *ama`i tiok* *ta no*
1SG-tirar pau depois enfiar ENF
‘eu tiro o pau, depois eu mesma enfio (a linha)’

depois que terminar *amixoga* *wira* *wà*
depois que terminar enfiar pau Pt
‘depois que terminar de enfiar o pau’

mono *iwira* *r-ehe* *no* *nerewe* *terminar* *iwira* *re no*
colocar pau C-POSP Pt ADV termina pau Pt
‘depois de colocar (a linha) no pau termina’

pihaw ta no *kihaw* *no naré*
tear Pt rede ENF
‘eu mesma estiro a linha (para fazer) a rede’

apiahaw *tari ri* *depois* *a-mono* *ta tiapa* *rehe* *no*
tear PASS depois 1SG-colocar punho C-POSP ENF
‘depois de estirar a linha eu coloco o punho na rede’

depois que terminar *tiapà* *r-ehe* *a-ker* *ta* *pupe* *kury*
depois que terminar punho C-POSP 1SG-dormir Pt POSP ADV
‘depois que terminar (de colocar) o punho eu mesma vou dormir (na da rede)’

só é *a`e rupi* *a-rapo* *iha*
só é então 1SG-fazer 1SG
‘então, só é isso mesmo (que) eu faço’.

9. Artesanato *aumumikaw* ‘palito para cabelo’

Participante: JLOG

Geração: mais jovem

Tradutor: N

Contexto: JLOG narra para mim todo o processo que envolve a confecção do *aumumikaw* ‘palito para amarrar o cabelo’, um dos artesanatos indígenas que ela faz para vender.

mu-my-kaw	*nerewe*	*u-axau*	*ma’e a’ya*	*ràgypy*
CAUS-ficar.seguro-NMLZ	ADV	3-furar	semente	primeiro

‘é assim, primeiro vai furar a semente (o caroço)’

depois	*u-axau*	*ma’eà’ya*
depois	3-furar	semente

Ø-mono’og	*ma’e rawer*
3-juntar	pena

‘depois de furar o caroço (semente) junta as penas’

nerewe	*kury*	*uru-pixita*	*ma`e rawer*	*ywyra-apyr*	*rehe*	*no*
ADV	ADV	1PL-amarrar	pena	árovore-ponta	R-POSP	ENF

‘depois disso amarra as penas na ponta do palito’

depois	*uru-pixi-haw*	*iwyra-apyr*	*rehe*	*no*
depois	1PL-amarrar-NMLZ	árvore-ponta	R-POSP	ENF

‘depois que amarra a ponta do palito’

u-pita	*ràgypy*	*me’eg-kar*	*ma’e*	*piràg-haw*
3-pintar	primeiro	Ø -vender-CAUS	coisa	vermelho-NMLZ
rehe	*no*			
R-POSP	ENF			

‘primeiro, compra a tinta vermelha e pinta’

newere kury	*mono*	*ta*	*kwarahy*	*rapino*
ADV	Ø-colocar		sol	PASS

‘depois disso vai colocar no sol’

umukatu	*rihi*	*mono*	*ta*	*mupiràg-haw*	*rehe*	*no*
limpar	FUT	Ø-colocar	Pt	vermelho-NMLZ	R-POSP	ENF

‘depois que limpar vai colocar tinta vermelha’

nerewere	*puragete*	*kury*	*mono*	*huwaz*	*rehe*	*no*
ADV	Ø-bonito	ADV	Ø-colocar	rabo	R-POSP	ENF

‘depois disso coloca o rabo e fica bonito’

palito ma`e	*mu-myk-haw*	*kury*	*nahe*
palito coisa	CAUS-ficar.seguro-NMLZ	ADV	ENF

‘palito é para amarrar (cabelo)’

a`e rubi	*mu-myk-haw*	*ti-apo-haw*	*u-axaw*	*rihi*
é assim	CAUS-ficar.seguro-NMLZ	3-fazer -NMLZ	3-furar	FUT

‘é assim que faz, fura (para) fazer palito’

depois	*kury*	*mono*	*huwaz*	*rehe*	*no*

depois ADV Ø-colocar rabo R-POSP ENF
‘depois coloca o rabo nele (palito)’

nerewere kury *uru* *ma`a* *piràg* *rehe* *no*
ADV 1PL coisa vermelho R-a.respeito.de ENF
‘depois disso agora nós (pinta) de vermelho (o palito)’

te-mu-puràg-ete *(a)mu-myk-haw* *nehe*
3-CAUS-bonito-INT CAUS-ficar.seguro-NMLZ FUT
‘o palito vai ficar bonito’.

a`e rupi *a-(r)-apo* *(a)mu-myk-haw* *ihe*
então 1SG-(r)-fazer CAUS-ficar.seguro-NMLZ 1SG
‘então, eu estou fazendo palito’.

10. Artesanato puturun ‘mocó’

Participante: JLOG

Geração: mais jovem

Tradutor: N

Contexto: JLOG narra o processo de confecção do mocó que ela mesma produz.

moco puturun *t-apo-haw* *nerewe* *iha* *no narè*
mocó mocó 3-fazer-NMLZ ADV 1SG ENF ‘
‘é assim que faz mocó’

nerewe *uru-ukwar* *ta no*
ADV 1PL.excl.-bater ENF
‘nós batemos assim’. [a participante faz gestos com as mãos batendo]

nerewe *ukwar* *rihe* (...)
ADV Ø-bater R-a.respeito.de
‘depois de bater (o mocó)’

u-(n)hem *u-mano* *ma`a* *ihàm* *mihe no*
3-COMIT 3-colocar coisa corda ENF
‘coloca o cordão nele (mocó)’

nerewe *kury* *u-mano* *ta* *izar* *pecura*
ADV agora 3-colocar dar dono procurar
‘agora vai procurar o dono (do mocó) para dar, colocar (o mocó)’

a`e rupi *a-rapó* *ihe*
3 1SG-fazer 1SG
‘então, é isso que eu faço’.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE HISTÓRIAS NARRADAS A PARTIR DE IMAGENS

Todos os textos dispostos no apêndice B foram histórias criadas pelos participantes através de imagens que apresentamos a cada um deles individualmente. Eles deveriam criar uma história da forma que se sentissem mais à vontade. Podendo imaginar o que estava acontecendo em cada cena (imagem), de forma sequencial. As imagens apresentadas para cada história estão no Anexo A.

11. Encantaria

Participante: JLOG

Geração: mais jovem

Tradutor: N

e-zur *xe* *rihi*
2SG-vir aqui agora
'Vem aqui logo'

ihe *ko* *xe* *iha pa*
SUJ estar aqui HF
'eu estou aqui'

eme'e *he* *rehe*
olhar 1SG R-a.respeito.de
'olha para mim'

ihe *ako* *a-iko* *xe* *iha ma*
SUJ estar 1SG-estar aqui MF
'eu que estou aqui'

e-zur *xe* *rihi* *xe* *e-zur* *rupa*
2SG-vir aqui agora aqui 2SG-vir HF
'Vem aqui. Vem aqui logo'

e-zur *xe* *kanu* *pupe* *a-ikó*
2SG-vir aqui canoa POSP 1SG-estar
'Vem aqui, eu estou dentro da canoa'

a-iko *'y-pykuz-haw*
1SG-estar água-mexer-NMLZ
`eu estou com o remo'.

ihe'a *xe* *'y* *ty* *be*
SUJ aqui água líquido LOC
'eu (estou) aqui no meio do brejo'

ihe *iha* *xe* *azuru* *ihá pa*

SUJ SUJ aqui papagaio HF
‘eu, papagaio... aqui’

ihe ihá xe a-ikó ma’é 'y-pukuz-haw
SUJ SUJ aqui 1SG-estar coisa água-líquido-NMLZ
‘eu estou aqui com o remo’

a-ikó xe he po iha pa
1SG-estar aqui 1 mão HF
‘eu estou aqui com (o remo) na mão’.

ihe ihá a-r-apo ma’a ihá
SUJ SUJ 1SG-r-fazer coisa 1SG
‘eu faço essas coisas (cesto)’.

na`hág ma’é Ø-mono-haw
isto aqui coisa Ø-colocar-NMLZ
‘isto aqui é para colocar as coisas (cesto)’.

munuku ihe ihá ma a`e ipe iha
cesto 1SG MF 1SG para 1SG
‘para mim (em guajajara), cesto se chama munucu’.

w-ikó hokó iwira-pyr-haw uwewe
3-estar pássaro árvore-ponta-NMLZ voar
‘O pássaro está voando em cima da ponta da árvore’.

iko roko wà
estar pássaro PL
‘estão os pássaros’.

ihe ihá xe he-puru-zuk-aiw iha pa
SUJ SUJ aqui ABS-gente-matar-ruim MF
‘eu sou muito valente’.

puru-zuk-aiw ihá
gente-matar-ruim 1SG
‘eu mato’.

ihe xe he-puru-zuk-haw ahy a-ikó ihá
SUJ aqui 1SG-gente-matar-NMLZ INT 1SG-estar 1SG
‘eu sou muito valente, vou te matar aqui’.

ukyr àmàn u-iko 'y àmàn
chover chuva 3SG-estar água MF
‘está chovendo’.

ukir iko àmàn
chover estar chuva
‘está chovendo’.

a-exak	*kura*	*'y*	*pa*	*iha ma*
1SG-ver	mulher	água	LOC	MF

‘eu vejo a mulher no brejo’.

12. Encantaria

Participante: ELOG

Geração: mais velha

Tradutor: ELOG

(...)

‘y	*ihu*	*uwaz*	*u-pytar*	*aldeia*	*a`e*
Água	grande	lado	3-ficar	aldeia	3

‘a aldeia fica do outro lado do rio’

‘y	*ihu*	*tentehara*	*wane kohaw*	*xe*
Água	grande	índio	aldeia	aqui

‘aqui é a aldeia dos índios’.

koko	*ymiuhaw*	*a`e*	*ta*	*xe*	*cesto*	*ihe*	*ri*
cofo	história	3	Pt	aqui	cesto	SUJ	Pt

‘eu (falo) a história do cofo, cesto aqui’.

(...)

karaiw	*u-zekok*	*iwiri*	*pype*
não indígena	3-encostar	pau.seco	POSP

‘y	*ihu*	*uwa*	*a`e*
água	grande	lado	3

‘o não indígena está encostado no pé do pau seco (árvore) do outro lado do rio’

ka`a	*i-pytun*	*ahy*	*a`e*
mata	3-preto	INTS	3

‘a mata é fechada’

Tenetehar	*kuzà*	*hagà paw*	*u-ze-(e)xak*	*kury*
indígena	mulher	foto	3-REFL-ver	ADV

xe	*‘y*	*ihu*	*uwaz*	*a`e*
aqui	água	grande	lado	3

‘a foto da mulher do outro lado do rio’

13. Encantaria

Participante: HG

Geracão: mais velha

Tradutor: N

xe	*xe*	*a-ikó*	*a-ha*	*teko*	*ne-piar-ràm*

aqui aqui 1SG-estar 1SG-ir pessoa 2SG-buscar-FUT
‘aqui, aqui, eu estou indo buscar você’.

a-iko *a-ha* *teko* *ne-piar-ràm* *pe be* *‘y* *uwaz we*
1SG-estar 1SG-ir gente 2SG-buscar-FUT LOC água lado
‘eu estou indo te buscar aí do outro lado do rio’.

a-iko *a-hem* *ty wà* *xe*
1SG-estar 1SG-chegar Pt aqui
‘eu estou chegando aqui’.

a-iko *a-ha* *a-ha* *ko*
1SG-estar 1SG-ir 1SG-ir estar
‘eu estou indo, eu estou indo’.

àman *u-kur* *ko* *xe* *xe*
chuva 3-chover estar aqui aqui
‘está chovendo aqui’.

teko *ranapaw* *xe* *xe*
gente desenho aqui aqui
‘desenho de gente aqui’.

papé *ete* *sere* *ranpáw*
papel INTS sereia desenho
‘desenho da sereia no papel’.

14. Jabuti e cachorro

Participante: JLOG

Geração: mais jovem

Tradutor: N

ihe *a-hem* *a-eru-(t)-eko*
SUJ 1SG-chegar 1SG-COMIT-estar
‘eu estou chegando’.

he-r-er *rawyti* (...)
1SG-r-nome jabuti
‘meu nome (é) jabuti’.

a-sak *zawar* *pe* *rubi*
1SG-ver cachorro LOC caminho
‘(eu - jabuti) vejo o cachorro na estrada’.

se *zawar* *he-r-esak* *u-he-zuka* *nehe* *‘u* *he* *nehe* *no*
se cachorro 1SG-inv-ver 3-inv-matar IRR comer 1 IRR Pt
‘se o cachorro me ver (ou) ele me mata ou vai me comer’.

a'e mehe	*a-kyze*	*t-eko*	*zawara*	*wy*
quando	1SG-ter.medo	1SG-estar	cachorro	Pt

'quando eu estou com medo do cachorro'.

ei, marawe	*a-ha*	*diwyra*	*nehe*	*ma*
ei, INTER	1SG-ir	ao redor	IRR	MF

'ei, como eu vou passar ao redor (do cachorro)?'.

aze	*zawar*	*he-r-esak*	*nehem*
se	cachorro	1SG-ABS-ver	FUT

u-xi'u	*be*	*nehem*	*u-he-(r)ukar*	*be*	*he*	*no*
3-morder	bem	FUT	3-inv-matar	bem	1	Pt

'se cachorro me ver, bem ele me morde (ou) bem (ele) me mata'.

15. Jabuti e cachorro

Participante: HG

Geração: mais velha

Tradutor: N

z-aha	*ty*
3-ir	HF

'vamos!'

i-'i	*a`e*	*zawar*	*zawyti*	*pe se*
3-dizer	3	cachorro	jabuti	

'o cachorro disse para o jabuti'.

zawyti	*Ø-eno*	*xe*	*z-aha-te*	*i-'i*	*zupe*
jabuti	3-chamar	aqui	3-ir-INTS	3-dizer	POSP

'o cachorro disse aqui para ele (o jabuti): vamos!'

16. Jabuti e cachorro

Participante: ELOG

Geração: mais velha

Tradutor: ELOG

aha	*zawyti*	*w-ikó*	*xe*	*zawar*	*h-akwer*
ir	jabuti	3-estar	aqui	cachorro	3-parte.de.trás

'o jabuti está indo atrás do cachorro'.

zawyti	*u-zan*	*kwaw*	*n-u-zàn*	*kwaw*	*zawar*	*izàwe a'e*
jabuti	3-correr	NEG	NEG-3-correr	NEG	cachorro	igual

'o jabuti não corre igual corre atrás do cachorro'.

17. Peixe

Participante: JLOG

Geração: mais jovem

Tradutor: N.

ihe *pira* *w-ekar* *u-umu-ham* *‘y* *pe*
SUJ peixe 3-procurar 3-COMIT-sair água LOC
‘eu, o peixe, tô procurando comida no rio’

u-exak *pira* *wà*
3-ver peixe PL
‘ele viu muitos peixes’

u-‘u *kuri* *pira* *wa*
3-comer agora peixe PL
‘(ele) comeu os peixes agora’

imave *Ø-ikó* *‘y* *be*
com.fome estar água LOC
‘(o peixe) está com fome no brejo’

w-ekar *u-umu-ham* *iko*
3-procurar 3-COMIT-sair estar
‘(o peixe) está procurando (comida)’

u-exak *kury* *wira* *h-apo* *kwer* *‘y* *pe*
3-ver ADV árvore 3-raiz PASS água LOC
‘ele (peixe) viu a raiz da árvore no brejo’

ume’u *ràm* *ma* *u-‘u* *kury*
comida FUT Pt 3-comer agora
‘(ele, o peixe) vai comer a comida agora’.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Nome do participante:_____
Naturalidade:_____
Endereço:_____
Idade:_____ Geração:_____
Data de nascimento:_____ Sexo: ( ) Feminino ( ) masculino
Grau de escolaridade:_____
Profissão/ocupação:_____
Língua materna:_____
Proficiência em: _____
É falante bilíngue? Sim ( ) Não ( )
Povo com quem tem contato:_____
Quanto tempo reside na cidade?_____
Local da coleta:_____ Data da Coleta:_____
número/código do colaborador:_____
Pesquisadora: Tereza Maracaipe Barboza

Tema: Língua *background* ("informações sobre a LI e/ou L2 do participante e de outras gerações de sua família")

Objetivo: verificar as mudanças intergeracionais no uso e transmissão do dialeto Guajajara.

Sugestão de análise: tabulação cruzada das características da língua dos pais com seus filhos, para estimar a taxa e direção da mudança da língua materna entre as gerações.

1. Primeira língua aprendida quando criança (L1)?
2. Com quem e como aprendeu o Guajajara?
3. Idade que aprendeu o Guajajara?
4. Idade que aprendeu português
5. Com quem e como aprendeu o português?
6. A L1 é falada com o pai e/ou a mãe?
7. A L1 é falada com irmãos e /ou irmãs?
8. Os pais também falam L1 (do participante) um com o outro?
9. Quando você era criança, qual a língua utilizada pelos seus PAIS para falar com você?
10. Os dois avós falam L1 – (paternos)?
11. Os dois avós falam português – (paternos)?
12. L1 do avô (paterno)?
13. L1 da avó (paterno)?
14. Língua da mãe quando criança com seus pais (mãe L1)?

15. Os dois avós maternos falam L1?
16. Os dois avós maternos falam português?
17. L1 do avô (materno)?
18. L1 da avó (materna)?
19- Quando você era criança, qual a língua utilizada pelos seus AVÓS para falar com você?
20- Qual a língua que você utilizava para se comunicar com seus AMIGOS quando era criança?
21- Você sabe qual a língua que seus pais aprenderam primeiro?
22- E hoje, qual a língua que você utiliza para se comunicar com seus pais e avós?
23. Seu cônjuge é indígena ou branco?
24. Língua materna do cônjuge?
25. Língua(s) faladas pelo cônjuge?
26. Língua que o participante costuma usar com o cônjuge?
27. Língua do cônjuge com seus pais?
28. Língua do cônjuge com os filhos?
29. Língua que o participante usa com seu (s) filho(s)?
30. Língua da (s) criança (s) com amigos?
31. língua do (s) filho (s) com seu (s) cônjuge (s)?
32. Língua que o participante usa com o (s) neto (s)?

Tema: Migração

Objetivo: Determinar quanto tempo os participantes estão morando na cidade e os contextos sociais envolvidos na migração e no contato.

Sugestão de análise: contextualização da situação de contato na cidade, as motivações envolvidas na migração e suas implicações linguísticas.

1. Local de nascimento (aldeia)?
2. Número de habitantes daquele lugar naquela época?
3. Local de residência atual?
4. Tamanho desse lugar?
5. Número de anos morando na cidade?
6. Ano em que veio morar na cidade?
7. Número de vezes que mudou durante os últimos 10 anos?
8. O participante já morou fora da aldeia antes?
9. Se sim, onde e por quantos anos?

10. Caráter do local atual (novo/antigo, centro /campo)?
11. Satisfação em morar neste lugar?
12. propensão para se mudar?
13. Preferência por morar na cidade ou na aldeia?
14. Quais os motivos que levaram você mudar da aldeia para a cidade?
15. Quais os motivos para permanecer na cidade?
16- Quando vocês conheceram os não-indígenas? Quem estabeleceu as primeiras relações?
17- Antigamente vocês mantinham algum tipo de relação com outras etnias? Qual (is)? Desde quando?
18. Como foi a chegada dos primeiros indígenas Guajajara aqui na cidade?
19. O primeiro local que passaram a morar quando vieram da aldeia para Imperatriz?
10. Como conseguiram se instalar nesse local que estão morando hoje?
21. Quantos eram quando chegaram aqui?
22. Quais foram os primeiros indígenas a morar aqui?
23. Quantos são hoje nesse espaço?
24. Você ainda tem contato com sua aldeia de origem?
25. Você já tinha contato com essa cidade quando morava na aldeia?
26. Como se dá a sua relação com não-indígenas aqui na cidade?
27. Você já falava português na aldeia antes de vir morar na cidade?
28. Qual língua você mais falava quando morava na aldeia?
29. Com quem falava?
30. Você ainda tem contato com a aldeia em que morava? (visita? Com que frequência?)

Tema: proficiência, uso e atitudes linguísticas
Objetivo: verificar qual a língua mais utilizada pelos falantes

1. Como se chama a (s) língua (s) que você fala?
2. Na cidade de Imperatriz tem algum lugar que você pode usar apenas o Guajajara? Quando? Onde? Quais situações e com quem?
3.Qual língua você costuma utilizar em:
a) Redes sociais
b) Mensagens de celular
c) Conversas por telefone
d) Anotações pessoais

4. Quanto a sua fluência em Guajajara:

	MUITO BEM	BEM	POUCO	MUITO POUCO
LÊ				
FALA				
ESCREVE				
ENTENDE				

5. Quanto a sua fluência em português:

	MUITO BEM	BEM	POUCO	MUITO POUCO
LÊ				
FALA				
ESCREVE				
ENTENDE				

6. Escreva o nome das figuras abaixo no dialeto Guajajara:

_____

_____

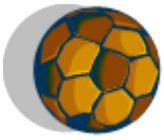
_____

_____

_____

_____

_____



_____

_____ _____

_____ _____

7. Qual a tradução desta frase:
heresak pe pe ne'a

_____

8. Qual a língua que você prefere utilizar para escrever? Por quê?

9. Que língua você usa mais, Guajajara ou português? Por quê?

10. Em qual situação você sente mais necessidade de usar a língua portuguesa? Por quê?

11. Qual língua você mais fala aqui na aldeia urbana? Com quem?

12. Da sua família aqui na aldeia urbana, quantos falam a língua Guajajara? E quantos falam o português?

13. Qual língua você prefere falar aqui na aldeia urbana?

14. Com quem você conversa em Guajajara na aldeia urbana? Quando isso acontece?

15. Com quem você conversa em português na aldeia urbana? Quando isso acontece?

16. Indígenas de outras etnias frequentam esta aldeia urbana? Qual (is) etnia (s)?

17. Quando você se encontra com algum indígena de outra etnia na aldeia urbana você usa qual língua e em qual (is) situação (ões)?

18. Na aldeia qual a língua mais usada entre:

a) amigos (adultos)

b) amigos (crianças)

19.Em qual língua você fala quando está namorando?

20. qual língua usada entre marido e mulher?

21. Quando você está falando em Guajajara já aconteceu/ou acontece de você usar alguma palavra ou expressão da língua portuguesa? Caso sim, qual e por quais motivos?

22. O que te levou a falar/aprender a língua portuguesa?

23. Na aldeia urbana você faz mais uso da língua portuguesa ou guajajara?

24. Que língua você acha mais bonita? Por quê?

25. Que língua você acha mais feia? Por quê?

26. Você acha que alguns Guajajara rejeitam a própria língua? Por quê?

27. Você acha que tem Guajajara que sente vergonha de falar a língua nativa?

28. Que língua você acha mais fácil? Por quê?

29. Que língua você acha mais difícil? Por quê?

30. Na aldeia quem fala melhor em português? Por quê?

31. Na aldeia quem fala melhor em Guajajara? Por quê?

32. Que língua você gosta mais de falar? Por quê?

33. Qual língua você fala mais no dia-a-dia? Por quê?

34.Você acha que tem diferença entre o português falado pelos Guajajara e o português falado pelos não-indígenas? Por quê?

35.Você acha importante que seus filhos aprendam Guajajara? Você saberia ensiná-los?

36. Você acha que o dialeto Guajajara está desaparecendo? Por quê?

37. Existe algum trabalho de preservação do dialeto Guajajara na aldeia urbana? Qual (is)?

FICHA DE USO LINGUÍSTICO NO NÚCLEO FAMILIAR GUAJAJARA

Objetivo: verificar qual a língua mais utilizada pelo grupo familiar.

Método: coletar com 2 ou 3 homens e 2 ou 3 mulheres (2 faixas etárias diferentes – da mesma família). Nesta etapa, será observado o uso linguístico (Guajajara e/ou português), no âmbito de 10 famílias do aldeamento.

NOME	PARENTESCO	IDADE

No.	Pergunta	Só Guajajara	Só Português	LI e LP	Mais LI	Mais LP	Observações
1	Língua de interação entre marido e mulher						
2	Língua de interação						

	entre mãe e filhos						
3	Língua de interação entre pai e filhos						
4	Língua de interação entre avós e netos						
5	Língua utilizada durante as refeições						
6	Língua utilizada em brincadeiras infantis						
7	Língua utilizada em brincadeiras e festas						

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Empréstimos linguísticos em guajajara (Tupí)

Nome do(s) responsável(is): Tereza Maracaipe Barboza
Número do CAAE: 30644420.3.0000.8142

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, na pesquisa "Empréstimos linguísticos em guajajara (Tupí)" orientado pelo Prof. Angel Humberto Corbera Mori, professor da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob a responsabilidade da pesquisadora Tereza Maracaipe Barboza. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem como objetivo assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra comigo, que sou a pesquisadora. Por favor, leia com atenção e calma, e tire suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá perguntar para mim. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Tendo em vista os processos históricos e migratórios do povo Guajajara, bem como os aspectos atuais que colocam os guajajara em situação de intensos contatos com a sociedade não indígena, esta pesquisa tem como objetivo investigar os empréstimos da língua portuguesa em guajajara e compreender quais as motivações levam os falantes guajajara usarem esses empréstimos. Pretende-se, ainda, verificar se a língua guajajara tem sofrido alterações e/ou mudanças na sua estrutura gramatical a partir do contato com a língua portuguesa.

Procedimentos:

Participando dessa pesquisa você está sendo convidado a: responder alguns questionários orais e/ou escrito sobre a língua e o povo guajajara, desenvolver textos escritos na língua guajajara, fazer o registro oral (áudio) e escrito de algumas sentenças e listas de palavras em guajajara, gravação de entrevistas em áudio, gravação em áudio e/ou vídeo de algumas narrativas e festas tradicionais do povo Guajajara. A previsão de duração da coleta de dados é de 2 anos (setembro de 2020 a setembro de 2022), com frequência de pelo menos duas idas a campo por ano, com duração de no máximo 30 dias nas aldeias em cada visita. Essas coletas de dados serão feitas em sua casa, assim, você não precisará se deslocar. A duração de cada coleta com um participante é de aproximadamente 50 (cinquenta) minutos. Os dados linguísticos coletados em áudio (sentenças, listas de palavras e textos em guajajara) serão transcritos com auxílio do programa ELAN (Eudico Language Annotator) e armazenados em um banco de dados no Programa Flex, para dar tratamento aos dados linguísticos (análise linguística). Todos os dados coletados, serão armazenados, também, em computador pessoal e HD externo por pelo menos 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16.

Desconfortos e riscos:

A sua participação nessa pesquisa poderá lhe causar algum tipo de cansaço pela duração da coleta de dados. Nesse caso, você poderá interromper imediatamente a sua participação. Usaremos apenas tecnologias de gravação já conhecida, isto é, gravador digital. Não há riscos

previsíveis. Mas, caso a pesquisadora ou o/a participante identifique algum dano no percurso da pesquisa, serão tomadas providências cabíveis.
Benefícios:
Esta pesquisa, após sua conclusão, tem como benefício oferecer recursos para a elaboração de programas de educação voltados para o povo Guajajara, com elaboração de materiais didáticos, a partir de dados obtidos na pesquisa, visando confeccionar recursos pedagógicos como cartilhas e livros de narrativas tradicionais guajajara para a educação bilíngue dos indígenas em atividades de sala de aula e fortalecimento da língua materna.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento, antes, durante ou até o término da pesquisa, os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação identificada será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado, nem seus dados de gravação em áudio e imagem.

Ressarcimento e Indenização:

Sua colaboração é voluntária e as gravações serão realizadas na comunidade que você reside, o que evitará qualquer despesa para o participante. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com a pesquisadora ou com o orientador dessa pesquisa:

Pesquisadora: Tereza Maracaipe Barboza, aluna do curso de Doutorado em Linguística, da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP
Endereço profissional: Instituto de estudos da Linguagem-IEL(Pós-graduação), Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Campinas-SP, Brasil. CEP 13083-859, telefone: (19) 3521-1502, e-mail: cpgiel@iel.unicamp.br
Telefone (94) 981705503 E-mail: terezamaracaipe@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2594770851848097
Orientador: Angel Humberto Corbera Mori, Professor do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Departamento de Linguística, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. E-mail: corbera.mori@gmail.com telefone: (19) 32342708/ 981378399 Lattes: http://lattes.cnpq.br/2662089601550549

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP, que tem atendimento ao público das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00, na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br

Você poderá, também, entrar em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que está localizada no endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D -

Edifício PO 700, 3º andar, Asa Norte, CEP: 70.719-040, Brasília-DF. Telefone: (61)3315-5877; e-mail: conep@saude.gov.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, para dar segurança, proteção e garantia dos direitos dos participantes da pesquisa. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. A CONEP coordena a rede Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Termo de Consentimento livre e esclarecido:

Esse *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* deverá ser assinado por você, caso concorde em participar, e pelo pesquisador responsável. Uma via desse Termo de Consentimento será entregue a você pelo pesquisador, mas você pode pedir qualquer esclarecimento adicional, a qualquer momento da sua participação na pesquisa, ou mesmo depois de encerrada, diretamente ao pesquisador ou à orientadora dele.

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante:

_____

Local:_____Data: ___/_____/_____

_____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Sobre a autorização para divulgação de imagem e voz:

( ) Sim, autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz

( ) Não, não autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz

_____

(Assinatura do participante)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, de acordo com as orientações da Resolução CNS 304/00, disponível em http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2000/reso304.doc

E da Portaria 177/PRES/2006, Artigo 6o, da FUNAI, disponível em http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/LEGISLACAO_INDIGENISTA/Cultura/portariadireitoautoral.PDF

Os contatos da CONEP (Conselho Nacional de Pesquisa) podem ser acessados via Telefone: (61)3315-5877 e pelo site:
http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html

Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa, exclusivamente, para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante. Comprometo-me, também, a divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível à população indígena pesquisada.

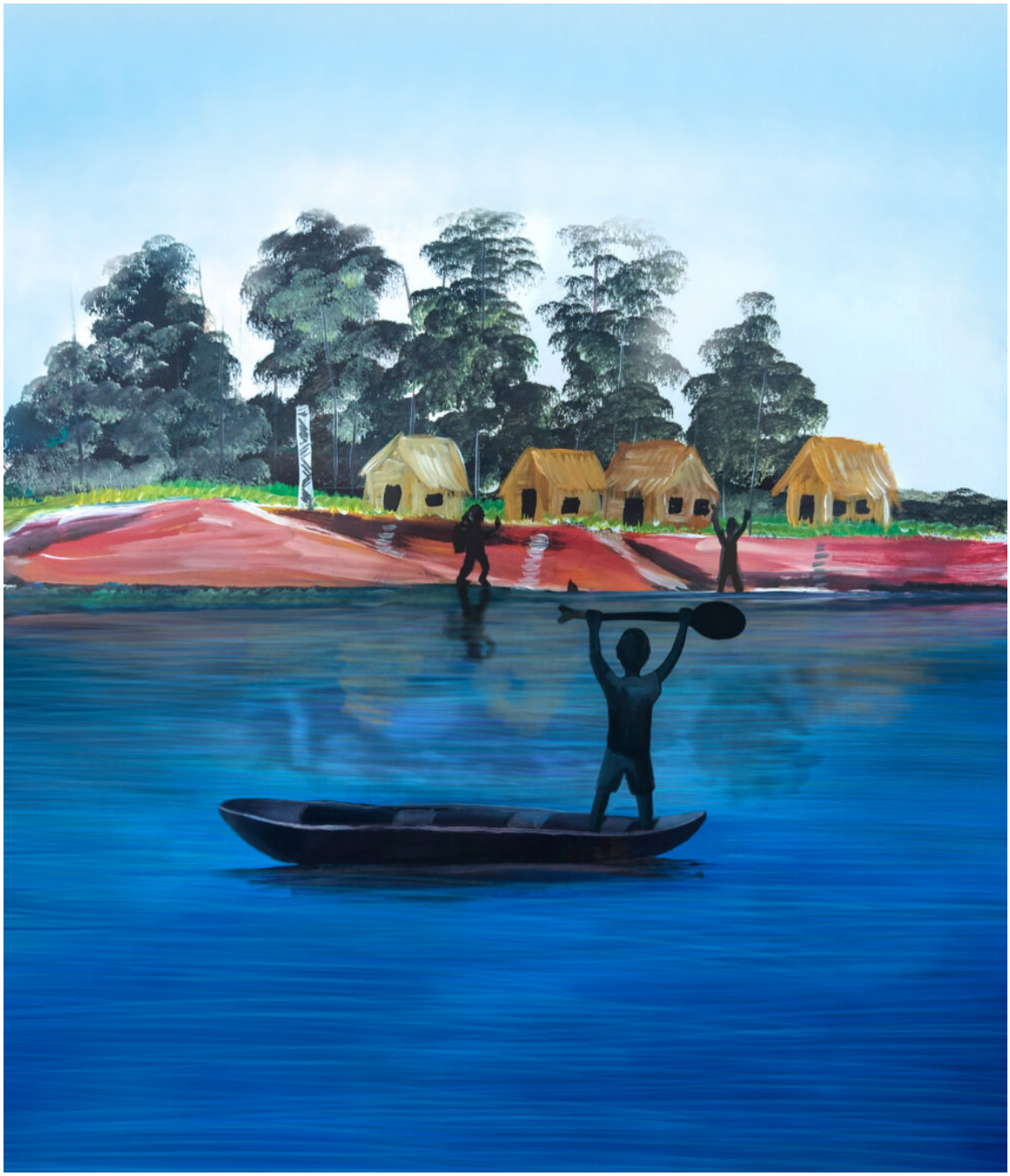
Data: _____/_____/_____.

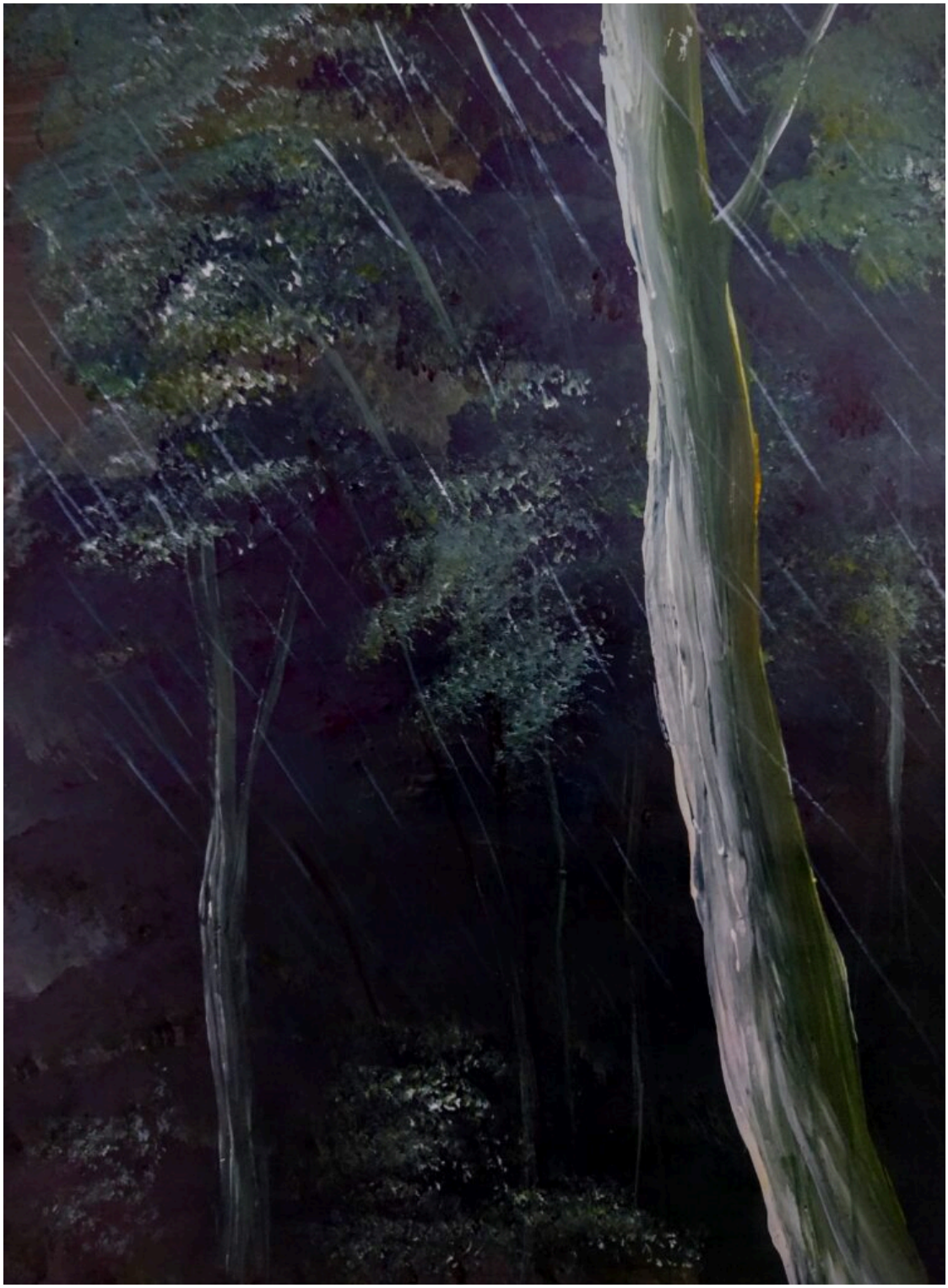
(Assinatura do pesquisador)

ANEXOS

ANEXO A – IMAGENS PARA COLETA DE HISTÓRIAS

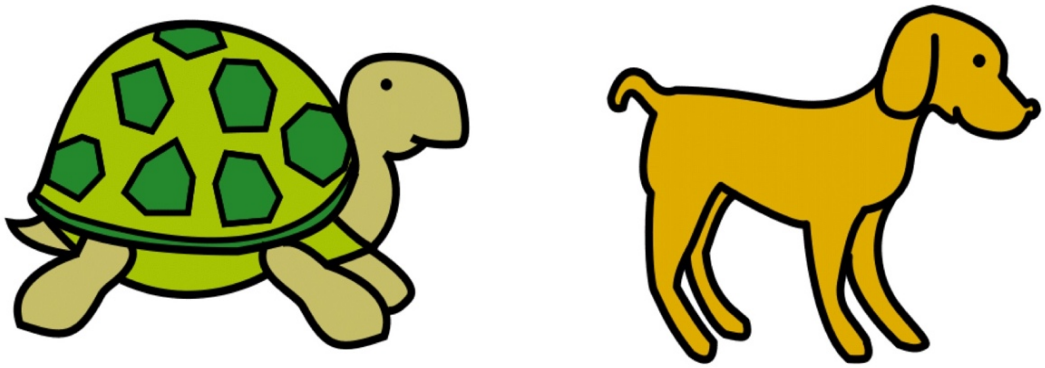
Texto: Encantaria (Lucas Morais Tucuju)





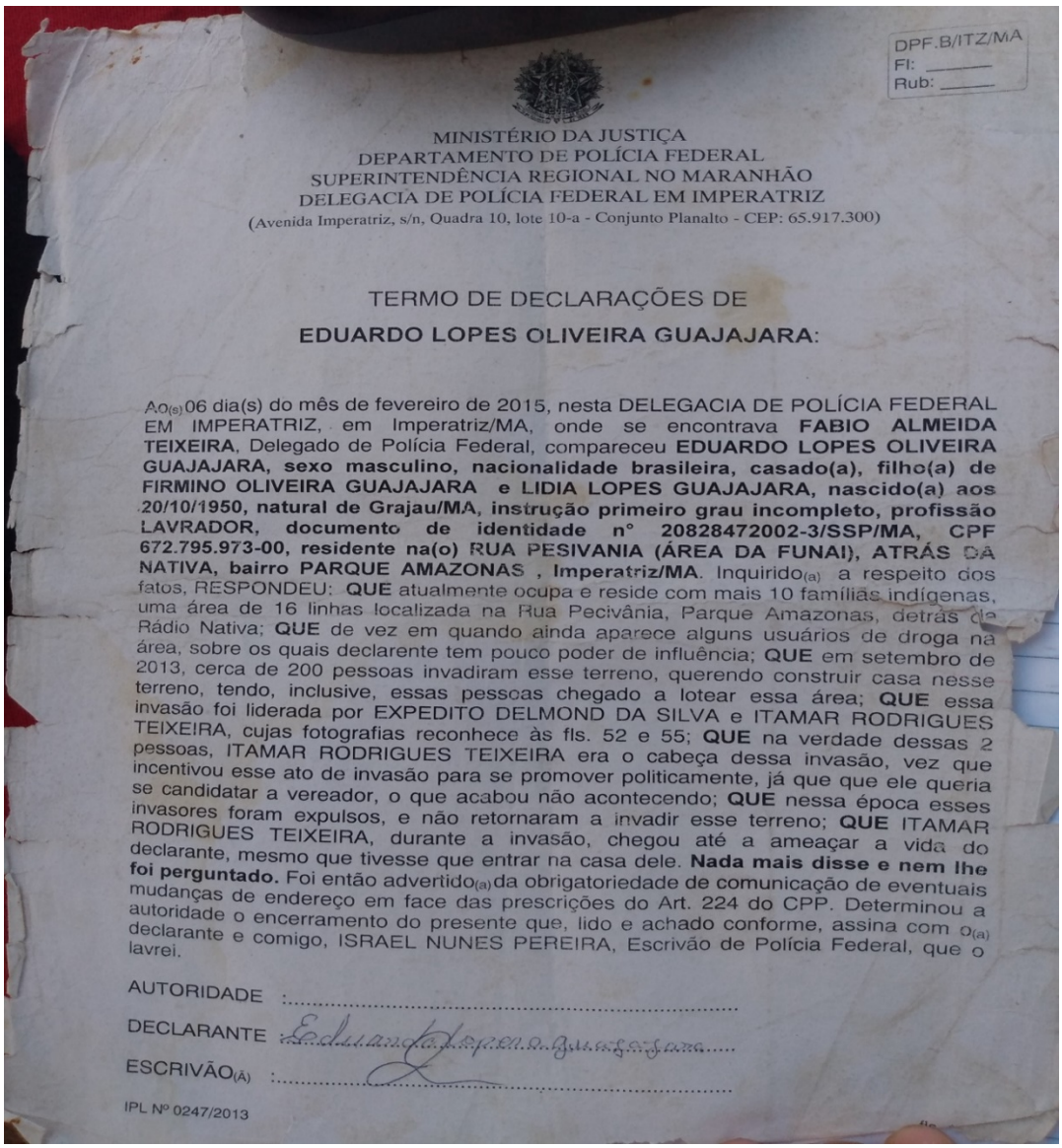
História: Jabuti e cachorro

Disponível em: https://pin.it/2eUYHlick



História: Peixe

ANEXO B – REGISTRO NA POLÍCIA FEDERAL DE OCORRÊNCIA DE CONFLITO NO ALDEAMENTO



DPF.B/ITZ/MA
Fl: _____
Rub: _____

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MARANHÃO
DELEGACIA DE POLÍCIA FEDERAL EM IMPERATRIZ
(Avenida Imperatriz, s/n, Quadra 10, lote 10-a - Conjunto Planalto - CEP: 65.917.300)

TERMO DE DECLARAÇÕES DE

EDUARDO LOPES OLIVEIRA GUAJAJARA:

Ao(s) 06 dia(s) do mês de fevereiro de 2015, nesta DELEGACIA DE POLÍCIA FEDERAL EM IMPERATRIZ, em Imperatriz/MA, onde se encontrava **FABIO ALMEIDA TEIXEIRA**, Delegado de Polícia Federal, compareceu **EDUARDO LOPES OLIVEIRA GUAJAJARA, sexo masculino, nacionalidade brasileira, casado(a), filho(a) de FIRMINO OLIVEIRA GUAJAJARA e LIDIA LOPES GUAJAJARA, nascido(a) aos 20/10/1950, natural de Grajau/MA, instrução primeiro grau incompleto, profissão LAVRADOR, documento de identidade nº 20828472002-3/SSP/MA, CPF 672.795.973-00, residente na(o) RUA PESIVANIA (ÁREA DA FUNAI), ATRÁS DA NATIVA, bairro PARQUE AMAZONAS , Imperatriz/MA**. Inquirido(a) a respeito dos fatos, RESPONDEU: **QUE** atualmente ocupa e reside com mais 10 famílias indígenas, uma área de 16 linhas localizada na Rua Pecivânia, Parque Amazonas, detrás da Rádio Nativa; **QUE** de vez em quando ainda aparece alguns usuários de droga na área, sobre os quais declarente tem pouco poder de influência; **QUE** em setembro de 2013, cerca de 200 pessoas invadiram esse terreno, querendo construir casa nesse terreno, tendo, inclusive, essas pessoas chegado a lotear essa área; **QUE** essa invasão foi liderada por EXPEDITO DELMOND DA SILVA e ITAMAR RODRIGUES TEIXEIRA, cujas fotografias reconhece às fls. 52 e 55; **QUE** na verdade dessas 2 pessoas, ITAMAR RODRIGUES TEIXEIRA era o cabeça dessa invasão, vez que incentivou esse ato de invasão para se promover politicamente, já que que ele queria se candidatar a vereador, o que acabou não acontecendo; **QUE** nessa época esses invasores foram expulsos, e não retornaram a invadir esse terreno; **QUE** ITAMAR RODRIGUES TEIXEIRA, durante a invasão, chegou até a ameaçar a vida do declarante, mesmo que tivesse que entrar na casa dele. **Nada mais disse e nem lhe foi perguntado.** Foi então advertido(a) da obrigatoriedade de comunicação de eventuais mudanças de endereço em face das prescrições do Art. 224 do CPP. Determinou a autoridade o encerramento do presente que, lido e achado conforme, assina com o(a) declarante e comigo, ISRAEL NUNES PEREIRA, Escrivão de Polícia Federal, que o lavrei.

AUTORIDADE : .....

DECLARANTE : Eduardo Lopes Oliveira Guajajara

ESCRIVÃO(Ã) : .....

IPL Nº 0247/2013

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DE INGRESSO EM TERRA INDÍGENA

3511380 08763.001210/2021-38

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

COORDENAÇÃO REGIONAL MARANHÃO
DIVISÃO TÉCNICA
SERVIÇO DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS E CIDADANIA

Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 2/CR-MA/2021

IDENTIFICAÇÃO			
NOME:	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	PROCESSO Nº:	08620.001210/2021-38
NACIONALIDADE:	BRASILEIRA	IDENTIDADE:	14945762000-9 - SSP/MA
INSTITUIÇÃO/ENTIDADE:	Universidade de Campinas-UNICAMP		
PATROCINADOR:	Universidade de Campinas-UNICAMP		

OBJETIVO DO INGRESSO
Autorização para entrada de Tereza Maracaipe Barboza, para a realização de Projeto de pesquisa científica, intitulado "Empréstimos linguísticos em guajajara (Tupí), junto aos Indígenas Guajajara, aldeia Parque Amazonas, na cidade de Imperatriz-Ma.

EQUIPE DE TRABALHO		
NOME	NACIONALIDADE	DOCUMENTO
Tereza Maracaipe Barboza	Brasileira	001.511.473-29

LOCALIZAÇÃO			
TERRA INDÍGENA:	Aldeia Parque Amazônas	POVO INDÍGENA:	Guajajara
COORDENAÇÃO REGIONAL:	Maranhão	CTL:	

VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO			
INÍCIO:		TÉRMINO:	

Autorizo.

Imperatriz/MA, 21 de outubro de 2021.

RESSALVAS:

- Esta autorização não inclui licença para uso de imagem, som e som de voz dos indígenas, para além do objeto desta autorização;

- Esta autorização não inclui acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade;
- Esta autorização não inclui acesso ao patrimônio genético;
- Remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas –
- AAEP/Presidência/Funai, mídia digital contendo: relatórios, artigos, livros, gravações audiovisuais, imagens, sons, outras produções oriundas do trabalho realizado e
- informações sobre o acesso na internet.

Documento assinado eletronicamente por **Emanuel Cícero Ângelo**, **Coordenador(a) Regional**, em 21/10/2021, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site: http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&idorgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador 3511380 e o código CRC **51A7C922**.

Referência: Processo nº 08620.002108/2007-26 SEI nº 3471740

ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP, CONEP E CNPq

UNICAMP - PRÓ-REITORIA DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - CHS/UNICAMP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS EM GUAJAJARA (TUPÍ)
Pesquisador: TEREZA MARACAIPE BARBOZA
Área Temática: Estudos com populações indígenas;
Versão: 1
CAAE: 30644420.3.0000.8142
Instituição Proponente: Instituto de Estudos da Linguagem
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.002.135

Apresentação do Projeto:
INTRODUÇÃO

A língua guajajara, segundo Rodrigues (1994), pertence ao subramo IV da família Tupi-Guarani, Tronco Tupi. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os Guajajara estão estimados em 24.428 pessoas e têm 8.269 falantes, habitando em onze terras indígenas, localizadas na região central do Maranhão, sobretudo nos municípios de Barra do Corda, Grajaú e Amarante.Este projeto de pesquisa é fruto dos questionamentos surgidos na pesquisa de mestrado (cf. BARBOZA, 2015), onde se notou o uso de elementos linguísticos tanto lexicais, quanto gramaticais, especialmente, de conjunções do português em sentenças faladas e escritas durante a comunicação em guajajara, em que os indígenas ao falar na sua língua nativa faziam a alternância de código (code-switching) para a língua portuguesa, usando conjunções dessa língua. Outro estudo científico realizado sobre a temática da influência linguística do português em guajajara é a tese de Silva (2010) que apresenta a interferência de elementos lexicais e gramaticais do português, entre eles as conjunções. E afirma "que várias estruturas gramaticais mais complexas já se encontram bastante sedimentadas nas duas línguas". (SILVA, 2010, p. 1118).Diante dessa verificação, tem-se as seguintes questões norteadoras: quais motivações de ordem cognitiva-funcionais envolvem os usos de conjunções de outra língua (português) no interior de sentenças em guajajara, tanto na modalidade oral quanto escrita? Como

as relações de junção e contrajunção nos diferentes domínios semânticos: explicativas, alternativas, adversativas, aditivas são estruturadas linguisticamente e qual a base conceptual dessa estruturação? Há outras categorias linguísticas (gramaticais) além das conjunções, sendo emprestadas do português? Quais os fatores linguísticos e extralinguísticos têm influenciado a interferência de elementos gramaticais do português em guajajara? Esta interferência dos elementos gramaticais do português pode representar uma possível mudança linguística estrutural na língua dos indígenas Guajajara? Ou até mesmo uma ameaça ao desaparecimento dessa língua? São pertinentes todas essas interrogações prévias, pelo fato dos estudiosos da Linguística de Contato, tais como Weinreich (1953), Thomason (2001) Appel e Muysken (1987), Matras e Sakel (2007), entre outros afirmarem que os empréstimos gramaticais da língua de contato levam a uma mudança estrutural e/ou morte da língua receptora. Esses autores ressaltam, ainda, que quanto mais elementos da língua fonte se integrarem na língua receptora e essas duas línguas tiverem uma estrutura tipológica totalmente diferente, a mudança na língua se mostra iminente. É o caso da língua guajajara em contato com a língua portuguesa, que apresenta uma estrutura tipológica totalmente diferente dessa língua indígena. Com o estudo dos empréstimos linguísticos em guajajara, espera-se esclarecer melhor a questão sobre possível mudança linguística induzida por contato íntimo das línguas. Para tanto, faz-se necessário uma análise de aspectos linguísticos do guajajara, sobretudo, os sintáticos. Tal análise contará, para além de pesquisas bibliográficas, de uma descrição linguística que pautar-se-á numa abordagem teórica FuncionalTipológica, a partir de Comrie (1989), Andrews (1985), Payne (1997), Dryer (1997), Croft (2000), (2003), Givón (2001). O projeto de pesquisa pretende estudar os empréstimos linguísticos do português em guajajara à luz da teoria do Contato de línguas, que tem como autores principais: Weinreich (1953), Thomason (2001) Appel e Muysken (1987), Matras e Sakel (2007) e dos pressupostos da Linguística Cognitivo-Funcional: Langacker (2008), Givón (2001), Neves (1997), Castilho (2012), Martelotta [et al] (2012), tendo em vista que são duas abordagens teóricas conciliáveis em função da concepção de linguagem sociointeracionista que as orientam - investigação dos fenômenos linguísticos em consonância com outros diferentes componentes (semântica, pragmática) fundamentais para a compreensão desses fenômenos, os quais envolvem as experiências do usuário da língua em interação social, com o ambiente físico e cultural no qual está inserido.A Linguística Cognitivo-funcional se caracteriza pelo estudo da língua centrada no uso, os fatos linguísticos são explicados a partir da conjugação de outros diferentes aspectos que atuam diretamente no modo como as construções linguísticas são estruturadas pelos falantes. Nessa perspectiva, a gramática não é vista como uma estrutura autônoma. Os sentidos são dependentes

do contexto, por isso, na gramática cognitivo-funcional outros componentes linguísticos, tais como a semântica e a pragmática estão imbricados no processo de construção do sentido. Especificamente, dentro da Linguística Cognitiva, Langacker (2008) lança a hipótese de que a gramática é uma conceptualização. De acordo com essa hipótese, a gramática cognitiva procura compreender como se constrói o conceito na mente do falante, levando em consideração tanto a articulação de elementos linguísticos quanto aspectos ligados ao sujeito, experiência de mundo do falante, seu ambiente, cultura e corpo. Embora seja um fenômeno mental, a conceptualização é fundamentada na realidade física: consiste na atividade do cérebro, que funciona como uma parte inteira do corpo, que funciona como parte integrante do mundo. Os significados linguísticos também são fundamentados na interação social, sendo negociados por interlocutores com base na avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções. (LANGACKER, 2008, p. 4)A fundamentação dos modelos teóricos do funcionalismo e da linguística cognitiva vê a situação comunicativa como um ato que aciona um conjunto de esquemas mentais: percepção, pensamento, imaginação, esquemas e conceptualizações que no contexto de uso real da língua produzem significados que são construídos a partir do conhecimento de mundo do falante, isto é, o sentido transmitido linguisticamente é sócio historicamente condicionado e interfere diretamente na forma como o falante estrutura os enunciados. Assim, a relação entre linguagem, realidade e cognição se interligam dentro do escopo da linguística centrada no uso.Nesse sentido, pretende-se, através da abordagem Cognitivo-funcional compreender como o falante guajajara constrói, em sua mente, a partir de sua experiência ligada ao seu ambiente, cultura, corpo e pensamento, enunciados em sua língua materna com recursos gramaticais de outra língua (português), tendo em vista que cada língua possui uma tipologia específica que revela diferentes formas de ver o mundo. As estruturas sintáticas de uma língua codificam certos significados específicos que incorporam uma certa visão de mundo.
(Wierzbicka, 1997)Quando o falante guajajara faz uso de recursos linguísticos de duas línguas tipologicamente diferentes pressupõe-se que ele constrói uma conceptualização que envolve dois mundos que fazem parte de sua experiência. Assim, os enunciados correspondentes aos domínios semânticos (das conjunções): adversativo, aditivo, alternativo, explicativo passam a ser construídos na mente do falante bilíngue guajajara a partir de relações de sentido com categorias linguísticas de outra língua que codifica significados específicos – outra visão de mundo. Porém, o intenso contato, interação social, novas experiências com a sociedade não indígena, têm proporcionado o desenvolvimento de uma conceptualização que se co-relaciona com estruturas linguísticas de duas línguas diferentes, cujas categorias (conjunções) emprestadas do português

preenchem funções (sentidos) semelhantes em guajajara. Pela abordagem da sociolinguística do contato de línguas, compreende-se que essa capacidade de perceber identidades entre categorias de duas línguas diferentes, reflete um contato intenso dos falantes com a língua não indígena, a qual tem atingido o nível gramatical do português na língua guajajara. Thomason (2001, p. 70) em sua obra Language Contact mostra uma escala que envolve diversas classes de palavras tomadas de empréstimos em diferentes graus de contato linguístico. Para a autora, os empréstimos estruturais, que contemplam, nesse caso, também os empréstimos de conjunções estão situados no "grau de contato um pouco mais intenso", onde os falantes que adotam empréstimos devem ser razoavelmente fluentes bilíngues, mas eles são, provavelmente, uma minoria entre os falantes de empréstimos. O léxico mais emprestado, nesse caso, são as palavras de função, como "conjunções" e partículas adverbiais como "então". Nessa fase, o empréstimo estrutural é considerado ainda menor. No "contato intenso" o sistema gramatical da língua de contato (receptora) é mais propenso a receber empréstimos de uma língua que tenha uma estrutura tipológica congruente do que em estruturas divergentes, sendo que um contato mais intenso é necessário para empréstimos de estrutura de línguas com tipologia diferente.De um modo geral, podemos classificar os Guajajara como uma comunidade inserida num bilinguismo social, tendo em vista que o domínio tanto da língua nativa (guajajara), quanto da língua de contato (português) atinge o nível de comunicação satisfatória entre os indígenas. Considerando, nessa perspectiva, a concepção de Appel e Muysken (1987), autor que defende que o contato intenso entre duas línguas, inevitavelmente, induz ao bilinguismo. A definição de bilíngue, no âmbito da literatura, envolve uma série de diferentes abordagens teóricas e conceituais. Neste estudo, consideramos a concepção de bilíngue de Weinreich (1953, p. 5) que disse que "a prática de usar, alternativamente, duas línguas serão chamadas de bilinguismo, e as pessoas envolvidas bilíngues". Optamos por essa definição do referido autor, pelo fato de não exigir que para ser considerado como um falante bilíngue é necessário ter controle nativo de duas ou mais línguas ou num outro extremo determinar que o indivíduo tenha pelo menos domínio em uma e/ou todas das quatro modalidades (fala, audição, escrita e leitura) na segunda língua, além da sua primeira competência linguística, tais como são propostas por outros autores.O estudo dos empréstimos linguísticos do português em guajajara, na perspectiva da teoria do Contato de línguas e dos pressupostos da Linguística Cognitivo-funcional contribuirão para descrever e analisar os dados não apenas pelo viés dos fatores linguísticos e extralinguísticos que induzem a tomada de empréstimos na língua guajajara, mas também, compreender, por meio dos pressupostos da Linguística Cognitivo-funcional, como o falante guajajara categoriza linguisticamente os diferentes domínios semânticos

das conjunções e de outras possíveis categorias linguísticas do português, a partir de um processo de conceptualização que envolve uma série de aspectos ligados à representação do mundo, os quais são atualizados linguisticamente nas situações de empréstimos.

HIPÓTESE

Uma descrição, sobretudo, dos aspectos sintáticos do guajajara, poderá contribuir na comparação e análise da atual configuração dessa língua, para verificar, através de um estudo tipológico, a hipótese de que as propriedades gramaticais do guajajara têm passado por algumas alterações e/ou mudanças na sua estrutura interna após contatos recentes ou antigos com outras línguas (português ou até mesmo outras línguas indígenas) e/ou por outras motivações de ordem interna ou sociocultural. Para isso, faremos um levantamento de trabalhos linguísticos anteriores sobre a língua guajajara para compararmos com os dados que obteremos em campo na nossa pesquisa.Temos como hipótese para o segundo objetivo específico que o grau de contato dos indígenas guajajara com a língua portuguesa é bastante intenso, o que se reflete no grande número de falantes bilíngues em todas as gerações e, principalmente, pelo que dizem os estudiosos da Sociolinguística do Contato de Línguas (Thomason, 2001) que os empréstimos de categorias gramaticais entre línguas tipologicamente diferentes, acontecem a partir de um contato mais intenso. Por isso, em nossa coleta de dados, faremos um mapeamento do histórico de contato dos guajajara desde períodos mais remotos até os dias atuais, bem como serão solicitados dados orais e escritos em diferentes gêneros para identificar a ocorrência desse tipo de empréstimos.Para o último objetivo, lançamos a hipótese de que o conhecimento de mundo, a experiência do falante indígena guajajara com dois mundos (indígena e não-indígena), e com duas línguas (guajajara e português) tem reorganizado o sistema linguístico da língua materna desse falante em conjunto com outro sistema linguístico, o português, fazendo-o adotar os empréstimos linguísticos do português. Ocorre o que é denominado por Fauconnier e Turner (1998): uma conceptual blending (mesclagem conceptual) que é a capacidade humana de perceber identidade entre conceitos e categorias e integrá-las por meio da imaginação.

METODOLOGIA PROPOSTA

Serão utilizados métodos etnográficos pautados em observações participantes, baseadas nas orientações de Angrosino (2009) e Gomes (2011) que nos propiciarão capturar e caracterizar o

repertório linguístico dos Guajajara. “A observação etnográfica [...] é feita em campo, em cenários de vida real. O observador tem assim, em maior ou menor grau, um envolvimento com aquilo que está observando”. (ANGROSINO, 2009, p. 74). A pesquisa com métodos etnográficos é fundamentada numa observação regular, por isso, o universo a ser pesquisado na comunidade Guajajara possibilitará, possivelmente, observar os empréstimos linguísticos em diferentes eventos de fala. O trabalho de campo oferece em alguns momentos, oportunidade em eventos de fala em que os participantes se encontram em contextos menos monitorados. É diante dessa situação (momentos de lazer, jogo de futebol, banho no rio, eventos da tradição e outros) que se espera obter dados mais precisos sobre a influência do português no guajajara.Seguiremos, também, os métodos do trabalho em Linguística de campo, baseada em Samarin (1967) com utilização de técnicas específicas para coleta de dados linguísticos: eventos de fala em narrativas orais, sentenças elicitadas, lista de palavras, textos escritos na língua guajajara, aplicação de questionários, entrevistas e gravação de narrativas:i. Técnica de Elicitação de Nomes de objetos e Conceitos que pertencem à competência do participante. Tal técnica valoriza a nomeação por meio de palavras contextualizadas.ii. Técnica Elicitação Interativa, que possibilitará a coleta de textos por meio de perguntas do tipo: O que é isto?; Como é feito isto?; Como chama esta parte?; A mulher pode usar isto?; entre outras; iii. Técnica de Elicitação por meio de Questionário previamente elaborado. Tal questionário possibilitará a coleta de paradigmas mais completos acerca de possíveis criações neológicas. iv. Técnica de Utilização de Material de Apoio que permitam a coleta de maior variedade na nomeação, como por exemplo: imagens de elementos da cultura.A partir do que foi apresentado acima, propomos como metodologia fazer a coleta de dados com os participantes, conforme o seguinte protocolo:a. Duração máxima de cada coleta: 50 minutos, conduzida de um modo mais informal possível.b. Entrevistas:Conversa sobre o povo e a língua gujajaraHistórico de contato com não indígenas e indígenas de outras etniasRelato de contato atual com não indígenas e com a língua portuguesac. QuestionáriosLista de palavras, sentenças elicitadas, línguas faladas na aldeia, língua que usa no ambiente familiar, nas festas tradicionais nas aldeias, nos rituais, na escola da aldeia, na interação na aldeia no dia a dia, no lazer e em outros contextos.d. Textos: Registro de textos orais (em áudio) e escrito em guajajara em diferentes gêneros.e. Gravações de eventos de fala (em áudio e/ou vídeo): Será solicitado aos participantes, gravações de alguns momentos particulares deles na aldeia: na interação familiar em casa, alguns rituais ou festas da tradição na aldeia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar os empréstimos da língua portuguesa em guajajara e compreender quais motivações de ordem cognitiva e, também, extralinguísticas levam os falantes guajajara adotarem esses empréstimos. Pretende-se, ainda, verificar se a língua guajajara tem sofrido alterações e/ou mudanças na sua estrutura gramatical a partir do contato com a língua portuguesa.

Objetivo Secundário:

-Fazer uma descrição de aspectos linguísticos do guajajara, sobretudo, os sintáticos, a partir da abordagem teórica Funcional-Tipológica.-Identificar e descrever os empréstimos gramaticais da língua de contato (português) no guajajara.-Analisar à luz dos pressupostos da Linguística Cognitivofuncional os aspectos relativos à compreensão e representação do mundo atualizados linguisticamente nas situações de empréstimos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

De acordo com a pesquisadora, “a participação do voluntário na pesquisa poderá causar algum tipo de cansaço pela duração da coleta de dados. Nesse caso, ele poderá interromper imediatamente a sua participação. Usaremos apenas tecnologias de gravação já conhecida, isto é, gravador digital. Não há riscos previsíveis. Mas, caso a pesquisadora ou o/a participante identifique algum dano no percurso da pesquisa, serão tomadas providências cabíveis”.

Benefícios:

A pesquisadora informa que “esta pesquisa, após sua conclusão, tem como benefício oferecer recursos para a elaboração de programas de educação voltados para o povo Guajajara, com elaboração de materiais didáticos, a partir de dados obtidos na pesquisa, visando confeccionar recursos pedagógicos como cartilhas e livros de narrativas tradicionais guajajara para a educação bilíngue dos indígenas em atividades de sala de aula e fortalecimento da língua materna”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este protocolo se refere ao Projeto de Pesquisa de Doutorado intitulado “EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS EM GUAJAJARA (TUPÍ)”, cuja pesquisadora responsável é a doutoranda Tereza Maracaipe Barboza sob a orientação do Profº. Dr. Angel Humberto Corbera Mori, enquadrado na Área Temática Especial: Estudos com populações indígenas e na Grande Área 8: Linguística, Letras e Artes e tendo como instituição proponente o Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Segundo as Informações Básicas do Projeto, a pesquisa tem orçamento estimado em R$6.180,00 (Seis mil, cento e oitenta reais) referente a alimentação, transportes e materiais e o Cronograma apresentado contempla a Coleta de Dados entre 14/09/2020 e 11/05/2022, envolvendo 36 participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1534324.pdf – Adequado.
folharostoassinada.pdf – Adequada.
PROJETOCEP.docx – Adequado.
CARTA.pdf – Adequada.
AtestadoMatricula.pdf – Adequado.
TCLE.docx – Adequado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo foi considerado aprovado neste CEP em 30/04/2020.

Vale ressaltar que a a tramitação do protocolo no sistema CEP-CONEP ainda NÃO foi finalizada e segue para apreciação da CONEP. A pesquisadora deve aguardar a finalização da tramitação antes de iniciar a pesquisa.

Não estão sob o escopo deste parecer

- Eventuais alterações documentais realizadas sem aviso prévio e/ou não solicitadas pelo CEP em forma de pendência ou de recomendação;
- Dados coletados em data anterior a do parecer de aprovação da CONEP;

Considerações Finais a critério do CEP:

- Vale lembrar que a interação com os participantes de pesquisa só pode ser iniciada a partir da

aprovação desse protocolo no CEP. Os cronogramas de geração/coleta de dados deve acompanhar os relatórios parcial e final de pesquisa

- Cabe enfatizar que, segundo a Resolução CNS 510/16, Art.28 Inciso IV, o pesquisador é responsável por "(…) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa".

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. (Res.510/16, Cap.III, Art.9, inciso II)

- A responsabilidade de obtenção de registro de consentimento, bem como o de sua guarda em segurança, é de inteira responsabilidade da equipe de pesquisa. Tais documentos podem ser solicitados a qualquer momento pelo sistema CEP-CONEP para fins de auditoria, bem como servem de proteção para os próprios pesquisadores em caso de eventuais denúncias por parte dos participantes.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

- Caso a pesquisa seja realizada ou dependa de dados a serem observados/coletados em uma instituição (ex. empresas, escolas, ONGs, entre outros), essa aprovação não dispensa a autorização dos responsáveis. Caso não conste no protocolo no momento desta aprovação, estas autorizações devem ser submetidas ao CEP em forma de notificação antes do início da pesquisa.

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Continuação do Parecer: 4.002.135

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1534324.pdf	08/04/2020 16:13:46		Aceito
Folha de Rosto	folharostoassinada.pdf	08/04/2020 16:05:04	TEREZA MARACAIPE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCEP.docx	08/04/2020 16:03:46	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito
Outros	CARTA.pdf	01/04/2020 19:24:44	TEREZA MARACAIPE	Aceito
Outros	AtestadoMatricula.pdf	01/04/2020 19:21:12	TEREZA MARACAIPE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	01/04/2020 19:16:56	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Sim

CAMPINAS, 30 de Abril de 2020

Assinado por:
Thiago Motta Sampaio
(Coordenador(a))

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS EM GUAJAJARA (TUPÍ)
Pesquisador: TEREZA MARACAIPE BARBOZA
Área Temática: Estudos com populações indígenas;
Versão: 3
CAAE: 30644420.3.0000.8142
Instituição Proponente: Instituto de Estudos da Linguagem
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.329.649

Apresentação do Projeto:
As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo “PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CONEP_4157411.pdf”, de 16/07/2020.

INTRODUÇÃO
A língua guajajara, segundo Rodrigues (1994), pertence ao subramo IV da família Tupi-Guarani, Tronco Tupi. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os Guajajara estão estimados em 24.428 pessoas e têm 8.269 falantes, habitando em onze terras indígenas, localizadas na região central do Maranhão, sobretudo nos municípios de Barra do Corda, Grajaú e Amarante. Este projeto de pesquisa é fruto dos questionamentos surgidos na pesquisa de mestrado (cf. BARBOZA, 2015), onde se notou o uso de elementos linguísticos tanto lexicais, quanto gramaticais, especialmente, de conjunções do português em sentenças faladas e escritas durante a comunicação em guajajara, em que os indígenas ao falar na sua língua nativa faziam a alternância de código (code-switching) para a língua portuguesa, usando conjunções dessa língua. Outro estudo científico realizado sobre a temática da influência linguística do português em guajajara é a tese de Silva (2010) que apresenta a interferência de elementos lexicais e gramaticais do português, entre eles as conjunções. E afirma “que várias estruturas gramaticais mais complexas já se encontram bastante sedimentadas nas duas línguas”. (SILVA

2010, p. 1118). Diante dessa verificação, tem-se as seguintes questões norteadoras: quais motivações de ordem cognitiva-funcionais envolvem os usos de conjunções de outra língua (português) no interior de sentenças em guajajara, tanto na modalidade oral quanto escrita? Como as relações de junção e contrajunção nos diferentes domínios semânticos: explicativas, alternativas, adversativas, aditivas são estruturadas linguisticamente e qual a base conceptual dessa estruturação? Há outras categorias linguísticas (gramaticais) além das conjunções, sendo emprestadas do português? Quais os fatores linguísticos e extralinguísticos têm influenciado a interferência de elementos gramaticais do português em guajajara? Esta interferência dos elementos gramaticais do português pode representar uma possível mudança linguística estrutural na língua dos indígenas Guajajara? Ou até mesmo uma ameaça ao desaparecimento dessa língua? São pertinentes todas essas interrogações prévias, pelo fato dos estudiosos da Linguística de Contato, tais como Weinreich (1953), Thomason (2001) Appel e Muysken (1987), Matras e Sakel (2007), entre outros afirmarem que os empréstimos gramaticais da língua de contato levam a uma mudança estrutural e/ou morte da língua receptora. Esses autores ressaltam, ainda, que quanto mais elementos da língua fonte se integrarem na língua receptora e essas duas línguas tiverem uma estrutura tipológica totalmente diferente, a mudança na língua se mostra iminente. É o caso da língua guajajara em contato com a língua portuguesa, que apresenta uma estrutura tipológica totalmente diferente dessa língua indígena. Com o estudo dos empréstimos linguísticos em guajajara, espera-se esclarecer melhor a questão sobre possível mudança linguística induzida por contato íntimo das línguas. Para tanto, faz-se necessário uma análise de aspectos linguísticos do guajajara, sobretudo, os sintáticos. Tal análise contará, para além de pesquisas bibliográficas, de uma descrição linguística que pautar-se-á numa abordagem teórica Funcional Tipológica, a partir de Comrie (1989), Andrews (1985), Payne (1997), Dryer (1997), Croft (2000), (2003), Givón (2001). O projeto de pesquisa pretende estudar os empréstimos linguísticos do português em guajajara à luz da teoria do Contato de línguas, que tem como autores principais: Weinreich (1953), Thomason (2001) Appel e Muysken (1987), Matras e Sakel (2007) e dos pressupostos da Linguística Cognitivo-Funcional: Langacker (2008), Givón (2001), Neves (1997), Castilho (2012), Martelotta [et al] (2012), tendo em vista que são duas abordagens teóricas conciliáveis em função da concepção de linguagem sociointeracionista que as orientam - investigação dos fenômenos linguísticos em consonância com outros diferentes componentes (semântica, pragmática) fundamentais para a compreensão desses fenômenos, os quais envolvem as experiências do usuário da língua em interação social, com o ambiente físico e cultural no qual está inserido. A Linguística Cognitivo-funcional se caracteriza pelo estudo da língua centrada no uso, os fatos

linguísticos são explicados a partir da conjugação de outros diferentes aspectos que atuam diretamente no modo como as construções linguísticas são estruturadas pelos falantes. Nessa perspectiva, a gramática não é vista como uma estrutura autônoma. Os sentidos são dependentes do contexto, por isso, na gramática cognitivo-funcional outros componentes linguísticos, tais como a semântica e a pragmática estão imbricados no processo de construção do sentido. Especificamente, dentro da Linguística Cognitiva, Langacker (2008) lança a hipótese de que a gramática é uma conceptualização. De acordo com essa hipótese, a gramática cognitiva procura compreender como se constrói o conceito na mente do falante, levando em consideração tanto a articulação de elementos linguísticos quanto aspectos ligados ao sujeito, experiência de mundo do falante, seu ambiente, cultura e corpo. Embora seja um fenômeno mental, a conceptualização é fundamentada na realidade física: consiste na atividade do cérebro, que funciona como uma parte inteira do corpo, que funciona como parte integrante do mundo. Os significados linguísticos também são fundamentados na interação social, sendo negociados por interlocutores com base na avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções. (LANGACKER, 2008, p. 4)A fundamentação dos modelos teóricos do funcionalismo e da linguística cognitiva vê a situação comunicativa como um ato que aciona um conjunto de esquemas mentais: percepção, pensamento, imaginação, esquemas e conceptualizações que no contexto de uso real da língua produzem significados que são construídos a partir do conhecimento de mundo do falante, isto é, o sentido transmitido linguisticamente é sócio historicamente condicionado e interfere diretamente na forma como o falante estrutura os enunciados. Assim, a relação entre linguagem, realidade e cognição se interligam dentro do escopo da linguística centrada no uso. Nesse sentido, pretende-se, através da abordagem Cognitivo-funcional compreender como o falante guajajara constrói, em sua mente, a partir de sua experiência ligada ao seu ambiente, cultura, corpo e pensamento, enunciados em sua língua materna com recursos gramaticais de outra língua (português), tendo em vista que cada língua possui uma tipologia específica que revela diferentes formas de ver o mundo. As estruturas sintáticas de uma língua codificam certos significados específicos que incorporam uma certa visão de mundo. (Wierzbicka, 1997) Quando o falante guajajara faz uso de recursos linguísticos de duas línguas tipologicamente diferentes pressupõe-se que ele constrói uma conceptualização que envolve dois mundos que fazem parte de sua experiência. Assim, os enunciados correspondentes aos domínios semânticos (das conjunções): adversativo, aditivo, alternativo, explicativo passam a ser construídos na mente do falante bilíngue guajajara a partir de relações de sentido com categorias linguísticas de outra língua que codifica significados específicos – outra visão de mundo. Porém, o intenso contato, interação social, novas

experiências com a sociedade não indígena, têm proporcionado o desenvolvimento de uma conceptualização que se correlaciona com estruturas linguísticas de duas línguas diferentes, cujas categorias (conjunções) emprestadas do português preenchem funções (sentidos) semelhantes em guajajara. Pela abordagem da sociolinguística do contato de línguas, compreende-se que essa capacidade de perceber identidades entre categorias de duas línguas diferentes, reflete um contato intenso dos falantes com a língua não indígena, a qual tem atingido o nível gramatical do português na língua guajajara. Thomason (2001, p. 70) em sua obra Language Contact mostra uma escala que envolve diversas classes de palavras tomadas de empréstimos em diferentes graus de contato linguístico. Para a autora, os empréstimos estruturais, que contemplam, nesse caso, também os empréstimos de conjunções estão situados no "grau de contato um pouco mais intenso", onde os falantes que adotam empréstimos devem ser razoavelmente fluentes bilíngues, mas eles são, provavelmente, uma minoria entre os falantes de empréstimos. O léxico mais emprestado, nesse caso, são as palavras de função, como "conjunções" e partículas adverbiais como "então". Nessa fase, o empréstimo estrutural é considerado ainda menor. No "contato intenso" o sistema gramatical da língua de contato (receptora) é mais propenso a receber empréstimos de uma língua que tenha uma estrutura tipológica congruente do que em estruturas divergentes, sendo que um contato mais intenso é necessário para empréstimos de estrutura de línguas com tipologia diferente. De um modo geral, podemos classificar os Guajajara como uma comunidade inserida num bilinguismo social, tendo em vista que o domínio tanto da língua nativa (guajajara), quanto da língua de contato (português) atinge o nível de comunicação satisfatória entre os indígenas. Considerando, nessa perspectiva, a concepção de Appel e Muysken (1987), autor que defende que o contato intenso entre duas línguas, inevitavelmente, induz ao bilinguismo. A definição de bilíngue, no âmbito da literatura, envolve uma série de diferentes abordagens teóricas e conceituais. Neste estudo, consideramos a concepção de bilíngue de Weinreich (1953, p. 5) que disse que "a prática de usar, alternativamente, duas línguas serão chamadas de bilinguismo, e as pessoas envolvidas bilíngues". Optamos por essa definição do referido autor, pelo fato de não exigir que para ser considerado como um falante bilíngue é necessário ter controle nativo de duas ou mais línguas ou num outro extremo determinar que o indivíduo tenha pelo menos domínio em uma e/ou todas das quatro modalidades (fala, audição, escrita e leitura) na segunda língua, além da sua primeira competência linguística, tais como são propostas por outros autores. O estudo dos empréstimos linguísticos do português em guajajara, na perspectiva da teoria do Contato de línguas e dos pressupostos da Linguística Cognitivo-funcional contribuirão para descrever e analisar os dados não apenas pelo viés dos fatores

linguísticos e extralinguísticos que induzem a tomada de empréstimos na língua guajajara, mas também, compreender, por meio dos pressupostos da Linguística Cognitivo-funcional, como o falante guajajara categoriza linguisticamente os diferentes domínios semânticos das conjunções e de outras possíveis categorias linguísticas do português, a partir de um processo de conceptualização que envolve uma série de aspectos ligados à representação do mundo, os quais são atualizados linguisticamente nas situações de empréstimos.

HIPÓTESE

Uma descrição, sobretudo, dos aspectos sintáticos do guajajara, poderá contribuir na comparação e análise da atual configuração dessa língua, para verificar, através de um estudo tipológico, a hipótese de que as propriedades gramaticais do guajajara têm passado por algumas alterações e/ou mudanças na sua estrutura interna após contatos recentes ou antigos com outras línguas (português ou até mesmo outras línguas indígenas) e/ou por outras motivações de ordem interna ou sociocultural. Para isso, faremos um levantamento de trabalhos linguísticos anteriores sobre a língua guajajara para compararmos com os dados que obteremos em campo na nossa pesquisa. Temos como hipótese para o segundo objetivo específico que o grau de contato dos indígenas guajajara com a língua portuguesa é bastante intenso, o que se reflete no grande número de falantes bilíngues em todas as gerações e, principalmente, pelo que dizem os estudiosos da Sociolinguística do Contato de Línguas (Thomason, 2001) que os empréstimos de categorias gramaticais entre línguas tipologicamente diferentes, acontecem a partir de um contato mais intenso. Por isso, em nossa coleta de dados, faremos um mapeamento do histórico de contato dos guajajara desde períodos mais remotos até os dias atuais, bem como serão solicitados dados orais e escritos em diferentes gêneros para identificar a ocorrência desse tipo de empréstimos. Para o último objetivo, lançamos a hipótese de que o conhecimento de mundo, a experiência do falante indígena guajajara com dois mundos (indígena e não indígena), e com duas línguas (guajajara e português) tem reorganizado o sistema linguístico da língua materna desse falante em conjunto com outro sistema linguístico, o português, fazendo-o adotar os empréstimos linguísticos do português. Ocorre o que é denominado por Fauconnier e Turner (1998): uma conceptual blending (mesclagem conceptual) que é a capacidade humana de perceber identidade entre conceitos e categorias e integrá-las por meio da imaginação.

METODOLOGIA

Serão utilizados métodos etnográficos pautados em observações participantes, baseadas nas

orientações de Angrosino (2009) e Gomes (2011) que nos propiciarão capturar e caracterizar o repertório linguístico dos Guajajara. “A observação etnográfica [...] é feita em campo, em cenários de vida real. O observador tem assim, em maior ou menor grau, um envolvimento com aquilo que está observando”. (ANGROSINO, 2009, p. 74). A pesquisa com métodos etnográficos é fundamentada numa observação regular, por isso, o universo a ser pesquisado na comunidade Guajajara possibilitará, possivelmente, observar os empréstimos linguísticos em diferentes eventos de fala. O trabalho de campo oferece em alguns momentos, oportunidade em eventos de fala em que os participantes se encontram em contextos menos monitorados. É diante dessa situação (momentos de lazer, jogo de futebol, banho no rio, eventos da tradição e outros) que se espera obter dados mais precisos sobre a influência do português no guajajara. Seguiremos, também, os métodos do trabalho em Linguística de campo, baseada em Samarin (1967) com utilização de técnicas específicas para coleta de dados linguísticos: eventos de fala em narrativas orais, sentenças elicitadas, lista de palavras, textos escritos na língua guajajara, aplicação de questionários, entrevistas e gravação de narrativas:i. Técnica de Elicitação de Nomes de objetos e Conceitos que pertencem à competência do participante. Tal técnica valoriza a nomeação por meio de palavras contextualizadas. ii. Técnica Elicitação Interativa, que possibilitará a coleta de textos por meio de perguntas do tipo: O que é isto? Como é feito isto?; Como chama esta parte?; A mulher pode usar isto?; entre outras; iii. Técnica de Elicitação por meio de Questionário previamente elaborado. Tal questionário possibilitará a coleta de paradigmas mais completos acerca de possíveis criações neológicas. iv. Técnica de Utilização de Material de Apoio que permitam a coleta de maior variedade na nomeação, como por exemplo: imagens de elementos da cultura. A partir do que foi apresentado acima, propomos como metodologia fazer a coleta de dados com os participantes, conforme o seguinte protocolo: a. Duração máxima de cada coleta: 50 minutos, conduzida de um modo mais informal possível.b. Entrevistas: Conversa sobre o povo e a língua gujajara Histórico de contato com não indígenas e indígenas de outras etnias Relato de contato atual com não indígenas e com a língua portuguesa c. Questionários Lista de palavras, sentenças elicitadas, línguas faladas na aldeia, língua que usa no ambiente familiar, nas festas tradicionais nas aldeias, nos rituais, na escola da aldeia, na interação na aldeia no dia a dia, no lazer e em outros contextos. d. Textos: Registro de textos orais (em áudio) e escrito em guajajara em diferentes gêneros. e. Gravações de eventos de fala (em áudio e/ou vídeo): Será solicitado aos participantes, gravações de alguns momentos particulares deles na aldeia: na interação familiar em casa, alguns rituais ou festas da tradição na aldeia.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Serão incluídos na pesquisa os participantes que aceitarem desde que se incluam nos critérios de seleção abaixo: a. Sexo: homem e mulher b. Faixa etária: 1ª (45-70), 2ª (20-35), 3ª (8-15) c. Domínio da língua: falantes monolíngues em guajajara e/ou bilíngues em guajajara e português. d. Escolaridade: alfabetizados, ou seja, tenham domínio da língua escrita (guajajara e/ou português).

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Serão excluídos da pesquisa aqueles que não se encaixam nas variáveis citadas no critério de inclusão (cf.acima).

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

Investigar os empréstimos da língua portuguesa em guajajara e compreender quais motivações de ordem cognitiva e, também, extralinguísticas levam os falantes guajajara adotarem esses empréstimos. Pretende-se, ainda, verificar se a língua guajajara tem sofrido alterações e/ou mudanças na sua estrutura gramatical a partir do contato com a língua portuguesa.

OBJETIVO SECUNDÁRIO

-Fazer uma descrição de aspectos linguísticos do guajajara, sobretudo, os sintáticos, a partir da abordagem teórica Funcional;

-Tipológica.

-Identificar e descrever os empréstimos gramaticais da língua de contato (português) no guajajara;

-Analisar à luz dos pressupostos da Linguística Cognitivofuncional os aspectos relativos à compreensão e representação do mundo atualizados linguisticamente nas situações de empréstimos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

A participação do voluntário na pesquisa poderá causar algum tipo de cansaço pela duração da coleta de dados. Nesse caso, ele poderá interromper imediatamente a sua participação. Usaremos apenas tecnologias de gravação já conhecida, isto é, gravador digital. Não há riscos previsíveis. Mas, caso a pesquisadora ou o/a participante identifique algum dano no percurso da pesquisa,

serão tomadas providências cabíveis.

BENEFÍCIOS
Esta pesquisa, após sua conclusão, tem como benefício oferecer recursos para a elaboração de programas de educação voltados para o povo Guajajara, com elaboração de materiais didáticos, a partir de dados obtidos na pesquisa, visando confeccionar recursos pedagógicos como cartilhas e livros de narrativas tradicionais guajajara para a educação bilíngue dos indígenas em atividades de sala de aula e fortalecimento da língua materna.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
O estudo visa descrever os empréstimos linguísticos do português na língua guajajara e compreender as motivações cognitivo-funcionais que envolvem os usos desses empréstimos. Visa também investigar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos têm influenciado a interferência de elementos lexicais e gramaticais do português em guajajara, para verificar se essa interferência pode representar uma possível mudança linguística estrutural na língua guajajara ou até mesmo uma ameaça ao desaparecimento dessa língua face ao contato intenso com a língua portuguesa. A pesquisa com métodos etnográficos é fundamentada numa observação regular, por isso, o universo a ser pesquisado na comunidade Guajajara possibilitará observar os empréstimos linguísticos em diferentes eventos de fala: momentos de lazer, jogo de futebol, banho no rio, eventos da tradição e outros. Também serão utilizados os métodos do trabalho em linguística de campo, com utilização de técnicas específicas para coleta de dados linguísticos: eventos de fala em narrativas orais, sentenças elicitadas, lista de palavras, textos escritos na língua guajajara, aplicação de questionários, entrevistas e gravação de narrativas. Os dados linguísticos coletados em áudio (sentenças, listas de palavras e textos em guajajara) serão transcritos e armazenados em um banco de dados para dar tratamento aos dados por meio de análise linguística.
Participantes de pesquisa: 36 indígenas Guajajara localizados em três terras indígenas no estado do Maranhão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:
Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de análise de respostas ao parecer pendente nº 4.157.411 emitido pela Conep em 16/07/2020:

1. Quanto ao registro de consentimento livre e esclarecido, arquivo “TCLE.docx", postado na Plataforma Brasil em 01/04/2020:

1.1. Considerando os direitos dos participantes dispostos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, de terem sua privacidade respeitada; de terem garantida a confidencialidade das informações pessoais e de decidirem, dentre as informações que fornecem aquelas que podem ser tratadas de forma pública, solicita-se inserir opções excludentes (“sim, autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz” e “não, não autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz”) no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, para que os participantes possam exercer tais direitos. Considerando que se trata de uma pesquisa que envolve populações indígenas, solicita-se que seja inserido no registro do consentimento uma solicitação de autorização para divulgação de imagem e voz contemplando os aspectos contidos na portaria nº 177 da FUNAI.

RESPOSTA: 1.1 Sobre a solicitação de inserir opções excludentes referentes à autorização da divulgação da imagem e/ou voz, no TCLE.

Inseri no TCLE, após o campo de assinatura de consentimento do participante, as opções excludentes sobre a autorização para a divulgação de imagem e/ou voz, conforme trecho abaixo:

Sobre a autorização para divulgação de imagem e/ou voz:

( ) Sim, autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz

( ) Não, não autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz

_____

(Assinatura do participante)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.2. O Processo e o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido devem informar os meios de contato com o CEP (endereço, E-MAIL e TELEFONE nacional), assim como os horários de atendimento ao público. Também é necessário apresentar, em linguagem simples, uma breve explicação sobre o que é o CEP. Como o estudo envolve análise ética pela Conep, essas recomendações também devem ser estendidas a esta Comissão (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Incisos IX e X). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Sobre a solicitação para informar, também, os contatos da Conep, no TCLE e apresentar, em linguagem simples, uma breve explicação sobre o que é o CEP.
Inseri no TCLE, no item "Contato", após os contatos do CEP-CHS da Unicamp, os contatos, também, da CONEP, conforme trecho abaixo:
Você poderá, também, entrar em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que está localizada no endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar, Asa Norte, CEP: 70.719-040, Brasília-DF. Telefone: (61)3315-5877; e-mail: conep@saude.gov.br
Fiz, também, pequenas modificações para uma linguagem mais simples, no item "O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)", para explicar sobre o que é o CEP, conforme trecho abaixo, com as partes modificadas em negrito:
O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, para dar segurança, proteção e garantia dos direitos dos participantes da pesquisa. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. A CONEP coordena a rede Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.3. Solicita-se incluir no Processo e Registro do Consentimento Livre e Esclarecido o compromisso do pesquisador de divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).
RESPOSTA: Sobre a solicitação de incluir no TCLE o compromisso do pesquisador de divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada.
Inseri no final do TCLE, no item "Responsabilidade do Pesquisador", o compromisso de divulgar os dados em formato acessível aos indígenas, conforme trecho abaixo:
Comprometo-me, também, a divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível à população indígena pesquisada, garantindo aos participantes total acesso à cópia dos materiais arquivados sempre que a desejarem.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Em comunidades cuja cultura grupal reconheça a autoridade do líder ou do coletivo sobre o indivíduo, a obtenção da autorização para a pesquisa deve respeitar tal particularidade, sem prejuízo do consentimento individual, quando possível e desejável. Dessa forma, solicita-se

apresentar autorização das lideranças ou, caso seja inviável sua apresentação no momento, declaração do pesquisador que essa será obtida antes do início da pesquisa (Resolução CNS nº 304 de 2000, item 2.4).
RESPOSTA: Sobre a solicitação para apresentar autorização das lideranças ou, caso seja inviável sua apresentação no momento, declaração do pesquisador que essa será obtida antes do início da pesquisa.
Fiz uma declaração (que será anexada na Plataforma Brasil) justificando que, devido ao cenário de pandemia do Covid-19, ficou inviável o acesso aos indígenas para obter a autorização das lideranças, neste momento, para a realização da pesquisa. No entanto, declaro o meu compromisso de que irei obter a autorização das lideranças antes do início da pesquisa, conforme orientações da Resolução CNS nº 304.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Solicita-se esclarecer se haverá a inclusão de participante de pesquisa menores de 18 anos. Caso afirmativo, solicita-se a apresentação do Registro de Assentimento destinado a esses participantes.
RESPOSTA: Sobre a solicitação para esclarecer se haverá a inclusão de participante de pesquisa menores de 18 anos. Caso afirmativo, solicita-se a apresentação do Registro de Assentimento destinado a esses participantes.
A pesquisa terá apenas, 2 gerações: 1ª (45-70) e 2ª (18-35). No projeto original, havia colocado uma das gerações entre 8-15 anos. Mas, agora fiz uma edição na Plataforma Brasil, no item “Critério de inclusão”, e excluí essa geração. Atualizei também as gerações no Projeto, nos itens: “5 População a ser estudada” e “Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa. Pois, em conversa com meu orientador achamos melhor excluir essa geração que inclui menores, pois não vai alterar nos resultados da pesquisa. Ademais, nesse contexto de pandemia de Covid-19, seria mais inviável contactar mais indígenas para a coleta de dados, principalmente crianças.
ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1534324.pdf	19/08/2020 12:45:04		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_ATUAL_SEM_DESTAQUES.docx	19/08/2020 12:33:00	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_ATUAL_COM_DESTAQUES_VERMELHO.docx	19/08/2020 12:32:30	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NOVO_COM_ALTERACOES_SEM_DESTAQUE_VERSAO_LIMPA.docx	28/07/2020 12:16:33	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NOVO_COM_ALTERACOES_EM_DESTAQUE_VERMELHO.docx	28/07/2020 12:16:02	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_CONEP.docx	28/07/2020 12:15:13	TEREZA MARACAIPE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_AUTORIZACAO.docx	28/07/2020 12:13:45	TEREZA MARACAIPE	Aceito
Folha de Rosto	folharostoassinada.pdf	08/04/2020 16:05:04	TEREZA MARACAIPE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCEP.docx	08/04/2020 16:03:46	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito
Outros	CARTA.pdf	01/04/2020 19:24:44	TEREZA MARACAIPE	Aceito
Outros	AtestadoMatricula.pdf	01/04/2020 19:21:12	TEREZA MARACAIPE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	01/04/2020 19:16:56	TEREZA MARACAIPE BARBOZA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 4.329.649

BRASILIA, 09 de Outubro de 2020

Assinado por:
Jorge Alves de Almeida Venancio
(Coordenador(a))

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

PARECER REFERENTE A PROJETO DE PESQUISA

Título: Empréstimos linguísticos em Guajajara (tupí)
Autor: Tereza Maracaipe Barboza
Área de Concentração: Linguística
Orientadora: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori
Universidade: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Trata-se de proposta de realização de pesquisa de campo para coleta de dados linguísticos com indígenas falantes da língua Guajajara, uma língua da família Tupi-Guarani (Tupi). Segundo informações constantes no projeto, os falantes da língua Guajajara estão localizados em 3 Terras indígenas no Estado do Maranhão: 2 no Município de Barra do Corda-MA: Terra indígena Rodeador (na aldeia Jiruti) e na Terra indígena Canabrava/Guajajara (na aldeia Colônia) e 1 Município de Amarante-MA, na Terra indígena Araribóia (na aldeia Lagoa Quieta). O local da pesquisa será nessas três aldeias mencionadas.

O projeto veio acompanhado de Curriculum vitae da doutoranda, carta de apresentação do orientador e Instrução Normativa 01/1995 da Presidência da FUNAI, que regulamenta o ingresso em áreas indígenas para a finalidade de desenvolver pesquisa científica.

O objetivo do projeto de pesquisa é "Investigar os empréstimos da língua portuguesa em guajajara e compreender quais motivações de ordem cognitiva e, também, extralinguísticas levam os falantes guajajara adotarem esses empréstimos" e "verificar se a língua guajajara tem sofrido alterações e/ou mudanças na sua estrutura gramatical a partir do contato com a língua portuguesa.".

Considerando o tema a ser investigado, os objetivos gerais e específicos do projeto de pesquisa, assim como a situação de contato da língua Guajajara com a língua Portuguesa e a falta de estudos aprofundados sobre o tema a ser abordado na pesquisa, o projeto de pesquisa proposto possui alta relevância, do ponto de vista teórico e descritivo.

O tema de estudo é relevante tanto para a compreensão teórica dos aspectos linguísticos e sociolinguísticos em curso quanto poderá ter um alcance prático ao identificar possíveis mudanças estruturais e/ou ameaças para a manutenção da língua Guajajara. O projeto poderá trazer contribuições para o quadro teórico e sobre contatos e empréstimos linguísticos e sua influência nas línguas envolvidas, em especial na língua minoritária, como é o caso do Guajajara.

Nesse sentido o projeto de pesquisa proposto apresenta ainda um viés aplicado, uma vez que os resultados da pesquisa têm o potencial de ao delinear o quadro sociolinguístico da língua Guajajara no contexto de interação próxima com o Português e identificar o grau de influência sobre o Guajajara. A relevância social do projeto apresenta ainda uma aplicação direta, considerando que a doutoranda promete "constituir material didático, a partir de dados obtidos na pesquisa, visando subsidiar os recursos pedagógicos na educação bilíngue dos indígenas em atividades de sala de aula e fortalecimento da língua

materna.” Considerando a experiência prévia da discente com os Guajajaras (a julgar pelo descrito em seu currículo Lattes) essa contribuição é viável e factível.

Apresento parecer favorável ao pleito, por considerar que o projeto está bem justificado, com objetivos, metodologia, cronograma, resultados esperados e demais informações necessárias e por avaliar que para cumprir o objetivo do projeto, as etapas de viagem a campo para a pesquisa e coleta de dados são partes integrantes e essenciais do projeto de Doutorado da discente, da Universidade Estadual de Campinas.

Outrossim, recomendo que orientador e discente considerem necessidade de reformular o cronograma de viagens a campo, levando conta os riscos para saúde dos indígenas e da discente relativos à epidemia covid-19 ao, de modo a evitar qualquer possibilidade de exposição dos Guajajara a riscos, que possam ser evitados.